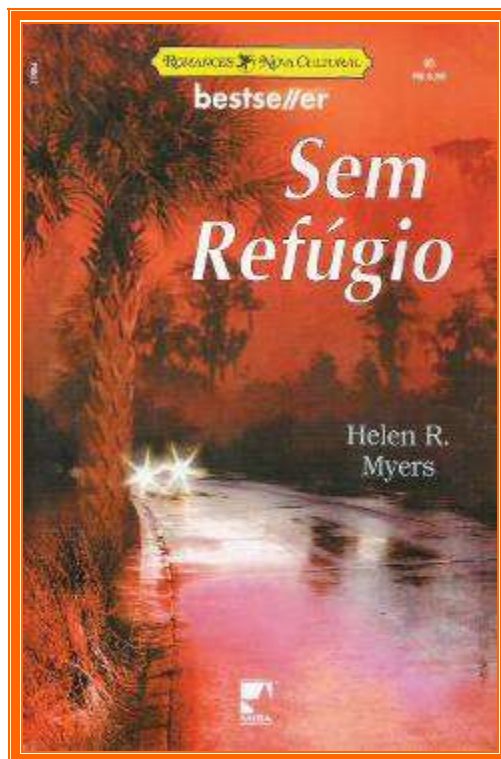


Sem Refúgio

(No Sanctuary)

Helen R. Myers



PARA ONDE IR QUANDO NÃO HÁ LUGAR PARA SE ESCONDER?

A artesã Bay Butler passou seis anos em uma prisão do Texas, por um crime que não cometeu. Até que os esforços de uma cliente poderosa reverteram sua sentença. Subitamente Bay viu-se liberta, mas ainda atormentada por infinitas perguntas. Por que fora presa sob evidências circunstanciais? E o que realmente aconteceu na noite em que seu sócio foi encontrado brutalmente assassinado no local onde trabalhava?

Sua busca pela verdade aproximou-a de Jack Burke, o policial que a prendera pelo assassinato. O caso de Bay Butler assombrava-o fazia seis anos... assim como aquela mulher.

Bay sentia que devia a própria vida à sua benfeitora, Madeleine Ridgeway. Mas sentia-se inquieta com a atenção extremada que a mulher lhe dedicava.

Madeleine era chefe poderosa de uma grande igreja, e sua ajuda deveria ser bem-vinda.

Em vez disso, acabou colocando Bay e Jack na trilha de segredos mortais, capazes de ameaçar as fundações da pequena cidade do Texas... uma cidade onde poder e dinheiro valiam sangue!





Digitalização: Poly

Revisão: Lucia S.

Disponibilização: Rosângela

Apoio: Projeto Caixinha

Copyright © 2003 by Helen R. Myers

Originalmente publicado em 2003 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: No Sanctuary

Tradução: Cecília Zanlorenzi

Editora e Publisher: Janice Florido

Editora: Fernanda Cardoso

Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Muldonado

Paginação: Dany Editora Ltda.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Rua Paes Leme, 524 - 10 andar CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 2003 EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Impressão e acabamento:

RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA

Tel.: (55 11) 4166-3500

"Uma trama muito bem articulada, em que a Sra. Myers disfarça com maestria a nebulosidade que cerca este assunto. Uma história na qual nada é realmente o que parece ser. Os leitores ficarão fascinados." - Romantic Times

*Para Norma L. Wilkinson, que também
sabe como é viver sozinha.*

Agradecimentos

Muitas pessoas merecem meus agradecimentos por terem compartilhado suas histórias e experiências comigo ou por terem conseguido um horário em sua agenda para entrevistas: Darese Cotton, Karen Kelley e Linda Broday. Àqueles dentre vocês que me auxiliaram com informações profissionais a respeito de meus protagonistas, espero que apreciem a história de Bay e de seu trabalho. Todo o crédito pela exatidão das informações técnicas da profissão de Bay deve ser dado a meu marido Robert, um artesão talentoso no trabalho com metais. Mas quaisquer erros serão inteiramente meus.

O mundo é governado por personagens diferentes das imaginadas por aqueles que não estão por trás das cenas. (Benjamin Disraeli)

PRÓLOGO

Tyler, Texas - Agosto de 1995

O relógio de parede indicava que eram nove horas da noite. Há muito passara o horário habitual de saída do trabalho. Mesmo assim, Bay Butler pegava uma nova porção de material para solda. Mais duas fileiras ornamentadas a serem encaixadas entre as grades divisórias e metade do portão principal estaria concluída. Então poderia descansar.

O portão teria de ser instalado em dois dias. Pouco importava que todos os músculos e ossos de suas costas e pescoço suplicassem por misericórdia, nem que seus olhos ardessem desde o instante em que seus colegas deram o dia de trabalho por encerrado.

Tampouco valia a imensa vontade de tomar um banho e trocar a calça e a camisa de mangas compridas, que ameaçavam cozinhá-la, por peças limpas. Era agosto em pleno Texas e apenas um velho e ineficaz ar condicionado encarregava-se de refrigerar

toda a loja.

Ao menos suas roupas protegiam-na das faíscas que eram cuspidas pelo soldador. Jeans não era ideal para o tipo de trabalho que realizava, mas dava-lhe liberdade de movimentos, ao contrário do uniforme de trabalho nada prático ou confortável. Pesado como uma armadura, tinha mangas tão justas que tolhiam os gestos mais banais.

Era fato que essa invenção propunha-se a proteger sua saúde, mas Bay simplesmente não seria capaz de trabalhar com alguma velocidade e flexibilidade se a vestisse. E por isso era obrigada a substituir as peças de seu guarda-roupa a cada par de meses. Despesa que não era reembolsada pela loja, seu sócio sempre procurava lembrá-la, pois jeans não era considerado uniforme de trabalho.

"Mais duas fileiras..."

Na verdade poderiam ser cinco e ela teria de visualizar algo agradável que a impelisse a seguir adiante. Tão logo chegasse à casa, encheria a banheira com a água mais fria que o calor infernal que já durava três dias permitisse.

Algumas pedras de gelo ajudariam, bem como o último copo de leite gelado disponível no refrigerador, já com a data de validade vencida. Então encontraria mais alguma bebida gelada e, com um pouco de sorte, a sensação de sufocamento estaria banida.

— Você vai demorar muito?

Interrompeu o movimento de ajeitar o capuz e virou-se para fitar Glenn English, este com o capuz perfeitamente ajustado na cabeça. Sobre a mesa logo atrás avistou cinco longas hastes de metal e algumas flechas afiadas, material suficiente para encerrar a parte dele na elaboração do portão de entrada.

Não era constante Glenn estar tão atrasado em relação a ela e a sugestão ficou no ar. Mas se Bay aceitasse, teria de dizer adeus ao banho de imersão. Pensou em gritar.

— Pode ir se precisar. Terminarei sua parte. Procurou dar à voz um tom de casualidade. Afinal, ele tinha alguém a sua espera. Talvez Holly o tivesse convencido a assumir o noivado. Quem poderia culpá-la por decidir que não suportava mais jantar sozinha nem receber desculpas de última hora?

— Gostaria de uma cena magistral de gratidão? Seria perfeita para uma mártir.

Atônita, Bay limitou-se a encará-lo. Amava seu trabalho. Era uma atividade em meio a muito calor e sujeira, sem dúvida. Mas acima de tudo envolvia um grande desafio e uma magnífica oportunidade de negócio.

Seria mais adequado atribuir a atitude de Glenn à fadiga e ao calor sufocante. Todos na loja vinham se mostrando impacientes uns com os outros havia semanas, provavelmente em virtude do tempo e também das dificuldades financeiras enfrentadas pela empresa.

— Teremos apenas o dia de amanhã para terminar — limitou-se a dizer, valendo-se de sua última porção de paciência. — Se este projeto não estiver concluído na sexta-feira de manhã, você não terá mais de se preocupar em trabalhar após o horário de expediente. Teremos de fechar as portas definitivamente.

Não estava exagerando. Ainda restava toda a parte de pintura e acabamento. O

portão ficaria azul-escuro-acinzentado, com duas cuidadosas camadas de base resistente a intempéries por baixo — talvez até três, se Bay julgasse necessário. Quando a base estivesse completamente seca, seria feita a pintura definitiva.

Bay batizara o projeto de "Donzela de Ferro", talvez em admissão aos comentários de Glenn a respeito de sua férrea disciplina de trabalho e em sua determinação em manter a loja funcionando.

A sorte batera-lhes à porta semanas atrás, quando a rica Madeleine Ridgeway passara diante da loja e encantara-se com o protótipo. De imediato solicitara o "Donzela de Ferro" para ornar a entrada de sua majestosa propriedade... Ninguém declinava um pedido de sra. Herman Ridgeway, filha e única herdeira de um vasto império.

— Sexta — Bay enfatizou. — E não se esqueça de que sra. Ridgeway precisará liberar o acesso dos empregados e floristas de manhã bem cedo. Já imaginou se um empregado notar que a pintura está falha ou as soldas não ficaram perfeitas?

— Problemas acontecem.

— Não quando é ela quem está assinando o cheque.

— Então vamos supor que ela não consiga o portão a tempo para a festa. Não acha que a casa é grande e bela o bastante para encantar a todos?

A resposta era tão óbvia que sequer precisaria ser proferida. Bay ponderou sobre o motivo de Glenn estar tão determinado em aborrecê-la. A rispidez certamente não se devia apenas ao cronograma apertado. Tinha de haver mais algum problema.

Ele estivera igualmente entusiasmado quando conseguiram o projeto. Até comemoraram, apesar de terem se passado apenas algumas semanas desde que Bay declinara seu pedido de casamento. Ela imaginara que tivessem aclarado tudo desde então e suavizado o clima pesado. Ademais, Glenn fora bem ágil em envolver-se com Holly. Qual o problema, então?

"Deus, poupe-me do amor..."

Tinham de prosseguir. Assim que as pressões financeiras fossem superadas, poderiam pensar em expandir os negócios, abraçar projetos maiores. Sonhar. O futuro que imaginava secretamente e para o qual vinha buscando energia e criatividade durante os últimos dois anos estava próximo. Não deixaria Glenn jogar fora esta oportunidade.

— Eu não poderei e não farei isso com Sra. Ridgeway — Bay falou, categórica.

— Acha que ela não a dispensaria se assim lhe conviesse? — ele perguntou, irônico.

Seria o cinismo de Glenn uma forma de libertar-se emocionalmente dela?

— Não consigo ler pensamentos, então se tem algo a me dizer, deixe de lado o sarcasmo e fale logo. Mas não hoje. Eu lhe imploro, Glenn. Vamos terminar este trabalho.

Ele permaneceu estático por alguns segundos, como a reconsiderar. Então com agilidade pegou uma lança, ajeitou o capuz e recomeçou o trabalho.

Bay suspirou aliviada e em segundos estava imersa em suas tarefas.

Quanto tempo teria se passado até sentir a mudança no cheiro? Dois minutos. Três?

Não poderia ser muito mais do que isso. O odor forte, atípico ao ambiente e

seguramente errado fez com que se levantasse sobressaltada.

A fumaça vinha da mesa de Glenn. Era tanta que a impedia de vê-lo. Mas sabia que ele estava ali. Correu para a máquina, desligou-a e tateou à sua procura. Então um pensamento a tomou.

Ataque cardíaco!

Pensou nas roupas queimadas e no pior. E conforme o terror a abraçava, começou a puxá-lo com mais força. Foi quando algo cutucou seu braço.

Por entre as lágrimas provocadas pela fumaça e pelo pânico ela viu uma das hastes de metal. Na verdade, uma das lanças do "Donzela de Ferro".

Estava encravada nas costas de Glenn.

CAPÍTULO I

Seis anos depois...

Departamento Prisional do Texas — Unidade de Gatesville

Gatesville, Texas

Quarta-feira, 9 de maio de 2001

— Butler, visita para você! Bay Butler arrumava o capuz para soldar um corrimão. Hesitou e contemplou a sargento Draper. Imaginou que tivesse ouvido errado, mas a mulher corpulenta continuava a encará-la. Desligou a máquina.

"O que diabos...?"

Sequer imaginava quem desejaria vê-la. Não tinha familiares, os que um dia foram chamados de amigos abandonaram-na há muito e o mais fanático dos repórteres já perdera o interesse por seu caso. Mesmo assim, não era sábio questionar guardas, em especial aquela.

Dava-se bem com a maior parte do efetivo da prisão. Eles a deixavam em paz e Bay fingia que faziam parte da estrutura de concreto e ferro a rodeá-la. Draper, entretanto, deixara claro desde o primeiro instante que a considerava digna do Corredor da Morte.

Deixou o casaco com capuz sobre o soldador e procurou manter a expressão serena apesar da indesejada onda de adrenalina. Esperança? Ora, esperança, há muito aprendera, era para bebês, noivas e tolos.

Mas o olhar de Draper indicava que sabia de algo. Bay lutou para lembrar-se do que poderia ter feito de errado nos últimos seis dias. E últimos seis anos.

Tinha de ser uma piada. Ninguém lá fora se importava se ela estava viva ou morta.

Seis anos... divididos de seis em seis semanas. "Seis" demais em sua vida...

Embora angustiada, permaneceu em silêncio ao seguir a policial pelo corredor. Era melhor não fazer perguntas. Na visão de Draper, quem estava em Gatesville era culpado e devia cumprir as regras.

O céu límpido do Texas cegou Bay ao adentrarem o pátio da prisão. Gatesville

era o maior presídio feminino do Estado, localizado há cerca de uma hora a oeste de Waco. Colinas suaves faziam-na crer que mais adiante havia um lago, um riacho, talvez um oásis para se contrapor ao sol causticante.

A um canto do pátio sem plantas havia um grupo de mulheres encurraladas como galinhas famintas. Algumas chamaram por ela, assobiaram e jogaram beijos provocadores.

Bay era respeitada pelas internas. Não por mau comportamento ou atitudes violentas, mas por sua recusa em fazer alianças. Nada proposital. Na verdade, nunca fora dada a fazer amizades para se sentir segura.

Procurava manter a sanidade mergulhando no trabalho. Por isso estava magérrima e muito pálida, como uma anêmica crônica. A pouca cor que lhe restava vinha das queimaduras provocadas pelo soldador.

As internas a evitavam, exceto as mais temidas, as predadoras. Bay tinha algumas cicatrizes e dor crônica em virtude de costelas e um dedo quebrados.

Era sua habilidade com metais que a mantinha viva.

Também ajudara muito o fato da nova diretora ter feito uma visita à enfermaria logo após a leitura de seu processo. Desde então Bay tornara-se a mecânica da prisão. E trabalhava metodicamente, fazendo consertos e melhorias nas instalações, driblando as dificuldades orçamentárias.

As provocações continuavam enquanto Bay percorria o pátio. Sentiu alívio ao abandonar o calor intenso para adentrar a ala destinada a visitas, apesar de o ar condicionado estar em condições precárias. Mesmo assim estava bem mais fresco ali.

Bay estremeceu ao lembrar-se de que nunca mais retornara àquele local desde seu primeiro mês em Gatesville. Esquecera-se dos procedimentos e hesitou.

— Ei, Butler, o cheiro de solda alterou seu cérebro? — o guarda falou quando pararam diante do último portão. — Eu disse para você ir em frente!

Bay gostaria, mas estava paralisada. Cerrou os dentes e deu um passo para o corredor. Então olhou para a porta misteriosa bem adiante, após a grade. O policial indicou-lhe uma sala de visitas.

— Cubículo seis — murmurou ele. — Permaneça sentada, use o fone de ouvido e não passe nada pela grade. Nenhum contato corporal também. Qualquer infração e a visita estará encerrada. E se tentar alguma bobagem, irá para a solitária. Entendeu bem?

— Sim, senhor.

"Cubículo seis. Seis. Seis. Seis..."

Continuava trêmula ao se aproximar da baia seis. O homem que a aguardava era-lhe totalmente estranho e parecia um advogado bem-sucedido. Observou o rosto impecável, as mãos com unhas bem tratadas e o corte de cabelo. O terno devia custar mais do que os honorários pagos à advogada que cuidara de seu caso.

O que mais a impressionou, entretanto, foram seus olhos. E a expressão de ressentimento por estar naquele lugar.

A curiosidade finalmente superou o orgulho e Bay sentou-se. Encarou-o. O homem pegou o fone e aguardou que ela pegasse o seu. Somente então ela se deu conta de que suas mãos estavam sujas de graxa. Limpou-as rapidamente na calça.

— Sou Lyle Gessler — o estranho se apresentou. — A sra. Ridgeway pediu que eu viesse.

Toda relutância e embaraço evaporaram como por encanto. Se o nome Ridgeway já tinha peso no Texas, pesava em dobro para ela. Sua fé na viúva do magnata do petróleo Herman Ridgeway e filha e única herdeira do também poderoso distribuidor de grãos Duncan Holt fora responsável por afastá-la do Corredor da Morte.

Se Madeleine Ridgeway mandara aquele homem, Bay lhe daria atenção.

— Como sabe, sra. Ridgeway continua apelando em seu favor.

“Continuava?”

— Ela me apoiou antes e durante o julgamento. Mas desde então... eu não sabia.

A sra. Ridgeway enviara um bilhete logo após sua prisão dizendo que acompanharia o julgamento e seria testemunha de defesa. Mas Bay declinara a oferta por temer que a opinião pública se voltasse contra a bondosa mulher.

Mais adiante soubera, através da advogada que a corte lhe designara, Mary Dish, que sra. Ridgeway conversara com alguns políticos influentes amigos seus, que de alguma forma convenceram as autoridades de que a condenação era provável mas seria um grande erro condená-la à pena de morte.

E por isso, Bay para sempre lhe seria grata.

— Deixe-me aclarar os fatos. Após salvá-la quando estava prestes a receber a injeção letal, ela decidiu prosseguir com uma investigação particular. E não custou pouco, devo dizer. Como resultado, descobrimos uma evidência e por isso estou aqui. Sua sentença foi anulada.

Bay sentiu o ar lhe faltar enquanto procurava compreender o que estaria acontecendo. Tinha consciência da falta que uma educação formal lhe fazia. Fora à escola e tivera bons professores. Mas seu histórico escolar não era dos melhores.

Usara parte de seu tempo na prisão para tentar compensar a falta de dedicação do passado, melhorando suas habilidades em leitura bem como conhecimentos sobre história e política. Qualquer assunto ajudava a preencher os dias intermináveis. Entretanto, aquele estigma do passado ainda reinava.

— Não compreendo — admitiu por fim.

— As autoridades jurídicas foram convencidas por seu advogado de defesa a anular sua sentença.

— Como? — sussurrou.

Tivera um julgamento completo, com todas as etapas legais, júri e humilhação pública.

— Que importância isto tem? Você está livre!

Por mais que desejasse acreditar naquele homem, Bay continuava estática a fitar aquele estranho de nariz afeminado e lábios finos. Não parecia nada feliz por ter sido incumbido daquela tarefa.

— Desculpe-me. Não quis ofendê-lo. Eu estou... em estado de choque. O que estou tentando dizer é que ninguém acreditou em mim durante o julgamento. O que mudou?

— Os fatos. Surgiram evidências que passaram despercebidas na época da

investigação inicial. Apurou-se que a vítima tinha problemas com jogo. Aparelamente...

— A vítima tinha nome. Glenn English.

— ...as dívidas do sr. English — Lyle Gessler prosseguiu, contemplando o processo nas mãos — ficaram tão fora de controle que um cobrador foi procurá-lo.

Nunca soubera desta faceta de Glenn. Ele sabia que jamais contaria com sua aprovação, pois o pai de Bay fora um jogador compulsivo. Glenn testemunhara o quanto este comportamento era destrutivo. Na verdade, praticamente fora tão afetado pelos vícios do pai dela quanto Bay. Estiveram a poucos passos de perder o negócio e Bay o teto sobre sua cabeça. Por isso Glenn jamais se permitiria ser consumido pela mesma fraqueza.

— Não sou especialista em casos desta natureza, mas a sra. Ridgeway encontrou um profissional que é. Ele contratou os investigadores certos e conseguimos o testemunho de um tal de George "Catfish" Tarpley, que conhecia o matador enviado para "acertar as contas" com o sr. English. Catfish foi encarregado do pagamento, inclusive.

— Matador?

Gessler olhou ao redor para avaliar se as pessoas das outras baías prestavam atenção à conversa. Satisfeito em ver que aparentemente ninguém os ouvira, sussurrou:

— Você se importa com o nome? Um tal de Raymond Basque. Mais conhecido como Navalha.

— Mas alguém com dívidas tão altas receberia diversas advertências e cobranças, mesmo em seu local de trabalho. E eu nunca vi nem ouvi nada...

— Quer saber por que está saindo daqui ou não? Bay simplesmente aquiesceu.

— Assim como Basque, Tarpley também é da Louisiana — Gessler prosseguiu. — Mas ele tem uma ficha corrida tão longa que o tornaria hóspede permanente por aqui. Há algumas semanas foi detido em Houston por excesso de velocidade. A polícia encontrou uma arma sem registro em seu veículo e ele também portava entorpecentes. Em face da sua situação, mostrou-se ansioso por negociar uma redução na pena.

O raciocínio parecia perfeito, mas algo ainda soava estranho.

— Se a corte e o juiz não me deram ouvidos, por que acreditaram em um criminoso com longa ficha na justiça?

— Porque ele concordou em elucidar o caso de Basque, morto há seis anos. Foi encontrado no Aeroporto DFW com um único tiro na cabeça na manhã seguinte à morte de seu amigo. Naquela época não havia motivos para ligá-lo ao assassinato do sr. English porque a polícia de Tyler acreditava já ter capturado o criminoso.

A história era inacreditável. E o destino lhe pregara uma peça terrível.

— Quanto Glenn devia?

— Não faço idéia.

— Custou-lhe a vida e você simplesmente não sabe? Dez mil? Cinquenta?

— Sinto-me tranquilo em informar que dados desta natureza não são do meu conhecimento.

— Então deixe que eu lhe esclareça. Para justificar o esforço de alguém

assassiná-lo, Glenn teria de estar profundamente endividado, a ponto de suar frio o dia todo e ter insônia.

Vira seu pai nesta situação incontáveis vezes.

— Ele teria alguns prejuízos de pequena monta como faróis quebrados e pneus furados como um aviso para que sanasse suas dívidas. E Glenn jamais teria escondido de mim estes acontecimentos.

— Estou lhe confidenciando dados e impressões que eu duvido que qualquer outra pessoa a par do caso faria. Seus protestos e censura parecem indicar que estou perdendo meu tempo com esta conversa. Talvez a sra. Ridgeway deva ser informada disto.

Bay gostaria de enforcá-lo com a gravata de seda impecável. Em seus sonhos por justiça sempre houve fatos esclarecedores e liberdade. Liberdade que não poderia acontecer em prejuízo às doces recordações sobre alguém que ela respeitava e em quem confiara.

Glenn não apenas partilhara com ela seus conhecimentos profissionais como também sempre permanecera a seu lado enquanto outros deixavam a empresa em virtude de atraso de salários.

Fora por isso que o tornara seu sócio e que o chamara de amigo. Então o que poderia fazer para esclarecer aquelas mentiras absurdas? Certamente nada enquanto estivesse na cadeia. Teria de se controlar e deixar para esclarecer a verdade quando estivesse solta.

— O tal Catfish — murmurou — está sob custódia? Eu poderia falar com ele?

— Ele temia que as informações que revelou a respeito de Basque se transformassem em sua sentença de morte quando retornasse a Huntsville. Por isso deu diversas dicas às autoridades a respeito de outras pessoas, o que levou a várias prisões e lhe rendeu uma boa permuta.

— Não sei... Ainda assim parece-me que ele levou a melhor sobre vocês todos. Por que imagina o contrário?

— Um detetive chamado Nick Martel viu Tarpley e Basque em um restaurante, exatamente à mesa descrita por Tarpley quando falou sobre o dia do pagamento a Basque.

A informação deixou-a ofegante. Um policial. Uma coisa era rejeitar a afirmação de um criminoso contumaz negociando ganhos a sua sentença em troca de informações. Outra bem diferente era refutar o testemunho de um detetive policial.

— Martel conversaria comigo?

— Para quê?

— E quanto a Tarpley? Perguntaram-lhe quem o contratou para efetuar o pagamento?

— Suas pistas foram infrutíferas porque ele não citou nomes e o pagamento foi feito em lugar público.

Bay finalmente percebeu que pouco mais poderia obter daquele homem. E, admitia, sr. Gessler não fora enviado para lhe fazer esclarecimentos. O mais indicado seria deixá-lo acreditar que cumprira sua missão com maestria.

Mas Bay conhecera Glenn English. Podia ter sido um pouco relapso em um ou dois projetos, mas sua consciência sempre o direcionara para o caminho correto. Em especial quando ficara noivo de Holly Kirkland. O casal planejava uma cerimônia modesta para economizar para a decoração da casa. Seria inconcebível imaginar que traía a confiança de sua noiva.

O que fazer? A chamada "justiça" já custara a Bay seis anos de sua vida. Se demorasse mais alguns para que tudo fosse aclarado, teria de aceitar. Presa pouco poderia fazer pela memória de Glenn.

— Então o que devo fazer?

— Assine os formulários para que o processo siga adiante. Você estará livre no final do mês.

— Tão rapidamente assim? — exclamou, incrédula.

— Conforme lhe falei, a sra. Ridgeway tem se dedicado a isto já faz um bom tempo.

"Livre! E não porque a pena expirou, mas porque minha sentença foi anulada!"

Era bom demais para ser verdade. Mas a culpa ainda lhe pesava. Seu amigo morrera porque ela se esquecera de trancar a porta da loja.

— Apenas não cometa nenhuma tolice, como matar outra pessoa antes da data da soltura — Gessler interrompeu seus pensamentos. — A sra. Ridgeway não aprecia pessoas que desprezam sua dedicação e esforço.

— Eu nunca matei ninguém.

Enquanto Lyle Gessler desligava o interfone, ela quase pôde ler seus pensamentos. Estava simplesmente fazendo seu trabalho.

Bay tivera sensação parecida frente ao detetive que a interrogara naquela noite terrível. Embora tivesse admitido que algo parecia estranho, não contestara quando suas declarações foram retorcidas, durante o julgamento, até se transformarem em provas contra ela. Fora um milagre não ter sido condenada à pena de morte.

O advogado acabava de reunir seus pertences. Bay bateu levemente no vidro e sussurrou um agradecimento.

Gessler meneou a cabeça. Mas ela não agradecera àquele estranho. Bem sabia quem merecia sua gratidão e lhe diria tudo pessoalmente. Assim que possível.

CAPÍTULO II

Tyler, Texas

Quinta-feira, 31 de maio de 2001

Bastavam alguns anos para a paisagem de uma região sofrer mudanças significativas. Bay estava confortavelmente acomodada no banco de couro da limusine branca de Madeleine Ridgeway a caminho de casa. Não fossem as placas de sinalização, teria se perdido.

Já não havia mais campinas permeadas por trechos de pastagem, tão

característicos das comunidades do leste do Texas e tão comuns e encantadores alguns anos atrás. Em seu lugar havia uma rua após outra com lojas e restaurantes. O trânsito e também o aumento na quantidade de apartamentos eram impressionantes.

O motorista Elvin Capps conduzia-os por entre veículos mais lentos, a maior parte utilitários recém-lavados. Bay estava inebriada, entorpecida pela emoção e por momentos de estranha alienação.

— Há um planejamento para a expansão das ruas? — indagou quando o carro freou ante um farol vermelho.

Um par de olhos castanhos encontrou os seus através do espelho retrovisor.

— Claro. Sempre há planejamento. Planejamento para ajustar o planejamento anterior e outro para as pessoas que querem se ater ao plano original. Enquanto isto, o trânsito piora, os acidentes se tornam mais freqüentes, as taxas de seguro aumentam e...

Deu um sorriso tímido e muito simpático.

— Eu não sou especialista, acho melhor a senhora perguntar a sra. Ridgeway. Depois dos compromissos com a igreja, a melhoria das ruas e estradas é assunto de grande interesse seu.

Então sem dúvida alguma coisa seria feita. Bay acreditava que se Madeleine Ridgeway tinha sido capaz de livrá-la de uma sentença de assassinato, convencer políticos não seria um grande problema.

O trânsito continuava caótico. Por diversas vezes quase ocorreram pequenos acidentes.

— Cuidado! — ela gritou quando um motorista impaciente cortou-lhes a frente.

— Não fique tão tensa — Elvin comentou. — Você está em boas mãos. Jesus cuida deste carro.

Ele então voltou a cantarolar uma canção religiosa que tocava no rádio. Bay repensou no conselho para que colocasse o cinto de segurança. A princípio rejeitara a idéia, pois a lembrara da sensação de ocupar o banco traseiro de uma viatura policial.

Lojas de departamentos, supermercados, lojas de móveis. Empresas norte-americanas cediam ao impacto dos artigos importados baratos. Bay imaginou se haveria futuro naquele ambiente econômico. Por que uma pessoa pagaria valores altos por suas criações exclusivas se era possível adquirir produtos fabricados em série por uma fração desse custo?

Claro, o sonho de ter seu próprio negócio novamente teria de aguardar a concretização de sua prioridade absoluta: sustentar-se. Alguém desejaria contratá-la? Estivera trancafiada em Gatesville, seu caso fora amplamente divulgado pela imprensa e isso a assustava muito.

Quando Elvin acionou os portões eletrônicos da propriedade Ridgeway, um bocado da euforia de Bay já se esvaíra ao sabor das perspectivas nebulosas para seu futuro. E ao pararem diante do pórtico imenso da estrutura de três andares, ela sentia-se desvalorizada e deprimida. Desceu antes que o motorista conseguisse abrir-lhe a porta.

Elvin Capps parecia adorável e confiável em sua aparência de meia-idade. Certamente já fora convidado muitas vezes para ser Papai Noel na época de Natal. Mas o que realmente conquistou a aprovação de Bay foi sua devoção a sra. Ridgeway.

Entretanto, ao contemplar a camisa impecavelmente branca, calça comprida caqui e jaqueta azul marinho, sentiu alguma dúvida. Apesar de serem simples, as roupas de Elvin tinham muito mais qualidade do que a camiseta e jeans que ela usava. Como poderia encontrar-se com a sra. Ridgeway parecendo-se mais humilde do que o motorista particular dela?

— Talvez eu deva retornar mais tarde depois de ter me instalado em algum lugar.

— Entre e deixe que ela a acolha.

Elvin rapidamente tocou a campainha e deu um passo para trás.

— Eu estarei esperando por você.

A porta foi aberta. Uma jovem de uniforme branco conduziu-a pelo saguão até outra porta à esquerda. Bateu com suavidade, abriu-a e fez um gesto para que entrasse.

Madeleine Ridgeway aguardava sentada atrás de uma magnífica mesa com tampo de vidro retangular jateado e sustentado por dois elefantes de mármore. Vestia uma bela túnica de seda. Bay nunca se esquecera da elegância do escritório tampouco daquela mulher.

Uma marca registrada de Madeleine sempre fora seus cabelos longos e grisalhos presos em sofisticado coque na altura da nuca. Atualmente, usava-o curto como um garoto e mantinha o tom grisalho. Bay teve a estranha sensação de que olhava para si mesma em trinta anos.

— Querida!

Bay notou que o tempo fora gentil com Madeleine. A pele estava luminosa com a textura de um pêssego, valorizando as feições bem definidas e os carinhosos olhos azuis. Azuis um pouco mais escuros do que os seus.

O sorriso de Madeleine ampliou-se, gerando pequenas rugas em volta dos lábios vermelhos. O retrato em tamanho natural pendurado à parede atrás dela não podia competir com seu frescor e vivacidade.

— Você conseguiu! Esta manhã acordei desesperada pois sonhei que eles tinham mantido você na prisão.

Madeleine puxou-a para perto e deu-lhe um forte abraço. Bay lutou contra o impulso de rejeitar. Demonstrações de afeto vinham sendo poucas e raras mesmo antes de sua prisão, por isso lhe causavam tanta estranheza. Mas para sua surpresa, o quão mais fortemente Madeleine ria e abraçava-a, mais profundamente sentia um calor agradável tomando conta de si. Era o alívio de finalmente ter conseguido chegar à tona.

— Sra. Ridgeway. Como eu poderia começar a lhe agradecer? — Bay perguntou.

— Oh, não comece.

— Mas eu preciso. Eu lhe devo tudo.

— Apenas fiz o que eu tinha de fazer para minha própria paz de espírito. E como está, minha amiga? Você me custou diversas noites de insônia e preocupação.

Por onde começar? Será que ela realmente queria saber? Bay estreitara sua filosofia de vida para que se ajustasse a sua vida social. Acreditava que ninguém nem nada poderiam salvá-la. A gentileza daquela mulher lutava contra essas crenças, assim

como a sensação de amargura de uma ferida tão profunda. Precisaria de tempo para recobrar as forças e também a própria voz.

— Estou bem agora — balbuciou. — Muito bem e graças a você.

Mais um abraço.

— Você parece uma manhã de sol. Deixe-me chamar Lulu e pedir que lhe prepare uma deliciosa omelete. Lulu na verdade é Lúcia, mas eu apenas a chamo assim em ocasiões formais.

Bay lembrava-se da garota que trabalhara ali antes. O que lhe teria acontecido? Um emprego na casa dos Ridgeway sem dúvida alguma pagava melhor do que qualquer outro que pudesse conseguir.

— Na verdade eu não preciso de nada.

— Depois de uma viagem destas? Que tal então um café, um chá, uma limonada? Eu sairei em breve para um almoço. Claro que você será muito bem-vinda...

Bay deu um passo em direção à porta.

— Não quero atrasá-la. Apenas desejava lhe agradecer por tudo. Por ter mandado me buscar também.

— Elvin não é maravilhoso? E a levará para seu novo lar. Qualquer dúvida ou necessidade, bastará pedir a ele.

A sensação era a de começar a assistir um filme dez minutos após seu início.

— Não compreendo.

Na prisão haviam lhe devolvido seus pertences. Uma carteira contendo sessenta e três dólares, uma carteira de motorista com licença vencida e cartões de crédito fora de validade, além de chaves de um carro, de um *trailer* e de um estabelecimento comercial que não mais existia.

Sua nova residência seria em qualquer lugar onde seu corpo exausto repousasse assim que conseguisse encontrar um emprego para início imediato.

Madeleine deu uma gargalhada.

— Estou me adiantando muito, não é? Culpe isto a minha alegria.

Ela voltou à escrivaninha, pegou um envelope e ofereceu-o a Bay com ambas as mãos.

— Isto é para você. É uma pequena propriedade situada a oeste da cidade. O chalé é pouco maior do que uma casa de bonecas e tem mais ou menos a minha idade. Isto significa que precisará de bastante trabalho, além do já realizado por Elvin. Fica a caminho do aeroporto e tem uma pequena estrutura na parte frontal, dando para a estrada e que poderá servir como uma loja.

Bay rejeitou o envelope colocando as duas mãos nos bolsos da calça jeans.

— Eu não poderia pagar por nada agora, sra. Ridgeway. Ficarei feliz se alguém me contratar para lavar pratos e obviamente muito mais se conseguir oportunidade de trabalhar naquilo em que tenho experiência.

— Bobagem. Querida, tenho certeza de que Lyle lhe explicou tudo, não é? Sua ficha criminal está limpa.

— Mas acho que alguém se esqueceu de informar isso aos repórteres que esperavam por mim do lado de fora da prisão.

— Bem, seu caso recebeu ampla cobertura da mídia desde o princípio. É compreensível que a descoberta de que o culpado foi sr. Basque avive as lembranças do caso. Você não tem nada por que se desculpar, muito menos explicar a qualquer pessoa. E acho que não me compreendeu muito bem — Madeleine prosseguiu com um sorriso. — A propriedade descrita neste envelope foi doada a você. Além disto, começará a trabalhar amanhã em seu primeiro contrato.

— O quê?

— Transforme aquela monstruosidade de portão que ladeia a minha propriedade em algo maravilhoso.

Nada havia de errado com o portão da propriedade. A pessoa que fizera o trabalho executara-o com competência. Mas faltara, sem dúvida, um pouco de imaginação para fazer jus à imponência da propriedade.

— É preciso mais do que um projeto e um sonho para criar o que você está me pedindo — Bay comentou. — Por mais que eu adore a perspectiva de trabalhar para você, não poderei. Talvez não por algum tempo. Eu ainda não tenho crédito para conseguir os equipamentos adequados nem para comprar material. Então não é nada pessoal, mas não posso aceitar agora.

Fileiras de ouro branco e diamantes cintilaram quando Madeleine ergueu a mão para rebater suas desculpas.

— Uma parte do que você precisará já está lá. Pedi a Elvin que cuidasse de tudo. E o restante eu também financiarei. Está tudo neste envelope. Anote tudo o que estiver faltando e combinaremos uma forma de pagamento mais tarde. E quanto a pessoas, algumas que trabalham comigo talvez possam ajudá-la até que você possa encontrar uma equipe experiente. E não descarte Elvin. Ele pode não ser muito adequado para o que você precisa, mas é muito forte.

Tudo era impressionante e impossível. Mas convencida de que o passado jamais poderia ser completamente enterrado, Bay manteve-se cautelosa.

— Sra. Ridgeway, jamais compreenderá o que isto significa para mim. Mas como uma mulher de negócios tão brilhante pode arriscar-se desta maneira?

— Não estou sugerindo que será fácil. Durante muito tempo ficarei muito preocupada com você por estar ali dia e noite sozinha. Ficaria muito mais feliz se morasse aqui, comigo. Vivo neste imenso mausoléu com meu querido filho Duncan, que está sempre em viagens.

Zonza, Bay não conseguia encontrar palavras para agradecer àquela mulher por sua generosidade.

— Por que é tão boa para mim? Não percebe que tudo isto poderá arruinar sua reputação social? E quanto à sua posição na igreja?

— Ora, ora. Ninguém terá direito de dizer uma palavra. Não que ousassem em minha presença. E quanto a nosso pastor Martin Davis, tem me apoiado muito nesta missão desde que lhe falei sobre o assunto pela primeira vez.

Madeleine segurou as mãos de Bay nas suas.

— E pare de discutir comigo. Sim, sei que você está lutando. Isto é o mínimo que posso fazer por alguém que foi tão injustiçada. Jamais me perdoarei por não ter

tomado uma atitude antes.

— O tribunal tinha intenção de me condenar. E o pesadelo teria sido em dobro se a tivessem envolvido no processo.

— Então vamos todos deixar as lembranças ruins para trás. Oh, bem sei que você não poderá ter de volta os anos que lhe foram roubados, mas poderá reconstruir sua vida. Sei que poderá. Fiz isto duas vezes, lembre-se, primeiramente quando perdi meu amado pai e, depois, quando o querido Herman se foi tão prematuramente.

Bay aquiesceu lembrando-se da história triste que devastara sua amiga.

— E se não fosse por meu filho — Madeleine prosseguiu —, não teria encontrado forças para seguir adiante. Poderei ser seu porto seguro, querida. Admiro-a muito por seu talento e coragem.

— Talvez você deva aguardar por provas de que ainda me resta tanta coragem a ponto de valer a pena.

Bay sentia-se muito entristecida e insegura.

— Você precisa apenas reencontrar seu caminho. E esta é sua chance.

Parecia bom demais para ser verdade.

— E quanto a Holly? Assim que souber do que você fez...

— Ela já sabe.

Mais uma surpresa. Bay sentou-se. Holly Kirkland sabia que Madeleine Ridgeway tentava libertá-la? A noiva de Glenn jamais aceitaria sua presença em Tyler, muito menos o fato de Bay ser alvo de tamanha benevolência.

— Sra. Ridgeway, temo que ela considere sua atitude uma traição.

— Pois lembre-se de que, além de ser membro de nossa igreja, Holly também é funcionária nossa. E como resultado conhece muito bem as regras de nossa fundação. Claro, se você souber de um comportamento negativo dela ou de qualquer outra pessoa, quero que me comunique imediatamente.

— Sempre consigo lidar com meus problemas sozinha.

— É admirável, mas que ninguém desrespeite minhas ordens. Agora venha aqui.

Abraçou-a novamente e passou as mãos pelas costas de Bay para acalmá-la.

— Tudo dará certo, você verá. Neste envelope estão as chaves, números de telefone que eu imagino que você precisará, um pouco de dinheiro e um cheque com um modesto depósito para que você comece. Não é caridade. Eu a conheço muito bem. Recuperarei o dinheiro quando você me cobrar pelo "Donzela de Ferro". E sei que também encontrará tempo para dedicar algumas horas de serviço à igreja.

Bay estendeu-lhe de volta o envelope.

— Eu não faço trabalhos para igrejas.

— Terá de fazer, querida. Já falei a seu respeito para toda a congregação e saiba que os membros são muito influentes na cidade e arredores. Por que você acha que não há carros de todas as redes de televisão locais estacionados em torno de minha propriedade agora? Não percebe que assim que você entrou em meu carro em Gatesville, todos sabiam para onde você ia?

— Sinto desapontá-la, sra. Ridgeway, mas nunca fui religiosa.

A última vez em que comparecera a um serviço religioso fora por ocasião do

funeral de sua mãe.

— Quantas vezes terei de lhe dizer? Testemunhei sua arte e sua coragem e considero você uma pessoa muito digna. E quanto à religião...

Uma batida à porta deteve-a. Solto Bay e deu um passo para o lado para cumprimentar a pessoa que chegava.

— Martin! Você chegou em um momento inspirado. Ajude-me a convencer esta garota do quanto ela é amada.

O homem de estatura baixa entrou na sala com seu olhar alegre e bochechas rosadas. Mal alcançava os ombros de Madeleine. Pegou-lhe a mão para um beijo formal e galante. E antes que Bay pudesse protestar era alvo do mesmo cumprimento.

— Que Deus abençoe este dia. Madeleine trabalhou incansavelmente para trazê-la do reino de Satã. Bem-vinda, criança. Bem-vinda ao lar onde você será amada e nutrida.

— Não fique tão tímida, querida — interveio Madeleine. — Martin é tão confiável quanto seu sorriso. Em nossa festa de Natal mais crianças querem subir em seu colo do que no de Papai Noel.

— Apenas procuro fazer o melhor, Maddie. Virou-se para Bay.

— Nós sempre nos damos bem porque não pressionamos. Nossa mensagem fala por si só. Se ao menos eu tivesse metade deste sucesso com alguns dos políticos desta cidade. Verdade seja dita, Bay, você fará bons contatos comerciais através de nossa filiação.

Martin Davis levou a mão ao peito.

— Não! Quantas vezes devo lhe dizer que você é meu anjo na Terra e não um guru das comunicações?

Bay prendeu a respiração imaginando o quanto a bondade daquela mulher lhe custaria. Atônita, ouviu-a rir.

— Você me conhece, Martin. Eu não consigo simplesmente ter dois ou quatro projetos. E sorte sua também.

Virou-se para Bay.

— Precisa deixar que eu a apresente a algumas pessoas. Gostaria que se sentasse a meu lado em jantares e que ignorasse o que Martin diz. É modéstia dele. Ficará curiosa em saber como ele se tornou pastor da congregação que mais cresce no sudeste.

Bay permaneceu em pé entre os dois e sabia que fora apanhada em uma armadilha. Pior do que isso, ainda não tinha energia nem confiança para lutar.

CAPÍTULO III

Martin Davis parou de falar por um momento, pareceu pensativo e inclinou-se na direção de Madeleine.

— Acha que ela nos considera pessoas indignas de seu respeito e consideração?

— Oh, não! — Bay exclamou embaraçada. — Eu irei. Quero dizer, obrigada pelo convite, por tudo. De verdade.

Agradeceu a Madeleine Ridgeway mais uma vez e caminhou para a porta. Deixou que a tímida Lulu a conduzisse para a saída.

Como prometido, Elvin a aguardava. A sensação angustiante de passar por diversas portas lembrara-a da prisão. Mas de forma alguma poderia ser assim, ponderou, ao contemplar o sorriso contagiante de Elvin.

Seu olhar pousou na linda floreira do pórtico. Estava repleta de gerânios vermelhos e brancos, entre outras flores. Então Madeleine não desperdiçava espaço, tempo ou contatos. Por um segundo desejou que a primavera fosse um cigarro para que ela pudesse apagá-la.

— Parece que você passou por diversos testes — Elvin ponderou.

Bay não quis admitir o quão certo ele estava e indagou:

— Você sabe para onde iremos?

— Passei todas as horas de meus últimos dois meses naquele lugar.

Dito isso, deu meia-volta e assumiu o banco de motorista, a resposta alegre alimentando o ânimo de Bay.

— Eu apenas soube da possibilidade de minha libertação poucas semanas atrás — falou do banco traseiro enquanto fechava a porta. — Nem mesmo eu sabia se era algo certo.

Elvin ligou o carro.

— Então você soube um pouco mais tarde. — Ligou o rádio em outra estação que tocava canções religiosas. — Caso não se importe, eu preciso ouvir. Estou tentando fazer estes camaradas compreenderem meu trabalho.

Um artista frustrado, pensou Bay, analisando-o. Notou que a cor de seu cabelo era parecida com a do pastor Davis, mas não tinha o corte preciso nem o estilo. E o melhor que Elvin fazia era pentear a cabeleira com os dedos. Não eram mãos boas para um músico, considerou. E eram nervosas, ativas como os olhos castanhos.

— Suponho que você não tenha muito tempo para estudar.

Elvin assentiu ao virar para a esquerda, tomando a rua que conduzia à antiga loja de Bay. Ignorando o palpitar da ansiedade, prestou atenção no caminho. Para um aeroporto regional, a área ainda continha sua atmosfera rural, com o trânsito mais leve que o da cidade.

Mais alguns minutos e Elvin adentrou uma pequena propriedade.

Bay dera uma olhada no conteúdo do envelope e lera que a propriedade consistia em 1,3 acre, era estreita porém longa e fazia divisa com a rodovia. Para ela, qualquer fronteira tornava aquele presente uma mina de ouro.

Seu primeiro olhar para a pequena construção que seria sua loja fê-la concordar com o comentário de Madeleine: o local necessitava de muita dedicação, portas novas e boas fechaduras, particularmente assim que começasse a adquirir os equipamentos e material de estoque.

Em contraste, a casa era adorável como a de uma boneca, recém-pintada de um alegre tom de amarelo e branco e adornada com colunas de ferro. Estacionada ao lado havia uma caminhonete preta.

— Era minha — Elvin comentou. — Sra. Ridgeway deu-me uma das novas

caminhonetes de sua propriedade em pagamento por eu ter colocado esta casa em ordem a tempo. Mas a que eu ganhei tem mais quilômetros rodados do que a que eu tinha.

O seu tom de voz indicava a paixão que ainda nutria por seu antigo veículo.

— Compreendo. Bem, cuidarei bem dela.

— Está certo... O telefone, luz e água estão funcionando. Você terá de transferir tudo para seu nome, claro.

— Farei isso o quanto antes.

— A sra. Ridgeway pediu-me para suprir a cozinha de alimentos e produtos de limpeza. Gostaria que eu entrasse com você para lhe mostrar?

Ocupada em colocar os papéis de volta no envelope, Bay rapidamente encontrou olhar dele através do espelho retrovisor. Talvez estivesse muito tensa, mas naquele instante viu algo no rosto de Elvin Capps que a deixou arrepiada.

— Eu perguntei...

— Não!

— Eu só estou fazendo meu trabalho.

Bay enrubescceu profundamente e abaixou a cabeça, desejando ter cabelos longos para esconder seu embaraço.

— O que eu quis dizer é que você já fez tanto... Acho que consigo dar um jeito sozinha de agora em diante.

Desceu rapidamente do carro, convencida de que o homem a julgava uma desequilibrada. Seria uma boa lição se resolvesse contar à patroa a má decisão que ela tomara.

Elvin desceu o vidro de passageiros e inclinou-se para falar com ela.

— Você tem o número do meu telefone nestes papéis. Use-o. E meu trabalho.

Bay finalmente relaxou ao vê-lo murmurar outra canção. Se o prestativo e gentil Elvin Capps conseguia amedrontá-la, como esperava relacionar-se com outras pessoas?

O carro tomou a estrada e ela ficou a contemplá-lo até sumir de vista. Suspirou, segurou com firmeza a chave da casa e girou nos calcanhares. Destravou a fechadura da porta frontal, aprovando sua solidez. Mas ficou menos satisfeita com todo aquele vidro.

Por que fechaduras se tudo o que se tinha a fazer para entrar era jogar uma pedra?

A paranóia passou assim que entrou na casa. Fiel a sua palavra, Elvin trabalhara duro. Embora pequena e com prováveis quarenta anos de idade, a casa estava impecável e tão atraente quanto do lado externo.

A cor branca parecia impecável demais para ela, mas depois cuidaria desse aspecto. Era centena de vezes melhor do que o lugar onde estivera.

"Tanto espaço..."

Perambulou pela pequena cozinha, abrindo todos os armários. A maior parte da casa não estava mobiliada, mas Elvin garantira que ela tivesse o essencial: uma vassoura, um jogo extra de lençóis e algumas toalhas. O guarda-roupa do quarto e a cama imensa tomavam a maior parte do ambiente. Roupas, também?

Em um impulso Bay abriu a primeira gaveta da cômoda e encontrou grande sortimento de roupas íntimas, desde meias de algodão até calcinhas e sutiãs.

Era enervante como nenhuma peça poderia ser chamada de sensual. E os tamanhos eram corretos. Concluiu que Madeleine cuidara pessoalmente dessa tarefa.

Voltou para o armário e notou mais detalhes: seis calças jeans, camisetas, tênis... um suéter de lã azul-claro... tudo no tamanho exato que ela usava.

Estava um pouco desconcertada por alguém conhecer tanto suas medidas. Mas a urgência de livrar-se de qualquer ligação física com Gatesville fê-la começar a despir-se.

Deixou suas coisas onde caíram e foi tomar o primeiro banho privativo desde sua prisão.

A água cheirava cloro, mas o sabonete líquido tinha um perfume luxuoso de pêssego. Usou um quarto do pote esfregando repetidamente todo seu corpo até que a pele ficou avermelhada.

A toalha branca felpuda na qual se enrolou era outro luxo ao qual se desabituara. Assim que estivesse de volta ao barulho dos motores e aos metais cheios de graxa, tais toalhas seriam guardadas no fundo do armário e ela estaria secando o corpo com algumas mais baratas em tons de azul-marinho e preto.

Seca, vestiu calcinha nova, experimentou o sutiã, jeans e camiseta vermelha. Depois foi descalça contemplar aquela estranha ao espelho.

Era assim que uma mulher de trinta e dois anos aparentava? Seu olhar pousou na maquiagem sobre a penteadeira e ela fez uma careta.

Seu pai costumava comentar que ela nunca fora muito vaidosa. Pois não se preocuparia com o assunto. De todos os itens de sua agenda, homens e romance estavam no final.

Reuniu as peças de roupa que despira, voltou à cozinha e jogou tudo dentro do cesto de lixo à porta. Era um desperdício, sim, mas precisava separar-se fisicamente das coisas que a faziam lembrar da prisão.

Então, para se esquecer do que fizera, passou para uma séria inspeção do conteúdo de todas as gavetas e armários da despensa. A embalagem com quatro pequenas garrafas de vinho dentro da geladeira lhe causou certo espanto.

— Idéia sua, Elvin?

Pensou que a religião não permitisse bebidas alcoólicas.

Seria fácil demais para ela sucumbir a maus hábitos em um estágio tão vulnerável de sua vida. Por isso pegou as garrafas de vinho e colocou-as sobre as roupas rejeitadas no lixo. Em seguida escolheu um frasco com suco gelado e serviu-se um copo.

Sentada à mesa da sala de jantar, abraçou as pernas e olhou ao redor. Depois, espiou por entre as folhas da persiana, contemplando os arbustos que ladeavam o quintal estreito.

"Meu".

Ainda não conseguia acreditar. Seus olhos arderam e sentiu um nó na garganta. Ergueu o copo como em uma saudação.

— Glenn... eu não estou entendendo nada, mas caso possa me ouvir, saiba que não me esqueci de você nem da promessa que fiz.

O céu não se iluminou subitamente e nenhuma cadeira caiu movida por uma mão invisível. Prestes a tomar outro gole, assustou-se com o toque do telefone. Pousou o copo na mesa e contemplou o aparelho ao lado do balcão como se fosse o alarme da prisão.

O que seria? Apenas Madeleine sabia seu número e estava em uma reunião.

Elvin, decidiu. Provavelmente esquecera-se de explicar algo. Pois não gostaria de conversar com ele nem com qualquer outra pessoa naquele dia. Entretanto, imaginava que se não atendesse, o cão de guarda de Madeleine estaria batendo a sua porta em minutos.

Retirou o fone do gancho na quinta chamada.

— Alô? Nenhuma resposta.

— Só mais uma chance e desligarei. Alô!

Bay escutou alguns sons. Revelavam que alguém estava do outro lado. Mas não houve resposta. Franziu a testa, esperou mais alguns segundos e quando já estava prestes a desligar, a outra pessoa desligou antes.

Certamente alguém que percebera que discara o número errado, imaginou. Sua primeira ligação como uma mulher livre e era um engano. Devia estar grata por pelo menos não terem lhe tentado vender alguma coisa.

Sentou-se novamente. O sol brilhava com intensidade, a brisa brincava por entre as árvores e subitamente seu isolamento passou a importar.

Aquelas sombras intensas... haveria algo ou alguém se movendo por ali?

Enquanto seu acolhedor oásis mudava diante de seus olhos, a imaginação de Bay começava a trabalhar em ritmo acelerado.

E se o telefonema não tivesse sido um engano? Diversas pessoas sabiam que ela estava livre da prisão. Madeleine dissera isso e também era possível que nem todos concordassem com a decisão da Justiça. Assim como Bay acreditava, por seus próprios motivos, que Tarpley mentira.

Pensando melhor na ligação que recebera, concluiu que ouvira sons de trânsito. Portanto quem ligara devia tê-lo feito de um telefone celular e podia estar escondido por entre as árvores observando-a.

Devia ter feito mais perguntas a Madeleine, descoberto exatamente o que a imprensa sabia e dizia a seu respeito. E pedido a Elvin que ficasse um pouco para lhe fazer companhia.

Havia tanta loucura no mundo e ela poderia ser alvo de um tiro bem ali onde estava. E demoraria um dia ou dois até que Elvin ou Madeleine a encontrassem.

Com o coração aos saltos, Bay fechou as persianas e voou para a porta para testar a fechadura. Não era suficientemente forte. Não era, por isso ela fez conforme nas primeiras noites que passou em Gatesville. Foi para o ponto mais distante da sala e curvou-se na tentativa de se fazer invisível.

— Está tudo bem, está tudo bem — recitou baixinho pressionando a testa contra os joelhos.

Precisava apenas de um pouco de tempo.

Mas os minutos se transformaram em horas e a escuridão caiu. E mesmo assim

Bay não conseguia se mexer.

CAPÍTULO IV

Bay abriu os olhos e deparou-se com grandes números vermelhos a registrar que eram quatro horas da manhã. Assustou-se. Passou a imaginar como algo eletrônico ou mesmo à corda entrara em sua cela.

Aos poucos uma música chamou-lhe a atenção. Não vinha do relógio. Na prisão aprendia-se a conviver com barulho ininterrupto, gritos e murmúrios. Mas música não combinava com aquele lugar.

Apoiou-se nos cotovelos e notou feixes de luz por sob a porta. Conforme a neblina intensa que dominava seus sentidos esvaecia, passou a fazer algumas conexões: uma porta e não grades. Sons de uma televisão e não de colegas de cela e guardas. Não estava na prisão.

A cama gigantesca e fofa devia tê-la seduzido assim que desistiu de permanecer no canto da cozinha e arriscou-se a ir para o quarto. Lembrava-se de ter ligado a televisão para ouvir algum som e supunha que um ladrão experiente tivesse limpado o lugar enquanto dormia.

Fora o sono mais profundo que teve em seis anos e naquele momento a sede e a fome impeliavam-na para fora da cama.

Movia-se pela casa como se fosse uma hóspede. Acendeu a luz da cozinha e pegou um copo de água na geladeira. Bebeu metade e começou a preparar uma bebida quente. Logo encontrou o pote com café instantâneo e uma colher, escolheu uma xícara no armário e dosou a quantidade de grãos.

Sabia que cafeína em excesso não lhe faria bem. Podia até sobreviver sem fumar e tinha disciplina para monitorar a ingestão de bebidas alcoólicas. Mas café era sua fraqueza. Adorava o aroma inclusive em sorvetes e doces.

Um som estridente de sirenes veio da televisão. Bay se assustou e bateu o joelho na quina da mesa ao pegar o controle remoto para mudar de canal. Precisou pressionar o botão diversas vezes, inconformada com a grande quantidade de barulho, sangue e sexo que havia na programação noturna. Contentou-se com um filme antigo do velho oeste e voltou à cozinha porque a água do café já fervia.

O filme lembrou-a de sua infância, de quando descobriu que era responsável pelo próprio entretenimento e que teria de educar-se sozinha. Lembrou-se do encanto e da química entre os protagonistas dos filmes famosos. Infelizmente, o tempo e a experiência tinham dissolvido seus ideais românticos. Ficou observando a paixão tomar conta dos protagonistas e apenas conseguia ver os problemas potenciais dessa união. A realidade sempre estava presente.

— Ninguém me chamará para reinventar a roda — murmurou tomando um gole de café.

Ainda com a xícara na mão, aproximou-se da janela da sala de jantar onde espiou por entre as persianas como anteriormente. Encorajada pelas luzes acesas em

torno da propriedade, destravou a porta e armou uma cadeira plástica na varanda.

Mais adiante, o tráfego na rodovia era praticamente nulo. Um caminhão freou e um minuto depois passou um carro na direção oposta.

Além desses, outros sons da noite a abraçavam. O pensamento de que alguém poderia estar escondido entre os arbustos assustava-a, mas não se deixaria amedrontar. Procurava pensar na noite bonita, apesar de as luzes da cidade ofuscarem o brilho das estrelas.

Era uma bela mensagem, decidiu. Nada havia do lado de fora para sonhar, a menos que você inventasse. E para isso era preciso coragem e determinação.

Sentiu-se fortalecida, entrou na casa, encontrou lápis e papel e começou a listar tudo o que seria necessário para que sua loja entrasse em funcionamento. Incluiu uma ampla lista de suprimentos.

E antes que desse por si, o sol lançava seus raios no horizonte.

Ansiosa por ver o que Elvin providenciara para a loja, tomou um banho, vestiu-se e calçou tênis. Pegou uma terceira xícara de café e saiu.

Um odor estranho saudou-a quando abriu a porta da loja. Um misto de umidade, óleo velho e mais alguma coisa que não pôde identificar. Mas assim que acendeu as lâmpadas fluorescentes, tudo o que pôde ver foi a máquina de solda.

Estava precisamente na posição onde encontrara Glenn na noite em que foi assassinado.

Afastou a coincidência perturbadora e analisou o restante da loja. Encontrou garrafas com diversos componentes químicos perto da porta, provavelmente onde o caminhão de entrega os deixara. A mesa de trabalho era enorme, maior do que aquelas que costumava usar na antiga loja e a caixa com equipamentos bem mais modernos do que poderia pagar.

Sentia-se cada vez mais relaxada ao inspecionar o restante do ambiente. No canto mais distante havia alguma quantidade de placas de metal inoxidável sobre um cavalete. Ao lado, outro suporte com uma boa quantidade de tubos. Bay sabia que eram para o portão de Madeleine.

Olhou novamente para o soldador e decidiu que era uma coincidência, apenas. Em que outro local Elvin poderia ter colocado a máquina?

Abriu as portas da loja e manteve-as assim. Debruçou-se sobre o bloco de anotações e lápis e a pequenina mesa que serviria de escritório e passou a desenhar.

Aproximava-se o meio-dia quando ela parou de trabalhar. Estava faminta e exausta mas mesmo assim mais feliz do que em anos. Conseguira delinear o início do portão e recebera seu primeiro cliente, um homem desesperado por consertar um suporte da caminhonete. O pequeno trabalho rendeu-lhe os primeiros setenta dólares... os quais seriam gastos na renovação de sua carteira de motorista e na compra de tinta para um letreiro, decidiu. Satisfeita, trancou a loja e voltou para casa.

Devorou um sanduíche de peito de peru com um copo de leite, tomou um banho e vestiu jeans limpo e camiseta branca, dessa vez sobre um sutiã. Depois dirigiu até a cidade para renovar a carteira de motorista.

Ao chegar à delegacia ficou muito ansiosa. O fato de sua ficha criminal constar

dos arquivos policiais era muito perturbador. Para sua surpresa e alívio, entretanto, a atendente reagiu como uma pessoa que não assistia televisão, muito menos assinava um jornal. E quando a moça acessou o arquivo de Bay no computador, sua expressão permaneceu impassível.

— Está certo. Bem... já faz mais de quatro anos que você não mora no Texas. Por isso terá de passar pelo teste escrito novamente. Gostaria de fazer agora ou levará o livro para casa para estudar?

— Tentarei agora — disse à jovem.

Errou apenas uma questão e, após o exame de vista, a instrutora lhe pediu para postar-se atrás de uma faixa amarela pintada no piso para uma fotografia. Feito isso, Bay assinou o formulário, pagou a taxa e colocou no bolso sua carteira de motorista temporária.

Agradeceu e virou-se para partir. Foi quando se deparou com Jack Burke.

Jack Burke fora o detetive que a prendera pelo assassinato de Glenn. Tratara-a com descaso durante horas a fio, interrogando-a incansavelmente. E diante da sentença que ela recebera no tribunal, tivera a petulância de dizer: "Sinto muito".

Bay abaixou a cabeça e desejou estar usando óculos escuros. Deu alguns passos, mas o reflexo rápido dele fez com que colidissem.

— Opa!

Mãos fortes impediram-na de cair. Bay notou que seis anos pouca diferença tinham feito à sua aparência. Continuava grande e forte conforme em suas recordações.

— Desculpe.

— Tudo bem — murmurou de cabeça baixa, ansiosa por sair dali.

Mas ele a segurava com firmeza.

— Então é você!

Notou que a reconhecia pela tensão do toque. Não ouvira dizer que fora libertada? Puxou o braço com força e se libertou.

Ignorou o pedido para que esperasse e apressou-se em direção às portas de vidro. Uma vez do lado externo, começou a correr. Sentiu os joelhos bambos e o estômago enjoado ao abrir apressadamente a porta da caminhonete.

Nem se importou em ligar o ar condicionado ou descer o vidro da janela. O cinto de segurança teria de aguardar, também. Ligou o motor e partiu. A necessidade de escapar nunca fora tão intensa e piorou quando o viu pelo espelho retrovisor correndo seguindo-a.

Esgueirou-se por entre o tráfego, quase colidindo com uma caminhonete blindada.

Estava livre, mas temporariamente. Sentindo o peso da ansiedade, dirigiu em círculos até encontrar uma rua familiar. E desejosa por adiar o retorno para casa, parou em uma loja para comprar tinta.

Seria inevitável que se vissem novamente, bem sabia. Detetive Jack Burke estivera no local correto para obter seu novo endereço.

Mas o reencontro estava mais próximo do que pudera imaginar. Mal alcançava a porta de casa quando a caminhonete branca estacionou ao lado da sua.

CAPÍTULO V

Bay estacou, apreensiva, esperando pelo pior.

Se ao menos Madeleine telefonasse naquele instante. Ligara anteriormente para saber como ela passara a noite. E prometera entrar em contato mais adiante para saber como fora a renovação da carteira de motorista.

Era sem dúvida uma grande fuga esperar que Madeleine a salvasse em suas primeiras e neuróticas horas em liberdade. Mas de fato sentir-se-ia melhor se sua protetora soubesse que Jack Burke estava em sua casa.

Ele desligou o motor do carro. Durante o tempo todo a observava com a mesma intensidade com que Bay o encarava.

Assim que desceu ela notou que Jack tirara a jaqueta e afrouxara o nó da gravata, o que apenas deixava sua arma à cintura mais evidente.

Já não se sentia mais amedrontada por seu tamanho físico e aparência confiável e competente. Sem dúvida, considerou com certa ironia, confiar naquele homem seria ruína certa.

Devia admitir que o tempo não fora tão gentil assim com Jack Burke. Só não tinha gentileza suficiente no coração para sentir pena dele.

Seus traços eram fortes e bem definidos, típicos de um galã de cinema. Mas os olhos castanhos não brilhavam e as olheiras sugeriam que o assunto que o incomodava tornara-se crônico. Havia também aquela leve cicatriz próxima ao lábio inferior e alcançando o queixo.

Movia-se com a graça das pessoas habituadas a trabalho físico. As mangas estavam dobradas expondo braços morenos e bem torneados, indicando que os exercícios que o mantinham em forma não eram feitos no interior de uma academia de ginástica.

A boa aparência e os ombros largos, entretanto, contrastavam com as profundas olheiras e com a ruga de preocupação a indicar que ele franzia a testa com mais frequência do que sorria.

Parou diante dela e Bay cruzou os braços.

— Não precisava ter corrido.

— Então por que está aqui?

— Eu só queria saber se você estava bem.

"Que ironia", Bay pensou duvidando de tamanha generosidade.

— Acho que seria pedir muito esperar que você acreditasse em mim, não é?

Bay não se deu o trabalho de responder.

— Acho que sim — prosseguiu ele.

— Acha que seria mais fácil me prender novamente? Ele franziu a testa parecendo muito confuso.

— Por que eu faria isto?

— Para me colocar em "meu devido lugar".

— Então você realmente não sabe o que eu penso.

— Por favor — murmurou, aborrecida. — Pare de desperdiçar meu tempo. Se planeja me atormentar dia após dia até que eu parta de sua preciosa cidade, esqueça. Se deseja fazer com que eu me sinta culpada porque uma mulher de boa índole acreditou em mim e me ajudou e continua me ajudando... pode desistir. Só saiba de uma coisa: Madeleine Ridgeway saberá disto. E ela tem bons contatos.

— Estou muito ciente dos "contatos" de sua amiga.

— O que isto significa? Ora, não importa. Eu não ligo. Sua amargura por seu caso ter sido revertido e eu absolvida é problema seu. Devia ter feito um trabalho de investigação melhor.

— Olhe, sei que você teve muito tempo para reunir argumentos para me odiar, mas se isto lhe dá alguma...

— Não dá.

— Bay...

— Não! Nada do que tem a dizer me interessa. Na verdade, eu esperava jamais reencontrá-lo. Mas como minha maré de sorte parece ser curta, acho que terei de lhe pedir para ficar longe de mim.

— Não conseguirei fazer isto.

As palavras ditas em tom de voz bem baixo deixaram-na mais aborrecida.

— Isto parece uma ameaça!

— Eu poderia tentar lhe explicar se você se acalmasse um pouco e ficasse menos na defensiva.

— Não há nada a explicar. Estou livre. Acabou!

— Acho que não... E se você é metade da mulher que imagino que seja também não acredita nisto.

A verdade fê-la retroceder um passo.

— Não sei do que está falando.

— Sabe sim. Desde o instante em que descreveram seu sócio como um jogador fraco e viciado que arriscou sua amizade e confiança, para não mencionar o relacionamento que tinha com uma mulher com a qual estava prestes a se casar, você não passou a ter vontade de descobrir quem foi a pessoa que jogou a culpa de tudo em suas costas?

Então ele sabia. E estava lhe dizendo que não acreditava na história que "Catfish" Tarpley contara.

Era bom que pudessem concordar em algo, mas não o deixaria a par de seus pensamentos até fazer algumas investigações.

Manteve-se impassível e murmurou:

— Conseguir imaginar como é sentir o sabor da liberdade novamente? Não quero pensar em nada mais agora.

— Desculpe, criança, mas não vai me convencer disto.

— Não me chame assim!

— Foi desta forma que eu a vi naquela noite. Uma criancinha apavorada. E é assim que eu a enxergo agora.

Bay olhou para os próprios pés e tentou não considerar a tristeza que detectara na voz dele. Ele não se importava com seus sentimentos. Era uma emboscada. Simplesmente não era esperta o bastante para descobrir o que era e o motivo.

— Por que não vai embora?

— Porque eu lhe devo isto. Você sabia que eu só tive conhecimento da reversão da sentença através dos jornais? Um tanto estranho, não acha? O detetive que cuidava do caso foi deixado de fora.

Ela deu de ombros. Não era problema seu se os companheiros de trabalho não o deixavam a par de tudo.

— Tyler não é mais uma cidadezinha com dois ou três policiais — Jack Burke continuou. — Mas todos se conhecem. E é no mínimo estranho que o detetive que cuidou de um caso de assassinato que mobilizou toda a imprensa nacional não seja informado que a condenação foi revertida.

— Talvez seus superiores estivessem tentando evitar maiores problemas.

— Pode ser. Assim como a regra de que as pessoas não fazem favores a estranhos.

— Acha que minha libertação foi um favor?

— Você conhece seu herói, "Catfish" Tarpley?

— Não, E ele não me ajudou. Estava resolvendo um outro assassinato para ajudar a si mesmo. O que validou seu testemunho foi a confirmação de um policial. Alguém chamado Nick.

Observou uma expressão de desgosto no rosto dele.

— Você o conhece?

— Sim. Normalmente fico longe de pessoas assim.

— Parece que não gosta muito do detetive Nick Martel.

— É bem diplomático não tirar conclusões antes de conhecer todos os fatos.

Quem compareceu à prisão para lhe dar as boas notícias?

— Um advogado contratado por uma amiga.

— Madeleine Ridgeway. Ela se tornou uma grande amiga sua.

— Não ouse falar assim novamente. Você e seus "fatos". Nunca procurou saber dos fatos anteriormente, então por que eu deveria acreditar que algo mudou?

— Por acaso se esqueceu de que eu desafiei a corte durante seu julgamento? Não se lembra de que eu comentei que não me sentia à vontade com o rumo que seu caso tomava?

— Eu me lembro de que o advogado de acusação dobrou-o facilmente.

Jack Burke abaixou a cabeça.

— Eu não tinha experiência para ajudá-la. Olhe, escute-me. Tudo o que posso dizer é que sinto muito.

— Está se sentindo melhor agora? Ótimo. Então dê o fora daqui.

Ele moveu as mãos em um gesto quase inconsciente de súplica.

— Eu falo sério. O que seria...

— Como seria mudar-me de um lugar para o outro durante o restante de minha vida?

— Fazer o quê? Dirigir pelas ruas pelas quais Glenn passou, em busca de pistas?
— Maldito!
— Alguém precisa tirá-la desta alucinação.
— Se acha que é isto que estou fazendo, o que diria de você? Ficaria surpresa em saber que você resolveu um caso em toda sua carreira, "detetive".
— Se está sugerindo isto mesmo, é uma razão a mais para conversarmos. Não se meta onde não é chamada, Bay. Não é de sua competência. Você é o fantasma do que já foi e não é um bom começo.
— Você é muito bom para críticas.
— Pois eu me sinto péssimo e sabe por quê? Porque tenho pensado no que lhe aconteceu desde aquele maldito dia.
Bay arregalou os olhos. Não queria acreditar nele, mas sua expressão era de sofrimento.
Jack deu alguns passos na direção da caminhonete.
— Vou deixá-la em paz agora. Pense no que eu disse.
— Pense você. Jamais aceitarei seu pedido de desculpas. Jamais!
Ele fez uma pausa e falou:
— Com isto eu consigo conviver. Mas não com a possibilidade de você ter o mesmo fim de seu amigo.

CAPÍTULO VI

Domingo, 3 de junho de 2001

A visita de Jack Burke deixara Bay indignada e aborrecida. A tal ponto que uma boa noite de sono não fora suficiente para fazer seu humor voltar ao normal.

Despertou na manhã seguinte pouco disposta a atender ao convite de Madeleine para as funções dominicais da igreja, mas não haveria como retroceder.

Tomou um banho, vestiu-se e bebeu um gole de café antes de partir para o limite sudeste de Tyler.

O verão ainda estava a semanas de distância, mas o calor era forte e o sol radiante. O trânsito estava intenso, muito mais do que nos arredores do aeroporto. E o grande fluxo de veículos dirigia-se para o mesmo local que ela.

Minutos depois avistou a igreja e ficou boquiaberta com sua grandiosidade. A construção branca era rodeada por jardins maravilhosos e brilhava imponente com suas imensas janelas e varandas adornadas com flores vermelhas e brancas.

Dividida entre o deslumbramento e o espanto, aguardou sua vez de entrar no espaço destinado aos veículos. Diferentemente dos outros, escolheu um local bem distante das portas frontais e o mais próximo possível da saída.

Ninguém a convenceria de que Deus ouviria melhor os fiéis em um local como aquele. Entretanto, era óbvio que a multidão que se esgueirava em direção ao prédio pensava diferente.

A preocupação em sentar-se perto de Madeleine logo foi descartada. Teria sorte se conseguisse avistá-la.

Passou a imaginar quantas pessoas o edifício abrigaria. No instante em que se juntou ao grupo que caminhava para a porta principal avistou um complexo de dois andares atrás da igreja. Havia antenas de satélite e torres para transmissão de dados, parecendo o centro nervoso de um estúdio de comunicação. E era certamente de lá que a mensagem da Missão da Bondade era transmitida.

Bay assistira à televisão durante os últimos dias para observar a programação da igreja, disposta a não decepcionar Madeleine. A emissora de televisão transmitia o serviço religioso para o sul, sudeste e também México, diversos países da América Central e Colômbia. A programação espiritual estava disponível em qualquer horário.

Além do serviço habitual, havia um programa de entrevistas onde o pastor Davis sempre estava ou com sua esposa, a sempre sorridente Odessa, ou Madeleine. Havia também um programa de compras através da televisão onde a fé podia ser renovada ouvindo-se vídeo-tapes, lendo-se livros, fitas e CDs disponíveis para compra.

Anos atrás, Bay desprezaria tais canais de televisão pensando: "Vendo-se um, vê-se todos".

Mas dessa vez estava muito confusa porque conhecia Martin Davis e Madeleine, um membro tão importante daquela igreja.

As emoções conflitantes ressurgiram e se transformaram em pânico enquanto Bay entrava no imenso recinto e se lembrava dos comerciais de televisão.

Não localizou Madeleine nem seu filho e esperava que estivessem longe das câmeras. A idéia de ver-se na televisão novamente deixava-a apavorada.

— Que Deus a abençoe. Seja bem-vinda, irmã. Gostaria da assistência de uma pessoa que já frequenta nossa igreja?

Bay encarou o homem que se inclinava em sua direção. O sol entrava pelas imensas janelas, parecendo intensificar o rubor das bochechas gorduchas.

— Como assim?

— É a maneira como procedemos.

Uma mão quente segurou-a pelo cotovelo. Bay olhou para trás e se deparou com o olhar divertido de Duncan Ridgeway. Não era a primeira vez que o via. Ele era o queridinho da imprensa do leste do Texas e já vira numerosas fotografias suas na mansão Ridgeway. Mas nada fazia jus ao rosto atraente e másculo, nem aos olhos azuis que cintilavam.

Era o rosto que as mulheres normalmente descreviam como romântico e os homens encaravam como um rival, porém simpático demais para ser um inimigo. Pudera o homem que dirigira a palavra a ela demonstrar um misto de respeito com cínico divertimento.

— Esta é uma convidada muito especial de mamãe, Ed — Duncan Ridgeway disse para o homem. — Obrigado por cuidar dela. — Virou-se para Bay e falou: — Eu sou...

— Duncan. Vi algumas fotografias suas.

— Claro, já estive no escritório de mamãe. Ela exagera um bocado.

— Oh, acho que ela tem vários motivos para se orgulhar de você. E também se parece muito com seu pai.

— Gostei de ouvir isto. Ele era uma pessoa adorável, capaz de dar vida a qualquer festa. Um dia vou lhe contar algumas de minhas histórias favoritas. Agora é melhor nos acomodarmos. Mamãe já estava prestes a despachar Elvin até sua casa.

— Desculpe. Não sabia que estava atrasada.

— Não está. Mas ela é tão obcecada pela transmissão do serviço religioso pela televisão que acha que todos deveriam chegar com trinta minutos de antecedência.

Duncan moveu a mão para as costas de Bay para conduzi-la até o lugar reservado para ela.

— Ela demorou um pouco a me convencer. Duncan riu e acenou para alguém sentado mais adiante.

— Ouvi dizer. Pois não deixe que ela mude seu jeito de ser. Sua força é parte do que mais admira.

— Acho que ela acabará me rotulando de teimosa.

— O desafio a mantém jovem. Quem conhece mamãe compreende que "estratégia" faz parte de seu nome.

Bay estava muito consciente do toque de Duncan bem como dos olhares em sua direção. Gostaria de acreditar que pouco tinham a ver com ela em si e que, conforme sua mãe, Duncan Ridgeway tinha um carisma que atraía os olhares.

Mas sem dúvida alguma as pessoas sussurravam algo a seu respeito e quando seu olhar encontrou-se com o de Holly Kirkland, Bay estacou.

— Você está bem? — Duncan indagou.

— Sim. Não estava, mas não deixaria que ele soubesse. A noiva de Glenn amadurecera, transformando-se da garotinha linda em uma moça muito atraente. Os brilhantes cabelos escuros estavam cortados com perfeição na altura do queixo e a maquiagem era discreta, já que as feições bonitas não requeriam muitos artifícios.

Seu terninho branco foi o que mais a impressionou, entretanto. Seria perfeito para um casamento discreto, o que a deixou imaginando se Holly escolhera-o para lembrá-la de que Bay não era a única que tinha sido roubada de algo.

Suspirou aliviada quando alcançaram a fileira frontal de assentos.

— Querida!—Madeleine exclamou pegando-a pela mão e conduzindo Bay para uma cadeira acolchoada à sua esquerda. — Estou tão feliz por você ter vindo. Ela não é encantadora, Duncan? Poderia ser sua irmãzinha.

— Está tão radiante quanto você hoje.

Madeleine riu e deu um tapinha no braço do filho com afeto. Poderia ser a mãe da noiva em seu terninho de seda azul-acinzentado.

Bay percebeu, com uma ponta de ironia, que os três formavam uma oportunidade perfeita para uma foto. E como se lendo seu pensamento, o cinegrafista virou em sua direção.

— Oh, não!

Apenas sussurrou o protesto, mas Madeleine ouviu e inclinou-se em sua direção.

— Erga o queixo e sorria, querida. Pense em outra coisa. No almoço, por

exemplo. O cozinheiro está preparando a lagosta mais divina deste mundo.

— Obrigada, mas acho que nem terei apetite depois disto.

Duncan murmurou:

— Se precisar sair às pressas, aquela porta a sua direita conduz ao vestíbulo. Não tente a saída de incêndio, pois você acionaria os alarmes e chamaria mais atenção do que deseja.

— Oh, querido, não a encoraje.

Duncan sorriu ante o protesto materno e piscou para Bay.

O coral se levantou e começou a cantar. Felizmente as câmeras foram focadas naquela direção e o coração de Bay se acalmou.

— Por que esta é a manhã mais abençoada de todas? — Martin Davis disse abrindo a cerimônia assim que o coral terminou a canção. — Eu disse a minha querida Odessa assim que entramos no carro que esta seria uma manhã inesquecível. Momentos depois, diante do primeiro farol de trânsito, preferi parar a passar no sinal amarelo e o rapaz ao volante do carro atrás de mim fez este gesto obsceno.

Repetiu o gesto e fez uma pausa para os risos da plateia antes de prosseguir:

— Isto apenas mostra que nem tudo pode ser perfeito. Que você pode obedecer as leis, seguir as regras e mesmo assim alguém estará pronto para acusá-lo de algo. Isto me lembra do que aconteceu com o apóstolo Pedro quando...

Durante os trinta minutos seguintes, Bay experimentou um misto estranho de emoções enquanto o pastor Davis discorria seu monólogo com a energia de um atleta e o brilhantismo de um intelectual.

Ruidoso, entretanto, muitas vezes se traía. Bay captou um brilho de especulação em seu olhar enquanto o homem analisava a plateia que trazia firmemente sob seu controle. Mesmo assim, achou-o mais tolerável do que muitos pastores que pregavam nos programas de televisão.

Se fosse uma pessoa ingênua e carente, necessitada de atenção familiar, certamente sucumbiria ao apelo de Davis:

— Confie em mim e Deus o abençoará.

Pura manipulação. Onde será que ele se imaginava em cinco anos? Aquele local era tão imenso. Parecia impossível que aquele homem se imaginasse levando uma vida modesta em uma cidadezinha do Texas.

— Eu a desafio a dizer que não ficou inspirada com este sermão — Madeleine murmurou enquanto se levantavam juntamente com os demais.

Bay contemplou o imenso auditório.

— As cores ao redor são suaves para contrabalançar com a paixão demonstrada pelo pastor, não é mesmo?

Duncan riu e segurou no braço da mãe.

— Muito boa, Bay. Como é agradável conhecer alguém que tem coragem de dizer o que pensa. Mamãe, eu a levarei até o carro e depois Bay me seguirá até a casa para eu lhe mostrar um caminho de volta que desvie do trânsito infernal da cidade.

Após um olhar breve porém indecifrável para o filho, Madeleine abraçou Bay.

— Acho que tem razão, não foi o melhor sermão dele. Agora teremos de ouvir o

pedido de desculpas de Odessa durante todo o almoço porque o pastor pode ter ofendido as senhoras idosas ao repetir aquele gesto.

— Veja só — Duncan sussurrou para Bay —, está dando certo.

— Pare com isto — murmurou Madeleine. — Farei com que Odessa sente a seu lado. E agora vamos cumprimentar Holly, pois acho que é por isto que ela ainda está sentada ali. Normalmente é a primeira a sair. Estará no almoço também — explicou a Bay. — Eu quero saber se ela está gostando de participar da equipe de produção da televisão. Eu detestaria encorajar Martin a tirá-la do escritório da igreja, mas outras senhoras confidenciaram que estão ocorrendo muitos erros. Lyle e Granger completarão a mesa.

— Granger?

— Patterson. É o editor da nova revista da cidade. É a resposta da cidade de Tyler às grandes revistas deste país — Duncan falou não mais sorrindo. — Mamãe, acha que isto será adequado? Bay ainda está se habituando à nova situação e você a jogará aos leões.

Madeleine pareceu ofendida.

— Como pode sugerir isto? Além do mais, estarei por perto para interceder caso ele a chame para uma entrevista. Francamente, Duncan, era a única data vaga que Patterson tinha em um mês e precisei trazê-lo para a igreja antes que os batistas o agarrassem. — Holly —, chamou — você está divina! Lembra-se de Bay, claro.

— Quem poderia se esquecer?

— Olá, Holly. Você está muito bem.

A mulher não sorriu nem retribuiu o cumprimento. Na verdade, manteve um olhar breve e firme e então a ignorou. Mas seus modos se tornaram bem mais calorosos quando seu olhar pousou em Duncan.

— Se tiver tempo, gostaria de conversar um pouco com você depois do almoço — disse a ele.

— Claro.

Holly assentiu e virou-se para a saída. Madeleine ficou a observá-la e suspirou.

— Espero não ter de conversar novamente com esta moça hoje. Aborrece-me notar que, a despeito de todas as provas que inocentaram Bay, ela ainda se comporte com tamanha frieza. Farei com que Lulu mude a disposição das pessoas à mesa assim que eu chegar à casa. Confio em você, Duncan, para garantir que Holly não beba demais. Mônica, Steve, como vão vocês? As crianças estão bem?

Era surpreendente como Madeleine mudava de assunto com rapidez. Como conseguia desfilar por entre tantas pessoas diferentes, lembrando-se de rostos e nomes?

Houve então uma enxurrada de "Mônicas" e "Steves", cada um cumprimentando Bay com um silêncio pesado e um sorriso artificial conforme Madeleine a apresentava. Até que Bay simplesmente tentou se afastar.

Quando finalmente alcançaram o carro, Duncan conduziu sua mãe até Elvin, que se encontrava dentro do veículo com o motor ligado para que o ar condicionado refrigerasse o interior do veículo.

Madeleine afagou o braço de Bay.

— Pensa que não percebi sua reação? Deve estar aborrecida, querida. As pessoas a fitando com aquela expressão de julgamento...

— Oh, Madeleine, eu não consigo lidar tão bem com o público quanto você. Quero apenas fazer meu trabalho e de vez em quando sair para ver em que ambientes me adapto melhor.

— Certo, então vejo que precisa de um guia.

Dito isso, acomodou-se no banco traseiro da limusine e partiu.

Bay somente percebeu que permanecia estática, tentando absorver a avalanche de emoções causadas pela personalidade forte de Madeleine, quando Duncan tocou-lhe o braço.

— Ela é muito gentil — disse aproximando-se de Bay enquanto caminhavam.

— É absolutamente necessário que eu compareça a este almoço? Esta não é minha idéia de uma manhã divertida e a última coisa que eu gostaria seria causar problemas entre Holly e sua mãe.

— Holly permanece conosco apenas por causa de mamãe. Eu tentei ajudar esta moça a dar prosseguimento à sua vida. A princípio imaginei que estivesse lutando, mas durante o último ano ou dois... bem, você viu como ela tem se comportado.

— Sua mãe mencionou que ela tem um problema com bebida...

— Não terei de lhe dar pistas. Se ficar perto dela tempo suficiente, descobrirá sozinha. Bay, há algo que você deve saber. Holly e eu saímos juntos algumas vezes.

A notícia não a surpreendia. O olhar sensual que Holly lançou para Duncan, o corpo sinuoso e atraente. Era uma beleza exótica.

— Isto não é da minha conta — murmurou sem ciúme algum.

— Poderia ser. Meu ego agradeceria.

— Não... não estou buscando um relacionamento, Duncan — respondeu.

— E como homem de confiança de mamãe, tenho os negócios da família, bem como relações públicas da igreja para supervisionar, o que me tira da cidade por mais tempo do que eu gostaria. Mas você me intriga, Bay. Tudo que mamãe me contou a seu respeito e os desafios que experimentou durante a infância. Sinto-me como se você fosse uma velha amiga da família que voltou para casa. De qualquer maneira, eu não queria que ouvisse boatos sem saber da verdade. Decidi não levar adiante o relacionamento com Holly porque ela é alcoólatra. Minha família e a postura de nossa igreja não permitiriam tal conduta. Estou sendo muito frio, não é mesmo?

— Não. E aproveito para comparar esta situação com a minha. Preocupa-me que minha ficha criminal me impeça de conseguir bons clientes e eu não consiga ter um negócio lucrativo.

— Que ficha?

O tom de voz surpreendeu-a. Talvez depois de algum tempo ela conseguisse acreditar que seu passado não existira, ao menos não no papel. Mas demoraria muito tempo até se convencer de que alguém tão suave e bem-sucedido quanto Duncan Ridgeway consideraria-a uma substituta à altura de Holly.

Ele podia ter a moça que quisesse. Só podia ser maluca por desencorajá-lo. Afinal, os Ridgeway já estavam facilitando sua vida, caso se envolvesse com Duncan,

tudo ficaria ainda melhor.

— Por que o franzir de testa? Jamais dividiria seus pensamentos.

— Eu pensava em Holly. Obrigada por sua confiança. Sempre gostei dela e farei o possível para não complicar a situação para sua família.

— Um pensamento tão doce — ele murmurou. — Pois eu acho que nossos sentimentos poderão fugir de nosso controle.

As palavras perseguiram Bay durante o trajeto até a propriedade dos Ridgeway.

CAPÍTULO VII

Foi a última oportunidade de Bay e Duncan conversarem sozinhos.

Assim que chegaram à casa, Madeleine passou a apresentar Bay a cada hóspede. E apesar das críticas anteriormente feitas por Madeleine, gostou muito de Odessa Davis. Pequenina, eternamente sorridente e rechonchuda como o marido, exibia afeto genuíno pelo companheiro mesmo quando gentilmente criticou os palavrões ditos durante o sermão, conforme Madeleine previra.

Holly chegou pouco depois dos Davis, apesar de ter deixado a igreja antes. Não participou de conversa alguma, limitando-se a responder perguntas diretas, o que poucas pessoas pareceram ansiosas por fazer.

Lyle Gessler surgiu do nada e plantou-se atrás de Madeleine como um anjo da guarda. Bay flagrou-o a fitá-la diversas vezes embora a expressão do advogado permanecesse impassível. A aura de desdém dava-lhe arrepios.

Granger Patterson foi o último a chegar e não elaborou qualquer desculpa ou explicação por ter atrasado o almoço. Era muito alto, ainda mais do que Duncan, os cabelos dourados pelo sol já com algumas mechas grisalhas. Bay considerava-o na casa dos sessenta anos, embora suas mãos e pescoço sugerissem uma década adiante. Cirurgia plástica?

Pelo que lera nos noticiários, grande número de homens optava por submeter-se a cirurgias por questões profissionais. Bay não gostou de Patterson à primeira vista, mas não por esse motivo. Assim que foram apresentados, o homem simplesmente fora de uma indelicadeza ímpar.

— Srta. Butler — dissera apertando-lhe a mão com firmeza e brevidade. — A conversa do momento em Tyler.

— Não sabia que eu estava sendo entrevistada.

— Gostaria de ser?

— Decididamente não.

— Está bem, poderemos falar sobre preço.

— Eu não estou negociando.

Um franzir de testa sinalizou o cinismo de Patterson,

— Não sou dado a meias palavras. Eu me importo muito com esta história.

— Bem, então saiba que meu principal compromisso é o de me preservar. E caso permaneça com sua intenção de me insultar, terminaremos com a conversa neste

momento.

A gargalhada fora constrangedora.

— Pedirei que minha secretária marque uma reunião.

— Não sobre a minha história.

— Poderá ser lucrativo para você. Madeleine me contou que é uma artista, uma artesã.

— Então vamos marcar alguma coisa para setembro.

— Você já será notícia velha, então.

— Sorte minha.

Patterson não aceitava um "não" como resposta. Ao almoço sentou-se entre Madeleine e Bay. A anfitriã procurou mantê-lo entretido, mas ele permanecia firme na intenção de incluir Bay na conversa. Tal atitude não apenas deixava a dona da casa visivelmente aborrecida como impedia Bay de conversar com Lyle Gessler.

Os olhares hostis de Holly, que estava na outra extremidade da mesa ao lado de Duncan, também em nada ajudavam a amenizar o clima tenso.

A combinação de comida sofisticada com estresse fez Bay desculpar-se e deixar a mesa antes da sobremesa. Foi ao banheiro em busca de um analgésico para aliviar a dor de cabeça. Anfitriã perfeita, Madeleine tinha vários medicamentos em potes de cristal no banheiro de hóspedes. Tomou dois comprimidos, colocou a toalha úmida na testa e depois de alguns minutos retornou à sala de jantar.

No meio do caminho, entretanto, avistou Holly ao bar.

— Poderíamos conversar um pouco? — Bay indagou enquanto a jovem servia-se de uma dose de vodka disposta em um recipiente de cristal.

— Não precisa vir com seu discurso sobre "finalmente estou livre". Sou diferente do sr. Patterson. Não finjo o que não sinto.

— Mas eu realmente gostaria...

— Que fôssemos amigas? Curioso, considerando-se que nunca fomos quando Glenn estava vivo.

— Pois eu quis. Então por que não? Ambas gostávamos muito dele.

O olhar da moça fulminou-a.

— Eu o amava. Você o afastou para sempre.

— Nós éramos amigos, Holly. Eu nunca quis ser nada mais do que isto. Ele finalmente compreendeu e eu estava muito feliz com a união de vocês pois percebi que Glenn realmente estava apaixonado.

— Srta. Butler, Holly — Lyle Gessler disse ao batente. — Estão quase perdendo a sobremesa. A sra. Ridgeway gostaria que retornassem à mesa.

Holly rejeitou o braço que Lyle lhe ofereceu e voltou de imediato para a sala de jantar. Bay ficou satisfeita com a oportunidade de conversar com ele.

— Sr. Gessler, um momento, por favor. Eu gostaria que me deixasse ver meu processo — complementou no instante em que o advogado estacava.

— É impossível.

— Por quê?

— Porque não estou com seu processo.

— E quem está?

Ele fez um gesto na direção da sala de jantar.

— Não ficou com uma cópia?

— Não havia razão para ficar. Eu era apenas um intermediário. Minha área é direito corporativo.

— Obrigada — Bay respondeu. — Conversarei com a sra. Ridgeway, então.

Gostaria de partir imediatamente, mas seria por demais indelicado. Por isso obrigou-se a saborear a sobremesa de creme de chocolate branco e suportou a tediosa espera até que os outros convidados partissem.

Finalmente, quando Martin Davis e Odessa se foram, deixou que Madeleine a conduzisse até a porta e recebeu mais uma negativa ao indagar sobre o paradeiro de seu processo.

— Acabou, querida. Por que gostaria de se lembrar de algo tão desagradável? Certamente não a ajudará a reconstruir sua vida.

— Eu ainda estou tentando me situar. O sr. Gessler já me contou os fatos, mas de maneira abreviada. E é sobre a minha vida que estamos falando. Antes eu não tinha perspectiva alguma de futuro e momentos depois as possibilidades tornaram-se ilimitadas. Ainda estou tentando absorver o que ocorreu.

— Eu concordo. Deixe que ela veja o processo — Duncan falou.

Madeleine fitou-o como se o filho a tivesse encorajado a pôr fogo na casa. Mas em segundos se recuperou.

— Acontece que eu conheço o lado sensível e artístico de Bay e acho que se eu a expuser a mais eventos desagradáveis, estarei prejudicando sua criatividade.

— Isto é um absurdo, mamãe. Olhe só para ela. Bay é tão amadurecida quanto você. Ficará bem.

— Bem, vejo que fui vencida. Então por favor pegue o processo para mim, querido. Está no escritório, eu acho.

Duncan acariciou levemente o braço de Bay e saiu. Madeleine sorriu tristemente.

— Prometa-me de que não passará o restante da noite lendo aquela coisa.

— Não passarei — murmurou, com uma pontada de culpa. — E... eu sinto muito a respeito de Holly.

Madeleine suspirou.

— Holly lembra-me um pássaro determinado a voar na direção de uma janela, convencido de que o que enxerga é o céu. Nós já pagamos uma terapia para ela, tomamos uma série de medidas, mas... Bem, já não sei mais o que fazer e estou perdendo a paciência.

— Se ela encontrasse um novo amor, talvez ficasse melhor.

— E qual a probabilidade de isto acontecer?

Para seu alívio, Duncan retornou naquele momento.

— Obrigada — murmurou, torcendo para não notarem o tremor em suas mãos.

O processo parecia bem mais fino do que o levado por Lyle Gessler quando da conversa em Gatesville.

— O que planeja fazer mais para o final da semana? — ele indagou.

— Eu... bem, estarei trabalhando, acho. Sua mãe aguarda a entrega de um portão.

— Não pode trabalhar vinte e quatro horas por dia. E precisa comer. Estarei fora da cidade até a quarta-feira. O que acha de eu lhe telefonar na quinta para jantarmos juntos? Você não arrumou nenhum compromisso para ela, não é mamãe?

— Claro que não — Madeleine respondeu, abraçando Bay. — Continuem conversando. Tenho de dar alguns telefonemas. Obrigada pela companhia, querida.

Bay observou-a entrar no escritório e franziu a testa para Duncan.

— Ela não aprovou sua atitude.

— Está aborrecida por eu tê-la forçado a lhe entregar o processo.

— E falando em estar aborrecida... não precisa se preocupar em me entreter quando sua mãe não arrumar compromissos para mim. De forma alguma.

— Puxa, foi assim que você interpretou meu convite? Os olhos de Duncan tinham um brilho maroto. Tocou-a no braço.

Uma parte de Bay, o fantasma de uma garota de colégio, não queria travar aquela conversa. Mas a mulher que fora injustiçada sentia o corpo se aquecer com uma secreta sensação de triunfo e curiosidade feminina.

— Está me olhando de uma maneira tão estranha — Duncan murmurou, tocando-lhe a ponta do nariz. — Você fez meu dia valer a pena por causa deste olhar. É maravilhoso ser presenteado com algo especial assim após uma reunião tão enfadonha.

— Acho que você se decepcionará comigo.

— Eu acho que não.

CAPÍTULO VIII

O telefone tocava quando Bay chegou à casa. Abriu a porta apressadamente, sem se importar em tirar a chave da fechadura ao entrar.

— Alô?

Colocou a bolsa e o processo sobre o balcão da cozinha.

— Alô?

Novamente ouviu sons ao fundo, a garantir que alguém a escutava.

— Hoje não, obrigada — murmurou e desligou.

Aquilo já era demais! Tivera de aturar pessoas desagradáveis durante toda a manhã e alguém inconveniente tentava aborrecê-la em sua própria casa!

— Parece que o ar condicionado está quebrado — murmurou levando suas coisas para o corredor.

E logo descobriu o motivo. A temperatura estava programada para o grau mais frio. Como fizera aquilo?

Rapidamente ajustou-o para uma temperatura confortável. Devia ter esbarrado no botão na pressa em sair. Difícil seria administrar o rombo financeiro que o descuido lhe causaria.

Então foi para seu quarto... e estacou ao batente.

A janela próxima ao banheiro estava aberta! O ar quente entrava pelo quarto, contrastando com o ar gelado do corredor.

Tinha certeza de que fechara a janela.

Seu coração disparou enquanto ela retornava para a cozinha em busca de alguma arma. Segurou a lanterna com a mão esquerda e uma faca com a direita. Imaginara que ao partir de Gatesville deixara para trás a violência. Mas devia ter antecipado que seria bom demais para ser verdade.

Verificou cada ambiente, inclusive o interior dos armários de cozinha e do corredor. Buscou também por outros sinais de que alguém tivesse passado por ali. Finalmente chegou ao banheiro e concluiu que era a única pessoa presente na casa.

Então fechou a janela, testou o trinco e começou a verificar o interior das gavetas, a imaginação em ritmo acelerado.

Tudo o mais parecia intocado. De certa maneira isso a aborrecia mais do que se tudo estivesse revirado. O que faria em seguida, chamaria a polícia? Parecia uma piada.

"Olá, quem fala é Bay Butler, condenada por assassinato. Você poderia enviar alguém aqui para minha casa para colher impressões digitais? Acabei de chegar e a janela de meu quarto estava aberta e o ar condicionado desregulado."

Não, além do fato de não ter ocorrido nenhum crime, algum repórter poderia saber da chamada e apressar-se juntamente com os policiais até sua casa. Ela então seria a piada do dia nas televisões e rádios matinais.

E se chamasse alguma outra pessoa para ajudá-la?

Certamente nada poderia fazer também, a menos que Bay tivesse uma filmadora operando durante sua ausência para agarrar o intruso no ato.

Se Madeleine soubesse do ocorrido insistiria para que ela se mudasse para sua casa ou determinaria que Elvin fosse seu guarda-costas em tempo integral. As duas idéias eram inaceitáveis.

A filmadora seria de grande valia, mas era um luxo pelo qual simplesmente não podia pagar.

— Droga!

Conquistara o direito de morar sozinha, de manter sua privacidade. Então tinha de ser racional e concluir qual fora a razão de tudo aquilo.

Intimidá-la.

Jack Burke? A conversa que tiveram fora terrível e se ele não conseguisse trancafiá-la na cadeia novamente, provavelmente gostaria de vê-la fora de Tyler.

Assim como Holly. E quanto à moça, estivera na igreja com o restante do pessoal.

Não, a pessoa que telefonara minutos atrás fora o intruso, desejoso por saber se Bay já chegara.

Provavelmente não era Burke, porque ele não soubera onde encontrá-la naquele primeiro dia. Diversas outras pessoas sim, mas todos em que podia pensar tinham o álibi de estar na igreja. Teria se esquecido de fechar a janela, afinal?

Colocou uma camisola larga e concluiu que o melhor a fazer seria analisar o processo em busca de pistas.

Minutos mais tarde estava acomodada no sofá lendo os papéis espalhados pela mesinha. Algo estava muito errado. Muitas coisas faltavam. Infelizmente, não conseguia concluir o que era. Não era advogada. Sabia apenas que o processo não era tão volumoso quanto o que Gessler levava no dia que conversaram na prisão.

Imaginava que deveria haver o relato do testemunho de "Catfish" Tarpley, algo sobre Basque e Nick Martel. Não deveria haver também uma identificação, digital do polegar ou algo assim?

Seria aquilo apenas um resumo que Gessler preparara para Madeleine? Mas o tribunal dera o veredicto e não havia quaisquer papéis a respeito. Teria o advogado tirado este material do processo antes de entregar o arquivo para Madeleine? Por quê? Uma mulher como ela gostaria de ver todos os dados, já que financiara e se empenhara em libertar Bay.

Os motivos de apenas informações parciais estarem disponíveis deixaram-na tensa. Se Madeleine ou alguém retirara documentos, era porque sabia que Bay pediria o processo.

Mas Madeleine parecera tão surpresa e depois infeliz em ceder o relatório. E quanto a Duncan, fora tão ágil em pegar o processo e apoiara-a na tentativa de obtê-lo.

Sua mente desconfiada tinha pensamentos cíclicos.

A maneira mais prática de obter respostas seria perguntando. Aproximou-se do telefone da cozinha mas se conteve. Não poderia telefonar. Madeleine encararia o comentário como uma acusação. Duncan provavelmente também.

Então só havia uma saída: Bay teria de se preparar para deixar aquela casa.

"Oh, Deus", pensou agoniada. Caso saísse daquele local, perderia também seu trabalho e os contatos com outros membros da igreja. Seria forçada a ir para Dallas ou Houston onde havia grandes estabelecimentos que realizavam trabalhos como o seu. E seria ainda mais difícil conseguir respostas a respeito de Tarpley, Basque e Martel se estivesse longe dali.

Retornou à sala de jantar e contemplou os papéis com desgosto. Precisava descansar um pouco. E necessitava de alguém que a orientasse na direção correta mesmo que não possuísse respostas. Talvez Nick Martel pudesse ajudá-la, pois era detetive.

Os comentários não muito elogiosos de Jack Burke a respeito do colega policial lhe ocorreram, mas afastou-os.

— Eu não quero namorar o homem — murmurou. — Apenas conversar com ele.

E se fosse simpático, talvez pudesse lhe pedir conselhos a respeito de como se proteger do intruso.

CAPÍTULO IX

Segunda-feira, 4 de junho de 2001

Bay teve um dia bastante rentável, graças a um novo cliente. Mesmo assim,

estava ansiosa por trancar a loja e ir para a cidade.

Logo depois das quatro, colocou o dinheiro no bolso e caminhou a passos largos para a casa. Mais uns poucos clientes como o que acabara de partir e teria o suficiente para comprar a filmadora.

O conserto de veículos não a desafiava como artista. Entretanto apreciava testar sua habilidade em questões práticas e se dedicar a novos desafios.

Normalmente conhecia mais sobre os metais que poderiam ou não ser usados do que a pessoa que lhe pedia ajuda. Fora esse o caso do rapaz daquela caminhonete repleta de peças adquiridas fora do padrão e que se quebrara no meio da noite. Ela lhe mostrou como um conserto sem muito critério o deixaria vulnerável e o convenceu a uma solução mais definitiva. O rapaz aceitou e nem questionou o preço.

Satisfeita com o trabalho bem-feito, preparou-se para a segunda etapa do dia. Tomou uma ducha rápida e vestiu camiseta branca e calça jeans. Em seguida, colocou um lápis entre as pequenas persianas da porta e com cuidado trancou-a.

Conseguiria apanhar o invasor na armadilha? Se, ao chegar à casa, ela fosse igualmente cuidadosa em destrancar a porta, deveria achar o lápis exatamente onde o deixara. Ou saberia que de fato corria perigo.

Passou por três postos de gasolina e lojas de conveniência antes de parar para um telefonema.

— Olá — murmurou quando atenderam. — Eu gostaria de conversar com detetive Nick Martin, por favor.

Houve uma pausa.

— Lamento — a mulher murmurou vagarosamente. — Eu... eu não estou encontrando esta pessoa na listagem que recebi. Mas sou nova, por isto passarei para outra pessoa.

O telefone tocou vezes seguidas. Finalmente um homem atendeu.

— Nick Martel, por favor — voltou a pedir.

Mais uma vez a pessoa fez uma pausa, sugerindo que não seria fácil encontrar aquele homem.

— Quem está falando?

— Oh, não! Não vá me dizer que ele já foi embora?! Esperava que sua voz de garotinha contrariada funcionasse.

— Quem está falando?

Bay desligou. Talvez devesse ter inventado um nome falso, mas algo no tom de voz advertiu-a a não fazer isso.

Qual o próximo passo, então? Certamente o nome de Nick Martel não estava na lista telefônica e não poderia presumir que a loja Martel's Artesanatos e Soldas tinha qualquer relação com Nick.

Decepcionada, decidiu dirigir até a cidade em busca de alguma inspiração. Se tomasse a rua seguinte à esquerda, passaria em frente a sua antiga loja. Madeleine comentara que fora demolida e em seu lugar havia um estacionamento de carros usados. Melhor assim, considerou.

Glenn teria aprovado, pois adorava carros antigos e não gostava dos modelos

novos que eram cada vez mais caros e com alto custo de reposição de peças. Andou mais um quarteirão, olhando com cuidado para cada loja, tentando refrescar a memória e notar as mudanças ocorridas em outras partes da cidade.

Ao passar diante de um restaurante, viu alguns policiais saírem de seus veículos particulares rumo ao que, imaginava, fosse um jantar antecipado.

Ou queriam tomar algumas cervejas, emendou, lembrando-se de que as igrejas haviam conseguido afastar os bares da região central da cidade e restaurantes poderiam vender bebidas com certas limitações.

Ocupou uma vaga no estacionamento do restaurante. Talvez houvesse a oportunidade de perguntar aos policiais se conheciam Martel.

Assim que seus olhos se adaptaram à parca luminosidade do interior do estabelecimento, conseguiu contar cinco policiais. Aliviada por não reconhecer quaisquer deles, fez seu pedido e se aproximou dos homens fardados.

Precisou de algumas tentativas para fazer-se ouvir por sobre o rock dos anos 50. Finalmente dois dos homens se viraram em sua direção, o terceiro contemplando-a com curiosidade.

— Por que não vai até a delegacia e pergunta? — ele sugeriu.

— Bem, não quis parecer intrometida.

Bay ficou irritada, mas agradeceu e se aproximou de outra mesa onde um homem e uma mulher fardados haviam se acomodado. Também não puderam ajudá-la. Entretanto, quando Bay estava prestes a partir, a mulher chamou-a de volta.

— Você me parece familiar. Já nos conhecemos?

— Isto acontece comigo o tempo todo — Bay respondeu e afastou-se rapidamente.

Durante os minutos em que ficou aguardando a chegada do pedido, procurou acalmar seu coração em disparada. Já estava prestes a ir embora quando a atendente empurrou uma caixa branca em sua direção.

Bay pegou-a e optou pelo caminho mais longo para sair dali... Foi quando se viu face a face com Jack Burke.

Ele contemplou o pote de comida e fitou-a.

— O que faz aqui? Passou por diversos restaurantes até chegar a este lugar. Sei que não estava procurando por mim, então por quem procurava?

— Isto é problema meu.

— Chegou a perguntar por Martel aqui?

— E se perguntei?

— Teve alguma sorte? Ela olhou para o nada.

— Não.

— Porque ele foi embora.

— O quê?

— Acabei de descobrir. Ele deixou Tyler. Largou o Texas e se mudou com a família para Portland.

Bay apertou com força a caixa de comida.

— Não compreendo.

— Nem eu. Alguém por aqui a reconheceu?

— Quase.

— Então dê o fora. Vou pegar alguma coisa para comer e a encontrarei em sua casa.

— Não. Eu já lhe pedi para ficar longe de mim. Mas antes que conseguisse se afastar Jack segurou-a pelo braço.

— Martel foi embora, então você precisa de mim mais do que nunca.

Fitá-lo foi um engano. A proximidade física permitia tanta... intimidade. Em segundos teve plena consciência da força máscula, do castanho profundo daqueles olhos.

Nada espetacular que não tivesse visto ou experimentado antes. Mesmo assim, seu corpo respondia como se estivesse respirando ar fresco após muitos anos de reclusão.

Quando o olhar de Jack pousou em sua boca, Bay se soltou em um sobressalto e escapou correndo para a caminhonete. Pelo canto dos olhos, percebeu que Jack Burke continuava dentro do restaurante como se nada tivesse acontecido.

Se Jack aparecesse em sua casa, não o deixaria entrar. Fecharia bem as persianas e fingiria que não o vira.

Ainda pior do que ficar embaraçada era perceber que se enganara. Pois não era uma causa perdida. E podia se sentir tentada.

A raiva alternava-se com o sentimento de culpa quando ela estacionou diante de casa e avistou o carro de Madeleine... e Elvin prestes a colocar a chave na fechadura. Seu coração disparou por um motivo bem diferente.

Buzinou, impedindo-o de abrir a porta.

— Onde você esteve? — Elvin lhe indagou.

Bay não gostou do tom de voz nem do livre acesso que Elvin tinha à sua residência.

— A sra. Ridgeway telefonou diversas vezes.

— Saí para dar uma volta e comprar o jantar.

— A geladeira já está vazia?

O que era aquilo? Um interrogatório da prisão? Bay sustentou-lhe o olhar.

— O que faz com a chave da casa?

— A sra. Ridgeway achou que deveríamos ficar com uma cópia para o caso de uma emergência.

Madeleine deveria ter lhe dito. Bay não gostou nada daquilo e, inevitavelmente, pensou na janela e no termostato.

Será que Elvin achava que ela não merecia a generosidade de sua patroa?

Não, Bay lembrou-se. Elvin estivera na igreja e não era tolo. Precisaria apenas mencionar o ocorrido a Madeleine e ele estaria demitido. Mesmo assim, era preciso aclarar a situação. Bay estendeu a mão.

— Eu poderia ficar com a chave, por favor?

— Não sem a concordância de sra. Ridgeway.

— Ela deixou a propriedade aos meus cuidados. Sabia disto?

Elvin deu de ombros.

— Não é da minha conta. Sei apenas que ela queria que eu ficasse com uma cópia da chave e me mandou ver se você estava bem.

— Então vamos telefonar para ela, certo?

— Vá em frente.

Bay não aprovava aquela reação. Ele provavelmente a seguiria e, além do fato de não querer ficar sozinha em casa com um estranho que poderia fazer coisas que Madeleine desconhecia, havia aquele lápis. Não gostaria de expor seu truque nem sua preocupação.

Esperou que sua pose confiante o afastasse e fez um gesto na direção do telefone celular que estava no bolso da camisa de Elvin.

— Use seu celular.

Ele se afastou, impaciente.

— Nem me importo mais. Cuidarei de outras tarefas. Você está bem e sra. Ridgeway precisa que eu retorne à casa para levá-la a um evento esta noite. O restante é problema seu com ela.

— Elvin, não vá embora com a chave.

— Se for isto que ela quiser, você a terá — respondeu a caminho do carro. — No nosso próximo encontro.

"Depois que ele tiver a oportunidade de tirar uma cópia da chave?", pensou Bay.

— Não! Agora!

Ele estacou abruptamente, olhou para trás e Bay sentiu uma pontada de dúvida. Provocara-o, notava o modo como estava tenso e se culpou. Não deveria tê-lo desafiado.

Segurou as próprias chaves na mão, ajustando-as na necessidade de defesa pessoal. Naquele instante uma caminhonete branca parou diante de sua casa.

Talvez uma resposta a suas preces.

Ou mais problemas. Como ele conseguira chegar tão rapidamente?

Jack desceu da caminhonete.

— Está tudo bem? — indagou, aproximando-se.

— Tudo bem, detetive.

Elvin novamente fez menção de sair e Bay compreendeu: como um coiote acuado, usava a chegada de Jack para evitar mais conversas a respeito da chave.

Não conseguiria passar outra noite ali sabendo que Elvin ou outra pessoa qualquer tinha livre acesso à casa.

— Elvin — insistiu. — A chave, por favor.

— Oh, está bem. Deu a chave a Bay.

— Mas telefone para ela, ouviu?

— Telefonarei.

— Sem ressentimentos. Eu estava apenas fazendo meu trabalho.

Era nisso que Bay gostaria de acreditar. Entretanto, ao observá-lo se afastando, não ficou convencida. Virou-se e encontrou o olhar sério de Jack Burke.

— Onde está sua comida?

— Mudei de idéia.

— Porque não tinha intenção de jantar aqui. Estava me espionando.
— O que aconteceu com a chave?
— Foi um mal-entendido.
— Ele disfarçou bem, mas eu sei que não queria lhe dar a chave. Também sei que é o motorista de Madeleine Ridgeway, Bay.
— Que coincidência. Por sua reação eu diria que já se conhecem. Isto quer dizer que, se eu não telefonar rapidamente para Madeleine, quanto tempo acha que vai demorar até que ela ligue perguntando por que você estava aqui?
— E o que você lhe dirá?
— Que eu não consigo decidir quem me incomoda mais: você ou meu bom amigo Elvin.

Mais uma vez Jack sustentou seu olhar.

— Confesse, Bonnie B. Ficou aliviada em me ver.
— Ficarei igualmente aliviada com sua partida.

Bay suspirou e voltou à caminhonete para buscar o jantar. Detestava ser chamada pelo primeiro nome, resultado de uma fotonovela do filme *...E o Vento Levou*, comprada por sua mãe durante a gravidez.

Ao retornar, encontrou-o diante da porta frontal.

— O que pensa que está fazendo?
— Posso esperar até que você telefone.
— Pode partir, também.
— Ainda não conversamos sobre Nick Martel.
— Falou que ele foi embora. Não há nada mais para conversarmos.
— Acha que seus amigos Ridgeway sabem disto?
— Não faço idéia.
— Então eles não sugeriram que você se aproximasse de Martel?
— Dificilmente o fariam. Madeleine nem mesmo quis que eu tivesse...
Como parou a frase na metade, Jack falou:
— Continue!

Bay não queria mencionar os documentos que faltavam em seu processo. Não queria falar de algo que poderia ser um simples mal-entendido. Não até descobrir a verdade.

— Nick Martel investiu nove anos de sua carreira em Tyler — Jack falou. — Não se deixa isto para trás com facilidade, as crianças matriculadas na escola...

— Estamos nas férias de verão.

— Mas eles têm amigos, atividades... sua esposa trabalhava. E eram proprietários de uma casa.

— Onde?

— Esqueça!

— Tenho o direito de saber. E o nome dele não está na lista telefônica.

— Se estivesse, você teria ido até sua casa e se apresentado? — ele a desafiou.

— E qual teria sido o problema? O homem me ajudou. Ao menos eu deveria lhe agradecer.

— Talvez ele não queira seu agradecimento. Nem deseje vê-la diante de sua porta falando coisas que não gostaria que sua família soubesse. Você já passou por maus bocados, querida, mas ainda é muito inocente.

— Como ousa?

Jack fechou os olhos. E ela sentiu um misto de simpatia e vergonha.

— Vá para casa, Burke. Fiquei aborrecida e quase o destratei, o que não faz parte de minha índole. E leve isto também — falou, estendendo-lhe o jantar.

— O que a faz pensar que eu tenha mais apetite do que você?

— Coma. Olhe, sei que você é o único que está me dando ouvidos e me levando a sério, embora não concordemos em alguns pontos. Então, se eu conseguir superar a vontade de bater em você, conversaremos dentro de alguns dias.

Jack meteu a mão no bolso da calça e tirou um cartão.

— O telefone da minha casa está no verso. Eu tinha pensado em passar por aqui e deixar o cartão sob a porta.

— Está bem — murmurou e, sem esperar por mais comentários, apressou-se para dentro de casa.

Destravou a porta e nem se importou com o lápis que voou para o chão. Bateu-a atrás de si. Trancou-a. Seu coração disparava enquanto contemplava o cartão sem conseguir ler nada e sua mão tremia muito.

— Meu Deus! — murmurou.

O que acabara de fazer? Elogiara o homem e quase lhe fizera uma promessa.

Qual seria o passo seguinte? Dormir com o inimigo?

CAPÍTULO X

Terça-feira, 5 de junho de 2001

O trabalho novamente devolvia a Bay a sensação de estabilidade. A noite, porém, fora agitada, comparável à primeira que passara na nova casa.

E a sensação de que Madeleine a evitava era também muito perturbadora.

No dia anterior, após certificar-se da partida de Jack, discara o número de Madeleine mas fora atendida pela secretária eletrônica. Imaginou que estivesse no banho, então aguardou e tentou novamente minutos mais tarde, sem grande sorte. Nas duas ocasiões deixou recado, mas não recebeu ligação de volta. Desconfiava de que Elvin conversara com ela anteriormente para contar sua versão do ocorrido. Por que Madeleine não queria ouvir sua parte na história?

Durante o restante da manhã Bay trabalhou com determinação no projeto Donzela de Ferro.

Alguns minutos antes do meio-dia conseguiu terminar. Resolveu fazer uma pausa, trancou a loja e voltou para casa. E em um impulso discou novamente para Madeleine, que desta vez atendeu.

— Querida, estava justamente pensando em você — a mulher falou.

Algo em seu tom de voz causava certa estranheza.

— Obrigada. Mas eu telefonei ontem.

— Duas vezes. Ouvi os recados esta manhã. Desculpe, querida, mas recebi alguns convidados ontem e eles ficaram até tarde. Depois tive de me apressar para um evento de caridade. E esta manhã também foi bem agitada. Mas não importa, tudo por uma boa causa. E como você está? Estou muito aliviada por Elvin ter lhe encontrado sã e salva.

Era a oportunidade por que Bay aguardava.

— Eu não estava perdida, Madeleine. Assim como Elvin, tinha algumas coisas para fazer. Não se esqueça de que eu estou administrando a loja sozinha no momento.

— Preciso lhe comprar um telefone celular.

— Não ouse. Já fez demais.

— E apreciei cada minuto. Mas eu sinto algo em seu tom de voz... Você ficou aborrecida com a aparição de Elvin ontem.

— Talvez ele pudesse ter sido menos autoritário.

— Oh, ele leva sua posição a sério demais. É sua forma de mostrar gratidão, acho. E também passou por maus bocados antes de trabalhar conosco. Lamento se pareceu zeloso demais. Mas não é o único motivo a aborrecê-la, certo?

— Eu gostaria que você tivesse me contado que havia uma cópia extra da chave de casa.

— Sim, eu devia... mas você reagiria da mesma forma como está agindo agora.

— Você não reagiria se estivesse em meu lugar?

— Eu ficaria muito aborrecida — Madeleine respondeu rindo. — Perdoe-me por pensar como uma amiga preocupada demais.

Bay sentiu-se uma completa ingrata.

— Lamento por minha reação, Madeleine. Claro, sua generosidade e gentileza me deixam um pouco confusa.

— Você apenas não aprendeu ainda a deixar que alguém se importe com você.

— É verdade.

— Gosto muito de nossas conversas. Você é tão honesta! Que contraste com as pessoas com quem converso todos os dias! Todas aquelas reuniões e eventos sociais onde se passa tempo demais inflando o ego das pessoas e muito pouco falando de assuntos realmente importantes.

— Aposto que você inspira as pessoas a seu redor a trabalhar cada vez mais, fazendo o melhor possível.

— Oh, você é ótima para meu ego. Falando nisto... o que há de errado com aquele detetive? Elvin me falou que ele apareceu. E eu fiquei bastante zangada com Elvin por tê-la deixado sozinha com um estranho.

— Estava tudo bem. Detetive Burke partiu logo depois de Elvin.

— Ótimo. Mas o que ele queria? Não consigo imaginá-lo fazendo uma visita social e inocente.

— Mas foi algo assim.

Bay não queria ser tão evasiva, mas também não gostaria de mentir.

— Ele não parecia bem. Você chegou a vê-lo no decorrer destes últimos anos?

— Uma ou duas vezes. E brevemente. Como pode imaginar, ele não faz parte de meu grupo favorito de amigos.

— Eu costumava passar uma boa parte de meus dias desejando que ele passasse pelo mesmo que eu estava passando. Foi um choque voltar e constatar que aparentemente foi isto o que aconteceu.

— Não ouse gastar seu tempo tendo pena daquele homem. Há um preço a ser pago por pessoas que executam este tipo de trabalho e, no caso dele, um débito também.

— Oh, não vamos mais falar sobre ele. Tenho novidades muito boas para você. Um dos membros de nossa congregação me ligou para perguntar a seu respeito. Acho que me saí muito bem convencendo-o de que você é a pessoa certa para o que ele precisa. Sua esposa adora jardinagem e tem necessidades específicas para deixar o jardim ainda mais bonito. Certamente com seu talento, Bay, você...

— É bom ter mais um cliente.

— Achei mesmo que gostaria. Mas não cobre barato demais. Acredite-me, Bruce pode pagar um preço justo. Além disto, ao manter Célia longe da cozinha você lhe estará prestando um grande favor. E não ouse dizer a Martin que eu não fui caridosa com um de nossos membros — Madeleine acrescentou rindo. — Ela é maravilhosa, de verdade. E fornece uma parte das flores que enfeitam a igreja. Agora diga, quando voltarei a vê-la? Você virá jantar conosco no domingo após a cerimônia religiosa, mas está tão longe. Além disto, gostaria de conversar sobre o que poderemos fazer assim que meu portão novo estiver pronto.

Madeleine finalmente teve de encerrar a ligação porque o convidado para o almoço chegara. Ao desligar, a cabeça de Bay parecia girar, como sempre acontecia após uma longa conversa com ela. Sentia-se melhor a respeito do relacionamento, mas considerava que a mulher estava sendo generosa demais com Elvin.

Sua decepção, além do fato de ter de passar outra manhã de domingo sentindo-se sob a mira de um microscópio, devia-se ao fato de não ter encontrado nenhum assunto que lhe permitisse perguntar sobre seu processo.

Melhor assim, decidiu enquanto tomava banho. Em seguida inspecionou a geladeira. Aquilo não era mais problema de Madeleine. Devia haver alguma maneira de descobrir o que precisava sem envolvê-la.

Bay encontrou o tão importante primeiro passo após o almoço. Bruce, amigo de Madeleine, não aparecera, mas um piloto de corridas surgiu com o carro precisando de reparos.

— Você trabalhou para meu pai, Doug Crow, quando possuía aquela outra loja — o jovem disse. — Lembro-me de que ele falou que você era competente e cobrava preço justo.

— Crow... claro. Lembro-me bem. Obrigada por ter vindo. Há apenas um probleminha...

Explicou-lhe que ainda não possuía equipamento necessário para efetuar aquele trabalho, por isso teria de alugá-lo em uma loja. Isso significaria uma taxa adicional. Além desse fato, o material necessário para o trabalho envolveria uma alta soma em

dinheiro, razão pela qual Bay solicitaria pagamento parcial adiantado.

O jovem Crow pegou a carteira.

— Parece justo.

Duas horas mais tarde, após Bay acompanhá-lo até o carro e ter discutido os recordes em corridas e as preocupações de Crow referentes à aerodinâmica, Bay anotou todas informações necessárias, checkou-as e o rapaz partiu.

Em seguida, trancou a loja. Havia diversos estabelecimentos nos quais poderia buscar o equipamento necessário. Entretanto, um lhe chamava mais a atenção e gostaria de chegar cedo ao local.

Martel's Artesanatos e Soldas localizava-se ao norte, em uma região industrial. Era muito pequenina mas atulhada de máquinas. A caminhonete de Bay era uma entre seis no estacionamento.

Martel provavelmente gostaria de lhe vender algumas de suas máquinas com desconto e cobrar apenas uma taxa mínima pelo uso de alguns equipamentos.

Mike Martel era um homem de meia-idade com longo bigode. Os olhos escuros analisaram-na com algum ceticismo mas não houve qualquer rejeição quando estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Claro, lembro-me de sua loja. Quem na cidade não ouviu uma fofoca a respeito da concorrência? Ouvi dizer coisas muito boas a respeito de seu trabalho e não a julgo quanto a... Ora, você está livre, graças a Deus. E ouça, ficou um bom tempo longe dos negócios. Eu já tive problemas demais para arriscar equipamentos caros com pessoas que estão sem prática. '

— Trabalhei na loja da prisão.

Martel cocou o queixo e finalmente disse:

— Venha até aqui.

Levou-a para uma estação de trabalho desocupada, perto de um soldador.

— Ligue a máquina como se fosse trabalhar. Há algumas peças ao lado que você poderá usar.

Bay compreendeu. Um dono de loja muito esperto não aceitava a palavra de uma desconhecida, arriscando um material caro sem necessidade. Ela não seria menos cautelosa se a situação fosse inversa.

Separou dois pequenos pedaços de metal e ligou a máquina. Ajustou a polaridade e verificou todos os aspectos técnicos. Depois ajustou a temperatura, colocou o capuz protetor e começou a trabalhar.

Cerca de dois minutos mais tarde afastou o capuz, desligou tudo e aproximou-se de Martel para a inspeção.

— Você sabe soldar — o homem murmurou. — Eu deveria contratá-la para terminar este trabalho. Estou tendo pesadelos com o rapaz que o faz. Mas vamos falar de negócios.

Os outros clientes já haviam ido embora quando Mike Martel estendeu a mão para selar o acordo.

— Admito que estou um pouco curioso. Tantas lojas disponíveis para ir... Por que escolheu esta?

Então sabia mais de sua história do que admitira, Bay considerou.

— Eu disse a mim mesma que o nome nada significaria, que você não tinha qualquer relação com Nick Martel. Mas eu queria tanto que você o conhecesse. E, além disto, seus equipamentos e qualidade eram os melhores para mim.

— Você pode me trazer problemas. Estes seus olhos parecem ler a consciência de um homem.

— É apenas meu desespero. Não consigo me esquecer de meu sócio. Era um homem decente. Sua vida foi roubada, sua reputação manchada.

— E Nick foi embora depois de fazer a coisa certa. O que eu posso lhe dizer a respeito de Nick... ele é o filho mais novo de meu irmão mais velho. Meu irmão e sua esposa são falecidos, por isto não posso recomendar que converse com eles. Ouvi dizer que Nick foi importante para o esclarecimento de seu caso e imagino que saiba que ele deixou o Texas logo depois disto. O motivo, não sei. Ninguém da família sabe. Nick é assim mesmo.

Bay achou a frase bastante interessante.

— Mas eu lhe devo um agradecimento. Teve notícias dele desde que partiu?

— Nenhuma. Mas Nick sempre se portou como um estranho na família. Desde que seus pais morreram e ele se casou, não tem se importado muito conosco.

A informação de alguma forma se encaixava com as frases enigmáticas de Jack Burke a respeito daquele homem.

Já a caminho de casa, Bay sentia-se aliviada por ter encontrado uma alternativa capaz de viabilizar seu trabalho. Em compensação, ficava cada vez mais preocupada por Jack estar se tornando seu grande aliado.

Chegando à casa, decidiu que devia um telefonema a Crow. Mas no instante em que pegou o telefone para discar, ouviu uma voz.

— Alô? Bay?

— Duncan.

— Parece surpresa. Eu lhe falei que ligaria.

— Sim. E como vai você? Onde está?

— No trânsito de Tampa para Atlanta. Estarei em Tyler um dia antes do previsto e é por isto que estou telefonando. Para confirmar o jantar na quarta-feira.

— Oh, não!

A risada fê-la perceber que fora sincera demais.

— Desculpe, não quis dizer isto, Duncan. Fico muito feliz com seu convite...

— Acho que você está me dando um fora.

— Talvez fazendo um favor para sua mãe.

— Não estou preocupado com minha mãe, mas eu direi muitas verdades a sra. Ridgeway caso decida se meter em minha vida pessoal.

— Estou ouvindo isto do homem que me contou que "estratégia" fazia parte do nome de sua mãe?

— Eu conheço todos os movimentos dela.

Bay quase sorriu. Era muito bom conversar sobre assuntos banais com Duncan. Mesmo assim...

— Sabe que é uma perda de tempo. Não temos nada em comum.

— Ambos repetimos a sobremesa no último domingo. Bay nunca havia experimentado creme de chocolate branco antes e achou delicioso.

— Eu só estava brincando.

— Eu sei — ela murmurou com um toque de tristeza. — Mas isto só prova que estou certa. Não temos o mesmo círculo de amizades, nossas vidas não são compatíveis...

— Você ainda não pode saber. Mal tivemos a oportunidade de conversar sem ter outra pessoa ao lado. Sabe qual é seu problema? Está assustada. Respeito isto. Será apenas um jantar e só quero sua amizade agora, Bay. Você não sabe como é raro sentar-me à mesa com alguém que não quer algo de mim.

Bay fez uma careta, desejando que ele não tivesse dito aquilo. Não gostaria de sentir pena de Duncan nem de ninguém. Mal tinha energia pra si, quanto mais para gastá-la com preocupações com outra pessoa. Além do mais, ela queria algo de Duncan.

— Eu apenas poderei lhe oferecer amizade — ela murmurou quase em tom de desculpas.

— Talvez... e talvez você se surpreenda. Qual seu tipo predileto de comida?

— Nada específico.

— Pois prepare-se para um jantar maravilhoso!

CAPÍTULO XI

Quarta-feira, 6 de junho de 2001

Era maravilhoso sentir que a vida finalmente começava a mudar.

No dia seguinte Bay trabalhou no "Donzela de Ferro" durante metade da manhã. Então foi para a Martel's Artesanatos e Soldas, onde pegou alguns materiais para executar o trabalho encomendado por Doug Crow.

Voltou para casa, guardou tudo na loja e a trancou. Somente então deu o dia por encerrado.

A cozinha de casa parecia mais convidativa e familiar. Tomou um copo de água gelada e deu uma olhada no relógio. Quase quatro horas da tarde.

Poderia telefonar para Crow e pedir que passasse por ali ao sair do trabalho, mas já estaria escuro quando ela acabasse de colocar as peças novas. Como a luz instalada na loja ainda não era suficiente para essa atividade, resolveu deixar um recado na secretária eletrônica pedindo que trouxesse o veículo na manhã seguinte, antes de ir trabalhar.

Feito isso, tomaria uma ducha e iria ao shopping center. Precisava de algo especial para vestir na noite seguinte. Não lhe parecia acertado gastar dinheiro com roupas quando precisava de ferramentas e equipamentos para a loja. Mas comprometera-se com Duncan e...

O telefone tocou, interrompendo seus devaneios.

— Alô? Equilibrou o fone entre a orelha e o ombro para que pudesse tomar mais

um gole de água. Somente quando tomara a metade percebeu que ninguém respondera.

— Alô?

"Novamente?", pensou colocando o copo na mesa. Resolveu desligar.

— Você não vai arruinar meu dia — murmurou. Aguardou alguns segundos para ter certeza de que ligação fora realmente encerrada, pegou o fone e deixou-o no balcão. Assim daria sinal de ocupado se aquela pessoa tentasse importuná-la novamente.

Momentos mais tarde, com os cabelos ainda molhados do banho, passou ao lado do telefone e notou que emitia um som bem alto. Manteve-o fora do gancho.

Então colocou o lápis no local especial à porta frontal e trancou-a.

Deixara diversas luzes acesas, bem como a televisão ligada na esperança de desencorajar um eventual intruso que notasse a ausência da caminhonete.

O shopping center não estava lotado, mas era difícil estacionar perto da entrada. Teve a sorte de encontrar uma vaga na segunda fileira. Perambulou por todo o shopping, pois não sabia mais onde se situavam as lojas, tampouco o que gostaria de comprar.

As luzes de segurança estavam acesas quando ela saiu com uma sacola no ombro e outras duas na mão esquerda.

Suspirou, aliviada por deixar o shopping. Comprara três vestidos, o total de todo seu guarda-roupa no último ano de colégio. Também lhe parecera uma boa idéia adquirir algo para usar no domingo. Não gostaria de aparecer com a mesma roupa duas vezes na mesma semana.

O que era ridículo, culpou-se. Gastara quase todo seu dinheiro disponível em algo que não queria fazer porque tinha de ir a um lugar que também não estava ansiosa por conhecer.

O trânsito estava intenso como sempre. Sentia-se feliz por ter encerrado as compras e poder retornar à casa, sem qualquer outro compromisso. Seus pés doíam e os olhos ardiam devido às luzes fluorescentes das lojas e do ar-condicionado.

Uma buzina intensa seguida pelo rangido de freios interrompeu a noite tranqüila. Durante alguns segundos, ficou tensa ante a possibilidade de uma colisão à entrada do shopping center. Mas então tudo voltou ao normal e Bay suspirou fundo e colocou as sacolas no teto da caminhonete para pegar a chave.

Demorou a sentir algo estranho. Uma presença, o movimento do ar, sombras. E no instante seguinte, estava caída no chão.

Medo e espanto momentaneamente paralisaram-na. Mas havia pouco tempo para tentar recobrar a respiração quanto mais para gritar.

Batera contra o chão tão rápida e fortemente que o choque e a dor trouxeram-lhe imagens de seu último ataque, do pavor e terror da violência que se seguiu.

Felizmente a adrenalina deu-lhe forças para lutar por sua vida. Mas seu atacante era mais experiente e mais forte do que as duas mulheres que tentaram lhe dar uma lição em Gatesville.

Após momentos de agonia finalmente conseguiu gritar, apesar da mão pressionando seu rosto contra o asfalto quente e do joelho espetando suas costas.

Cega pelas lágrimas de agonia, não conseguiu enxergar a sombra se aproximando, apenas sentiu o cheiro repugnante de sua respiração contra o ouvido.

— Vá embora — ele falou.

E então, com imensa força, agarrou-a pelos cabelos curtos e bateu sua cabeça vezes e vezes contra o pavimento. Dessa vez, felizmente, Bay perdeu os sentidos.

A dor intensa dizia a Bay que ela sobrevivera... A mesma dor que a fazia desejar que não tivesse sobrevivido.

Procurou ficar feliz por ter escapado da morte. Tentou implorar à pessoa que gritava que parasse e silenciasse as sirenes também.

O que estava acontecendo? O que era aquele gosto de metal? Perdera o discernimento.

Lágrimas e algo mais distorceram sua visão, mas ela se tornava cada vez mais consciente das luzes e então as sombras retornaram. Tentou gritar, chorar, mas nada saía de seus lábios.

— Moça, permaneça imóvel. A ambulância está chegando. Você ficará bem.

"Ambulância, não. Não quero ir para o hospital!"

— Senhora, está machucada. Precisa ficar imóvel.

Era fácil para aquele estranho falar, pensou com crescente lucidez. Era ela quem tinha uma haste de metal espetada no cérebro.

O pensamento seguinte de Bay foi o de despertar de um pesadelo. Então sua visão entrou em foco e ela percebeu que não estava em casa. A luz feria seus olhos e as cortinas azuis em volta da cama... o que seria tudo aquilo?

Vagarosamente conseguiu registrar o ocorrido e seu coração disparou.

Ouvia vozes, instrumentos metálicos sendo utilizados, cheiros diferentes e sua ansiedade aumentou.

Estava em um hospital!

— Ela está acordando — uma voz suave murmurou à sua esquerda.

O comentário levou outra pessoa à direita, um rosto que ela conhecia.

— O que faz aqui? — balbuciou.

Sua garganta estava seca e os lábios também.

— Você estava com meu cartão no bolso — Jack Burke respondeu. — Como se sente?

— Como pareço?

— Nada bem.

— Pois eu me sinto... ainda... pior.

Bay fez menção de levar a mão à cabeça, mas Jack segurou-a e a manteve no lugar com ambas as suas.

— Você precisou de alguns curativos na testa. O rosto está arranhado, mas sem bandagem. Você não vai querer contaminá-lo, vai?

— Quantos arranhões?

— Uns sete. Seu novo número da sorte.

Ela tentou libertar a mão, mas Jack não permitiu.

— Água — balbuciou.

Ele olhou por sobre o ombro. Bay ouviu aquela voz feminina dizendo:

— Buscarei água. O médico chegará em um minuto.

— Ouviu? — Jack indagou. — Agüente firme. Já vai chegar.

O que mais poderia fazer?

Conseguiu focar a visão em Jack. Estava com olheiras profundas e os cabelos castanho-escuros em desalinho caindo na testa.

— Que horas são?

— Bay, eu preciso lhe fazer algumas perguntas antes que o médico decida me tirar daqui. Você conseguiu vê-los?

— Vê-los?

— As pessoas que a atacaram.

— Pode ter sido um vendedor — conseguiu falar com um fio de voz. — Eu não quis pagar a mercadoria. Tentaram me obrigar a assinar um cartão de crédito.

— Às vezes é melhor não burlar o sistema.

— Burke, o que há de errado com minha boca?

— Seus lábios estão cortados. Mais dois arranhões. Não conseguia virar a cabeça sem sentir uma pontada intensa, por isso baixou as pálpebras para esconder as lágrimas quando recordações lembraram-na de seu estado miserável.

"Pobrezinha" era como as crianças a chamavam na escola quando usava calça jeans remendada por seu pai.

A natureza de seu trabalho muitas vezes deixava as roupas manchadas. Mas decidida a não passar mais vergonha, aprendera a despir-se assim que chegava à casa e lavar as peças à mão na pia para garantir que jamais passaria pelo ridículo novamente.

— Eu estou aqui — Jack falou, apertando sua mão.

— Eu sei.

— O médico está preocupado com seu baço. Se tivesse ficado mais ferido, teria de ser retirado.

— Certo.

— Bay... olhe para mim. O médico falou que suas costelas foram machucadas recentemente, também. Foi atacada na prisão, não é mesmo?

— Isto é história antiga. E eu nunca o vi, Burke. Até esta noite. Eu ouvi sua voz.

A expressão de Jack era de espanto.

— Uma pessoa só! Pode continuar. O que ele disse?

— Falou para eu ir embora. Bay viu a expressão de espanto em seu olhar mas logo em seguida o médico chegou e não puderam mais continuar a conversa.

O doutor mostrou-se satisfeito com as reações de Bay e recomendou que permanecesse no hospital naquela noite.

— Quero ir embora — exigiu para Jack.

— Está maluca! Não está em condições...

— Tire-me daqui!

Jack trancou a porta.

— Agora será a minha maneira — ele falou.

— Está bem.

Bay já gastara mais energia do que possuía, recobrando e perdendo a consciência seguidas vezes. Já não sabia mais quanto tempo se passara até sua libertação.

E demorou algum tempo para notar que não saía em uma cadeira de rodas. Logo que Jack voltou após pagar a conta, com cuidado pegou-a nos braços e, com a ajuda de um enfermeiro, esgueirou-se para a saída lateral onde estacionara a caminhonete.

— Notei que tinha um repórter na porta frontal — explicou, usando o cobertor que estava no banco traseiro para amansar a pressão do cinto de segurança contra o corpo de Bay. — Vou mantê-la nesta posição para que ninguém a veja, está bem?

— Obrigada, Burke. Estou lhe devendo esta.

— Se acha que me deve alguma coisa, chame-me de Jack. Quanto ao restante... ficarei feliz se deixar que eu a ajude mais.

Os dois pedidos incomodaram-na. Não precisava de preocupações justamente quando o anestésico começava a perder seu efeito. Além disso, seu estado de nervos era precário e ela não sabia para onde olhar quanto mais o que dizer. No momento a solidão de uma cela parecia-lhe quase atraente.

— Sugiro que conversemos — ele falou.

— Não estou de bom humor.

— Bem, antes que você se afaste de mim diga-me: devo telefonar para os Ridgeway?

Faria isso por ela?

— Não — Bay murmurou. — Obrigada.

— Por quê?

— Imprensa. Políticos.

— Você os está protegendo de supostamente terem atentado contra você? Caso o choque na cabeça tenha lhe dado amnésia, saiba que você é a vítima nesta situação.

— Orgulho.

Sentiu o olhar de Jack pousando em seu rosto e percebeu que a compreendia. Orgulho era algo que tinham em comum, não que Bay quisesse conversar a respeito.

Descobrira isso nele anos atrás e até passara a respeitar, embora com uma boa dose de amargura. Ele fizera seu trabalho tão bem que quando dissera que tinha mudado de idéia, as pessoas acharam que perdera o juízo.

— Converse comigo. Eu ainda não fiz por merecer isto?

— Eu não sei o que devo lhe dizer.

— Está simplesmente querendo esquecer o ocorrido. Não era culpa dele que as palavras a ferissem tanto.

— Se tivesse passado pelo que passei, não tentaria esquecer também?

— Olhe, normalmente estas coisas acontecem com mulheres que usam roupas caras, muitos diamantes e dirigem carros que custam meu salário de dois anos.

— Eu sei. E fui atacada pelas costas.

— Acontece que o dinheiro que você tinha ainda estava no bolso de sua calça jeans, dentro de sua carteira de motorista temporária e com o meu cartão. E quanto às coisas que comprou? Foram encontradas no capô da caminhonete.

Bay suspirou.

— Ele agiu com um interesse específico, entendeu, Bay?

- Muito bem. Mas o que você quer?
- O que você andou fazendo desde a última vez em que conversamos, quando prometeu me telefonar?
- Sabia que ele tocaria no assunto, mas ainda não estava preparada.
- Não pedirei desculpas por buscar respostas sozinha — respondeu.
- Deu-me sua palavra de que me telefonaria.
- Não foi bem assim. E o telefone tocou.
- Era a coisa mais ridícula que poderia dizer no momento. E verdadeira.
- Eu ia lhe telefonar... hoje. Não, ontem. Não, na noite anterior... mas o telefone tocou.
- E o que mudou tudo?
- Não sei. Mas era a mesma pessoa de antes e dos outros dias também.
- Tem recebido telefonemas?
- Sim.
- Quantos?
- Não sei.
- Não sabe? Retornou mal faz uma semana. O que mais aconteceu?
- Algumas coisas que não posso provar. Uma janela aberta, o termostato desregulado.
- Jack continuou dirigindo, olhando com atenção para o espelho retrovisor, segurando com força o volante. Não parou no shopping center, foi direto para a casa de Bay.
- O que está fazendo? Ei, eu quero minha caminhonete!

CAPÍTULO XII

- Você estará em condições de dirigir somente em dois ou três dias — Jack comentou, sem diminuir a velocidade do carro.
- Burke, não gosto nada disto. Quero ir para minha casa. Agora!
- Esqueça. Estou cansado demais para fazer uma verificação detalhada em sua propriedade e sei que ninguém a procurará em minha casa, estou certo?
- "Aparentemente sim", Bay pensou suspirando.
- Droga, Bay. Por que você não instalou um identificador de chamadas em seu telefone?
- Eu ainda não podia pagar por isto.
- E por que não falou dos outros problemas? Você poderia ao menos ter me contado. Eu teria levado tudo a sério. Não posso acreditar que você tenha permanecido em sua casa sabendo que alguém tinha livre acesso à chave da porta frontal! Comentou alguma coisa a respeito do termostato com Madeleine Ridgeway?
- Não. Ela já se preocupa comigo mais do que deveria.
- Bem, pois precisa saber que você desconfia do motorista dela. E não negue isto.

Então pretendia se portar como seu advogado. Qualquer pessoa de Tyler que conhecia seu caso poderia achar Burke faria de tudo para ela voltar para a prisão. Mas de alguma forma Bay não se sentia mais ameaçada por ele.

Já fora ferida na cabeça por repetidas vezes, esse era seu problema. O homem que ajudara a arruinar sua vida a estava raptando e ela se sentia segura. Ao menos fisicamente. Uma perigosa ironia.

— Amanhã você falará com sra. Ridgeway — Jack ordenou. — Não posso acreditar que aquela mulher tenha colocado você em um lugar tão isolado assim. Droga!

Parecia que a propriedade ficava absolutamente fora da civilização.

— É um lugar excelente. Melhor do que qualquer outro que eu poderia alugar.

Melhor do que qualquer outro onde ela já tinha morado.

— Droga, uma semana atrás eu não podia sequer pagar por um banco de praça!

— E conseguiria pagar por um espaço no cemitério? Porque parece que alguém está determinado a lhe oferecer outra moradia, desta vez permanente. Você também poderia colocar um aviso em sua porta frontal mais ou menos assim: mulher solteira e desarmada.

Bay preferia que ele não falasse de uma maneira tão alterada nem desse pequenos tapinhas no volante, mas não tinha argumentos. E também apreciava sua preocupação. O que continuava a perturbá-la. Mas isso não significava que delegaria sua liberdade novamente a outra pessoa.

O silêncio tornou-se desconfortável e Jack suspirou.

— Não devia ter gritado. Sei que você está com uma dor de cabeça enorme.

— Sim. E o remédio que me deram também não está me fazendo muito bem. Estamos perto?

— Quase chegando.

Minutos mais tarde ele deixou a estrada e adentrou uma propriedade cercada. Passou por um estábulo e prosseguiu até uma casa térrea. Mais adiante havia um celeiro e à esquerda um *trailer* muito grande.

Jack acionou o portão automático da garagem e adentrou o espaço imaculado e quase vazio situado à esquerda da casa.

— Não se mova — murmurou ao desligar o motor. — Vou destrancar a porta e ajudá-la a descer.

Saiu antes que Bay pudesse falar qualquer coisa, deixando-a a sós com as próprias conclusões: não era casado porque não levaria outra mulher para casa se tivesse esposa. E exceto pela lata de lixo tampada e vassoura encostada na parede e à esquerda da entrada, o lugar parecia inabitado.

Soltou o cinto de segurança, afastou o cobertor e endireitou o assento. Os poucos movimentos fizeram-na engolir em seco. Sentia náuseas e abriu a porta... e imediatamente ouviu um latido.

Notou a presença de um animal negro, o pêlo brilhante e os músculos proeminentes e bateu a porta. Segundos depois o cachorro enorme pulava em Jack, que voltou a abrir sua porta.

— Não pule, Bud. Tente ser cavalheiro. Este é Buddy — falou para Bay.

Ela levou as mãos ao rosto para se proteger do imenso terror diante do cão cheirando todo seu corpo. Aparentemente nada tinha que desejasse, já que voltou a pular em Jack.

— Oh, meu Deus — murmurou.

— Não sinta medo. Bud é uma criança. Criança alguma que ela já vira tinha tais dentes.

— Você poderia... eu não estou muito habituada a animais — respondeu.

— Estenda a mão e deixe que ele sinta seu cheiro, então eu a tirarei daí. Bud apenas está impaciente porque quer seu carinho.

— Acho que terá uma grande decepção. Entretanto, desejosa por fazer qualquer coisa que mantivesse o animal calmo, seguiu as instruções de Jack e estendeu a mão. Estava trêmula. Mas, parecendo sorrir, o cachorro cheirou e lambeu a mão estendida antes de pular no colo de Bay. Ela gritou.

— Bud, você é um porco — Jack falou, puxando-o de volta. — Pare com isto e espere até ser convidado.

Com igual facilidade Jack tirou-a da caminhonete e dessa vez Bay não protestou. Até mesmo enlaçou-lhe o pescoço, embora o movimento fosse dolorido, para escapar do animal que perambulava em torno dos dois.

— Você nunca teve um cachorro quando criança?

Jack empurrou a porta com os quadris e fechou a garagem com o cotovelo antes de carregá-la para dentro. Bud também entrou.

— Não.

Seu pai não gostava de desperdiçar o dinheiro de um bom jogo sequer em comida. Bay não conseguia imaginar qual teria sido a resposta se lhe pedisse um animal de estimação. E de qualquer maneira, considerando suas condições, não teria submetido qualquer criatura a tal ambiente.

— Pois eu acho que nunca fiquei sem ter um animal de estimação. Bud apareceu por aqui cerca de um ano atrás tão faminto que mal podia caminhar. Não colocarei você no chão até levá-la ao quarto. Você é mais ou menos do tamanho do brinquedo favorito de Bud e tenho medo que mastigue suas pernas. Deixe que ele verifique a casa e então estará pronto para voltar para fora e brincar com os animais noturnos, sua atividade noturna predileta. Gosta muito de dormir durante o dia, principalmente quando é verão.

— O sofá estará ótimo.

Haviam passado por uma despensa e cozinha e ela avistara um sofá de couro no que parecia ser um escritório. De modo algum permitiria que a levasse para o quarto dele.

— O quarto de hóspedes tem seu próprio banheiro e estará bem próximo caso precise se levantar. Não há lençóis na cama, pois normalmente não tenho companhia, mas cuidarei disto em alguns minutos.

— Seus parentes não costumam visitá-lo?

— Como você, fui filho único. Este lugar era de meus pais, que já são falecidos.

— Lamento.

Não poderiam ser muito idosos. Ele deveria ter no máximo trinta e seis anos de

idade.

— Papai sofreu um acidente fatal com um trator. Dirigia depressa demais. Mamãe sempre lhe dizia que acabaria quebrando o pescoço um dia. Bem, depois de um tempo ela se casou novamente e deixou este lugar para mim. Viveu por mais seis anos muito feliz e então teve câncer. Teria dado para tratar a doença, mas ela esperou demais.

— Que triste.

— É, sim.

Entrou na segunda porta à direita e foi diretamente para o banheiro. Colocou-a de pé e acendeu a luz.

— Vou cuidar de Bud e soltá-lo, então...

Bay perdeu o fôlego ao ver-se no espelho. Seu rosto estava irreconhecível. Aterrorizada, engasgou e começou a tossir.

— Venha, Bud. Para fora.

Jack saiu com o cachorro e uma Bay muito agradecida lutou para recobrar o controle. Precisou de um bom minuto antes de ter força suficiente para endireitar o corpo e aproximar-se da pia onde lavou as mãos. Então, extremamente fraca e entristecida, sentou-se na beirada da banheira.

Jack voltou, seu olhar repleto de preocupação e simpatia. Bay evitou fitá-lo.

— Não faça isto — murmurou ele.

— Estou tão feia.

— Está machucada. Em poucos dias estará melhor. E em algumas semanas, mal se notará qualquer coisa.

Bay nada respondeu. Não ousou, tão perto estava de desabar em lágrimas.

Jack novamente saiu, talvez percebendo que ela precisava ficar um pouco sozinha. Ouviu-o pelo quarto, provavelmente arrumando a cama. E quando voltou, acendeu a luz sobre o espelho da pia.

Bay sentia-se bem melhor. Até que ele se ajoelhou a sua frente.

— O que você está...

Segurava uma tesoura na mão direita. Bay arregalou os olhos ao vê-lo começar a cortar a camiseta dela.

— Burke!

— Não há como retirar sua blusa sem machucá-la mais. Eu lhe emprestarei uma camiseta, que a cobrirá do pescoço aos joelhos e afugentará qualquer traço de vergonha.

— Pessoas condenadas não têm o direito de saber o que está acontecendo — murmurou olhando para o nada. — Mas acho que não importa. Nem há muito a ser coberto.

Jack suspirou e assim que acabou de rasgar a camiseta, colocou a dele por sobre a cabeça de Bay e ajudou-a a passar os braços pelas mangas curtas.

Então a assustou novamente ao colocar a mão em suas costas por debaixo da camiseta para soltar o fecho do sutiã.

— Pare com isto!

— Quando estiver se sentindo melhor — murmurou, sustentando-lhe o olhar ao colocar a mão por debaixo da manga esquerda para soltar uma alça do sutiã — eu vou

lhe provar que o que você possui é perfeitamente adequado para mim.

Libertou a outra alça e tirou o sutiã pela manga direita.

— Está chocada?

— Passada.

— Isto é melhor do que a vergonha ou o embaraço. Agora levante-se.

Ergueu-a pelos cotovelos para ajudá-la, então baixou o zíper da calça jeans de Bay.

— Eu vou começar a gritar — ela ameaçou, lutando para se libertar. — Burke!

— Jack. Pode me chamar de Jack e deixarei que você mesma faça isto.

— Jack — falou baixinho.

Soltou-a e a parca estabilidade quase fez com que Bay caísse dentro da banheira ao tentar tirar os tênis. Jack suspirou e tirou-lhe os sapatos, depois as meias. Então ordenou que segurasse em seu ombro e lhe despiu a calça jeans.

— E agora — ele falou, levantando-se —, você gostaria de se deitar?

— Por favor.

Pegou-a nos braços e pousou-a na cama convidativa. Após cobri-la, voltou para o banheiro e reuniu as peças deixadas no chão.

— Acha que conseguiria comer alguns biscoitos com leite?

— Não. E... eu gostaria de ficar um pouco sozinha. Ele não disse mais nada e saiu, deixando-a com o desejo de que permanecesse lhe fazendo companhia. Era mesmo muito ingrata e tola.

Era cedo demais para ficar sozinha ou fechar os olhos. Consequia ver apenas imagens de seu mundo sendo virado de cabeça para baixo. Experimentou novamente a dor inicial de bater com a cabeça contra o chão. Era quase insuportável se recordar do ataque.

A muito custo conseguiu conter o soluço que apertava sua garganta.

Mas foi impossível segurar as lágrimas.

CAPÍTULO XIII

Jack estava exausto, mas sabia que seria inútil tentar dormir. Foi para o escritório e depois para o deque que ele nunca tinha tempo de apreciar. Desceu alguns degraus para o quintal, enxergando-o com olhar renovado.

Completaria trinta e cinco anos em um mês e aquele lugar parecia-se com uma pessoa com o dobro de sua idade. Precisava repor algumas árvores e arbustos que deixara morrer durante os anos de doenças familiares, seca e problemas que tiraram sua atenção de todos e de tudo que significavam algo para ele.

Era dono de uma grande extensão de terra fértil e sabia que, além do curral, o restante estava em bom estado apesar do tempo impiedoso. Bom o suficiente para que um especulador tempos atrás lhe tivesse oferecido duzentos e cinquenta mil dólares pela propriedade.

Aproximou-se da cerca do pasto e considerou que talvez fosse mais razoável

aceitar o dinheiro e se mudar, como fizera Nick Martel.

E talvez sua intuição estivesse equivocada a respeito dele. Podia ter se mudado em virtude de um bom convite profissional, capaz de dar uma reviravolta em sua carreira.

"Enquanto a sua, seu tolo, está na lata de lixo".

Um telefonema que dera ao escritório do tenente naquele dia mostrara-lhe com clareza a situação. Sua carreira estava em uma encruzilhada.

Ouviu a porta do *trailer* se abrindo e fechando. Nas proximidades, Bud deixou escapar um breve latido de boas-vindas e pulou para cumprimentar Simon Jimenez. Homem e cachorro logo se juntaram a Jack.

Dez anos mais velho, o mexicano naturalizado norte-americano e três vezes divorciado morava sozinho no *trailer* que chamava de lar fazia cinco anos, após decidir que a felicidade conjugal não combinava com ele. Preferia "gado silencioso a mulheres barulhentas", essa era a frase que sempre repetia.

— O que aconteceu? — Simon indagou.

— Uma mulher foi ferida ontem à noite. Eu a trouxe para casa comigo.

Avisara Simon pelo interfone a respeito de uma emergência e da necessidade de ir ao hospital.

— Bud está muito agitado. Gosta de conversar a respeito dela.

— Gosto de ver você conversando com cachorros. Simon sorriu.

— Converso com Bud. Ele se aproximou da mulher como faz com os novinhos?

— Sim e a moça é quase do tamanho de um novinho também.

Jack sabia que lhe devia alguma explicação. Simon era o único amigo que lhe restara.

— Lembra-se, anos atrás, quando lhe contei que estava muito agitado? Bem, ela é o motivo. Por minha causa, passou seis anos terríveis antes que pessoas importantes conseguissem reverter sua sentença.

— Pois então guarde todas as suas facas da cozinha no meu *trailer*, amigo.

— Não é o que me preocupa.

— Mas algo certamente o está preocupando muito.

— Ela começou a fazer uma investigação por conta própria.

— E foi assim que terminou no hospital? Jack assentiu.

O homem baixinho pôs as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans e fitou as botas.

— Então agora resolveu ajudá-la?

— Eu fiz isto durante todo o tempo.

— Parece que se meteu em maus lençóis por causa dessa garota.

— Já não é mais uma garota. Tem trinta e dois anos de idade.

Duvidava de que Bay um dia já fora uma criança. Quanto tempo seria necessário até que confiasse nele e não na história que lhe contaram?

Jamais acreditou naquele estereótipo de criança que fora abusada, amargurada e se tornara uma patologia social. Fora negligenciada e tinha muitas cicatrizes, mas não era um caso clássico para estudo. Via em seu olhar que ela ansiava por estabilidade... e

amor. E simplesmente não desperdiçaria recursos com perdedores.

— Está muito machucada? — Simon perguntou.

— Procure não fazer nenhuma careta quando se deparar com ela ou eu o esfolarei.

— Quer que eu mantenha o cachorro afastado?

— Não, preciso dos instintos de Bud. E dos seus também. Eu gostaria de poder lhe contar mais, mas o problema é que eu não sei o tamanho de toda esta encrenca.

— Compreendo. Até que me diga o contrário, vou tirar minha arma da caminhonete e deixá-la do meu lado. Coiotes, porcos, qualquer animal que passar estará sob minha mira.

Certa vez Jack precisara da ajuda de Simon para um animal de duas pernas com o qual tivera problemas de delimitação da propriedade. Resolvera a situação, mas isso lhe custara um querido cachorro que fora substituído posteriormente por Bud.

Deu um tapinha no ombro de Simon em sinal de gratidão e continuou a caminhada. Estava muito inquieto, os pensamentos tomando direções variadas.

Ao receber o telefonema naquela noite e ouvir o nome de Bay juntamente com a palavra hospital, seu coração disparara. Após tantos anos, compreendeu o que Simon captara em minutos: não era apenas um princípio moral, uma obsessão em tentar corrigir um erro.

Preocupava-se com Bay Butler a tal ponto que seria tão rígido com o covarde que a aterrorizara naquela noite quanto fora com as pessoas que tentaram roubar seu gado anos atrás.

Não, nada restaria para tratamento médico se ele se deparasse com o agressor de Bay.

Aspirou profundamente o úmido ar noturno e perambulou em torno da casa, deixando que Bud realizasse uma boa inspeção. Enquanto caminhava, perguntas lhe passavam pela mente.

Quem sabia que Bay estaria no shopping center naquela noite? O motivo do atacante era óbvio, mas correria sério risco de ser apanhado em flagrante. Teria sido muito mais simples se tivesse aguardado por ela em casa, onde estaria sozinha.

Jack queria saber o que isso significava e também precisava de uma lista de todas as pessoas com as quais ela conversara desde a última vez em que a viu.

E precisava saber quando e onde pretendia usar as roupas que comprara naquela noite, particularmente aquele vestido preto.

Seu humor imediatamente se alterou. Deu um tapinha em Bud, respirou fundo e entrou na casa.

Estava tão silenciosa como se estivesse sozinho, mas Bay bem poderia estar em pé a seu lado, tamanha era a consciência de sua presença. Foi quando ouviu algo...

Correu para o corredor e o som voltou a se repetir.

Encontrou Bay retorcendo-se sob o lençol, soluçando e gemendo. Estaria sonhando ou com dor? Dor, concluiu ao aproximar-se da cama.

Seus olhares se encontraram na penumbra.

— Acordei você. Desculpe — ela murmurou.

Era apenas um fio de voz, repleto de culpa. Tinham aquilo em comum, Jack pensou. Ambos carregavam muita culpa.

— Não me acordou. Eu estava lá fora caminhando e conversando com Simon. Ele faz a maior parte do trabalho desta propriedade — explicou diante do olhar confuso. — Mora no *trailer*. Onde está sentindo dor?

— Em todos os lugares. Acho melhor você deixar que eu vire comida para seu *pit bull*.

Observou-a lutando para se sentar. O lençol escorregara até os joelhos e a camiseta enrolada na cintura expunha a calcinha cor-de-rosa. Ela rapidamente puxou a blusa para baixo e ajustou melhor a camiseta que marcava os contornos de seus seios firmes.

— Ele não é um *pit bull*, é um cruzamento de *labrador* com *mastim*— respondeu, sentindo um arrepio de desejo. — E ele não a machucaria. Apenas gosta de dar umas lambidas.

— Então me empreste sua arma.

Jack pegou dois analgésicos da primeira gaveta do criado-mudo.

— Só precisa de algo para amansar a dor.

Foi rapidamente até a cozinha e voltou em dois minutos com uma bandeja.

— Além de cozinhar você também limpa os vidros das janelas?

Observava-o com certo espanto. Jack gostava da idéia de ser um mistério para ela. A confusão era prima da curiosidade e a curiosidade da atração.

A idéia de Bay sentir-se atraída por ele fez com que sorrisse ao se sentar na beirada da cama e transferir a bandeja para seu colo.

— Solteirões aprendem a ser auto-suficientes... Havia duas xícaras com caldo de galinha fumegante e um pacote de biscoitos. Colocou um pedaço na xícara de Bay. Ela ainda o fitava com espanto.

— A sopa é bastante temperada e eu pensei que o biscoito quebraria um pouco o excesso de condimentos — ele murmurou.

— Obrigada. Mas o que eu estava pensando era onde você encontrou paciência para ser tão bondoso comigo a esta hora, depois de um dia difícil de trabalho e de tudo o mais. Solteirões convictos não costumam socorrer mulheres em apuros, eu acho.

— Eu não disse que sou convicto.

— Oh!

Bay pegou a xícara com ambas as mãos. Tomou um gole e pousou-a novamente na bandeja.

— Coma um biscoito.

— Não, obrigada.

— Então pode fazer sua pergunta.

Bay abriu a boca, fechou-a e somente após alguns segundos indagou:

— Você está envolvido com alguém?

— Não. Ela definitivamente diria que não.

— O que aconteceu?

— Terminei.

— A garota não aceitou o fato de você ser policial?

— Mais ou menos isto. Jack tomou um gole da sopa. — E você, Bay? Nunca se apaixonou, nem mesmo por English? Ele deve ter se apaixonado por você.

Jack percebeu que os lindos olhos de Bay se nublavam de tristeza.

— Nunca diga a um rapaz que quer ir para a cama com você que apenas o ama como a um irmão.

— Se um dia eu disser isto a um rapaz, provavelmente estarei maluco.

Bay esboçou um sorriso, mas com a rapidez com que apareceu, foi-se embora.

— Eu gostaria muito de convencer Holly de que jamais fui uma ameaça para o amor dos dois. Tentei conversar com ela no domingo na casa dos Ridgeway. Mas a garota ainda me odeia.

— O que foi? — ele indagou diante da mudança de expressão de Bay.

— Nada.

— Fale.

— Duncan falou que eles saíram algumas vezes. Duncan, o rapaz louro, Jack pensou com amargura.

— Por que ele comentou isto com você?

Bay baixou o olhar para a xícara e tomou um gole. O gesto atingiu Jack com uma brutalidade imensa. Não teria de fazer perguntas a respeito daquele vestido sensual.

O monstro verde do ciúme dominava-o por completo.

— Compreendo. Você é bem rápida, não é mesmo?

— O que você quer dizer com isto?

— Sua ida ao shopping center à noite. Atraiu o interesse dele e pretende continuar atraindo.

— Seu comentário não é justo.

— Aposto que Holly pensará que um raio pode cair duas vezes no mesmo lugar.

— Não há nada entre eu e Duncan.

— Ainda não. Mas os Ridgeway expuseram você a um mundo diferente. É natural que se sinta tentada. A casa, a loja, tantos gestos de afeto por uma garota que cresceu em um *trailer*. Quem poderia culpá-la por achar que já sofreu o suficiente e merece morar em uma casa bem grande onde poderia apenas ocupar-se de sua arte e...

— Maldito! Bay colocou com força a xícara na bandeja e alguns respingos atingiram Jack. Empurrou a bandeja para o lado e tentou se levantar, mas sua perna esquerda enroscou no lençol e ela caiu no chão.

— Bay... — Jack apressou-se em acudi-la. — Está bem? Ao falar, percebeu que era uma pergunta inútil. Mesmo que nenhuma ferida tivesse sido reaberta, infringira-lhe mal pior. Ao menos o piso era de carpete bem fofo.

— Vá embora.

— Deixe-me ver apenas se não está sangrando novamente — ele pediu,

— Não estou, mas você ficará se não tirar as mãos de cima de mim.

— Mas eu estava apenas tentando...

— Não sou uma prostituta.

Jack começou a protestar, insistindo que jamais dissera aquilo... quando

percebeu que era de certa maneira culpado. Queria-a, sentia uma atração imensa por ela.

Bay aproveitou aqueles segundos para escapar, apressando-se pelo corredor e saindo pela porta dos fundos. Já estava no deque quando ele a alcançou.

Não gritou quando foi agarrada, mas soluçou. E após socar o ombro direito de Jack, finalmente foi dominada.

Foi quando Bud os alcançou e começou a latir em torno dos dois.

— Bud, cale a boca! — Jack falou.

Simon apareceu com a arma na mão. Percebeu a situação e indagou:

— Eu devo atirar nela, em você ou voltar para a cama?

— Você deve cuidar de sua própria vida — Jack murmurou, irritada.

— Não, não vá embora — Bay interveio. — Por favor ajude-me a sair daqui.

Quero ir para casa.

Simon contemplou-a com simpatia.

— Não acho que será seguro, senhorita. É melhor que tente descansar. Não é mesmo, Jack? — indagou em tom firme.

Então chamou Bud e voltou para o *trailer*. Jack notou o desespero de Bay ao vê-lo se afastando, mas ao menos deixou de lutar.

— Vamos entrar — murmurou, os lábios próximos à nuca dela, mas jamais pediria desculpas por isso. Bay estremeceu diante do carinho e disse com frieza:

— Eu sei andar. Tem minha palavra de que me comportarei, detetive.

O comentário formal obteve o efeito desejado. Jack soltou-a e a observou entrando na casa. Bay sentou-se na beirada do sofá de couro azul-marinho do escritório, de costas para ele. Curvou-se para frente, abraçando os joelhos.

Jack suspirou e começou a perambular, aproximando-se do aparelho de som que nunca usava e retornando para a cozinha. Passou os dedos pelos cabelos com ambas as mãos enquanto buscava algo para dizer que não a fizesse ficar mais nervosa, nem se amedrontar. Mas rejeitou tudo que lhe ocorreu e sentou-se na mesa de centro.

— Eu daria qualquer coisa para que os últimos dez minutos não tivessem acontecido.

Bay permaneceu em silêncio.

— Peço desculpas. O comentário foi inadequado. Saiba que eu preferiria entregar meu distintivo e desistir de minha carreira amanhã mesmo a machucá-la novamente.

— Pode imaginar como é difícil tentar fazer a coisa certa todos os dias mas sempre tropeçar? — ela indagou.

— Mais ou menos.

— Pois bem, detetive Burke. Para sua informação, eu tentei não aceitar aquela propriedade. Senti que não a merecia e me preocupei se haveria algumas condições ligadas à minha aceitação. De fato há, mas são inferiores ao que devo a Madeleine Ridgeway, que é minha vida. Literalmente. E tudo o que ela deseja é que eu refaça os portões de sua casa para finalmente o visual da propriedade ficar harmônico. Eu poderia lhe pedir que aguardasse meses, talvez um ano ou dois até que eu tivesse condições de ter novamente minha loja. Seria um exercício de orgulho tolo. Ela bem poderia ter

pegado o desenho que fiz e pedir que alguém o reproduzisse em qualquer lugar. Se aquela mulher está sendo tão honesta e bondosa comigo, quem sou eu para rejeitar sua ajuda?

— O que mais ela poderia lhe pedir em troca? — Jack perguntou.

— Pediu que eu freqüentasse a "Missão da Bondade". Pela primeira vez virou-se e o fitou.

— Parece trivial, não é? Sei que em breve terei de me filiar oficialmente à igreja e sei que não poderei fazer isto. Não me sinto confortável em um lugar onde as pessoas são aceitas por sua posição social e situação financeira e não por suas necessidades espirituais. Sei que todos fazem o melhor que podem pela igreja, mas aquele lugar parece um hotel de luxo. Ora, esqueça. Já vi também na televisão que fazem também um trabalho social maravilhoso com orfanatos e na educação de crianças pobres em países do terceiro mundo.

— Acredita em tudo o que vê na televisão?

— O que está insinuando?

— Você tem noção da quantidade de informações compradas que existe atualmente na televisão?

— Eu não tenho assistido televisão.

— Deixe para lá, foi um longo dia — Jack falou, preocupado em não aborrecê-la novamente. — Aqui estão as chaves do carro.

Levantou-se após pousá-las na mesa central.

— Se eu amedrontá-la mais do que a pessoa que a atacou, sabe onde está a caminhonete. Vou arrumar o quarto de hóspedes e depois vou dormir.

— Não, deixe que eu arrumarei o quarto. Eu fiz a bagunça e você terá de ir trabalhar em algumas horas.

— Não necessariamente. Fui rebaixado em minhas funções. E acho que não vão se importar se eu não for trabalhar amanhã.

CAPÍTULO XIV

Quinta-feira, 7 de junho de 2001- 8:30 da manhã

Jack e Bay se encontraram na cozinha na manhã seguinte. Ele já preparara duas xícaras de café fumegante e seu olhar era de preocupação. Bay simplesmente esperava que a última dose de analgésicos fizesse efeito rapidamente e amansasse a dor de cabeça que retornara.

Cerca de meia hora mais tarde Jack levou-a até o estacionamento do shopping center onde a caminhonete permanecia como única testemunha dos eventos da noite. Bay já estava com as chaves na mão e as sacolas de compras no colo.

Sabia que tinha de dizer algo a respeito de tudo que Jack fizera por ela.

— Apreciei muito sua atitude. E quanto a seu trabalho... se eu soubesse...

— Conversaremos em sua casa.

— Não precisa me acompanhar o tempo todo. Ele pegou óculos de sol no porta-luvas.

— Você disse que o excesso de luminosidade a incomoda. Estes óculos são grandes e não machucarão seu rosto. Estarei seguindo você.

Bay pensou em se queixar por ele mal ter olhado para seu rosto desde que ela emergira do quarto de hóspedes.

— Os comprimidos deverão fazer efeito em breve. Tenho certeza de que eu ficarei bem.

— Por favor, não se incomode em me dizer o que pensa que eu desejo ouvir. Seja sincera, Bay.

— Está bem. Se não for muito incômodo, aceitarei que me acompanhe.

Ela dirigiu para casa em velocidade mediana. Os óculos de sol de Jack ajudaram muito, inclusive para esconder seu espanto ao avistar o luxuoso carro preto estacionado defronte à casa.

Duncan Ridgeway apareceu dos fundos com um pedaço de papel em uma mão e um telefone celular na outra.

— Oh! — Bay murmurou.

Estacionou ao lado do veículo de seu inesperado visitante e, no instante em que desligava o motor, Duncan já estava a seu lado.

— O que aconteceu?

— É uma longa história.

— Quem está atrás de você?

— Detetive Jack Burke.

Bay nunca imaginou que algo seria capaz de deixar Duncan de boca aberta, mas conseguira. A expressão de confusão transformou-se em aborrecimento no instante em que Jack estacionou ao lado, como a indicar que o outro deveria partir primeiro.

O aborrecimento de Duncan não amansou ao notar a imensa camiseta masculina que ela vestia com a calça jeans. Fora importante colocar o sutiã, Bay decidiu.

— Duncan, o que você fazia nos fundos da casa?

— Ouvi barulhos. E como não vi sua caminhonete mas escutei vozes e música, não soube o que pensar e fui investigar. E já encontrei isto à porta de sua loja.

Bay pegou o papel onde havia um recado breve e furioso: "Onde você esteve?", assinado por D. Crow.

— Oh, não!

Fechou os olhos e suspirou. O que mais poderia acontecer?, imaginou.

— Você está bem?

— Não. Eu pedi que este cliente aparecesse de manhã para que eu consertasse seu *dragster*.

— Você se refere a um carro de corrida *dragster*? Bay, você é surpreendente!

— Pois eu lhe garanto que Doug Crow não pensa assim, pois certamente chegou atrasado ao trabalho por minha causa.

— Ele compreenderá assim que souber de tudo. Eu poderei telefonar para esclarecer a situação.

— Obrigada, mas ele desejará saber quando poderei fazer o trabalho, então é melhor que eu mesma ligue.

Bay percebeu que Jack se aproximava e a idéia de um confronto dos dois homens a assustava.

— Duncan, você já conhece detetive Burke. Diplomático, Duncan estendeu a mão.

— Detetive. Espero que saiba que tenho algumas perguntas a fazer.

— Bay decidirá se deverá ou não respondê-las.

Jack se inclinou e com cuidado removeu os óculos escuros do rosto de Bay, que ainda continuava sentada ao volante.

— Como eu pensava — murmurou.

Pegou a chave de sua mão e estendeu-a para Duncan, dizendo:

— Seja útil!

Antes que ele pudesse responder, Jack pegou Bay nos braços e a carregou para a porta.

— Isto com certeza facilitou minha vida — murmurou ela com ironia.

— Olhe só quem está falando.

Duncan destrancou a porta... e um lápis voou pela sala.

Não foi necessário olhar para o rosto de Jack. Bay percebeu a tensão nos braços que seguraram-na com mais força.

— Não, não quero emprestar Bud — murmurou, esperando amansar seu humor.

— Mais uma palavra e voltará para a minha caminhonete, moça.

Pousou-a em uma banqueta e contemplou o telefone que continuava a emitir sinal de ocupado conforme Bay deixara no dia anterior.

— O que é isto?

— Bem, agora poderei falar? Eu deixei deste jeito... depois do último telefonema.

— Como assim? — Duncan indagou.

Jack recolocou o fone no gancho e foi para a sala de estar. Desligou a televisão e depois foi para o corredor.

— Não estou gostando nada disto.

Duncan colocou as chaves no balcão e as mãos nos quadris. Como Jack, deixara o casaco no carro, mas a similaridade dos dois homens terminava nesse aspecto.

Bay suspirou e apoiou o cotovelo no balcão para que pudesse amparar a cabeça.

— Na noite passada fui atacada quando saía do shopping center. Detetive Burke cuidou do caso.

— Que Deus o abençoe — Duncan falou com ironia, inclinando-se para acariciar a parte do rosto de Bay que não estava machucada. — Mas querida, como você consegue suportá-lo?

Bay sentiu que o clima tornava-se muito tenso.

— Ele me conhece bem e sabe de detalhes do meu caso, Duncan.

— Devia ter ligado para nós. Mamãe tomaria providências diretamente com o chefe de polícia.

— A imprensa apareceu no hospital. Eu não quis sua família ligada a qualquer especulação ou notícias ruins.

Duncan sorriu, mais tolerante.

— Se há algo com o qual somos experientes é em lidar com a imprensa. Mas espere um pouco. Você falou... você acha que a pessoa que a atacou sabia quem você era?

— Sem dúvida alguma — foi Jack quem respondeu. — A propósito, onde estava o motorista de sua mãe por volta das nove horas da noite?

— Como? Não tem trabalho a fazer, detetive?

— Estou fazendo justamente meu trabalho, sr. Ridgeway. Qualquer outro policial lhe faria a mesma pergunta.

— Qualquer outro policial saberia quem são os maiores protetores e amigos de Bay. Mas você tem um histórico de acusar pessoas erradas, não é mesmo?

Bay suspirou.

— Duncan!

Lançou um olhar significativo para Jack, como a pedir que não perdesse a paciência.

— Estava escuro e não havia ninguém por perto quando aconteceu. Fui atacada por trás e então não há muito o que eu possa dizer.

— Isto estava nos jornais locais desta manhã — Jack disse. — Não posso acreditar que você não tenha lido.

— Em nossa igreja há uma cerimônia de orações durante o café nas manhãs de quinta-feira — Duncan respondeu com frieza.

Seu tom de voz aqueceu-se ao se dirigir a Bay:

— Irei lá fora telefonar para mamãe. Ela não precisa receber de estranhos esta notícia assustadora. Logo estarei de volta e cuidaremos para que você receba tratamento adequado.

Jack aguardou até que a porta se fechasse e murmurou: — Este é o problema das pessoas ricas e poderosas. Não se importam em ferir os outros e são até educadas ao fazê-lo.

— Jack, por favor.

Ele se aproximou e fitou-a intensamente.

— Obrigado pelo que disse a respeito de eu conhecer você. Quase posso acreditar que não me odeia tanto.

— Deixei de odiá-lo muito tempo atrás.

— Mas me perdoou?

Atônita com o olhar tão intenso, não conseguiu sequer pensar na resposta. Jack tocou-a no queixo.

— Realmente preciso ir.

— Eu sei.

— Ficarei muito preocupado.

— Eu estarei bem.

— Eu gostaria de me certificar disto... e de que você estará aqui quando eu

voltar.

— Estarei. Quero apenas me deitar e, talvez, finalmente dormir.

— Coma alguma coisa antes. Faça com que o "Sr. Poderoso" use sua influência para conseguir que entreguem comida aqui.

— Jack, ele é uma pessoa muito doce.

— Oh, eu sei. Pois ou aquele homem "doce" ou a mãe dele foram os motivos de eu ter sido rebaixado em meu cargo.

CAPÍTULO XV

Bay permaneceu sentada, fraca e trêmula, imersa no silêncio da partida de Jack. A pele de seu queixo ainda estava aquecida no local onde ele a tocara. Internamente, porém, sentia frio.

Duncan retornou, dessa vez trazendo uma enorme caixa de presentes retangular, dourada e enfeitada com flores de seda e um laço dourado. O adesivo indicava que o presente fora adquirido em uma das lojas de roupas mais caras de Tyler. Era linda e, mesmo assim, o pensamento de Bay migrava para as compras que efetuara no shopping e que tinham permanecido na caminhonete de Jack.

— O que você fez? — indagou a Duncan.

— Eu queria ter tido tempo, mas não fui eu e sim mamãe. Mais uma roupa para o domingo, acho eu, embora não provavelmente para o próximo. Eu sempre achei que mamãe lamenta não ter tido uma filha. Está adorando cuidar de você. Pediu para eu lhe mandar um grande beijo e me ordenou que a levasse até nossa casa.

— Eu ficarei aqui.

— Não seja boba. Ela deve estar telefonando para o médico da família e pedindo que vá até nossa casa. Como estão os ferimentos sob os curativos? Muitos arranhões?

— Sete.

Ele fez uma careta e estendeu a mão para tocar em um curativo, mas recuou.

— Não diga isto a mamãe. Ela não suportaria. Pobrezinha, deixe que eu a leve até meu carro.

— Duncan, eu preciso descansar um pouco. E ficarei bem.

— Você descansará em nossa casa.

— Não.

— Bay, por mais que eu deteste admitir, se Jack estiver certo e o sujeito que a atacou conhecer você, poderá encontrá-la aqui.

— Pois eu acho que este homem já está por perto.

— O quê?

Não tivera intenção de comentar, pensando que, se muitos soubessem, a pessoa errada acabaria sabendo também. Mas sob tais circunstâncias, achava necessário lhe contar a respeito dos incidentes.

— A questão é que ele não tentou nada enquanto estive por perto da casa. O que me faz pensar que está certo de que eu o reconheceria ou teme que eu possa me

defender melhor aqui e foi esperto em não arriscar.

Duncan a fitava como se tivessem acabado de se conhecer. Por fim ela complementou:

— Lamento estragar suas ilusões a meu respeito. Mas eu o adverti. Nossos mundos são muito diferentes.

— Pare de tentar me assustar. O que me aborrece é que o incidente com a chave tenha deixado você tão nervosa. Eu conheço Elvin muito bem. Está com mamãe faz anos. Ela tratou de verificar seu passado e embora tenha encontrado um ou dois tropeções na época da juventude, jamais o manteria por perto se não possuísse as características de honestidade, dedicação e responsabilidade adequadas. Acha que eu viajaria tanto quanto faço se não estivesse confiante de que ela ficou em boas mãos?

Tudo fazia sentido. Bay desejou que pudesse voltar no tempo e que nunca tivesse desconfiado de Elvin. Certamente não fora a voz dele que ouvira na noite anterior, nem aquele hálito horroroso e repulsivo fora seu. Mesmo assim...

— Por favor, não encare o que estou prestes a dizer como uma rejeição. Mas eu posso apenas lhe dizer que muito tempo atrás eu jamais imaginaria que um júri pudesse me considerar culpada. Em outras palavras, eu preciso de provas, Duncan.

Um brilho de divertimento cintilou pelos olhos verdes.

— Então o desempenho a impressiona. É uma informação importante.

Havia algo de um eterno garoto em seu modo de agir. Como era diferente de Jack, que dava a impressão de que já nascera adulto.

— Acho que devo contar isto para sua mãe.

— Querida, tudo o que ela dirá será: "obrigada, meu Deus. Há alguma esperança para meu filho, afinal".

Mas no momento seguinte o bonito sorriso de Duncan desvaneceu.

— Se eu soubesse que você queria seu processo para fazer uma investigação particular, minha jovem, jamais teria ajudado você a obtê-lo.

— Não me diga que Lyle Gessler contou que eu fiz tudo exceto acusá-lo pessoalmente de ser um mentiroso quando apareceu em Gatesville para me dar a notícia?

— O problema de Lyle é que não tem a habilidade de Elvin. Eu gostaria de ter visto o rosto dele quando você o desafiou. Ele consegue ser bastante arrogante. Eu já disse a mamãe que tenho algumas reservas a respeito de suas habilidades em cuidar de todos assuntos conforme os negócios crescem e...

— E que negócios são estes? — Bay o provocou.

— Depois eu lhe contarei — murmurou, piscando.

— É bom que você cuide de tudo para ela.

Bay escondeu um bocejo com a mão. Duncan imediatamente se levantou.

— Como sou terrível por mantê-la acordada. Vá se deitar. Serei sua sentinela até que acorde. Poderemos conversar melhor, então.

Bay gostava muito da parte sobre se deitar. O restante era desconcertante.

— Você não pode ficar.

— Por que não? Oh, não me diga que você ronca? Se for isto, minhas ilusões

quanto à recriação da Bela Adormecida irão por água abaixo.

— É um homem ocupado. Ao menos é o que está me dizendo.

— Tenho uma secretária que sabe muito bem como reprogramar meus compromissos. Irei lá fora telefonar para ela, assim não perturbarei você. Também arrumarei algo para o almoço para que seja entregue ao meio-dia e meia.

Bay gostaria de protestar, mas simplesmente não tinha energia. Balbuciou um agradecimento, levantou-se da banquetta e vagarosamente foi para o quarto.

Tirou os sapatos e meteu-se sob as cobertas, suspirando aliviada antes de fechar os olhos.

Estava em boas mãos...

Com esse pensamento, adormeceu.

CAPÍTULO XVI

9:45 da manhã

— Burke... venha à minha sala. Agora! — chamou Gage.

Jack tivera esperança de que tenente Ed Gage estivesse em alguma reunião fora do escritório pela manhã. Após a discussão que tiveram no dia anterior, o melhor seria manter uma saudável distância do homem que almejava o cargo de chefe de polícia.

Também não notou qualquer olhar de simpatia dos outros dois únicos detetives da repartição. Tornara-se um pária frente aos companheiros e embora obrigados a trabalhar juntos em casos mais complicados, os dois não o queriam estragando suas chances de promoção.

Entrou na sala do tenente e obedeceu ao sinal de seu superior para que fechasse a porta. Aquele homem era uma piada.

— Senhor? — indagou, mantendo o rosto impassível. Gage parecia-se com um marinheiro e estava sentado à escrivaninha com todos seus distintivos e medalhas. Fitava Jack com seriedade.

— Eu quero apenas saber uma coisa, Burke. Você acha que eu gosto de repetir as coisas? Talvez pense que sim, porque eu me lembro de ter-lhe dito ontem que eu não queria que o chefe de polícia falasse comigo novamente a respeito dos Ridgeway e adivinhe como comecei meu dia? Recebendo um sermão. Uma experiência que eu gostaria muito de ter compartilhado com você se tivesse chegado aqui no horário certo.

— Lamento, senhor. Tive de me atrasar. Mas gostaria de corrigir um fato. Eu não me aproximei dos Ridgeway.

— Não brinque comigo. A amiguinha deles foi atacada ontem à noite no shopping center. Vai me dizer que não sabe de nada a respeito?

— Ela não é uma Ridgeway.

— Não brinque comigo. A sra. Ridgeway a protege e não me importo se ela é um cachorrinho de luxo, uma empregada ou uma filha adotiva. A questão é que a própria sra. Ridgeway telefonou cuspiendo fogo por você estar neste caso. E eu garanti

ao chefe de polícia que não fiz isto. E sabe o que ele falou, Burke? "Quem fez, então? Ou será que ninguém comanda este quartel?"

— Não fui ao hospital em missão oficial, senhor. Apenas agi como amigo.

— Duvido que ela o considere um amigo.

— Na noite anterior eu recebi um telefonema dizendo que srta. Butler estava no Hospital Mother Francês. Ela estava com meu cartão de visitas no bolso.

— E como seu cartão foi parar ali com o telefone de sua casa, aparentemente?

— Dei o cartão a ela alguns dias atrás quando fui lhe pedir desculpas e lhe desejar boa sorte.

O homem, cujo rosto era pontilhado por marcas de acne, enrubesceu profundamente.

— Não quero mais ouvir nada, Burke. O que aconteceu foi o resultado da melhor divulgação de mídia que tivemos na época. E, droga, você começa a pedir desculpas e em seguida os repórteres ficarão perguntando em que outro caso prendemos uma pessoa indevidamente.

— E quem poderá culpá-los se o júri concluiu injustamente que ela era culpada?

Jack percebeu que lentamente a respiração do outro homem voltava ao normal. Gage teria de concordar ou justificar a negativa ao pedido de Jack para que a última edição do processo de English fosse revista. Edição essa que Gage mantivera bem guardada por um tempo bastante inusitado.

— Você me preocupa, detetive. Este departamento somente dá certo quando todos jogam como em um time. Não quando há estrelas mais interessadas em ganhar a atenção da imprensa para que sua carreira pessoal decole em detrimento dos demais companheiros.

— Como assim, senhor? Minha preocupação é com a verdade. Alguém resolveu dizer a srta. Butler, da maneira mais violenta, que ela não tinha o direito de descobrir a verdade. Já foi informado de que o atacante de srta. Butler deixou um recado?

— Não.

— Pois ele disse para ela ir embora. Ou seja, para não se meter mais no caso. O que me leva a crer que as conclusões a respeito do caso de English não são nada conclusivas... senhor.

CAPÍTULO XVII

13:00 horas

De jeito nenhum! Bay estava na cozinha diante de Duncan. Ele explicava como resolvera a maior parte de seus problemas... ao menos para as próximas vinte e quatro horas. Era bom demais para ser verdade.

Assim como o enorme buquê de flores que pedira para ser entregue enquanto Bay dormia, o qual quase bloqueava sua visão da porta da cozinha.

Pouco conhecia sobre flores, mas sabia que o deslumbrante vaso de cristal

custara uma pequena fortuna.

— É verdade — Duncan falou, saboreando mais um pedaço de carne. — Você aceitará o pedido de Nelson. E Bruce não vai incomodá-la na loja para inspecionar seu trabalho. Depois que lhe contei que, além de você estar trabalhando no portão de mamãe, também foi contratada para redesenhar um famoso carro de corridas...

— Não foi exatamente isto. Redesenhar?

— Eu entendi assim.

— Bem... e o carro não é famoso.

— Você não falou que o rapaz ganhou todas as corridas da região?

— Sim, mas...

— Então é muito conhecido.

— Isto é enganação.

— De qualquer maneira, Bruce quer que você faça alguns enfeites de jardim para Célia. Ele deixará por conta de sua criatividade. E nem discutirá preço.

— Não cobrarei além do que é honesto. Madeleine falou sobre tudo o que Bruce tem feito para a esposa e do quanto sabe valorizar um trabalho de qualidade.

— Veja só você menosprezando meus esforços. Mal posso aguardar. Diga-me, você consegue fazer carrinhos para abrigar flores no jardim?

— Com os instrumentos certos, sim.

Bay estendeu a mão para pegar a prancheta e desenhar.

— Ei, nada de trabalho hoje. Apenas diversão e comida. Coma.

— Estou comendo, mas devagar porque meus lábios estão machucados — murmurou para não ofendê-lo, embora achasse a comida temperada demais. — O que Doug Crow falou?

— Ele está lhe dando ingressos para todas as corridas das quais participará se você puder perdoá-lo pela atitude hostil desta manhã.

— Doug Crow é um competidor de final de semana. Não faz parte do grande circuito de provas.

— Oh, mas ele perguntou se você poderia deixar o carro pronto para a corrida do próximo sábado.

— Pobre Doug. Espero que você não tenha intimidado o rapaz. Parece ser boa pessoa. E, sim, conseguirei cumprir este prazo.

Bay desistiu de comer a carne e os vegetais e concentrou-se no arroz.

— Obrigada, Duncan. Brincadeiras à parte, você salvou meus negócios.

— Parece que já está pronta para contratar alguém.

— Acho que não.

Percebeu que ele queria lhe fazer uma oferta e não estava disposta a discutir com os Ridgeway mais empréstimos e favores.

— Sua secretária conseguiu manter seus compromissos sob controle enquanto você está bancando minha babá hoje?

— Acho que ela foi para casa mais cedo porque está doente.

— Espero que não seja nada sério.

— Acho que uma virose. De qualquer maneira, poderemos encorajá-la a

demorar todo o tempo que quiser. Precisamos afastar Holly do escritório de comunicação.

— Mas sua mãe falou...

— Eu sei. Sua preocupação é igual a minha, particularmente após a maneira como ela se comportou no último final de semana.

— Então o que você está fazendo aqui?

— Tentando impressionar uma nova amiga.

— Assim que você terminar o almoço, faça o que tiver de ser feito. Estou me sentindo bem mais forte.

— Três horas de sono depois de tudo o que você passou é uma pequena soneca. Nem começou a ajudá-la a se recuperar. E quanto a deixá-la sozinha aqui...

— Ora, ora, mamãe... Duncan deu uma gargalhada.

— Você vai me pagar por isto.

Duncan foi embora cerca de vinte minutos depois, advertindo-a de que estaria por perto. Surpreendeu-a com um beijo na única parte do rosto que não estava machucada. .

— Saiba que o almoço de hoje não anula nosso jantar. Bay sentiu-se feliz por ter sua privacidade de volta.

Suspeitava de que Duncan cuidara dos negócios enquanto ela dormia.

E não podia acreditar na comida condimentada que comprara. Seria um desperdício jogar no lixo. Mas como suportar algo tão temperado e forte?

O som de um veículo diante da casa chamou sua atenção. Imaginou que Duncan tivesse se esquecido de algo mas, ao abrir a porta, viu-se face a face com Jack.

— Sim, ele passou por mim — murmurou entrando. — Não, não me viu. Estava ao telefone enquanto verificava no espelho retrovisor se o cabelo estava bem penteado. E seus olhos — murmurou, estendendo-lhe as sacolas com as compras que Bay fizera no shopping naquela noite fatídica. — Quanto mais você tenta ocultar suas emoções, mais eu consigo percebê-las. Como está?

— Encantada com a perspectiva de mais um interrogatório ou mais um sermão.

Até o momento o olhar de Jack estivera pousado nela. No instante seguinte avistou as flores, os recipientes de comida e a rica caixa da loja de roupas, ainda por abrir.

— Imaginei que você só fosse aparecer à noite. A resposta não melhorou o humor de Jack.

— Não telefonei porque pensei que estivesse dormindo. Devo perguntar quando ele voltou?

— Não voltou. Nem chegou a sair.

Jack perambulou até a porta como se debatendo a possibilidade de jogar o vaso de cristal no quintal.

— Ele é bastante insistente, não?

— Ninguém me deu flores antes — Bay comentou. — Por favor, não me culpe por gostar delas.

— Posso começar novamente? Você parece bem melhor. Só podia ser uma

ironia, Bay pensou, pois o curativo de sua testa começara a descolar e ela não se importara em substituí-lo. Mas Jack também não gastara tempo cuidando da aparência.

— Eu estava prestes a preparar um sanduíche para mim. Quer que eu faça dois?

Jack arregalou os olhos para as caixas de comida.

— Alguma coisa errada com isto?

— Não se seu estômago for feito de aço.

— Seria ótimo um sanduíche.

— Posso lhe oferecer apenas o básico para beber: café, água, suco.

Jack sorriu.

— Gostaria de um café.

— Então sente-se.

Ele enrolou os punhos da camisa.

— Deixe-me limpar isto antes.

Bay colocou água para fazer café instantâneo, jogou a comida do restaurante no triturador da pia e fez dois sanduíches. Nem perguntou do que ele gostava; usou o que tinha na geladeira. Durante o tempo todo tinha plena consciência do silêncio de Jack. Finalmente estendeu um prato em sua direção.

— Você gosta de comer em paz ou prefere me contar o que está acontecendo?
— ela indagou.

— Acho que piorei as coisas hoje.

Bay sentou-se e ficou imaginando como os fatos poderiam ser piores.

— Ontem você falou que foi rebaixado.

— Na delegacia todos sabem que você não acredita na história de Tarpley.

— Qual o problema? Eu não envolvi a imprensa nem envergonhei os Ridgeway em público.

— Isto ainda sugere que você não respeita o trabalho do departamento de polícia.

— Não é culpa deles se Tarpley está mentindo.

— Martel apoiou Tarpley. Disse que Basque estava em Tyler no momento do assassinado de Glenn, então como pode ver, você poderia estar chamando Martel e toda força policial de mentirosa. Sim, sei que ele nem mais faz parte da trama. Mas não importa, a situação pode piorar, Bay.

— Não podem me colocar de volta na cadeia.

O olhar e o silêncio de Jack fizeram com que ela colocasse seu sanduíche no prato.

— Podem?

— A vida pode se tornar um inferno. Vão deter você por cada violação de trânsito, legítima ou não. Irão até o supermercado, encontrarão sua caminhonete e irão guinchá-la dizendo que estacionou em local proibido. Farão uma série de coisas até que você se canse, dê um dinheiro a todos e então estará envolvida.

— Serei presa?

Bay não achava que seria capaz de suportar algemas novamente, nem o trauma de retornar à cadeia.

— Eu só estou falando do orgulho deles.

— Não compreendo.

— Se houver algo mais, algo maior e mais sério acontecendo, então você poderia ser julgada da mesma maneira como foi anteriormente... ou silenciada para sempre.

Bay estremeceu como se alguém tivesse alterado o termostato novamente. Segurou com força a xícara para tentar aquecer as mãos.

Jack aguardou, sua expressão refletindo preocupação e compaixão. E talvez algo mais. Uma profunda vergonha.

— Percebeu que algo estava errado durante o tempo todo, não é mesmo? — ela indagou.

— Foi por isto que nunca deixei de pensar neste caso. Nós nos lembramos das cenas dos crimes, este é um fato da vida relacionado a nosso trabalho. Mas você nunca me saiu da cabeça. Eu me lembro da maneira como a encontrei no escritório. Todos mais na cena acharam que você estava fingindo para ser salva da pena de morte ao chorar a morte de seu amigo. Mas quando olhei em seus olhos vi que experimentava algo indescritível.

— Sim.

— E por mais terrível que a morte de Glenn tenha sido, a acusação de que fora a culpada foi ainda pior.

— Sim...

Durante anos tentara se conformar, em vão. Seus olhos ficaram rasos d'água.

— Desde o princípio tiveram intenção de culpar você. Mas como eu poderia convencer o júri de que meus instintos de policial tinham valor? — Jack prosseguiu: — É incrível. As pessoas ficam fascinadas ao assistir na televisão a história de um rapaz que conquistou quinze minutos de fama falando sobre o inexplicável momento em que recebeu um aviso celestial para que virasse à esquerda em vez de à direita e não apenas sobreviveu como salvou outras pessoas e tornou-se um herói. Mas a palavra "instinto", vinda de uma testemunha, não tem valor algum para eles. E ainda dizem: "Você alguma vez já duvidou desta sua voz interior, detetive?"

Jack fechou os olhos e ao abri-los Bay percebeu um traço do homem que passara anos mergulhado em tristeza.

— Você não é uma assassina. E tremia tanto que foram precisos dois policiais para colocá-la em pé e depois na viatura.

Lágrimas umedeciam o rosto de Bay e ela nem se importou em secá-las. Conseguia apenas ficar sentada imóvel enquanto a concha protetora que erigira em torno de si durante seis anos era simplesmente destruída e feridas antigas e emoções há muito enterradas emergiam.

Mas ao mesmo tempo estava aliviada por alguém finalmente ter compreendido o que acontecera... e o que estava ocorrendo.

— Pare de chorar...

Jack se aproximou e abraçou-a.

— O sal de suas lágrimas fará suas feridas arderem.

— Eu estou bem. É que... eu nunca imaginei... Ele beijou-a no alto da cabeça.

— Desejei ter lhe contado que eu queria ajudar, que estava tentando. Mas a comunicação com você era difícil...

— Eu sei. Foi a única coisa que pôde dizer. Sua mente girava. Os sentidos estavam perturbados. Durante toda sua vida não gostara muito que as pessoas a tocassem. E entendia a psicologia por trás disso: a perda prematura da mãe, um pai negligente e frio e um namorado que fora muito útil profissionalmente, mas não adequado para um relacionamento amoroso.

Desculpas, talvez. Mas talvez fosse instinto, como Jack descrevera. Por isso Bay permitia contato físico somente quando sentia uma forte correspondência com a pessoa.

E como isso raramente acontecia, a intimidade tornava-se algo abusivo e digno de ser evitado.

Mas então ali estava Jack Burke, cujo mero nome deveria deixá-la aborrecida. No entanto, seu toque era agradável e terno. Assim como o olhar que lhe dirigiu quando a afastou levemente, obrigando Bay a pender a cabeça para trás para fitá-lo.

E depois Jack a segurou firmemente enquanto baixava sua boca para um beijo.

Apenas ternura e carinho não seriam capazes de descrever tamanha excitação. Bem poderiam ser amantes se reencontrando. Uma afirmação, exploração, cada célula de seu corpo renascendo. Sentia-se cada vez mais aquecida até que o queimar tornou-se algo maior.

Desejo.

Algo que Bay não poderia sentir.

Por isso retrocedeu. E Jack avançou... e então se conteve. Em seu olhar havia compreensão e ele se afastou por completo, impedido apenas pelos braços de Bay puxando-o para que pudesse encostar o rosto em seu peito. Limitou-se a abraçá-la.

— A culpa é minha — Jack murmurou com respiração entrecortada.

— Minha. Eu o provoquei. Mas é cedo demais e...

— Gosto de você. Bay, as cicatrizes vão desaparecer. Fazem com que eu tenha raiva e muita vontade de atacar a pessoa que fez isto. Mas ainda é você. É quem eu vejo. É quem eu sempre verei. Estes olhos, o que vejo neles...

Passou os dedos levemente por seu pescoço, aproximando-se dos seios.

Bay não conseguia pensar em nada para dizer em resposta. Foi quando o telefone tocou, rompendo o encanto. E ela perdeu a oportunidade.

CAPÍTULO XVIII

— Madeleine... olá. Bay sabia que ela telefonaria, mas Jack fizera-a esquecer-se disto. Ele se sentou do outro lado do balcão e sua expressão foi vagarosamente se alterando, a preocupação ficando mais intensa como uma armadura e escondendo o homem ao qual correspondera com tanto desejo.

— Querida, como está? Não parece muito bem.

— Acho que ainda não acordei totalmente.

— Está exausta. Duncan me contou que tirou apenas uma soneca.
— Foi o bastante para eu agüentar até o final do dia. E obrigada pelo presente. Você não devia ter se preocupado.
— Duncan falou que você nem abriu.
Bay ficou imaginando o que Duncan deixara de contar à mãe.
— Um pacote tão maravilhoso, fiquei com dó de destruí-lo — desculpou-se. Madeleine riu.
— Eles trabalham bem, não é? Mas vá em frente. Ficarei aguardando.
Bay conhecia a determinação de Madeleine e decidiu acatar.
— Está bem — murmurou, colocando o fone do balcão e se aproximando da caixa.

Havia um deslumbrante par de sapatos de salto alto combinando com uma bolsa muito chique. E também um terninho branco com uma pérola delicada no ombro esquerdo.

Sentiu o olhar de Jack quase a ler seus pensamentos. Sim, pareceria uma noiva com o terninho branco combinando com a bolsa e os sapatos. Retornou para o telefone.

— É o máximo, mas caro demais. Não posso aceitar.
— Bobagem. Eu me diverti muito.
— Falo sério. Por favor, pare de agir desta maneira.
— E por quê? Você precisa renovar o guarda-roupa e eu quis surpreendê-la.
— Pois consegui.
— Poderá usar esta roupa no domingo. Claro, pedirei que Elvin busque você porque aquela caminhonete não estará limpa o bastante para...

— Madeleine, eu ainda não estou em condições de ser vista em público. Você costuma sentar-se na primeira fileira. Aquela câmera de televisão da semana passada não parava de focar em nós.

A mulher riu novamente.

— Estou tão habituada que nem percebo quando estão me filmando.
— Bem, pois deixe que eu lhe conte que a audiência da televisão notará não somente a roupa deslumbrante que me deu. Duncan não comentou que estou parecendo uma bruxa?

— Oh, querida, certamente você não está assim. O que acha se eu conversar com os produtores para que apenas o lado do seu rosto que estiver melhor apareça e à distância?

— Madeleine, já estou decidida.

— Então nós a veremos no almoço.

Bay mais uma vez notava o motivo de sua benfeitora ser tão bem-sucedida. Jamais desistia. E o que Jack estaria pensando?

— Obrigada, mas não irei ao almoço também. Gostaria de algum tempo para que as feridas cicatrizem. E para eu decidir o que fazer.

— Eu sabia. Está assustada. Duncan jamais devia ter deixado você sozinha aí. Não sei o que deu nele. Pedirei para Elvin buscá-la e você passará os próximos dias aqui. Analisaremos a situação juntas.

— Não, Madeleine. É muita gentileza de sua parte e aprecio muito sua preocupação. Mas absolutamente não.

— Está parecendo uma ermitã.

De fato não era nem jamais seria uma *socialite*, nem desejava ser.

— Eu tenho alguns projetos me aguardando.

Não ousou olhar para Jack, certa de que acompanhava o rumo da conversa.

— Sei disto. Poderemos trabalhar para que você cumpra o cronograma. Elvin poderá levá-la.

— Você deixou um carro comigo para que eu pudesse dirigir. Mas não irei.

— Bay — Madeleine suspirou. — Está novamente desconfiada de Elvin? Duncan devia ter lhe explicado.

— Tem pouco a ver com Elvin. Menos do que imagina. E não estou com medo de ficar aqui sozinha.

Madeleine ficou em silêncio.

— Acha que estou sendo muito zelosa? Mas é que é como se eu tivesse uma filha, afinal.

— Madeleine — Bay queixou-se —, você poderia ser do Departamento de Defesa.

— Em outras palavras, estou sendo rejeitada.

— Não foi o que eu disse.

— Se encontro alguém ou algo que me inspira, sinto-me obrigada a fazer tudo o que posso para apoiá-lo. Vou lhe contar um segredo, Bay. Não sou uma mulher excepcional. Não tente argumentar, sei que é difícil de acreditar considerando-se o passado de minha família. Mas por mais que eu tivesse adorado meu pai, ele não era muito bom com as mulheres. Disse-me que eu não tinha nenhum talento notável, exceto minha habilidade em segui-lo sem ser neutralizada por ele.

— Então me ensine como entrar em contato com ele no além para implorar que deixe de lhe fazer acusações tolas. E para pedir que me ajude a convencê-la de que não sou mais um bebê.

Madeleine riu novamente.

— Fico feliz por estarmos do mesmo lado.

— Mas vai parar?

— Só um pouquinho. Deixe-me tomar conta de você mais um pouquinho e prometo que depois deixarei que siga sua vida. Ah, tome cuidado com Jack Burke. Duncan me falou que ele provavelmente retornaria esta tarde em busca de informações.

— Eu contei a ele tudo o que sei sobre o ataque.

— Você não sabe a que ponto ele poderá ficar zangado. Tomei algumas providências para garantir que pense duas vezes antes de importuná-la novamente. Mas temo que, em vez de entender a mensagem, ele consiga voltar você contra nós.

— O que você fez? O que fez?

— Usei meus contatos, é para isto que servem. Detetive Burke talvez não possa mais ser chamado de "detetive" dentro de algum tempo. E compreenderá que não pode meter o nariz onde não é chamado.

— Madeleine, eu contei a Duncan como ele foi bondoso comigo depois do ataque.

— Para causar boa impressão em público. Pense bem. Ele não pode aceitar o fato de o maior caso de que cuidou ter sido revertido. Eu não ficaria surpresa se ele tivesse contratado alguém para machucá-la apenas para ir a seu resgate.

— Isto é ridículo! Para quê?

— Ciúme, inveja...

Bay franziu a testa, decepcionada com as conclusões a que chegara Madeleine.

— Nunca pensei nele desta maneira.

Ouviu um movimento atrás de si e as mãos de Jack pousaram em seus ombros. O carinho aqueceu-a. Estava lhe oferecendo apoio emocional e Bay cobriu-lhe a mão esquerda com a sua.

— Não estou esperando que você perceba tudo o que ocorre a seu redor, querida. Apenas cuide-se e me conte tudo o que acontecer.

Bay mudou de assunto para os Nelson e em como Duncan fechara o contrato para ela. Era um terreno seguro até que conseguisse encerrar a ligação.

Finalmente colocou o fone do gancho. Jack massageou seus ombros com delicadeza e beijou-a no pescoço.

— É como tentar ler um texto em chinês, não é? Bay virou-se para fitá-lo.

— Isto mesmo.

— Não pareça tão...

— Impressionada.

— Você talvez conseguisse pensar com mais clareza se não estivesse constantemente tendo de lutar contra o assédio de sra. Ridgeway. Ela trata você como se tivesse dezoito anos de idade e como se fosse a filha que nunca teve.

— Ela é maravilhosa. Ambos são maravilhosos para mim.

— Mas estão sufocando você.

— É verdade. E mesmo assim... são como a família que eu nunca tive.

— Acha que Duncan Ridgeway gostaria que você o visse como um irmão?

Bay contemplou as flores, o presente e voltou a fitá-lo.

— Pare. Está me assustando.

— Como acha que eu me sinto?

Ele se afastou um pouco para colocar os pensamentos em ordem.

— Não, não sou o tipo de Duncan.

— Mas parece que ele já conseguiu a aprovação da mamãe.

— Devolverei o presente. Se ela não aceitar, irei à loja e insistirei para que façam um crédito em sua conta corrente. E quanto a Duncan, sou novidade para ele. Um desafio. Acredite-me, o que ele acha que sente em breve acabará. Assim como qualquer apelação de Madeleine após mais algumas conversas como a que acabei de ter. Duncan precisa de alguém que goste de vida social agitada, de política. E não sou assim.

— Foi por isto que comprou aquela roupa social ontem? Para dissuadi-lo de suas intenções?

— É um vestido preto simples, apropriado para funerais e para quaisquer outras

ocasiões.

— Certo. Pois eu lhe digo que os homens ficariam imaginando que aquele vestido foi feito exatamente para atrair um abraço.

— Duncan convenceu sua mãe a me dar o processo — Bay falou. — Mas algumas coisas estão faltando. Imaginei que se jantássemos eu teria oportunidade de conversar em privacidade com ele e conseguir sua ajuda para descobrir o motivo.

— Você não precisa de tamanho esforço para conseguir isto.

Diante do olhar confuso, murmurou:

— Atenha-se aos fatos principais.

— Não consigo entender.

— Ouvi você tentando me defender, tentando impedi-la de me perseguir. Por que acha que ela está fazendo isto, Bay?

— Para puni-lo por ter me prejudicado.

— Pois é exatamente o que ela deseja lhe transmitir. E o que você vê? O que sabe?

Já não conseguia ver mais nada.

— Preciso descansar.

Jack parecia hesitante, então se aproximou e abraçou-a.

— Não me expulse daqui.

— Não quero fazer isto.

— Você também sente o que há entre nós quando estamos tão próximos?

Não apenas sentia segurança naqueles braços, mas também um desejo que lhe era bastante estranho.

— Sexo complicaria tudo — disse a si mesma mais do que para ele.

Jack beijou-a na testa. Afastou-se.

— Não seria apenas sexo, você sabe disto. É o que mais a assusta.

Então capturou os lábios novamente, tomando cuidado para não machucá-la, mas levando-a às alturas.

Bay sentia-se cada vez mais zozna. Agarrou-se na camisa dele, consciente do descompasso das batidas de seu coração. Percebeu que Jack ficava mais excitado e apertava-a com mais força, prensando-a contra a parede enquanto ela gemia e se arqueava para acolhê-lo.

Então o redemoinho de emoções a engolfou. E a última coisa de que teve consciência foi de estar sozinha na cama, ouvindo a porta fechar-se com suavidade atrás de Jack.

Zozna, ainda escutava suas últimas palavras... "Se você corresponder a meus beijos desta maneira mais uma vez, não me importarei com as complicações que seguirão. Vamos nos deitar juntos e depois você terá de me perdoar."

CAPÍTULO XIX

A secretária eletrônica teve bastante trabalho durante o restante daquela tarde.

Bay estivera ansiosa por permanecer escondida sob as cobertas, mas obrigara-se a limpar a cozinha antes.

Duncan lhe daria alguma folga imaginando-a em outra soneca. E quanto a Jack, certamente tivera de retornar à delegacia e provavelmente não lhe telefonaria.

Precisava bloquear seu contato com o mundo durante algum tempo, mas estava no corredor a caminho do quarto quando o telefone começou a tocar...

— Bay? É Duncan. Dormindo mais um pouco? Espero que as coisas estejam mais tranquilas por aí do que por aqui. Entrarei em contato mais tarde. Enquanto isto, se precisar de algo, deixei meu cartão perto do telefone. Ligue-me assim que levantar para que eu saiba que está bem...

— Sou eu — uma voz mais grave disse, na ligação seguinte. — Ouça, estou preocupado. Acho que você deve ter se esquecido de trancar a porta depois que eu saí. Por favor verifique a porta...

— Está bem — Jack falou com impaciência na ligação seguinte. — Quero saber se você está bem. Atenda. Bay? Atenda. Você sabe que irei de carro até aí se não atender.

A advertência fez com que Bay se levantasse do sofá e atendesse.

— Não me ameace, Jack.

— Não me deixe maluco de preocupação.

— Estava tentando descansar.

— Pois você não conseguirá dormir mais do que eu conseguirei trabalhar.

Bay recolocou o fone no gancho depois de alguns minutos porque não poderia discordar com ele e jamais admitiria isso.

— Bay? É Duncan. Acho que ainda não acordou. Ouça, terei de sair da cidade para cuidar de alguns assuntos na costa leste. Por causa da chuva. Eu lhe contarei melhor quando voltar. De qualquer maneira, você tem o telefone de casa. Ligue. Melhor ainda, por favor reconsidere a oferta de mamãe. Sim, ela me disse que conversou com você. Estamos aqui para ajudá-la, querida.

— Bay, é Jack. Não desligue. Acabei de sair do trabalho. Você precisa de alguma coisa? Está bem, talvez possa dormir depois, mas acorde agora e atenda para que eu saiba que está bem. Bay! Atenda, mulher, ou eu sentirei muita culpa por arrombar sua porta e entrar aí em cerca de sete minutos.

Bay pegou a extensão que estava no quarto.

— Faça isto e ligarei para a polícia.

— Melhor ainda. Onde você está? O sol está intenso e o dia muito abafado.

— Debaixo da coberta. É o lugar mais escuro da casa.

— Está se sentindo pior? Quer que eu a leve de volta para o pronto-socorro?

— Dor de cabeça. Tomei alguma coisa. É que eu esperei demais para me medicar.

— E comeu menos da metade daquele sanduíche. Seu corpo está gritando por ajuda.

— Somente meu ouvido.

— Acho que você deveria deixar que eu fosse até aí preparar alguma coisa.

Talvez aquela sopa novamente. Tem algo do gênero em seu armário?

— Apenas vá para casa.

— Não até estar convencido de que você consegue cuidar de si mesma.

— Cuidar de mim contra quem? Você, os Ridgeway? Jack, não quero conversar com você agora.

— Mas eu ainda quero ouvir mais algumas coisas até estar convencido de que você não está me escondendo nenhum sintoma médico importante.

— O que você quer que eu faça, recite o alfabeto de trás para frente para você? Eu terei de pegar uma caneta e um lápis primeiro. E caso esteja se referindo a Duncan, ele deixou a cidade em virtude de uma emergência de negócios. Então a maior parte de suas preocupações a meu respeito já está descartada.

— Ele pode ser do tipo paciente. Como eu. Após uma longa pausa, Jack prosseguiu:

— Talvez eu não devesse ter dito isto.

— Eu só estou pedindo um pouco de tempo e espaço. Até alguns dias atrás eu não tinha nada. E agora todos estão atrás de mim para dizer o que devo fazer.

— Só há uma diferença. Eu não estou tentando me proteger de você.

CAPÍTULO XX

Jack estava muito aborrecido consigo mesmo e resolveu dirigir para o Aeroporto Drive.

Não tivera intenção de aumentar o estresse de Bay. E sabia que os beijos e abraços que trocaram impediriam que o relacionamento retornasse ao neutro patamar anterior. Sequer poderia fingir imparcialidade profissional.

Talvez a tenha aborrecido o suficiente a ponto de Bay reportá-lo a seu superior. Mesmo assim, não poderia simplesmente ir para casa, deixando-a sozinha sem qualquer proteção.

A novidade a respeito de Duncan Ridgeway convencera-o. Talvez estivesse dando a Bay um tempo para reflexão... ou arrumando um álibi para si.

Aproximou-se da casa dela, observando o trânsito intenso. Felizmente não havia outros veículos em torno da loja e da residência. Na verdade tudo parecia em ordem. Satisfeito por ter algum tempo, tomou o caminho de sua fazenda.

Bud estava sentado perto da garagem aguardando por ele como se tivesse recebido um telefonema avisando-o da chegada do dono. Latiu, pulou para saudá-lo e saltou para a caminhonete para um passeio rápido. O cumprimento fez com que Simon saísse do celeiro e batesse as luvas contra as coxas.

Jack não abriu o portão automático da garagem. Limitou-se a estacionar do lado externo. E ao descer, Bud inundou-o de lambidas.

— Nada de beijos molhados — Jack murmurou, afagando o animal com afeto.

— Tudo bem? — Simon indagou.

— Estarei fora durante a noite. Preciso apenas trocar de roupa e sairei. Como foi

o dia hoje?

— Bom. Seria melhor se tivesse chovido.

— Você diz a mesma coisa desde setembro. Eu telefonarei pela manhã, mas se precisar de algo, entre em contato através de meu *pager*.

— Quantas vezes eu o importunei?

— É por isto que eu não deixo de lembrá-lo.

— Sua ausência tem algo a ver com aquela garota?

— Sim.

Momentos mais tarde estava de volta à caminhonete, deixando um Bud decepcionado a fitá-lo.

Enquanto arrumava suas coisas, estivera pensando no melhor local para ter uma boa visão da propriedade e mesmo assim permanecer distante do trânsito. Seria ideal estacionar atrás da loja. Estaria perto o bastante para avistar a aproximação de qualquer pessoa.

Mas mesmo que Bay não o flagrasse chegando, certamente o avistaria pela manhã ao sair. E poderia ter problemas se fosse acusado de invasão de propriedade na delegacia.

Sua segunda opção era uma estrada de terra do outro lado da pista. A vegetação alta o protegeria. Seria a melhor alternativa.

Ao chegar a seu ponto de observação notou, entretanto, que seria mais prudente dirigir um pouco mais mata adentro para se proteger.

Confiante por ter encontrado o local ideal, manobrou o carro para obter o melhor ângulo do estabelecimento de Bay e mesmo assim estar escondido do trânsito da estrada. Seria melhor evitar um encontro com a patrulha policial da meia-noite ou o tenente exigiria seu distintivo de volta pela manhã.

Desligou o motor e reclinou o assento. Retirou a gravata e pendurou-a no cabide juntamente com as roupas que usaria pela manhã. Então se acomodou para a longa noite.

Aproximava-se a meia-noite e ele acabara de verificar se o movimento estava normal. O trânsito era bastante escasso. Então subitamente um veículo utilitário escuro freou e adentrou o caminho para a propriedade de Bay.

Jack sentou-se, instantaneamente alerta.

O carro parou diante da casa. Sem desviar o olhar do utilitário, Jack pegou a arma e verificou se a lanterna estava no console onde a colocara anteriormente. Subitamente as luzes internas do veículo intruso foram acesas e ele viu um homem e uma mulher. Bem poderiam ser ele e Bay, exceto pelo fato de os cabelos da moça estarem na altura dos ombros.

Estavam perdidos, considerou observando-os a espiar um pedaço de papel.

Após alguns segundos, o homem desligou a luz interna e retornou para a pista. Durante breves instantes os faróis iluminaram a caminhonete de Jack, mas ele já se abaixara, embora soubesse que estava longe demais em meio à mata para captar seu interesse.

E apenas para seguir um palpite, ligou o motor e seguiu o veículo.

O utilitário reduziu a velocidade novamente um pouco mais adiante defronte a uma casa. Jack pegou o próximo retorno. Ao passar pelo local novamente, viu o casal sendo saudado à porta por um homem de robe que os abraçava e fazia menção para que entrassem.

—Ao menos um final feliz para esta noite—murmurou.

Bocejando, retornou a seu posto.

CAPÍTULO XXI

Sexta-feira, 8 de junho de 2001 - 5:55 da manhã

Bay acabara de colocar água para fazer a segunda xícara de café quando se lembrou de que era dia de recolhimento de lixo. O caminhão chegava cedo e ela se apressou para o quintal a fim de dar um nó no saco plástico. Foi quando seu coração disparou.

Aquela caminhonete do outro lado da rua... nunca a vira antes. Na verdade, nunca prestara muita atenção naquela estradinha. Ninguém morava ali, pelo que sabia. Entretanto, a caminhonete fazia-a lembrar-se de...

Adiantou-se alguns passos para observar melhor. O lusco-fusco do amanhecer poderia enganá-la, mas sim, até mesmo conseguia ler a placa. Não que isso pudesse ajudá-la. O que realmente estava visível era a cabeça de um homem contra a janela do motorista.

Olhou com cuidado e atravessou a pista. Quando alcançou o outro lado, o homem ergueu a cabeça como se pressentindo sua aproximação. Bay teria rido diante da expressão de espanto, não estivesse tão confusa.

Ele colocou a chave no contato e desceu o vidro da janela.

— Mal posso esperar para ouvir uma explicação — falou, categórica, com as mãos nos quadris.

Os olhos de Jack estavam inchados, a calça jeans e a camiseta amassados.

— O que há a ser dito? Você não iria para minha casa comigo e certamente eu não a deixaria aqui sozinha.

Não podia acreditar. Ele acampara ali durante toda a noite? Nem era preciso perguntar, já que havia outro traje pendurado no banco traseiro. O que planejava fazer, trocar-se no banheiro da delegacia? Isso certamente não seria bom para sua imagem diante dos superiores.

— Está maluco, Burke.

Mas a indignação de Bay já estava bastante moderada.

— Acho melhor você tomar um pouco de café e se lavar. Não quero que cause um acidente dormindo atrás do volante ou apavorando mães que levam seus bebês para passear.

Com os olhos vermelhos e a barba por fazer, sua aparência não era das melhores.

— Boa idéia. Entre. Iremos de carro.

Ela fingiu que não o escutou e correu de volta para a pista. Precisava de um momento para se acalmar e pensar em seu impulso inesperado de tomar conta de Jack.

Em minutos chegaram à casa e entraram.

— Obrigado pela oferta — murmurou meio sem jeito, parando na metade da sala como se fosse a primeira vez que entrava ali. — E por sua compreensão.

— Percebi que suas intenções eram decentes. Viu alguma coisa de anormal?

— Um casal se aproximou da casa por volta da meia-noite, mas eram apenas viajantes perdidos, hóspedes de seus vizinhos.

— Não acho que eu teria escutado se alguém tivesse tentado entrar.

— Exatamente.

Jack olhou ao redor e Bay compreendeu que se sentia inquieto.

— Se quiser tomar um banho, use o banheiro principal. Cuidarei da comida.

— Não gosto da idéia de lhe dar trabalho, mas não vou recusar.

Em outras palavras, não tinha sequer jantado. Desconfiava de que sua última refeição fora ali, na casa dela.

Quando Jack retornou, Bay já havia preparado um mexido com batatas, toucinho, pimentão verde, cebolas e tomates, tudo misturado com ovos. Acrescentou algumas torradas e colocou tudo na mesa, onde já arrumara os pratos, talheres e guardanapos.

— Quer geléia?

— Claro. Vai completar esta grande mistura. Bay estacou.

— Pode não ser bonito, mas é saboroso. Cresci em uma casa onde cada um cuidava de si. E esta mistura o sustentará por toda a manhã.

— Foi o que eu quis dizer. Parece maravilhoso. Jack sorriu quando ela trouxe o restante da comida que ficara na panela e sentou-se a seu lado.

— Mamãe costumava fazer isto — acrescentou bem-humorado. — Dava-se o trabalho de colocar pratos para todos nós e então agarrava a panela e comia o restante que sobrara.

— Não há necessidade de sujar outro prato.

Bay observou-o comendo e fechando os olhos, satisfeito. Ironicamente, aquele momento expunha ainda mais sua fadiga.

— Como conseguirá suportar o dia, cansado como está?

— A mente supera o cansaço. Já passei algumas noites em claro antes. Após dois ou três dias, já se está acostumado. Faz parte do trabalho.

— Não desta vez. Pediram que você se afastasse de mim.

— Estava falando de maneira geral.

— Planeja estacionar ali novamente?

— Se necessário, sim, até que consigamos uma pista.

— E qual será a explicação para seu chefe quando cair, da cadeira durante a reunião matinal?

— Direi que fiquei acordado a noite toda com uma ninfa.

— Ótimo para a primeira noite. E depois, o que dirá?

— Tenho muitas ninfas.

— Engraçadinho! E se eu lhe disser que durmo com uma enorme faca de cozinha debaixo do travesseiro? Aí então irá para casa?

— Acha que conseguirei descansar imaginando você no aguardo até que alguém esteja próximo o bastante para que possa se defender?

— Sou mais forte do que pareço. No julgamento, você precisou concordar que anos de profissão me deixaram bastante forte e fizeram de meu tamanho algo irrelevante.

Jack pousou a faca.

— Realmente quer se lembrar daquilo tudo? Há uma diferença entre ser competente em seu trabalho e ser apanhada desprevenida na cama com alguém debruçado sobre você. Droga, Bay, não quero ter esta conversa.

Nem ela. Carregou a frigideira vazia até a pia e colocou um pouco de água dentro. Apenas estivera preparando o caminho para o que precisava falar.

— Há algo que deve saber antes de ir para o trabalho hoje. Além da intenção de devolver o último presente de Madeleine eu... eu decidi me mudar daqui.

O retorno à mesa foi muito longo, talvez comparável à caminhada ao túmulo de Glenn, se isso lhe tivesse sido permitido. Jack contemplava-a com intensidade enquanto Bay segurava com ambas as mãos a xícara de café.

— Eu não sei para onde irei e nós precisamos conversar.

— Está certo. Vá em frente.

Ela experimentou um momento de puro pavor.

— Você falou um pouco sobre o motivo de ter sido rebaixado em sua função. Por que acha que os Ridgeway não gostam de você?

— Ódio. Se pudessem, eu estaria morto assim como Basque.

Bay achava que os comentários a respeito de Jack feitos por Madeleine haviam ido longe demais.

— Mas por quê? Madeleine fala que você tem ciúme do sucesso da igreja.

— Esta tese é perfeita. Eu sou um ateu, um anti-Cristo. Talvez até o próprio diabo.

— Exagerar não ajuda em nada.

— Desculpe. Já estou lidando com isto faz algum tempo e sempre me aborreço. Aquela gente se levanta quando diante de qualquer câmera para falar o lixo que quiserem. Quanto a mim, não ousa sussurrar seu nome em público sem a ameaça de uma punição.

— Mas fez isto?

— Se falei a respeito deles? Dentro do departamento, desabafando com meu sargento e depois com o tenente.

— Isto é bastante sério.

— E eu tenho uma carreira com problemas para provar isto. Acha que eu gostaria de prejudicar algo tão positivo como a doutrina pregada pela Missão da Bondade? As pessoas precisam de um motivo e um local para se reunirem, necessitam de uma fé que lhes prove que, unidos, têm força e poder. A questão é que oportunistas sabem como usar a boa vontade das pessoas em benefício próprio também.

— Eu não agüento mais — Bay se queixou. — Pode me dar as más notícias. Quem é culpado de quê?

— Não sei. É como se eu estivesse tentando montar um quebra-cabeça sem ter a figura da caixa como referência, então não sei o que se encaixa onde.

Bay gostaria que Jack estivesse mentindo. Aquilo não podia estar acontecendo. Ao conquistar a liberdade, não deveria haver nada para ela a não ser boas notícias e grandes projetos. Uma vida.

Sentiu o peso de uma mão em seu braço e olhou para cima.

— Comecei a montar um processo — Jack insistiu, muito sério. — A princípio era uma reconstrução de seu caso. Mas se tornou... bem, você terá de ver para acreditar.

— Poderei ver?

— Compreende que assim que tomar conhecimento disto, os fatos poderão se tornar mais duros para você?

— Estão duros de qualquer maneira, já que não desistirei de obter respostas a respeito de Glenn.

— E se eu subitamente já não estiver por perto para cuidar de você?

Visões de Jack sendo preso ou de algo pior fizeram-na arregalar os olhos.

— É saudável ter um pouco de medo — acrescentou ele. — Isto a impedirá de fazer alguma bobagem e de ser descuidada.

— Quando eu poderei ver o material que você reuniu? Jack contemplou a própria mão. Bronzeada, calejada pelo trabalho na fazenda. Talvez até pudesse arranhar a pele delicada de Bay. Por isso limitou-se a acariciá-la com suavidade.

— Apareça em casa esta noite.

CAPÍTULO XXII

Bay permaneceu dentro de casa após a partida de Jack, conforme sua sugestão, procurando se recuperar.

Pelo restante da manhã deu alguns telefonemas para os Nelson agradecendo o pedido e revisando as dimensões e outros aspectos necessários.

— Como? Na verdade o alumínio pesa menos — ela disse, franzindo a testa diante da última sugestão de Bruce — e poderemos fazer isto. Mas você disse que sra. Nelson gostaria que tudo fosse verde conforme a fibra de vidro que recomendo. Ferro aceita muito melhor tinta, mas será natural que com o passar do tempo a tinta fique arranhada. Eu recomendaria um acabamento mais acetinado. Posso lhe mostrar alguns catálogos para que compreenda a qualidade a que me refiro.

Assim que obteve seu consentimento, desligou e começou a separar os catálogos. Ficou satisfeita com os resultados e encomendou a fibra de vidro. Então telefonou para Nick Martel para verificar seu estoque de alumínio e lhe pediu uma indicação de fornecedor.

Já se aproximava o meio-dia quando terminou e sabia que não havia como postergar a próxima e desagradável parte do dia.

Deixou um bilhete na porta da loja para Doug Crow, caso ele conseguisse sair do trabalho mais cedo do que dissera quando conversaram ao telefone e foi para a cidade.

A linda caixa de presente dada por Madeleine estava a seu lado no banco de passageiro.

A loja luxuosa ficava na Broadway sul, depois do shopping center e em uma das alas de lojas mais chiques da cidade. Ao ver a fachada luxuosa, desejou estar usando um de seus vestidos novos. Mas bastaria um olhar para seu rosto e ninguém da loja prestaria atenção no que estava usando.

— Posso ajudá-la? Avistou a ruiva deslumbrante com olhos cor de jade emergindo de um dos provadores à esquerda e Bay soube que estava sem sorte. Deviam ter a mesma idade, mas a presença da outra mulher, valorizada pelo terninho verde, dava-lhe um ar de sofisticação que deixava Bay se sentindo com doze anos de idade.

Obviamente a caixa sobre o balcão chamou sua atenção. Bay encarou a atendente.

— Acredito que você possa me ajudar.

A vendedora ficou atônita ao se aproximar, e não desviava o olhar da caixa.

— Lembro-me disto. Fui eu mesma quem embrulhei.

— Fez um belo trabalho.

— Há algum problema?

— Nenhum. Você poderia creditar o valor desta compra na conta de sra. Madeleine Ridgeway?

— A roupa era para você? O número estava errado? A moça fitou-a dos pés à cabeça.

— Não experimentei, mas deve ser o número certo.

— Sim, claro, talvez o tom de branco não seja o que mais valorize seu tom de pele. Eu poderia recomendar algo...

— Você não entendeu. Simplesmente não posso aceitar este presente.

— Você não percebe que Candace acha que tem algum problema mental?

Bay suspirou e virou-se para ver Holly Kirkland saindo de um dos provadores com uma peça cor de pêssego enrolada nos braços. Era exatamente do que precisava: de Holly apressando-se em informar Madeleine antes que Bay pudesse se explicar.

— Olá, Holly. Posso apostar que ficaria maravilhoso em você.

Ela ignorou o elogio e arregalou os olhos.

— Nossa, ouvi dizer que você tinha caído, mas nunca imaginei...

Caído? Quem descrevera o incidente dessa maneira?

— Sofri um ataque.

Enquanto a jovem absorvia a informação, Bay olhou novamente para a caixa e lembrou-se do terninho branco que Holly usara no domingo anterior. Sentiu algo estranho. Teria Madeleine comprado aquele terno para provocar Holly?

— Você não estava no shopping center?

— Estava de saída.

— Você foi assaltada.

— Bem, não. Acho que foi algo mais pessoal.

Não gostaria de travar aquela conversa diante da vendedora que certamente contaria palavra por palavra para Madeleine. Para não mencionar o que relataria a todas as outras clientes da loja.

— Apreciei sua dedicação — disse à moça — e o terninho é adorável. Você poderia fazer o crédito na conta de sra. Ridgeway?

— Imediatamente.

— Obrigada.

Bay se despediu das mulheres e deixou a loja. Estava quase chegando na caminhonete quando Holly a alcançou.

— Bay... espere!

Parecendo um pouco surpresa, Holly cruzou os braços ao parar diante dela.

— O que quis dizer com "algo pessoal"? Acha que foi uma espécie de vingança? Conhecia a pessoa?

— Não. Mas o homem deixou um recado para mim. Bay proferiu-o e percebeu que Holly empalidecia.

— O que acha que ele quis dizer com isto? Obviamente Madeleine e Duncan não haviam comentado sobre a advertência também.

— Acho que estou na pista certa. Desde que fui libertada tenho tentado esclarecer algumas perguntas que tenho a respeito da morte de Glenn.

— Tem?

Holly parecia genuinamente confusa.

— Espero que você se recupere logo.

Bay ficou estática, boquiaberta e intrigada, a observar Holly retornando à loja.

Mal podia esperar para contar a novidade a Jack.

CAPÍTULO XXIII

— Não posso acreditar! Bay fez uma careta ao ouvir a voz de Madeleine. Pretendera lhe telefonar assim que chegasse à loja, mas fora impedida pela aparição de Doug.

Ao ver seu rosto, ele quisera ficar para ajudá-la no trabalho em seu carro. Bay precisara de algum tempo para convencê-lo de que trabalharia melhor sozinha, em seu próprio ritmo. Ouvira o telefone tocar em duas ocasiões, mas evitara atendê-lo até a partida de Doug.

— Olá, Madeleine. Eu estava com um cliente. Desculpe-me por não ter atendido seu telefonema anterior.

— Sem problemas. Como pôde fazer aquilo, Bay?

— Refere-se à devolução do terninho? Eu lhe disse que era um presente caro demais.

— Mas me deu tanto prazer. Nada vejo de errado nisto.

— Procure entender que meu ponto de vista também deve ser considerado — Bay falou com gentileza. — Além disto, sabe que meu estilo não é tão sofisticado.

Candace pareceu concordar. Ela comentou isto com você?

— Não. Conversarei com ela a este respeito na próxima vez em que for à loja. Não fico muito feliz quando as pessoas contrariam meus desejos.

— Oh, espere só um pouquinho. Estamos falando de uma roupa, não de um voto. E por que meus sentimentos e opiniões não importam?

— Você possui um guarda-roupa muito limitado — Madeleine argumentou.

— É perfeito para meu trabalho. Além disto, você concordou que eu poderia reembolsá-la por tudo. Aquele terninho custou uma fortuna. Não posso ter algo caro assim.

— Mas há alguns eventos aos quais gostaria que você comparecesse. Nestas ocasiões, as condições terão de ser diferentes: não aceitarei qualquer reembolso.

— Não estou em condições de participar de quaisquer eventos sociais e não estarei por algum tempo. Nem imagina como sofri para entrar naquela loja hoje.

— Não seja boba. Em poucos dias as cicatrizes dos arranhões sumirão e então a maquiagem cuidará do restante.

Como sabia? Ela ainda não a vira!

— Está se esquecendo de meu trabalho. Tenho muitas tarefas já agendadas.

— Isto é maravilhoso, mas você não trabalha no período da noite nem em finais de semana.

— Não?

— Não seja teimosa comigo. Não estou tentando ser dona de sua agenda de compromissos, apenas preocupada com sua saúde e bem-estar — Madeleine respondeu rapidamente. — Aceitarei sem problemas se não puder comparecer ao almoço da próxima quarta-feira no parque Bergfeld. Embora o bom senso me diga que você é humana e almoce como o restante de nós. Mas eu gostaria que anotasse um lembrete em seu calendário para a próxima sexta-feira. Duncan e eu temos uma mesa reservada na Câmara de Comércio para um banquete e você deverá nos acompanhar.

— Obrigada, mas não poderei.

— Não pode dizer isto. Todas as pessoas influentes da cidade estarão lá. Será uma oportunidade esplêndida para eu me orgulhar de você.

— Madeleine — Bay falou, aspirando profundamente. — Eu estava apenas começando a me recobrar profissional e pessoalmente quando sofri aquele ataque. Retrocedi muito. Ferimentos à parte, não poderia comparecer a um evento público sem me sentir confiante.

— Bobagem. Você precisa deixar o passado, todo ele, para trás. O que foi feito está feito. Precisa caminhar para frente.

— Foi por isto que disse a Holly que eu apenas tinha sofrido uma queda?

Madeleine hesitou.

— Candace não me contou que Holly estava ali.

— Não é este o ponto — Bay falou. — Está sugerindo algo diferente do que ocorreu. Não caí porque estava zonzona e perdi o equilíbrio. Sofri um ataque.

— Nunca falei... não mereço isto. Duncan e eu imploramos para que ficasse em nossa casa, o que é uma prova de nossa fé e comprometimento com você. Holly deve ter

compreendido mal e confundido tudo. Você sabe que ela tem lá seus problemas também.

Tomada por emoções que não apreciava, Bay sabia que precisava desligar o telefone.

— Madeleine, um cliente meu está chegando. Preciso desligar.

— Claro, querida, mas acho que precisamos nos sentar e ter uma conversa bem franca. Acho que está sendo influenciada por alguma coisa que não compreendo e isto me preocupa muito. Telefone quando estiver livre e marcaremos uma hora.

Bay simplesmente falou:

— Conversaremos mais tarde.

Foi um alívio dedicar-se ao carro de Doug. Bay passou o restante da tarde consertando-o. Perdeu a noção do tempo ao fazer um ajuste, depois outro e não se surpreendeu quando Jack telefonou dizendo que passavam das cinco horas e ele se atrasaria.

— Ainda preciso terminar meu trabalho. Fique à vontade — murmurou, sabendo que precisava de todo tempo extra que pudesse obter.

Mas realmente necessitava de alguma ajuda, por isso telefonou para Doug, que prometera auxiliá-la caso necessário. A chegada rápida propiciou a primeira sensação bem-humorada do dia.

— Como chegou tão rapidamente? Por acaso quando eu liguei atendeu-me no celular e já estava sentado no carro com a chave na ignição?

— Mais ou menos — o rapaz falou com um sorriso tímido.

Seus olhos brilhavam ao contemplar o carro e Bay determinou-se a deixar tudo em perfeito estado. Precisou de mais uma hora para tanto. E Jack já chegava quando Doug apertava sua mão pela segunda vez.

— Suponho que pretenda ir para Hallsville logo no início da manhã — disse ao jovem, estendendo-lhe o recibo e embolsando o pagamento.

— Pode apostar.

— Não prefere aguardar até que o carro esteja pintado?

— Está tão lindo — falou embevecido. — Servirá assim mesmo.

— Depois me conte se houve mudanças na aerodinâmica, capazes de ajudar a melhorar seu tempo.

— Claro. Olá — Doug falou para Jack. Bay apresentou os dois homens.

— Que bela máquina você tem — Jack falou.

— Que bom você não tê-la visto logo que eu comprei.

Doug declinou a sugestão de Bay de levar para casa as peças substituídas. Então perguntou se poderia lhe dar um abraço.

Bay sabia que era apenas uma demonstração de entusiasmo e estendeu os braços. Depois, os três colocaram o carro na traseira do *trailer* e Doug partiu.

— Senhorita, você é mesmo uma profissional e tanto! — Jack elogiou.

— Acho que me dei bem dentro do pouco tempo de que dispunha. Só espero que demore bastante para aquele carro apresentar problemas. Aprecio muito o dinheiro, mas este tipo de trabalho é bem cansativo.

— Puxa — Jack falou, notando o arranhão no braço esquerdo de Bay. — Por que não usa luvas?

— É impraticável. Muitas vezes não há espaço suficiente para que meus dedos entrem em alguns locais. Vou limpar o ferimento.

— Está certo — Jack falou, não muito convencido. — Vá para casa e cuide disto. Trancarei a loja para você.

— Precisarei de cinco minutos para um banho e estarei pronta para segui-lo.

— Certo. Mas eu a levarei de carro.

Bay estava cansada demais para discutir. Correu para casa. Talvez Jack estivesse certo. Uma coisa era deixar claro que manteria sua independência, outra era se arriscar por isso.

Dez minutos mais tarde juntou-se a ele na cozinha. Jack contemplava o buquê e Bay percebeu amargura e fadiga em sua expressão. Então ele a avistou e seu olhar se aqueceu.

— Como está sua cabeça? Ainda sente dor e tontura? Posso lhe dizer que pelo trabalho que fez nada há de errado com sua visão.

— Fiquei feliz por não ter precisado ligar o soldador hoje e estou bem. Ficarei ainda mais satisfeita quando as cicatrizes do lábio desaparecerem.

— Eu também.

Bay quase conseguia ouvir a continuidade dos pensamentos de Jack ao fitar sua boca.

— Sabe, poderíamos deixar isto para amanhã. Você parece bastante cansado.

— O que eu faria seria ir para casa e me imaginar espancando um certo tenente. Acabaria tomando cerveja demais.

— Quer conversar um pouco sobre isto?

— Não há nada a dizer. Gage me encarregou de alguns casos sem solução. Ainda não foram resolvidos e provavelmente jamais serão. E se eu finalmente notar uma possível pista que ainda não foi seguida, certamente não me deixará ir adiante. Dará o caso ao mais novo rapaz do departamento.

— Parece-me que o tenente Gage quer, a todo custo, que você peça demissão.

— Gage quer que eu suma do planeta. Jack olhou para a porta.

— Está pronta? Pegue o lápis.

Jack Burke seria um inimigo formidável e sem dúvida alguma era um excelente detetive, Bay concedeu seguindo-o para fora, após posicionar o lápis com cuidado à porta.

— Talvez você deva dar uma olhada em minha geladeira e pegar o que achar importante para nosso jantar. Estou faminta.

— Comprei uma pizza a caminho daqui.

O aroma era celestial e antes de colocar o cinto de segurança, Bay suspirou e pegou a caixa. Colocou-a no colo, abriu-a e aspirou o aroma com prazer.

— Como sabia que este era meu sabor predileto?

— Por causa do café da manhã que preparou para mim. Ei — murmurou ao vê-la dando uma mordida em uma fatia. — Isto não é justo.

— Está bem, está bem, tome um pouco.

Levou a pizza aos lábios dele, oferecendo-lhe a segunda mordida. Após um olhar de espanto, Jack obedeceu, roçando os lábios em seus dedos. Bay retrocedeu em reflexo.

— Está tudo bem — Jack murmurou após engolir. — Sinto a mesma coisa.

— O quê?

— Esta química. E não acreditava que pudesse acontecer tão rapidamente.

Bay não acreditava sequer que estivesse acontecendo. Perdera sua virgindade aos vinte e dois anos de idade quando, cansada de imaginar como seria, aceitara um convite para um passeio com um rapaz da loja de suprimentos para soldas.

Três cervejas e algumas danças depois, convencera-se de que gostava dele o bastante para acompanhá-lo até o apartamento. Não fora a pior experiência de sua vida, mas praticamente não experimentara nenhuma emoção especial.

— Não estava flertando com você.

— Eu sei. Se estivesse, faríamos uma conversão ilegal de volta para sua casa.

— Coma mais um pouco e não me faça mudar de idéia e desistir de ir até sua casa — murmurou, oferecendo-lhe mais um pedaço.

O que Jack sentia não importava. Certamente não o faria se esquecer das frustrações do dia.

— Eu pretendia esperar até amanhã para lhe contar — Bay comentou para mudar de assunto — mas Madeleine e eu tivemos uma discussão bastante séria hoje.

— Devolveu as roupas?

— E Holly Kirkland estava no provador bem naquela hora. Consegue imaginar a história que Madeleine lhe contou a respeito do que aconteceu comigo?

— Seja o que for, tenho a impressão que você não ficou muito satisfeita.

— Disse que eu caí. Como se fosse uma tola. Por que não admitir que fui atacada?

— Boa pergunta. Disse isto a ela?

— Ela tentou mudar de assunto. Estava agitada porque a vendedora que lhe contou que eu fora à loja nada mencionara a respeito de Holly.

— Interessante. Agiu bem, Bay. É muito difícil lidar com aquela mulher.

Bay suspirou profundamente.

— O que foi?

— Eu achava que meu grande desafio ao recobrar a liberdade seria evitar a imprensa e as reações negativas de pessoas de boa memória. Jamais imaginei que passaria a desconfiar de uma pessoa amiga.

— E eu me situo exatamente em qual grupo?

CAPÍTULO XXIV

Jack permaneceu no aguardo da resposta de Bay. Sabia que era tolice fazer uma pergunta tão delicada antes de ter conquistado plenamente sua confiança. Mas a

curiosidade era mais forte.

Abriu o portão automático da garagem, estacionou e desligou o motor. Então se virou para obter a tão ansiada resposta.

— E então?

— Acho que você é quem tem as respostas. "Nem todas", Jack pensou.

— Entre, antes que Bud sinta o cheiro desta pizza e tente roubá-la de você.

Fechou novamente o portão e pegou a caixa das mãos de Bay. Notou que ela não deixou a caminhonete até que a porta da garagem estivesse completamente fechada.

Já na cozinha, colocou a caixa no balcão e olhou para a secretária eletrônica. Sem mensagens. Notícias boas, portanto.

Adoraria passar o restante da noite sentado ao lado de Bay, simplesmente a fitá-la. Mas não fora por esse motivo que ela concordara em vir.

— O que acha de comermos antes de nos dedicarmos a seu processo?

— Claro, assim não mancharemos as páginas com molho de tomate.

— Cerveja? É a melhor maneira de se saborear uma boa pizza.

— Está bem.

Voltara a ser tímida e ele não gostava nada disso. Queria que se sentisse confortável.

Colocou a pizza na mesa, pegou duas latas de cerveja na geladeira e destacou algumas folhas de papel-toalha.

— Sente-se — murmurou, indicando a cadeira a seu lado.

— Onde está o cachorro? — Bay indagou.

— Com Simon ou explorando os arredores. Ele chegará na hora certa e deixará claro que quer entrar, então acho melhor você comer.

Abriu a cerveja, então se lembrou das boas maneiras.

— Você preferiria beber em um copo?

— Nem sei se conseguirei tomar. Faz tanto tempo que não bebo cerveja.

Tomou um gole e rapidamente levou um pedaço de papel-toalha à boca.

— Acho que preciso de uma mamadeira. Jack sorriu.

— Acho que devia ter comprado frango assado.

— De jeito nenhum. Isto eles serviam muito na prisão. E pizza é uma tentação.

Diante do olhar questionador, deu de ombros.

— Não estou gastando dinheiro com supérfluos. Tenho de comprar muitos equipamentos ainda.

Devoraram um pedaço de pizza cada um e já partiam para o segundo quando voltaram a falar.

— Esta não é a mesa que sua mãe tinha aqui, é? — Bay perguntou do nada.

— Não. Como adivinhou?

— Uma mulher gostaria de ter madeira na cozinha. Jack olhou para os armários que seu pai fizera para a mãe um ano antes de morrer. O tom de mel complementado pelo papel de parede combinava tanto que sua mãe nunca pensou em levá-los embora. Pareciam ter sido feitos para aquele lugar.

— A casa para a qual se mudou ao se casar novamente tinha uma mesa de café

da manhã redonda como esta e ela perguntou se poderia levar a mesa consigo. Eu não seria capaz de discutir, já que estava me dando a casa. Por isto pedi para Simon comprar alguma coisa que se encaixasse neste lugar.

— Nem se importou em escolher?

Tinha sido uma época muito complicada. Jack mal conseguira lidar com o próprio pesar diante do novo casamento da mãe. Ela poderia ter levado tudo, se quisesse. E depois daquilo, acontecera o julgamento de Bay.

Percebeu então que morara ali tempo demais sem prestar qualquer atenção ao ambiente a rodeá-lo.

— Acho que não. Havia alguma coisa que você gostasse em particular ou com a qual tivesse se ligado muito morando em um *trailer*?

Bay riu.

— Ligado? Não, mas eu gostava do fato de nunca ter precisado me preocupar sobre papai levar alguém para casa. Seria uma humilhação total. As mulheres teriam descoberto rapidamente que por mais que fosse bom em seu trabalho, era terrível como noivo em potencial.

— Mas você ainda era tão jovem. Acho que uma nova mãe teria tornado sua vida bem mais fácil. Seria a possibilidade de viver em uma casa de verdade.

— Pode ser. Mas nem me lembro. Talvez eu fosse prática demais para sonhar.

— É uma artista, não pode ser totalmente pragmática.

— Acha que todos os artistas são sonhadores? Acho que não. Alguns são simplesmente cientistas experimentando os fatos da vida. Às vezes encontram uma feliz coincidência. Agora coma e vamos trabalhar ou nenhum de nós estará inteiro pela manhã.

Jack preferiria obter mais informações a respeito dela, mas sabia que estava certa. Poderia até dormir pouco, considerando as atividades limitadas do departamento, mas Bay trabalhava com equipamentos perigosos. E até poderia se acidentar.

Ela estava prestes a deixar a mesa quando ouviu uma batida no ambiente ao lado. Estacou.

— O que eu lhe disse?

Jack se levantou e guardou os dois pedaços remanescentes de pizza. Então estendeu a mão.

— Vamos. Confie em mim.

Bay deu a mão, mas com evidente relutância. Jack a conduziu para a porta-balcão do escritório. Quando ela viu Bud tentando entrar em busca do jantar, retrocedeu.

— Acho melhor você alimentá-lo lá fora.

— Bud já comeu. Apenas quer nos cumprimentar.

No instante em que a porta foi aberta o cachorro entrou, latiu e pulou em Bay. Felizmente Jack antecipou o movimento e ajudou a bloquear o impacto, segurando-a pela cintura.

— Sentado. Seja bonzinho. Orientou-a:

— Dê-lhe um tapinha. Está apenas saudando você.

O cão pressionava a cabeça enorme contra ela como se a usasse como toalha.

Jack ficou preocupado com os ferimentos de Bay.

— Pronto, Bud. Já chega. Venha cá.

O cachorro foi para a cozinha. Lá, Jack tirou um osso da geladeira, colocou-o no forno de microondas por alguns segundos, removeu o papel e entregou ao animal excitado que correu para o quintal.

— Isto o manterá ocupado por uns tempos. Está tudo bem com você?

— Claro. Obrigada.

Jack, que aguardara durante anos por compartilhar momentos assim com ela, gostaria de prolongar cada instante. Mas tinha um importante trabalho a fazer.

— Venha. Uma parte do material está impressa e a outra no computador.

Conduziu-a ao espaço que transformara em escritório e biblioteca. No meio havia uma escrivaninha antiga e uma quantidade imensa de livros alojava-se nas estantes e armários. Havia também jornais, revistas e arquivos, alguns inclusive no chão.

Bay hesitou.

— Tudo isto é a respeito dos Ridgeway?

— Não. Uma grande parte é sobre seu caso, a Missão da Bondade e outras igrejas ou religiões.

— Isto não é o estudo de uma noite só, é?

— Você rapidamente estará inteirada dos fatos. Mas como lhe falei, ainda não tenho as respostas.

— Mas já está chegando a conclusões, posso perceber. Está bem, por onde devo começar?

Jack indicou um processo sobre a escrivaninha. Bay sentou-se e começou a ler.

Ele praticamente decorara os artigos. O primeiro feito pelo *Texas Monthly* cerca de um ano atrás falava de como Martin Davis fundara a Igreja Missão da Bondade. Era um tanto elogioso a respeito de tudo o que fora conquistado na comunidade do leste do Texas, mas apontava situações não esclarecidas que sugeriam que Davis era dono de um passado que merecia um estudo mais apurado.

O artigo começava com o nascimento de Davis... ou talvez renascimento. Alegando que fora abençoado com uma visão celestial, colocou-se não apenas como um herói militar mas também como apóstolo.

Após o transe despertara em um quintal encharcado de chuva nas proximidades da igreja. Não carregava identidade nem sabia quem era ou onde morava. Apenas sussurrava o nome "Martin Davis" para o homem que o encontrou, insistindo que era a única coisa que lhe surgia à mente.

Para o ministro John Davis era sinal de que Martin fora sua amada esposa. Resgatado pelo ministro, logo Martin Davis tornou-se um devotado homem da congregação também. E orientado por seu pai adotivo, estudou com rapidez e para grande alegria do ministro Davis, começou a proferir sermões nas reuniões dominicais.

Após um problema de saúde, o viúvo sem filhos oficialmente fez de Martin seu herdeiro. Semanas mais tarde, teve um ataque cardíaco e faleceu.

Martin Davis herdou o lar modesto em uma propriedade valiosa e lhe solicitaram

que assumisse a liderança da igreja. Ele aceitou, embora abertamente procurasse lembrá-los de que nunca fora ao seminário.

Então, após três meses da morte de John Davis, Martin se casou com Odessa Adams. E logo anunciou que recebera um aviso divino para seguir adiante. Vendeu a herança recebida de John Davis e partiu com a noiva país afora aguardando pelo próximo "sinal dos céus".

Acabou se instalando no Texas em um terreno nas cercanias de Tyler. Foi ali, reportou, que Deus lhe ordenou que começasse a expandir o mundo.

Estacionou o carro, armou uma barraca e dia após dia caminhou para os campos conversando com esquilos e pássaros, além da falar com a devotada Odessa.

Curiosos, motoristas começaram a parar, intrigados com o homem que falava de Deus. Paravam a caminho de trabalho e no retorno para casa. Inevitavelmente, o trânsito foi se tornando ruim e a polícia tentou fazer com que ele cessasse. Isso lhe deu exatamente a espécie de publicidade pela qual estivera aguardando.

Recebeu uma oferta para ser assistente na igreja do centro da cidade, juntamente com outra vinda de um comerciante rico para que usasse um edifício vago. Ele rejeitou ambas as propostas, insistindo que tinha ordens de seu mestre a serem seguidas.

A declaração corajosa foi testemunhada por Madeleine Ridgeway, recém-viúva e profundamente comovida com a dedicação daquele homem.

Em nome de seu amado e finado marido, tornou-se importante apoio para Davis e usou sua influência para ajudá-lo a estabelecer a Missão da Bondade, atualmente um negócio multimilionário com audiência em rede nacional.

Bay olhou para cima ao terminar a leitura do artigo.

— Puxa!

— Não me diga que você não acredita em milagres? — Jack indagou em tom de inocência.

— Devo acreditar, estou sentada aqui. Bem, será que Martin Davis teve amnésia? Ajude-me.

— É isto que eu chamo de milagre. Bay continuou folheando as páginas.

— Ele nunca recobrou a memória?

— Uma boa forma de se livrar do passado, não? Você encontrará um artigo aí falando de como Odessa tentou defendê-lo de um repórter cético que alegava que Martin tinha uma cicatriz no peito. Um outro repórter, que aparentemente lera aquele artigo, descobriu que um médico em Iowa, o qual pediu para não ser identificado, acreditava que Davis fora o rapaz que uma vez ele tratara de um ferimento a faca naquela mesma região. Uma pessoa que desaparecera da sala de emergências quando soube que a polícia estava chegando para entrevistá-lo.

— Iowa. Não era onde existia a Primeira Igreja de Davis? Eu não me lembro de ter visto...

— Não. Não está enganada. Ele nunca divulgou esta informação até hoje. Sua desculpa é que a imprensa se tornou como os tablóides, interessada apenas em escândalos e que ele valoriza a privacidade de sua congregação e não permitirá que seja tão exposta.

— Certo. Mas assim que as emissoras de televisão souberam disto, certamente mostraram a fotografia por todo o país.

— Isto realmente aconteceu. Mas é possível que a pessoa certa ou as pessoas não tenham visto. Oh, e depois ele declarou que a polícia avaliou a lista de pessoas desaparecidas e nada encontrou a seu respeito. Ninguém estava à procura de Martin Davis ou talvez de um tal de John Dow, que se encaixava em sua descrição. E essa pessoa não tinha ficha criminal.

— Chegaram a verificar nos sanatórios? Jack sorriu.

— Bem observado. Você sabe que ele simplesmente poderia ser um rapaz, de qualquer lugar, que se levantou naquela manhã, olhou para sua vida e decidiu que estava cansado de ser invisível.

— Certo. Isto ainda o torna um mentiroso trapaceador. Enganou John Davis...

— O advogado de defesa diria que ele disse ao sr. Davis exatamente o que o homem gostaria de ouvir. Mas vá em frente. Mais uma cerveja? Ou que tal uma xícara de café?

— Isto eu aceito. Obrigada.

Jack foi para a cozinha preparar o café, pensando nas próximas histórias que ela leria. Eram recortes de jornais de Tyler falando da disputa a respeito da propriedade.

Quando Martin Davis soube que a propriedade consistia em meros três acres, os quais Madeleine Ridgeway rapidamente comprou, cedendo a Davis licença de uso por cem anos, ele avaliou as propriedades vizinhas e soube que as terras ao norte, cerca de sete acres, eram tudo o que restara à fazenda da família Otto Mossberg.

Mossberg expulsou Davis de sua casa aborrecido. Até mesmo Madeleine Ridgeway com seu encanto e convicção não fora capaz de suavizar o humor do velho imigrante. Ele declarou:

— Vou estacionar um *trailer* na propriedade, abrir um salão de beleza e estúdio de tatuagem antes de deixar que aquele homem tenha este local.

Mas Mossberg fora acometido de um câncer e era o último membro vivo daquela família, salvo alguns parentes distantes com os quais não se dava bem.

E como em resposta às preces de Davis apareceu um tal de Stephen Crandall que gostaria de construir um centro de assistência comunitária nas terras. Otto lhe vendeu com grande alívio sob a condição de que teria um dos quartos em aluguel permanente.

Morreu algumas semanas depois durante uma cirurgia sem saber que Crandall era sobrinho de um antigo sócio do marido de Madeleine. Então, Martin Davis acabou tendo a propriedade que desejava.

Quando Jack retornou, Bay estava em pé atrás da janela observando os últimos pássaros voando para a escuridão. Ele pousou a xícara na mesa.

— Você está bem?

— Enganaram o pobre homem idoso.

— Outros poderiam dizer que foram simplesmente astutos homens de negócios. Não tinha herdeiros e as terras seriam destinadas a alguma obra de caridade que provavelmente seria vendida de qualquer forma. Mas aqueles parentes distantes estavam loucos por dinheiro e contrataram um advogado para lutar pela partilha.

— Está defendendo Davis e Madeleine.

— Estou apenas bancando o advogado do diabo.

Bay retornou à escrivaninha e se sentou. Jack fechou as persianas da janela.

— Eles conseguiram levantar fundos como se estivessem em campanha política — ela murmurou.

— E funcionou. Olhe para estas pessoas nas fotos.

Davis posava ao lado do prefeito de Tyler, do prefeito anterior, do chefe de polícia e de numerosos banqueiros, proprietários de negócios importantes e pessoas da alta sociedade.

— Quem irá acusá-lo ou chamar a Missão da Bondade de fraude após ter sido fotografado a seu lado?

— E quem estava dirigindo tudo isto era Madeleine Ridgeway — Bay sussurrou.

Jack parou atrás da cadeira onde ela estava sentada. Com delicadeza massageou-lhe os ombros.

— Sei que é decepcionante.

— Por ela ter tomado algumas decisões que eu encaro como pouco éticas? Não sou ingênua, Jack. Desde meu retorno, tenho observado o quanto Madeleine acredita em resultados. Por este motivo eu terei de devolver a propriedade. Não poderei, em sua consciência, questioná-la ou criticá-la se ela basicamente estiver me financiando. Porém o que me deixa mais intrigada é como ela pôde entrar em algo tão...

— Teatral.

— Sei que ela não carece de atenção pública e parece gostar de seu papel de acompanhante de Davis diante da televisão. Mesmo assim... pode haver orfanatos e escolas que a ajudariam a conquistar seu pedacinho de céu.

— Isto sim é ingênuo.

— O que deixei de perceber?

— Leia.

— Lerei, mas diga-me sua opinião primeiro.

— Acrescente celebridade à satisfação de estar fazendo um bom trabalho. Acha que é nisto que os Ridgeway estão pensando? São pessoas poderosas, Bay, conforme banqueiros que tentam amealhar o tesouro do governo. Seria a encarnação do diabo? Não. Quem negará que nossas instituições financeiras são responsáveis pela grandeza deste país? Mas a que custo? Seria este o único caminho a ser trilhado e o melhor? Claro que não e estas são as perguntas que os Ridgeway e Davis precisam responder.

— Acha que tiram bastante dinheiro do que fazem? — Bay indagou vagarosamente. — Sempre está acontecendo alguma coisa: alguns leilões na igreja, almoço para senhoras... entendeu? Missão da Bondade. Sempre há muitos programas e conseguem um bom dinheiro e diversão ajudando as pessoas.

— Bay, isto é camuflagem. Não se consegue dinheiro grande com bobagens assim. Olhe, a igreja mal tem mil pessoas no estágio atual, incluindo crianças, certo? Se cada uma destas pessoas colocar dez dólares na cesta de doação todos os domingos, serão dez mil dólares em uma semana, cerca de quarenta mil em um mês. Talvez meio milhão por ano. Não é suficiente para administrar uma emissora de televisão incluindo

salários. Verifique se puder. Um sinal de que há problemas é a alta rotatividade de empregados. Isto sem falar das duas casas de Davis e dos carros luxuosos que ele e Odessa dirigem. Devo continuar?

— Mas há muitas doações. Ouvi Madeleine conversando com Martin Davis a respeito da elevação na porcentagem de contribuição. Foi no almoço da semana passada.

— Em grande parte isto vem de novos produtos: fitas, livros de auto-ajuda...

— Então o que está falando? Que não há escolas na Colômbia, México e outros locais? Então me diga, de onde vem o dinheiro extra, Jack?

— Continue lendo, porque quando terminar, acho que chegará à mesma conclusão a que cheguei. Começará a compreender por que seu amigo precisou morrer.

CAPÍTULO XXV

— Acho melhor você sair daqui. Bay notou o espanto de Jack diante de seu pedido pois a massagem em seus ombros cessou instantaneamente.

— Não conseguirei ler todos estes artigos sabendo que você está me olhando, no aguardo de meu comentário.

— Lamento.

— Sei que falava com objetividade, mas... Jack, realmente acredita que a morte de Glenn esteja ligada aos Ridgeway e à igreja?

— Espero estar enganado. Infelizmente, também conheço as estatísticas. Você os viu no julgamento e sabe que ajudaram a condená-la.

— Talvez o pessoal de Madeleine esteja certo, afinal. É possível que Glenn tenha sucumbido à fraqueza do jogo e tentado esconder isso de mim.

— Quem disse isto? Podem ser as mesmas pessoas, Bay. Pessoas cuja grande preocupação é afastar a atenção de si mesmas. E caso tenha problemas em compreender este fato, basta dar uma olhada no espelho.

Em seguida deixou-a sozinha, pensativa e apreensiva. Bay tomou um gole do café e foi para o artigo seguinte... e então para o outro.

Jack fizera um trabalho surpreendente reunindo tudo aquilo. A história completa da Missão da Bondade, o lado público, tudo estava ali.

Os rostos famosos formavam uma cúpula com representantes da política, um juiz... mas então a atenção de Bay foi capturada pelos convidados a um canto da foto. Não se tratava do médico de um pequeno orfanato do México nem do prefeito de uma vila colombiana aguardando benefícios dos programas da igreja.

Era o rosto avermelhado de um homem em pé já a meio caminho de afastar seu rosto da câmera quando a foto foi tirada. Não pertencia àquele lugar. Não podia dizer o motivo, apenas sabia disso e deixou aquela página separada.

Partiu para artigos que falavam de queixas como a de um empreiteiro que Martin Davis alegou ter doado seus serviços mas o homem negava. Uma cafeteria reclamando do sino que interferia na música ambiente. Uma árvore na propriedade da igreja que

caíra durante ventos fortes e não apenas causara interrupção no fornecimento de eletricidade como custara a maior parte do dia de trabalho de muitos habitantes e chegaram a causar queimaduras em uma pessoa.

A igreja chamara o incidente de má vontade de Deus. E considerassem ou não que eram culpados, a igreja simplesmente passara a decretar silêncio.

Então, um ano após a prisão de Bay, tiveram problemas com o imposto de renda. Missão da Bondade crescia e expandia seus interesses com tamanha rapidez que eram suspeitos de estarem adquirindo muitos bens de maneira ilegal.

O que acontecera? Bay buscou mais artigos relacionados a essa situação, mas nada encontrou a não ser uma pequena nota dizendo que os problemas com impostos haviam sido resolvidos satisfatoriamente. Estava datado de apenas dezesseis meses atrás.

Incrível, Bay pensou. Quanto teria custado à Missão da Bondade uma luta como aquela? Jack tinha razão. Madeleine, Duncan e Martin Davis movimentavam uma enorme quantia de dinheiro naquele local.

Então leu uma crônica do início do ano anunciando a venda de uma propriedade para um novo ramo da igreja a ser aberto na prestigiada região de River Oaks.

A xícara de café estava vazia e seus olhos ardendo quando Jack retornou com mais uma.

— Mais café?

Quase declinou, mas acabou estendendo a mão, sabendo que não dormiria após tantas informações girando em sua mente. Para sua surpresa, suas mãos foram levadas aos lábios de Jack.

— Peço desculpas pelo que eu disse anteriormente. — Colocou a xícara na mão dela. — Eu não devia ter ficado impaciente porque você não enxergou imediatamente o que eu vejo.

Bay não estava habituada a gestos românticos e retardou sua resposta para apreciar plenamente a sensação maravilhosa.

— Acho que minha inconstância também não ajudou. Em um minuto defendendo Madeleine e no seguinte... mas você está certo, Jack, há muito dinheiro envolvido.

— Tanto que querem expandir os negócios para outra cidade — falou, notando o que ela acabara de ler. — Pode imaginar a mensagem do além que Davis recebeu a este respeito?

Bay lhe mostrou a foto que separara.

— Achei isto interessante. É uma fotografia antiga. Eles realmente gostam de publicidade e de pessoas importantes. Depois de algum tempo, entretanto, nada restou, nem mesmo as fotos de prédios para mostrar o que alcançaram. Apenas as de crianças.

— Também notei isto. Provavelmente porque estes rostinhos inocentes atraem doações. E quanto aos prédios, pode ser uma questão de segurança. Se as filmagens aparecessem, poderiam comprometer a segurança da escola e do orfanato.

Jack olhou com mais atenção para a foto.

— Você conhece aquele rapaz que está tentando se esconder do fotógrafo?

— Quem é?

— Sem dúvida um guarda-costas de uma pessoa muito importante da Colômbia.

— Em um evento da igreja?

— Pelo que sei, a situação por lá anda muito difícil. A possibilidade de um seqüestro não seria descartada.

— Mas isto arruinaria o evento de Madeleine — Bay argumentou. — Não ousariam. Você já descobriu quantos tiveram de pagar para acalmar o responsável pelo imposto de renda? Acho que conhece alguém do departamento.

— Mais especificamente, uma garota que eu namorei na escola. E se alguém descobrisse, isto lhe custaria o emprego.

— Oh, lamento.

Era muito desagradável imaginar Jack, mesmo um Jack bem jovem, com outra mulher.

— Não foi o que eu quis dizer. Mas não cometa a bobagem de comentar o que sabe. Isto custou quase meio milhão de dólares aos cofres da igreja.

Bay arregalou os olhos.

— Quinhentos mil dólares. Sempre achei que a receita de Madeleine viesse dos negócios da família. Provavelmente há muito mais escondido por detrás, não é mesmo?

— É o que eu estou achando.

Havia também a probabilidade de que nem toda aquela riqueza fosse legal. Se Madeleine desejava destruir Jack e prosseguir com a farsa sobre o imposto de renda, de que mais seria capaz?

Algo na expressão de seu rosto deve ter transmitido sua agonia, porque Jack se inclinou e fechou a revista que ela lia.

— Já leu bastante por uma noite.

Sabia que estava certo. Levantou-se e fez uma careta diante da dor muscular.

— Sim, é melhor você me levar de volta. Amanhã será um dia e tanto.

— O que pensa em fazer?

— Ir adiante. Mas com bastante vagar para que Madeleine não pense que sou ingrata por tudo o que fez por mim...

— Acho que já tivemos esta conversa antes.

— O que estou lhe dizendo é que compreendo que o momento está trabalhando contra mim. Mas verei o que consigo descobrir pela manhã.

— Fique aqui.

Bay não usava relógio de pulso e tentou verificar o horário no de Jack.

— É tão tarde assim? Você devia ter me interrompido antes, para...

— Não, eu quis dizer para você se mudar para cá.

A proximidade deixava o coração de Bay em descompasso e afetava o ritmo de sua respiração.

— Puxa, Burke. Ninguém nunca me pediu para morar junto antes.

— Não é bem isto que estou sugerindo... ainda. Estou apenas lhe oferecendo uma opção. Um santuário.

Não queria se apaixonar por aquele homem.

— Sabe que não posso fazer isto.

— Não, não sei. Há muitos quartos. Se quiser, pode até dormir no sofá. O celeiro também está disponível, então não terá problema com um lugar para morar. Sabia que eu tenho uma máquina de solda lá?

— Não estou surpresa. Muitos fazendeiros tentam ser auto-suficientes e fazer os próprios reparos. Quem costuma usá-la, você ou Simon?

— Nós dois. Mas nosso talento nem se compara ao seu.

— Pare de tentar me convencer. A resposta permanecerá a mesma. Estou pensando em conversar novamente com Mike Martel. Sei que ele me deixaria trabalhar em sua loja, mas também há a opção de me alugar a máquina extra que possuo temporariamente.

— De jeito nenhum. Aquela não é a melhor parte da cidade durante o dia, Bay. À noite, então... há tiroteios...

— Estarei lá dentro.

— Por que você não se instala aqui?

— Pode imaginar a reação de Madeleine? Ela já está atrás de você agora. Irá para sua jugular. Acha que preciso de mais peso na minha consciência? Passei os últimos seis anos sendo acusada do que não fiz. Madeleine não percebe que é quase tão ruim quanto os guardas da prisão. Não quero ser monitorada por ela nem por você.

— Não quero policiá-la, apenas mantê-la viva. Você quase sorriu agora. Quero só ver o dia em que for um sorriso de verdade. Sonho com isto. Eu quero tanto este sorriso quanto beijá-la novamente.

Bay enlaçou os braços em torno do pescoço largo, lembrando-se de sua infância. Precisava conter as palavras e impedir que ele roubasse seu coração por completo. Mas quando Jack puxou-a para bem perto, soube que entrava em um terreno inexplorado.

Primeiramente sua respiração acariciou-a, então os lábios. Com paciência, ele passava a mão por suas costas, tentando acalmá-la. Então se viu perdida na doçura de um beijo. E depois prendeu a respiração quando os beijos de Jack alcançaram seus seios.

Ele fazia com que se esquecesse de sua aparência, encorajando-a a baixar suas defesas e deixar que tudo acontecesse. Seus quadris se tocaram e ela pôde perceber que estavam envoltos na mesma magia.

Então, Jack apoiou a testa contra a dela e suspirou.

— Pelo menos fique comigo esta noite. Eu só lhe pedirei um abraço. Juro.

O ceticismo teria feito com que protestasse, mas a mulher solitária e a garota ferida decidiram confiar. E realmente estava exausta, sabendo que nunca mais conseguiria dormir em paz em sua casa.

Jack conduziu-a ao quarto principal, indicou onde mantinha suas camisetas e foi dar uma volta em torno da casa para verificar se tudo estava bem.

Bay bocejou, exausta. A cama imensa com lençóis verdes era tão atraente.

Cerca de cinco minutos depois Jack retornou e encontrou-a quase adormecida. O som de seus movimentos no quarto escuro e o farfalhar das roupas ao se despir eram estranhamente tranquilizadores. Para sua surpresa, ele se acomodou a seu lado.

— Como é bom sentir seu corpo — murmurou Jack, puxando-a para perto. — Você está bem?

— Estou. Beijou-a na nuca.

— Obrigado por isto.

Tanta ternura deixou-a com vontade de chorar. Sentiu um nó na garganta e o máximo que pôde fazer foi segurar-lhe a mão até que pousasse em seu seio esquerdo.

Foi quando uma explosão maculou a serenidade da noite.

Bay sentou-se assustada, tentando compreender de onde viera o barulho. Um braço forte fez com que deitasse novamente.

— Jack?

— Foi um tiro. Deite-se debaixo da cama e fique longe das janelas. Voltarei o mais rapidamente possível.

Ela obedeceu, mal percebendo que Jack pegava a arma e desaparecia pelo corredor usando apenas cueca.

Um tiro. Bay tocou o rosto machucado.

Pareceu uma eternidade até o retorno de Jack. Ele imediatamente vestiu calça jeans e aproximou-se para erguê-la do chão.

— Você está bem? — indagou preocupado, passando a mão nos cabelos de Bay.

— Estou. E você? O que aconteceu?

— Alguém deu um tiro contra a janela do escritório. O barulho que você ouviu foi o resultado de uma bala que se alojou em um dos certificados que enquadrei e pendurei na parede. Telefonei para o xerife e alguém deverá estar aqui em um minuto.

— Por que não ligou para a seção onde trabalha?

— Estamos fora dos limites da cidade, felizmente.

— Não quer que eles saibam?

— Querida, pode ser alguém de meu departamento o responsável por isto. Mas direi ao xerife que provavelmente foi uma pessoa bêbada que perambulava pelo pasto. Desta maneira estarei protegido e ele terá feito seu trabalho.

Abraçou-a.

— Felizmente você não estava sentada à escrivaninha quando tudo aconteceu. Quero que volte para a cama e fique bem quietinha. Não vou mencionar que está aqui a menos que seja necessário.

— Simon e Bud estão bem?

— Sim. Simon estava na porta dos fundos com a arma em punho no instante em que a destranquei. Com Bud a seu lado.

Beijou-a na testa e deixou-a sozinha novamente. E por quase uma hora Bay fez exatamente o que Jack lhe pediu, tentando escutar o máximo que podia.

— Ainda bem que você não costuma usar aquele ambiente como quarto de dormir — uma outra voz masculina falou. — Alguém podia ter se machucado.

— Sim, como vê, eu estava trabalhando ali e tinha acabado de sair — Jack respondeu.

— Vejamos o que podemos encontrar. Aqui está a bala. O que você acha, detetive? Para mim parece um caçador. Lamento pelo incidente.

— Pelo menos ninguém se machucou.

Jack foi para fora com o homem e Bay aproveitou a oportunidade para esgueirar-se para o corredor e verificar o estrago feito na parede. A luz estava acesa e uma espiada cuidadosa indicou que as persianas não haviam sido erguidas. Mas ela deu um pulo ao pisar em algo frio e firme em vez do tapete. Era vidro.

Do lado externo veio o som de um veículo se afastando. Aliviada, ela usou a oportunidade para espiar pelas persianas e verificar o buraco da bala. Parecia muito pequeno,

— Achei que você se comportaria. Bay deu um salto e se virou.

Ele se movera muito rápido e silenciosamente para um homem de seu tamanho.

— Ouvi vocês saindo.

— Podia ter cortado os pés no vidro. Não, deixe aí — Jack falou quando ela se inclinou para pegar os cacos. — Quero que você tente descansar. Irei até sua casa para ver se está tudo bem.

— Irei com você.

Ela o seguiu para o quarto principal e foi para o banheiro, onde deixara suas coisas.

— Não.

A rejeição firme fê-la estacar.

— Não conseguirei descansar sabendo que você corre perigo.

— Bay, mas este é meu trabalho.

A resposta ganhou um significado especial. Teria de lidar com este fato caso se tornassem amantes. Aproximou-se dele para um abraço.

— Pensei que você fosse se afastar de mim — ele falou.

— Deixe que Simon o acompanhe. Se Bud estiver lá fora...

— Simon ficará aqui.

— E se você deixar o cachorro aqui dentro comigo? Jack riu.

— Não, Simon ficará de sentinela com Bud do lado de fora. Embora eu ache que as novidades já acabaram por esta noite por aqui.

— Por que você acha que isto aconteceu?

— Conversaremos quando eu voltar. Agora é melhor você me dar suas chaves.

CAPÍTULO XXVI

A espera foi longa e angustiante. Mas felizmente Jack retornou em menos tempo do que o demandado com a conversa com o policial.

Bay permanecia acordada no sofá aguardando por ele e deu um pulo sobressaltada ao ouvir o latido de Bud. Cruzou a sala e viu os faróis iluminando a sala de jantar. Momentos mais tarde o portão da garagem era acionado.

Ela quis abrir a porta para conferir se Jack estava bem, mas hesitou ao som de vozes. Percebeu que conversava com Simon.

Não queria ser vista seminua, por isso suportou mais um ou dois minutos de

espera. Finalmente Jack apareceu.

— Preciso de uma cerveja — ele falou indo diretamente para a geladeira. — Aceita uma?

— Não, obrigada. Você está bem?

— Estou. E pelo que notei sua casa não foi invadida. Havia alguns recados na secretária eletrônica e Ridgeway telefonou. Estará de volta à cidade pela manhã e quer saber se você gostaria que aparecesse com o jantar. Deixou um número de telefone.

Tomou um longo gole de cerveja enquanto Bay considerava as novidades. As ligações e o telefonema de Duncan.

— Acha que a pessoa que atirou sabia que eu estava aqui?

— É uma possibilidade. Outra é a que eu discuti com o tenente. E considerando o humor com que o desafiei hoje — Jack verificou o horário no relógio e fez uma careta. — Quero dizer, ontem. Bem, se eu estiver certo, teremos que arrumar outro lugar para você.

— Jack, não tenho medo de algumas balas. Já lidei com isso antes.

— Nem me lembre. Venha cá.

Colocou a cerveja no balcão e em seguida Bay aconchegou-se em seus braços, esgueirando as mãos por dentro da camisa e abraçando-lhe a cintura nua.

Precisava do calor e da força de Jack. Beijou-o no peito, então ergueu a cabeça para um beijo que, sabia, receberia.

— Eu precisava mais disto do que da cerveja — Jack murmurou com voz rouca.

— Eu também. Especialmente porque tenho o pressentimento de que você está me escondendo algo.

— Não sei por que está tão frustrada. Olhe, pode ter sido algum tolo a caminho de casa após uma festa no clube. O quão mais distante permanecer da cidade, mais enfrentará esta espécie de problema. Por outro lado, é apenas uma coincidência o fato de nós dois termos recebido visitas noturnas? Talvez seja melhor que eu lide com a investigação e você fique distante de mim.

— Tente vender este plano para outra pessoa.

— Bay, pense bem.

— Estou pensando. E se Madeleine souber que estou aqui? Aquelas ligações todas. E se ela enviou Elvin para cá para me assustar e me distanciar de você? Estará jogando o jogo dela.

— Então fique naquela casa e faça com que ela acredite que se deu bem.

— Já não é mais uma boa opção. Eu nunca devia ter aceitado aquela oferta.

— Bem, pois se acha que ela está com raiva de mim ficará ainda mais brava se descobrir que formamos uma dupla.

Uma dupla. Bay sorriu.

— Droga, não faça isto agora. Não é justo.

— Eu não pude evitar. Gostei de seu pensamento. E nem me importo se ela souber. Por acaso a união não faz a força?

Jack emoldurou-lhe o rosto com as mãos.

— Acha que sossegarei caso ela conclua que cometeu um erro tirando você da

prisão, que poderá lhe causar mais problemas solta? Ainda não sabemos o motivo de ela ter arquitetado sua libertação. Pode ter um plano que sequer começou. Meu palpite é que, se torná-la sra. Dun-can Ridgeway, terá conseguido silenciar você permanentemente. Lembre-se, uma esposa não pode testemunhar contra seu marido.

— Isto é loucura. E você acha que eu poderia dormir com você e depois considerar a possibilidade de jantar com ele... e fazer o que está sugerindo?

— Esta é a razão de eu não ter perdido totalmente a cabeça... ainda. Mas o que você dirá se ele questionar o motivo da recusa?

— Direi que estou saindo com outra pessoa. O olhar intenso de Jack prendia o dela.

— Fala sério?

— Eu não queria que fosse assim. Mas não consigo me controlar.

— Deixe de tentar — Jack murmurou um segundo antes de beijá-la novamente.

Bay ficou na ponta dos pés e procurou apagar quaisquer dúvidas quanto ao seu desejo de maior intimidade com ele. Era tão bom estar em seus braços, não suportaria mais a distância.

— Tem certeza?

— Tenho.

Jack apagou as luzes e, segurando-a pela mão, conduziu-a pelo corredor. Fez uma pausa ao escritório. E quando acendeu aquela luz e viu que Bay limpou o vidro do chão, prensou-a contra a parede.

— Há um preço por desobedecer ordens.

— Não estou com medo.

— Estou tão feliz.

Após outro beijo, conduziu-a para o quarto dele e com a parca iluminação do luar, os dois se despiram.

Então Jack fez com que ela se esquecesse de sua falta de experiência e de quaisquer dúvidas sobre sua sensualidade. O modo como a tocava fazia com que se sentisse especial. E Bay se dedicou a explorar o corpo másculo que clamava pelo seu.

Jack prensou-a contra os travesseiros.

— Acho que sou pesado demais para você.

— Não é.

— Você é tão adorável.

Ela com lentidão e sensualidade fez com que seus corpos se unissem e iniciou um movimento suave que lhe roubava o fôlego de tanto prazer.

O melhor era contemplar as mesmas emoções no rosto de Jack e sentir a tensão crescente de seu corpo a movimentar-se dentro dela.

Jack despertava-lhe uma gratidão indizível. Jamais experimentara uma união tão intensa. E a cada segundo aprendia que era possível experimentar sensações alucinantes banhadas por uma onda de carinho e ternura.

Enlaçou-lhe a cintura com as pernas em um movimento sensual maravilhoso. Ouviu um gemido rouco de aprovação e ele se sentou, levando-a consigo e acomodando-a em seu colo.

— Eu amo você — Jack sussurrou mergulhando o rosto no pescoço macio.

A declaração atingiu-a com a velocidade da bala que invadira a casa. Queria congelar aquele momento, saboreá-lo e analisá-lo. E dar a Jack uma resposta que compensasse tamanha declaração. Mas estava louca de prazer e tudo que pôde sussurrar foi seu nome.

Os gritos de prazer de Jack mostraram que isso deve ter bastado.

CAPÍTULO XXVII

Sábado, 9 de junho de 2001

Martel não estava trabalhando naquele final de semana. Mas ao receber o telefonema de Bay, concordara em encontrá-la na loja.

Jack com relutância deixara-a à casa, advertindo-a de que se não tivesse notícias suas em pouco tempo, sairia ao calção de Martel.

Mike Martel foi receptivo à oferta de Bay para trabalhar em seu estabelecimento em troca de uma porcentagem e ajudá-lo quando precisasse. Não foi necessário explicar muito. Ele se limitou a contemplar os fermentos em seu rosto e simplesmente indagou:

— O que aconteceu tem algo a ver com isto?

— Acho que sim. — Bay pediu desculpas por não poder lhe contar mais, mas garantiu que não fizera nada ilegal e sentiu-se compelida a acrescentar: — Preciso adverti-lo de algo. Este arranjo poderá me custar alguns dos contratos que fechei. Mesmo que isto não aconteça, minha proteção contra a imprensa poderá desaparecer e eu me tornarei a bola da vez novamente. Talvez isto não seja bom para seus negócios e compreenderei se precisar cancelar nosso acordo.

— Olhe, adorarei a oportunidade de dizer a um repórter o que é e o que não é novidade — Martel falou, estendendo-lhe um jogo de chaves. — Ouça, garota, meus filhos já deixaram o colégio e minha esposa adora jogar bingo em Shreveport. Não estou muito preocupado com os negócios. Sei que você sabe trabalhar e que é uma mulher de palavra. Valerá seu peso em ouro para mim. Durante o restante da manhã Bay e Jack transferiram os projetos em andamento da loja montada por Madeleine para a de Martel. Também levaram os pertences pessoais de Bay. Na última viagem Jack comprou o almoço e depois a presenteou com um telefone celular. Bay teve dificuldade em aceitar o presente.

— O telefone já está em seu nome, mas o endereço da conta telefônica é o meu. Poderá mudar quando quiser, embora eu não ache necessário. Mas não poderei obrigá-la a aceitar minha ajuda financeira. A menos que você peça.

Bay, aliviada, aceitou o telefone com gratidão.

— E falando em finanças... como você irá de casa para o trabalho?

Bay indicou uma das chaves que Mike lhe dera.

— Estou alugando o quarto que fica nos fundos da loja de Mike.

Não poderia culpar Jack pela careta de desgosto. Não era um bom lugar para

morar. Na verdade, Mike não cobraria aluguel algum. Disse que se Bay mantivesse o pequeno apartamento limpo, seria suficiente. Ela ficou imaginando todo trabalho que teria até tornar aquele lugar apresentável.

— Sra. Ridgeway tentará fazer com que você fique com a caminhonete que lhe deu.

— Não poderei, não por enquanto. Agora me ensine a usar o celular.

A primeira ligação que ela fez foi para Duncan, dizendo que não poderiam jantar juntos. Conforme previsto, estava no escritório da mãe e ela não se surpreendeu quando Madeleine pegou o fone.

— O que está acontecendo, Bay? Ontem devolveu o terninho, hoje disse que não quer sair com Duncan?

— Preciso muito conversar com você. Poderia arrumar um horário em sua agenda?

— Acho que se eu quiser informações, terei de dar um jeito. Venha assim que puder.

Bay desligou e fitou Jack.

— Foi bem divertido — ironizou.

— Gostaria de poder fazer isto por você — ele disse.

— É melhor que não esteja aqui caso alguém me dê uma carona. Mas se não me oferecerem...

— Ficarei por perto desde o momento de sua saída.

— Minha querida sombra...

Aproximou-se dele. Jack não dissera nada, mas desde que fizeram amor, sabia que notava seu isolamento, por mais que Bay tentasse esconder.

Gostaria de poupá-lo das dúvidas que acalentava a respeito do futuro que poderiam ter juntos. E de disfarçar sua inabilidade em acreditar que Jack poderia amá-la. Quanto mais se apaixonar em apenas uma semana.

O abraço que ele lhe deu foi terno, plácido. Uma completa contradição frente à preocupação reinante em seu olhar.

— Gosta da idéia?

— Sou uma ex-prisioneira, o que acha?

Ao notar a decepção nos olhos de Jack, rapidamente se arrependeu da resposta.

— Mas não me sinto assim com você.

— Isto porque eu não a vejo da maneira como descreveu. Era verdade. Ele era romântico, enquanto Bay irônica.

Que combinação. Tocou-lhe os pêlos do peito. Lembrou-se da noite anterior e de Jack puxando-a novamente para a cama pela manhã.

— Tem sido tão paciente.

— Estou aprendendo que poderei perdê-la se eu a pressionar demais.

Mas isso estava lhe custando muito caro. Bay ficava imaginando o quanto.

— Você merece mais. E também tem muitas responsabilidades na fazenda.

— Simon poderá lidar com isto por uns tempos. E todo o restante envolve você. Se não estiver bem, nada mais fará sentido.

— Talvez você possa me beijar para eu conseguir acreditar nisto um pouquinho.

Jack a abraçou daquele modo especial que lhe mostrava o quanto a desejava. E então transmitiu com lábios e língua as lembranças da noite anterior. Por alguns momentos, Bay confiou totalmente nele: sua concentração, seu coração.

— Nossa... — Jack balbuciou, finalmente se afastando. — É melhor você ir ou Madeleine Ridgeway telefonará novamente.

Bay estava com os joelhos bambos. Apoiou-se na mesa para se equilibrar e pegou as chaves e o telefone celular.

Achou que não seria capaz de descer os degraus de metal sem cair. Podia jurar que o piso da loja balançava.

— Bay...

Jack fechou a porta e verificou se estava trancada antes de se voltar para ela.

— Procure encerrar o assunto com uma conversa breve. Haverá menos chance de cometer erros sérios desta forma. E se pressentir algo de errado, saia de lá.

— Farei isto. Até mais.

O calor do meio-dia roubava-lhe o ar, embora o ar-condicionado da caminhonete estivesse ligado. Era melhor se acalmar para não chegar afogueada à casa dos Ridgeway.

Uma olhada no espelho retrovisor revelou que Jack a seguia com discrição. Pegou a rua Broadway e quando adentrou a propriedade Ridgeway, Jack passou reto e ela soube que esperaria por sua saída.

O carro de Duncan estava estacionado sob o pórtico atrás do automóvel da mãe. Para Bay era muito simbólico.

Estacionou, sem prazer algum, notando que Elvin polia as janelas do carro de Madeleine. Era a primeira vez que o via usando calça jeans e camiseta. As roupas combinavam com suas feições rudes muito mais do que o uniforme de motorista.

— Ei — o homem falou indicando a caminhonete. — Está empoeirada. Quanto já rodou com ela? Coloque-a na sombra e a deixarei limpa para você.

— Não se apresse. Terá muito tempo amanhã ou depois. Deixou-o imaginando o que isso significaria enquanto tocava a campainha.

Lulu atendeu e conduziu-a ao escritório de Madeleine.

Duncan foi o primeiro a avistá-la e se aproximou com as mãos estendidas.

— Aí está você! Parece muito melhor.

— É um mentiroso e tanto — Bay respondeu. — Mas um doce mentiroso.

— Acho que ainda não descansou o que deveria. Mas os arranhões já estão sumindo...

Madeleine afastou o filho e abraçou Bay.

— Querida, eu nem imaginava até que Duncan me contou. Pobre criança, venha se sentar. Quer uma bebida? Um uísque ou chá?

— Não quero nada, obrigada. E já estou me sentindo bem melhor.

— Não parecia muito bem ao telefone — Duncan falou.

— Muitas coisas estão acontecendo. Irei direto ao assunto. Mudei de casa.

Estendeu a Madeleine o envelope que um dia ela lhe dera.

— Estou devolvendo a propriedade a você e também a caminhonete e todas as chaves. Gostaria que soubesse que realmente apreciei tudo o que fez por mim, mas...

— Não — Madeleine tentou devolver o envelope. — Não aceitarei.

— Não há outra saída. Duncan estava atônito.

— Por quê, Bay?

— Estive tentando explicar. Para mim é muito importante fazer as coisas sozinha, do meu próprio jeito e em meu próprio espaço. Não quero parecer ingrata e eu lhe garanto que não é teimosia minha. É minha maneira de transmitir alguma integridade a meu trabalho.

— Querida, você não é a primeira pessoa criativa com a qual já lidei e todos dizem a mesma coisa. Você por favor poderia me explicar o que o fato de manter um telhado sobre sua cabeça tem a ver com integridade?

Duncan tossiu e se virou. Bay lançou a Madeleine um olhar de reprovação, mas decidiu ser gentil.

— Roupas apropriadas para ir à igreja?

— Você esperava que eu a deixasse comparecer à cerimônia dominical usando macacão?

— Eu esperava que pudesse decidir sozinha se eu queria ou não ir às cerimônias dominicais e, se eu quisesse, com que roupa.

— Se você se converteu a outra religião, basta dizer.

— E daí? Você e Davis fariam uma prece no café da manhã para salvar minha alma?

Duncan riu, ignorando o olhar de irritação da mãe.

— Acho que você encontrou sua alma gêmea.

Madeleine caminhou vagarosamente até a escrivaninha. Tocava com leveza nos objetos. E ao sentar, segurou com força os braços da poltrona de couro.

— Eu poderia lhe perguntar onde pretende trabalhar e dormir?

— Já arranjei tudo com Mike Martel.

O nome causou uma reação inusitada. Pela primeira vez Madeleine não soube o que falar.

— Martel, que coincidência! Duncan, é o nome daquele policial.

— Na verdade é um parente distante. Mike Martel tem uma loja de bom tamanho com espaço para uma pessoa com a quantidade de trabalho que tenho e seu equipamento é maravilhoso.

— Você tem sua própria loja.

— Mas praticamente não há nada ali. Preciso de mais equipamentos.

— Eu já lhe disse. Conseguiremos tudo para você.

— Não pode ser meu banco, Madeleine. E eu também não poderei mergulhar em dívidas.

— Então você está me rejeitando completamente? Seu raciocínio é incompreensível.

Duncan se aproximou.

— Parece que você já pensou bastante e se sente confortável com esta decisão.

— De que lado você está? — Madeleine rebateu para o filho.

— Minha única pergunta é: como você irá para o trabalho todos os dias? — Duncan indagou.

— Vou morar em uma sala dentro da loja de Mike.

— Oh, que horror!

— Mamãe!

O tom de voz ríspido espantou tanto Bay quanto Madeleine. Era a primeira vez que Duncan falava com a mãe em um tom distante da admiração e afeto.

— Sim, sim, tenho de ser compreensiva e peço desculpas. Mas vê como me deixou nervosa? A rainha do controle simplesmente está descontrolada.

— O arranjo que fiz pode não ser o ideal, mas funcionará. E alugarei a caminhonete extra de Mike sempre que precisar, até que eu possa comprar um carro.

— O local onde Martel está... não é a melhor vizinhança.

— Duncan, não pretendo ficar em um hotel cinco estrelas. Minha profissão exige que eu trabalhe na região industrial da cidade. Mas se é de algum consolo, Mike tem uma equipe grande trabalhando durante o dia e um excelente sistema de alarme para me fazer companhia durante a noite.

Duncan virou-se para a mãe.

— Se é isto o que ela quer, não vejo problemas. Madeleine o ignorou.

— Elvin trabalhou tanto para consertar aquela casa.

— Seu esforço não será desperdiçado se decidir colocá-la para alugar. A localização é ótima, Madeleine.

— Aparentemente não é boa o bastante. E quanto à máquina de soldas e todo o material que estoquei?

— Já transportei o material, talvez até prematuramente, e o próximo dono talvez queira comprar a máquina.

— Isto é um rompimento definitivo? Eu nunca mais verei você?

— Claro que verá. Quero dizer... — Bay murmurou, lembrando-se da advertência de Jack — Olhe, foi culpa minha. Eu devia ter falado tudo desde o princípio para que não estivéssemos enfrentando esta dificuldade agora.

O comentário acalmou Madeleine.

— Não estou aborrecida com você, querida. Na verdade fico ressentida com o passado que a tornou tão cautelosa e desconfiada.

— Não posso negar as lições que a vida me deu, mas acho que me foram úteis.

— Você faz com que eu me lembre de mim mesma. Mas então está bem, srta. Independência. Faça tudo a sua maneira. Você fará meu portão?

— Caso você ainda queira, sim. Cheguei a esperar que cancelasse o pedido e dissesse ao sr. Nelson que outros profissionais poderiam realizar o trabalho que me foi passado.

Madeleine se aproximou e a abraçou.

— Meu problema é que eu me importo demais com você. E sei que logo estarei incomodando-a novamente.

Bay suportou o abraço o máximo possível. Então se soltou e vagarosamente foi

para a porta.

— Não vou mais tomar seu tempo. Terei muito a fazer agora.

Duncan seguiu-a até o saguão.

— Quer uma carona?

— Sim, você não se importaria? Eu ia pedir a Elvin.

— Ele sempre fica com as tarefas divertidas. Eu ficaria muito feliz em levar você... para onde mesmo?

— Para o estabelecimento de Martel.

Uma vez fora da casa, Duncan falou para Elvin:

— Pegue as chaves da caminhonete com mamãe. E coloque-a na garagem.

Elvin permaneceu em pé com a boca aberta.

— Vá, Elvin — Duncan falou, abrindo a porta de passageiros de seu carro para Bay.

Então se acomodou no banco de motorista e riu.

— Ele correrá para perguntar a mamãe o que aconteceu. É o maior fofoqueiro que conheço.

— Não me importo que ele saiba.

— Não, claro que não. Mas este é o princípio. Ele não fará nada do que eu pedir.

Sempre obedecerá mamãe.

Bay olhou ao redor imaginando se Jack poderia vê-los.

— Não é ruim que seja tão devotado a ela.

— É verdade, não é mesmo? Caso não se importe com minha intromissão, por que decidiu se associar a Martel? Você já o conhecia? Profissionalmente, quero dizer.

— Ele conhece nosso negócio muito bem.

— Eu estou me referindo àquele policial que ajudou você a se libertar.

— Não acredito que sejam parentes próximos. Poderiam inclusive ser estranhos com sobrenome comum.

— Não se visitam ou coisa assim?

— Pelo que percebi, não.

Bay tentou ver se localizava Jack pelo espelho retrovisor, mas o ângulo favorecia a visão de Duncan e não a sua.

— Cheguei a lhe perguntar se conhecia o policial Martel, mas Mike mudou de assunto. Acho que não devem se dar muito bem.

— Espero que seja simplesmente por causa de estilos de vida diferentes em vez de relacionamentos realmente ruins. Sempre serei grato a Nicholas. E nós ainda teremos aquele jantar?

Era esse então o motivo de querer ficar sozinho com ela, Bay considerou. O que responderia?

— Duncan, devo adverti-lo de que sua mãe poderá pensar melhor em minhas atitudes e ficar brava comigo. Talvez você também fique. E não voltarei mais à igreja.

— Mas não foi isto que lhe perguntei.

Não compreendia tanta persistência, a menos que tivesse deixado de notar algum sinal entre mãe e filho indicando que seria tarefa sua ficar de olho nela.

— Poderíamos ir com mais calma? Agora preciso focar minha atenção em minha carreira.

— É por isto que gosto de você. As armadilhas não a seduzem. Você sabe que mamãe gosta de bancar o cupido. Já estou cansado do brilho nos olhos daquelas mulheres, como se fossem cifrões. Hoje você provou que não se importa com dinheiro e não sabe como isto é raro. Não quero perdê-la, Bay. Mesmo que isto signifique que não seremos mais do que amigos. O mundo pode ser um lugar bem solitário às vezes.

Analizou o perfil de Duncan e notou alguma melancolia em suas palavras.

— É verdade.

— Então vamos ver por este ângulo. E como seu amigo, quero que saiba que se mamãe em algum momento lhe puder ser útil, ficarei feliz em interferir a seu favor. Gostaria que eu entrasse com você para ajudá-la? — acrescentou assim que chegaram.

— Não, está tudo bem e realmente preciso trabalhar. Há muita coisa a ser arrumada até segunda-feira. Obrigada, Duncan. Você foi uma surpresa e tanto.

— Gostei deste comentário. Então vá, querida, para que eu possa vê-la trancada e em segurança.

Bay acenou da porta da loja antes de fechá-la e ficou aguardando que o som do motor potente se afastasse. Permaneceu em pé por bons minutos antes de abrir a porta novamente para esperar por Jack. Quase decidira que ele seguia Duncan de volta para a casa de Madeleine quando subitamente o avistou.

— Achou que ele poderia retornar — Bay murmurou quando Jack entrou na loja.

— Se ele desconfiasse de você, faria isto. E então, como foi?

— Madeleine não gostou muito. Mas Duncan pareceu tranquilo. Acho que ele pode estar sendo sincero em me apoiar.

Ficou aguardando, mas a expressão de Jack permaneceu imutável.

— Está achando aquele rapaz atraente. Mais uma vez. E tudo o que ele precisou foi dizer: "Estou aqui para você".

— Está exagerando.

— Bem, então acho melhor você me beijar para que eu me esqueça disto.

O riso de Bay transformou-se em um gemido de prazer quando Jack beijou-a com sofreguidão. Embora soubesse que travava uma batalha interior com seu ciúme, fez com que Bay se esquecesse de tudo e o convidasse a ir até seu quarto na loja.

— Assim está melhor. E agora me conte tudo. Às vezes o que não foi dito é tão importante quanto o que foi.

— Antes precisarei tomar alguma coisa bem gelada. Havia uma máquina de refrigerantes na sala ao lado e Jack colocou dinheiro trocado para conseguirem duas bebidas. Escolheram garrafas d'água. E após tomar quase metade de uma, Bay repetiu a conversa toda travada com os Ridgeway.

— Não houve nenhum comentário casual como: "Onde você esteve na noite passada?" — ele indagou.

— Não teria sido um erro tático?

— Criminosos normalmente cometem erros.

— Desta vez não aconteceu.

— É trabalho de um advogado dizer ao júri que todos são inocentes até que se prove o contrário. O restante de nós deve presumir que uma pessoa está mentindo ou escondendo algo. Bem, mas preciso sair daqui antes que Martel chegue.

— Ele tirou o dia de folga.

— Se não aparecer apenas para dar uma olhada em você com a desculpa de oferecer ajuda ou de que se esqueceu de lhe mostrar algo, então mostrará que é um comerciante displicente que não se importa com sua propriedade. E deveremos estar atentos.

Bay sabia, mas estava cansada de pensar dessa maneira. Jack tocou-a no queixo, obrigando-a a fitá-lo. Havia um pedido de desculpas em seu olhar.

— Venha comigo para a fazenda. Descanse um pouco. Nós dois precisamos. Eu a trarei de volta pra cá pela manhã ou poderemos estacionar a caminhonete que Mike lhe emprestou dentro da garagem durante a noite para que ninguém saiba ao certo onde você está.

Bay ficou pensativa por um instante e então murmurou:

— Vamos!

CAPÍTULO XXVIII

Segunda-feira, 11 de junho de 2001

— Bay... telefone! A ligação vinha em momento pouco conveniente. Bay estava prestes a abaixar o gorro de sua roupa de soldadora para retomar o trabalho. Via-se exatamente no mesmo ângulo em que estivera na noite em que Glenn fora assassinado e a interrupção não era bem-vinda. Olhou por sobre o ombro e viu Larry à porta, fitando-a. Parecia acalorado apesar dos ventiladores estarem ligados.

— Pode pegar o recado?

— Eu tentei. Disse que você estava trabalhando, mas a mulher falou que não ligaria de volta.

Madeleine. Despiu o jaleco e desligou a máquina de solda.

O restante do final de semana fora silencioso e tranqüilo no que dizia respeito aos Ridgeway. Por isso não estava surpresa com o recomeço das confusões.

— Obrigada. O trabalho está ficando muito bom — disse ao jovem que acabara de fazer um arco.

— Butler — Bay falou ao atender ao telefone.

— Quem fala é Holly.

Desde o breve e peculiar encontro na loja Bay não deixava de pensar naquela moça.

— Como me encontrou?

— Eu tenho pouco tempo. Você demorou demais para atender ao telefone. Preciso vê-la.

Era bastante direta, Bay pensou.

— Você obviamente sabe onde estou.

— Mas não pode ser aí. Teremos uma pausa para o almoço em quarenta minutos. Encontre-me...

— Espere um pouco. Não almoçarei hoje. Estou em um estágio bastante crítico de um projeto.

Precisava terminar o portão de Madeleine para que fosse pintado no dia seguinte e ela então pudesse se dedicar ao projeto dos Nelson enquanto aguardava que a tinta secasse adequadamente.

— E se for mais tarde?

— Cinco e meia — Holly falou. — Conhece a quitanda do lado leste do Loop?

— Mais ou menos. Não fui para lá após meu retorno.

— Pois ainda existe. Cinco e meia. Lembra-se de meu carro?

Havia muitos parecidos com o dela. Entretanto, o tom de verde o diferenciaria.

— Estarei dirigindo uma caminhonete azul-clara com capota.

Holly desligou sem mais nenhum comentário.

— Estou sem fala também — Bay murmurou recolocando o fone no gancho e voltando ao trabalho.

Por que tudo aquilo? Para alguém que gostaria de conversar, Holly fora muito rude... ou apenas ansiosa? Talvez preocupada com o fato de estar fazendo uma ligação pessoal durante o período de trabalho. Bay até podia imaginar o que Jack diria: "Holly a detesta e mesmo assim você aceitou encontrar-se com ela sem me contar nada nem a ninguém?"

Era bom pensar em Jack. O final de semana não fora provavelmente como ele planejara porque as regras mensais de Bay tinham chegado. Entretanto, não demonstrara qualquer decepção. Levava-a para um divertido passeio pela fazenda, com Bud na carroceria da caminhonete. Depois, insistiu para que tirasse uma soneca. Mais tarde preparou carne grelhada e depois Bay leu até a exaustão. Quando deu por si, estava amanhecendo e ela sozinha, enrolada sob um cobertor leve.

A doçura do comportamento de Jack fazia com que ansiasse por ouvir sua voz novamente. Pegou o telefone celular e deixou um recado no *pager* dele. Um minuto depois recebeu uma ligação.

— Olá — Jack falou em um tom casual que mais parecia um carinho.

— Desculpe incomodá-lo no escritório.

— Está tudo bem?

— Não sei.

Brevemente lhe contou a respeito do telefonema de Holly e do encontro que marcaram.

— Acha que ela está emocionalmente estável?

— Não sei. Mas se quisesse me machucar, por que teria escolhido um local público?

— Pela mesma razão que faz algumas pessoas levarem armas para o trabalho e começarem a atirar para todo lado. Acho que conseguirei sair daqui a tempo de observá-la de longe, então nos encontraremos na loja depois.

— Tomará cuidado para que ela não o veja?

— Não se preocupe. Até mais tarde.

Bay fez uma careta diante da interrupção abrupta, mas sabia que alguém devia ter se aproximado, sem dúvida aquele tenente que estava tornando a vida de Jack um inferno.

Suspirou, colocou o telefone celular no bolso e ficou pensando no que gostaria de ter dito. Sentia sua falta. Fizera bem em dormir na fazenda na noite anterior. E se Jack a convidasse novamente, gostaria de aceitar.

Não bastaram boas intenções para que Bay terminasse o trabalho na loja a tempo. Eram exatamente cinco e meia da tarde quando encerrou suas tarefas. O restante da equipe deixara o local em um êxodo em massa às cinco horas em ponto.

Mike saíra horas antes para levar a filha de dez anos de idade a um jogo do irmão. E pedira desculpas ao lhe solicitar que ela anotasse os recados telefônicos, explicando que a ida ao jogo fora o presente de aniversário da menina.

— Sem problemas. Está levando a máquina fotográfica?

— Eu queria, mas minha filha mais velha derrubou-a na piscina no final de semana.

— Pois pare e compre uma daquelas descartáveis. Tenho certeza de que sua filha vai adorar.

Sorriu ao lembrar-se do beijo que recebera na testa. Então, durante o restante do caminho começou a rezar para que não cruzasse com um carro da polícia e para que Holly a esperasse.

O pequeno carro esportivo estava ali, mas seu alívio durou pouco. Não havia sinal algum de Jack.

Bay saiu da caminhonete e entrou no carro, mal notando que o motor estava ligado. Talvez porque o equipamento pesado de trabalho tivesse prejudicado sua audição.

— Você merece um bom castigo.

Notou que Holly olhava para a caminhonete. Isto lhe deu tempo de admirar o terninho lilás que ela vestia. A comparação com suas roupas deixava-a em estado deplorável.

— O que eu poderia dizer? O preço estava adequado. Holly desligou o motor do carro.

— Você fez isto várias vezes. Eu estou me referindo à sua rejeição ao convite de se tornar a nova princesa Ridgeway. Importaria-se se eu lhe perguntasse o motivo? A rainha se comprometeu a tornar tudo bem confortável para você.

— Quer que eu diga algo crítico para que possa correr e reportar tudo a Madeleine? Pois saiba que tudo que preciso dizer a ela digo pessoalmente.

Colocou a mão na maçaneta da porta, mas Holly tocou-lhe o braço.

— O que estou tentando dizer é que... invejo você, de certa maneira. E vejo que sua aparência não está tão ruim quanto na sexta-feira. Conseguiu descobrir quem a machucou?

— Ainda não. Mas tenho alguns palpites, recebi uns telefonemas anônimos...

— Primeiramente me diga se é verdade que você sairá da casa que Madeleine lhe deu para morar naquele lugar na avenida.

— Desculpe-me, mas aquele "lugar" é um palácio comparado ao local onde fui criada.

Subitamente Bay percebeu o motivo de Holly não parar de duvidar de sua honestidade.

— Está assustada, garota — disse a Holly. — Está tentando me dizer que jamais pôde desistir de um trabalho que não era bom para você nem foi capaz de se afastar de uma posição porque sabia que em breve receberia outra promoção? Há uma falha muito séria neste estilo de vida.

Holly desviou o olhar. Foi então que Bay notou o anel de noivado de Glenn em sua mão direita. Continuava a usá-lo como uma viúva usaria a aliança de casamento.

— Acho que mereço ouvir isto — Holly falou baixinho. — Eu lhe devo um pedido de desculpas. Eu tinha de ter certeza, compreende?

— Sim. E sua idéia de certeza para mim soa como vingança. Sua descrição da personalidade de uma assassina ajudou a roubar alguns anos meus. Posso lhe dizer que você seguiu muito bem as orientações que recebeu. E o pior é que acreditou em tudo o que disse.

— Este é o problema. Não acreditei. Glenn confiava em você. Tudo o que saía da boca dele era: "Bay isto" e "Bay aquilo"... Eu não podia competir com isso.

Bay não acreditava no que ouvia.

— Mas não precisava. Ele amava você.

— Sim. Agora eu percebo. Não havia nada entre vocês dois.

Como alguém tão deslumbrante podia ser tão insegura?

— Éramos hábeis no trabalho, sabíamos como o tempo tornava nossa tarefa mais fácil ou difícil, podíamos reconhecer materiais importados e domésticos sem ler os rótulos ou testá-los. Só isto. Fora da loja, éramos como óleo e água.

— Pois disseram que vocês tinham um caso. E que usavam meu relacionamento com Glenn para se aproximarem dos Ridgeway.

— Alegaram isto e você optou por acreditar. E era uma grande mentira.

— Sim. Mas... por que tiveram de sujar a reputação de Glenn para salvar você? Toda aquela história que a colocou em liberdade...

— É mentira, eu também concordo. Mas o que eu devia ter feito? Ficado na prisão e contra-argumentado atrás das grades?

— Então está tentando esclarecer tudo?

Algo no tom de voz fatalístico deixou Bay insegura.

— O que quer de mim, Holly?

A jovem ficou olhando para o volante.

— Nada. É hora de ajustar as contas, apenas isto. Talvez eu possa lhe dar espaço.

— Espaço para quê? Não faz sentido.

— Está tudo bem.

— Espere um minuto. Se sabe de alguma coisa, deve falar para as pessoas certas.

- Saia daqui, por favor.
- Vamos trabalhar juntas. Comparar as informações obtidas...
- Saia!

CAPÍTULO XXIX

Bay estava apoiada na caminhonete quando Jack estacionou na vaga deixada por Holly. Não fora problema para ele manter-se fora de vista porque a quitanda estava lotada de pessoas que se apressavam do trabalho para casa e paravam para comprar alguma coisa para o jantar. Mas o fato de não ter sido capaz de observar tudo o deixara muito nervoso. E ao notar a expressão de Bay, ficou ainda pior.

— Você está bem? — indagou antes de descer da caminhonete.

Abraçou-a para lhe transmitir segurança.

— Bay, o que aconteceu?

— Ela sabe.

— Saber o quê?

Jack então olhou ao redor e percebeu que atraíam muita atenção.

— Temos que sair daqui, querida. Bay... Sacudiu-a,

— Ei, moço! Tire as mãos dela.

A voz estranha assustou-a. Virou-se para o jovem que obviamente pensava que Jack a maltratava. Seus olhos se arregalaram quando viu o rosto dela.

— O que ele fez com você? Policial!

Havia um policial uniformizado deixando a quitanda com uma sacola nos braços. Notando a apreensão do adolescente, aproximou-se e sua expressão ficou mais séria ao ver Bay.

Jack pegou seu distintivo.

— Detetive Jack Burke.

O rosto do outro policial demonstrou alívio, mas então a preocupação redobrou.

— Está tudo bem por aqui, detetive?

— Acabamos de ter uma notícia ruim a respeito de um amigo comum — Bay falou. — Nós nos envolvemos em um acidente juntos.

— Entendo. Eu lamento. Posso fazer algo para ajudar? Levá-los a algum lugar?

— Muito obrigada, mas ficaremos bem. Seguirei Jack.

— Sejam cuidadosos — o policial falou.

— Obrigada.

Assim que os dois se afastaram, Jack beijou a testa de Bay.

— Que Deus abençoe seu raciocínio rápido.

— Vamos sair daqui antes que alguém reconheça um de nós. Posso ir para a fazenda com você?

— O que você acha? Será preciso parar na loja de Martel primeiro?

— Só por um momento. E obrigada.

Eram quase dez horas quando ela terminou de pegar uma muda de roupas,

verificou a secretária eletrônica do escritório, inspecionou janelas e outras saídas e finalmente ligou o alarme. Jack estava no quintal observando a rapidez com que ela aprendera tanto.

Bay ainda estava muito pálida e tensa.

— Preciso saber — Jack lhe falou. — Ela a ameaçou?

— Não. Não foi nada disso.

— Comece a falar quando se sentir preparada.

— Eu estraguei tudo — desabafou por fim. — Não lidei bem com a situação.

Após a maneira como Holly conduziu o telefonema, eu devia ter me preparado para tirar mais informações dela. E não fiz isto, não obtive nada que você possa julgar importante.

— Deixe que eu julgue.

— Não consegui, Jack. O que eu posso dizer é que ela está muito tensa e planejando fazer algo. E não gosto nada disto.

— Algo contra você?

— Holly me pediu desculpas, se pode acreditar nisto. E ela tem alguma informação, mas não sei sobre quem. É evidente que está ligando alguns fatos, talvez referentes a Madeleine e Duncan. O que quer ela sabe a está apavorando.

— Você lhe ofereceu ajuda?

— Foi nesta hora que ela me ordenou que deixasse o carro. Disse que era hora de ajustar as contas, não entendi muito bem. Pagar pelo quê? Acho que ela se deixou envolver em algo estranho.

— O que sem dúvida seria fácil dada sua condição vulnerável. E como agora está volúvel, faria bastante sentido se decidissem se livrar dela.

Bay abraçou o próprio corpo.

— Espero que esteja se referindo a uma demissão e não algo pior. Madeleine disse que ela não ficaria mais no escritório administrativo da igreja.

— Nem com a parte de comunicação. Talvez uma punição.

— É como Madeleine disse que gosta de operar. Mantendo os amigos bem próximos e os inimigos ainda mais próximos.

— É bastante arriscado. Bem, poderemos apenas esperar que Holly reconsidere e peça sua ajuda.

— Jack, isto não é o bastante.

— Como você mesma disse, praticamente não tem nada.

— Eu poderei estar por perto para o caso de ela precisar de ajuda.

O trânsito estava bastante intenso e Jack fitou-a rapidamente. Não gostou do brilho que viu em seu olhar.

— Não sugira mudar-se de volta para aquela casa.

— Não. Mas precisarei voltar à residência de Madeleine e ser convidada para outra cerimônia na igreja. De que outra maneira eu me encontrarei com Holly para descobrir o que ela está planejando?

Jack detestava a idéia de Bay ameaçar sua segurança por uma mulher que um dia buscara uma forma de justificar a pena de morte para ela. Não se preocuparia seriamente com Holly até que ela se comprometesse a trabalhar dentro dos parâmetros

da lei.

— Vamos conversar mais um pouco a respeito durante o jantar, certo?

Bay lançou-lhe um olhar de gratidão.

— Pode deixar que eu irei para a cozinha desta vez.

CAPÍTULO XXX

Terça-feira, 12 de junho de 2001 10:45 da manhã

— Isto é alguma piada de mau gosto? Bay estava com a prancheta em uma mão e a trena na outra. Fitava Elvin.

— Bom dia. Pretende fazer outra vistoria, não é mesmo?

O motorista de Madeleine passou para verificar a caminhonete de Bay estacionada diante dos portões frontais da propriedade.

— Você terá de tirar esta lata velha e colocá-la em um lugar mais escondido, perto daquelas árvores. A sra. Ridgeway não quer nada feio em torno da propriedade. A propósito, o que está fazendo aqui?

— Verificando as dimensões do portão. Para confirmar.

— Bem, pois tire a caminhonete daí. Já devia saber como sra. Ridgeway é.

Bay obedeceu. Já não se sentia confortável naquele local mas, com a ajuda de Elvin, acabaria tendo acesso livre à propriedade.

Retornou e colocou o capuz de Martel, que quase cobria seus olhos. Caso não tivesse notado o logotipo, o movimento chamaria sua atenção e Bay queria avaliar como reagiria.

— Preciso tomar cuidado com o sol por causa dos machucados — justificou ao ver que ele a fitava.

Divertida, observou-o mudando de expressão por três vezes, até chegar à indiferença. Como motorista, Elvin conhecia muito das experiências dos Ridgeway e sabia da importância do nome Martel para a família.

— Se vai ficar aí, Elvin, pegue a ponta desta trena.

— Para quê?

— Quero tirar algumas medidas.

— Já fez isto semana passada.

— Sim, mas um desavisado derramou café em minhas anotações esta manhã. E feito isto, terei de descobrir como o terreno suportará o peso do novo portão. Se não houver concreto suficiente nos poços laterais, certamente não suportará.

— Claro que há concreto suficiente. Você acha que a pessoa que fez o portão atual não sabia o que estava fazendo? Não sei por que teremos de desprezar um portão em perfeito estado.

— Porque Madeleine quer algo inusitado. Pensei que soubesse disto.

— Foi apenas minha opinião.

— Importaria-se de segurar a ponta da trena conforme da outra vez? Estou com

duas medidas diferentes.

— Estou começando a suar e estaremos partindo para Austin em menos de meia hora. Faça o que tem de fazer. Irei para a sombra antes que tenha de trocar de camisa.

— Quer dizer que Madeleine não estará disponível para uma conversa no dia de hoje? Preciso verificar algumas informações a respeito do portão.

— Não será hoje.

— E Duncan?

— Tente encontrá-lo no estúdio de televisão.

Bay continuou tirando medidas por mais quinze minutos, então partiu para a Missão da Bondade antes que Madeleine aparecesse.

O carro de Duncan estava estacionado diante da entrada principal da emissora de televisão. Bay parou logo atrás.

— Posso ajudá-la? — uma recepcionista de meia-idade indagou.

Era parecida com Odessa. O rosto sem maquiagem e os cabelos longos.

— Eu vim da propriedade Ridgeway para ver Duncan. Poderia lhe dizer que Bay Butler gostaria de conversar um pouco?

— Você marcou hora?

A mulher analisava a agenda, vez e outra contemplando o rosto de Bay. Certamente estranhava todos aqueles arranhões já em processo de cicatrização.

— Não preciso marcar hora. Poderia avisá-lo, por favor?

— Ele está de saída para uma reunião. Prefere retornar os telefonemas entre um compromisso e outro.

— Acontece que a mãe dele está me pagando por hora.

— Bay — Holly falou aparecendo na recepção. — Não sabia que você tinha horário marcado para hoje.

— Não tinha. Mas em poucos dias estarei instalando o novo portão e como Madeleine está a caminho da cidade, vim verificar com Duncan qual a data mais conveniente.

— Acabaram de terminar uma reunião e ele estará indo para o escritório. Venha comigo. Está tudo bem, Naomi — falou para a recepcionista.

Holly pegou Bay pelo braço e conduziu-a pelo corredor. Assim que ficaram fora de vista fez uma pausa e sussurrou: — Está me espionando?

— Só planejei vir até aqui depois que descobri que não poderia conversar com Madeleine. Acha que estou tão horrorosa para que a mulher me encare daquele jeito?

— Naomi estranha todo mundo. Eu fui sincera quando conversamos ontem. Sua aparência está muito melhor.

— Obrigada. Sua roupa lhe cai muito bem.

— Idéia de Madeleine. Ela insiste em rosa forte. Não notou as flores desta cor na mansão? Sei que saí abruptamente ontem. E admito que me estressei.

— Isto ficou evidente.

— Peça para Duncan convidá-la para o lanche de domingo — sugeriu.

— Como?

Bay estranhava a forma como Holly mudava de um assunto para o outro.

— O almoço de domingo. Posso precisar que você desvie a atenção de mim por alguns minutos.

— O que você planeja fazer?

— Bay — Duncan exclamou. — Que surpresa boa!

— Eu a encontrei sendo interrogada por Naomi — Holly justificou. — Disse que precisa conversar com você.

— Obrigado, Holly — ele falou para a moça que já se afastava.

— Venha até meu escritório, Bay. Duncan parecia sinceramente feliz.

— Espero que tenha vindo falar de prazer e não de negócios. Meu ego precisa de uma ajuda esta manhã. Eu estava acompanhando mamãe em um evento e me esqueci do nome de um convidado.

— Sua agenda é tão atribulada. Nem sei como você se lembra de seu próprio nome. Ainda está conduzindo os negócios da família, não é? Quero dizer, aqui não é seu trabalho principal.

— Mamãe tem uma boa equipe para fazer o trabalho duro por aqui.

— Certamente está sendo modesto.

Bay gostou dos tons de azul e creme do escritório e também da sala de estar acolhedora.

— Não quero tomar muito de seu tempo. Naomi falou que está ocupado atendendo alguns telefonemas e logo terá outra reunião.

— Pessoas demais acham que sabem o que estarei fazendo antes que eu faça. Nada me dará mais satisfação do que ajudá-la.

Bay explicou suas necessidades e motivos.

— Acho que seria demais esperar que você soubesse dos horários de sua mãe, não é?

— Posso tentar. Estarei fora da cidade a partir de amanhã até sexta-feira. Mamãe voltará amanhã e ficará por aqui durante a semana toda. Tem compromissos na casa, mas não vejo problema algum em você ir adiante e fazer o que for preciso. E, na pior das hipóteses, as pessoas poderão utilizar o portão de serviço durante alguns dias até que você instale o novo portão.

— Acredita que sua mãe aceitará solicitar aos convidados que usem uma entrada lateral?

— Concordará a menos que a rainha da Inglaterra apareça — ele brincou.

— Bem, então...

Planejou a instalação dos portões a partir da quinta-feira, com a colocação dos detalhes mais complicados na sexta e, se necessário, no sábado.

— Se tivermos algum problema na quinta-feira teremos de invadir o sábado.

— Parece perfeito. Poderemos brindar o resultado no domingo. Não diga que não irá para o almoço. Mamãe ficará muito chateada se eu não convidá-la.

Bay sentiu culpa e muita vontade de declinar o convite porque não sabia o que Holly estava planejando. Mas acabou aquiescendo.

— Acho que até domingo já estarei preparada para uma festa.

— Após tanta espera? Claro que sim. Bay sentiu-se mais uma vez culpada.

O sucesso de suas intenções deixou-lhe um gosto amargo na boca.

CAPÍTULO XXXI

Domingo, 17 de junho de 2001

— Eu gostaria de propor um brinde. Todos fitaram Madeleine, que se levantou de sua cadeira à ponta da mesa e ergueu a taça de champanhe. Um a um os convidados imitaram seu gesto e, quando Duncan encontrou o olhar questionador de Bay, ela recebeu uma piscadela.

— Sei que todos vocês notaram o progresso maravilhoso na fachada frontal de minha propriedade ao chegarem — Madeleine começou. — Quando vi este desenho anos atrás, reconheci instantaneamente que pertencia a este local. Não é segredo que foi uma jornada muito difícil, mas hoje eu gostaria que todos se juntassem a mim saudando sua criadora. Bay, você é uma inspiração para mim e espero que isto marque não apenas o início de um frutífero relacionamento artista-patrão como também de uma amizade eterna.

— Amém — Duncan murmurou antes de tomar um gole de champanhe.

Os outros convidados cumprimentaram Bay, que trocou um olhar com Holly antes da moça esvaziar a taça em um longo gole. Podia ser encenação, mas Bay esperava que não ficasse bêbada, pois já tomara duas taças da bebida em menos de meia hora.

— Lá vamos nós novamente — Duncan murmurou. Bay percebeu que ele aguardava pela mulher sentada a seu lado, a líder do grupo de mães, para iniciar uma conversa com a diretora do coral à direita de Bay e Odessa, à esquerda.

Logo que houve uma pausa, Duncan manifestou sua preocupação em relação a Holly:

— Gostaria que eu tentasse conversar com ela?

— Não adiantará nada. Além disso, é possível que ela crie uma cena ainda pior.

A expressão de Duncan ficou terna.

— Eu já lhe falei como gosto de seu vestido?

— Duas vezes. Está me deixando encabulada. Mas ao se contemplar no espelho do banheiro, desejou ardentemente que Jack pudesse vê-la. O vestido preto que tanto o aborrecera lhe caía muito bem. E as cicatrizes praticamente haviam desaparecido.

— Vi você na televisão na noite passada. Não sabia que cantava.

— Está mentindo. Se tivesse me ouvido, saberia que eu não sei cantar.

— Você se saiu muito bem. Fora um dueto com a convidada de honra de Madeleine, Maria Alvaredo, a qual estava sentada do outro lado da mesa.— Vocês dois poderiam repetir o espetáculo para toda a congregação?

— Uma vez só já é o bastante. Diga-me uma coisa, qual será o próximo trabalho seu?

— Mike pediu ajuda em um projeto para a padaria Flores, pois seu melhor profissional está em período de férias. Formas cilíndricas são fáceis quando se chega a uma fórmula, mas neste caso as válvulas de desvio e a ventilação terão de estar perfeitamente dispostas ou os ingredientes voarão para todo lado.

Fez uma careta e acrescentou:

— São detalhes aborrecedores. Desculpe-me.

— Ao contrário. Percebo como você conhece diversos ramos de negócio para ser capaz de criar o que seus clientes precisam.

— Falando nisto, você provavelmente sabe que sua mãe gostaria de conversar sobre uma escultura para a entrada da igreja, não é?

— Parece uma idéia ótima. A floreira é atraente, mas seria melhor algo que se tornasse nosso logotipo e que pudesse ser usado em todas as unidades. Ela lhe falou sobre nossa instalação em Houston?

— Como estão crescendo — Bay murmurou, incomodada com a idéia de mentir para ele.

— Gostaria que não fosse tão rapidamente, embora eu seja o único a pensar assim. Martin está treinando um jovem. Nós nos consideramos prontos para arriscar o dinheiro necessário para a construção de um novo prédio somente quando alcançamos o número de trezentas pessoas na congregação. E em Houston já são quase quinhentas! Acabará ficando maior do que a nossa. Provoquei Martin dizendo que é possível que ele queira se mudar daqui para lá.

— Oh, nunca deixaremos Tyler — Odessa interveio. — Deus foi tão maravilhoso nos conduzindo até aqui e nos proporcionando esta vida confortável com amigos adoráveis. Ficaremos arrasados se tivermos de partir. Mas Martin está certo, Duncan. Precisamos treinar um orador substituto para quando ele precisar se ausentar em viagens mais longas.

Duncan não mostrou grande entusiasmo com o assunto, para surpresa de Bay.

— Teremos de conversar melhor a esse respeito. Um silêncio estranho pairou sobre o grupo e Bay ficou aliviada quando Lulu apareceu com o prato principal: peixe grelhado, batatas com alho e vegetais. Bay ficou impressionada com o tamanho de seu filé.

— Aposto que este filé é de uma baleia e não de um peixe — murmurou, contemplando seu prato.

Duncan riu.

— O rapaz que nos fornece peixes os cria em uma fazenda perto de Jacksonville. E...

O som de algo se partindo do outro lado da mesa chamou a atenção de todos. Holly estava de pé e uma Lulu trêmula tentava recolher pedaços de um prato enquanto Holly tirava batatas e peixe de seu vestido de seda azul. A empregada murmurava um pedido de desculpas.

— A culpa foi minha — Holly lhe garantiu. — Não, não se preocupe com o vestido. Mandarei lavar. E irei ao banheiro para retirar a maior parte da sujeira. Cuide das outras pessoas.

Lulu estava prestes a sair da sala quando Madeleine lhe falou com discrição:

— Assim que tudo estiver sob controle, querida, providencie um chá sem açúcar para srta. Kirkland. Ajudará a equilibrar sua taxa de açúcar.

Bay sentiu a mão de Duncan sobre a sua.

— Se Holly não retornar em cinco minutos, verei como ela está. Acho que nosso relacionamento progrediu um pouco — Bay comentou com suavidade. — Talvez eu possa ajudá-la.

— Acho melhor você comer. O peixe não fica bom depois de frio.

Estava difícil fazer justiça à refeição saborosa. Após alguns minutos, baixou o garfo e colocou o guardanapo que estava em seu colo sobre a mesa.

— Algo não está certo. Vou ver como Holly está — disse a Duncan.

Ao passar por Madeleine, percebeu seu olhar de gratidão. Pôde apenas fazer um meneio, temendo que sua culpa a traísse.

— Você está se tornando uma espiã — murmurou a si mesma já no corredor.

Sabia onde ficava o banheiro e ali verificou primeiramente. Como nada encontrou, foi para o escritório de Madeleine. Encontrou Holly colocando algo na bolsa.

— Holly, está louca? Saia daqui!

— Já terminei. Eles estão desconfiados?

— Não, estão fingindo que tudo está perfeito e que é muito normal ter um tapete de dez mil dólares manchado de alho e peixe.

— Isto é troco miúdo para eles. Com um pouco de sorte, entretanto, logo ela estará pisando em chão de concreto simples. Obrigada pela ajuda.

— Holly, você precisa ir embora. Madeleine olhou para você de uma maneira muito significativa. E não suportarei o pensamento de que você estará na sala de jantar com algo incriminador em sua bolsa. Direi que as manchas ficaram muito intensas com a água e que você não quis aborrecer Lulu. Há um pouco de água naquela garrafa — Bay falou, indicando uma bandeja lateral. — Não deixe que Elvin possa nos contradizer.

— Bem pensado. Eu já estou mesmo cansada da conversa destas pessoas.

Bay acompanhou Holly até o exterior da casa, onde Elvin imediatamente se aproximou.

— O que aconteceu? — indagou ao observar o vestido de Holly. — O almoço já acabou?

— Outro gênio — Holly murmurou.

— Venha. Houve um acidente e Holly está muito desconfortável para continuar no almoço.

— Está bêbada — Elvin murmurou, não se importando que as moças ouvissem seu comentário.

Holly deu de ombros, mas Bay ficou furiosa.

— Eu deveria reportar seu comportamento a Madeleine.

— Não perca seu tempo. Madeleine não se importará e Duncan sempre faz o que mamãe manda.

— Você conseguirá dirigir? — Bay indagou ao chegar ao carro de Holly.

— Claro. Mas ouça, faça o que for preciso para que ele entre na casa por um minuto.

— Holly, já basta.

— Ele tentará me deter quando eu estiver saindo e exigirá uma revista em minha bolsa.

— Por que Elvin faria isto?

— Porque um dia ele me flagrou levando uma pequena peça de roupa. Oh, não olhe para mim assim. Sei que eu estava errada, mas sentia tanta raiva daquela mulher que queria deixá-la tão aborrecida quanto eu estava.

— Não lhe passou pela cabeça que ela poderia culpar Lulu ou qualquer dos outros empregados?

— Sim e foi por isto que eu descobri uma maneira melhor de machucá-la. Agora vá em frente. Já estou bem.

Bay retornou para perto de Elvin e entrou.

— Vou dar uma olhada no banheiro e me certificar de que não há água por ali. Você poderia dizer a Madeleine que Holly já foi para casa?

O homem nada respondeu, limitando-se a segui-la. Bay demorou a voltar para a sala de jantar. Precisava de alguns minutos para se recompor. Ao chegar, notou que os pratos do jantar já haviam sido retirados, o que a deixou aliviada. Não conseguiria comer mais nada.

Duncan se levantou ante sua aproximação e ajudou-a a se sentar. Com discrição tocou-a no ombro e sussurrou:

— Obrigado.

— Acho que foi uma boa idéia ela ir embora depois do incidente.

— Seria bom se fosse para sempre. Bay também ficou aliviada em partir. Estava deprimida e ansiosa por conversar com Holly e descobrir mais a respeito do risco que corra. Mas resistiu, sabendo que certamente encontraria problemas.

Se Madeleine sentisse falta de algo, gostaria de estar o mais distante possível da cena.

Ao parar em um farol, sentiu um impulso incontrolável de ir na direção oposta e obedecer seus instintos.

Já estacionava diante da fazenda quando Jack chegou. O sorriso acolhedor era como um abraço.

— Olhe só para você!

— Sei que eu devia ter telefonado antes.

— Pare com isto. Sabe muito bem que, se fosse por mim, você estaria aqui o tempo todo. Coloque a caminhonete dentro da garagem e me conte tudo. E me diga o motivo deste sorriso lindo ou acha que não notei nada?

Bay não sabia se devia ficar. Mas seria bom esconder sua presença. Tudo estava extremamente silencioso: os oficiais superiores de Jack não o ameaçavam mais fazia uma semana e ela não recebera mais ameaças e telefonemas.

— Holly tem um plano. Causou outra cena e eu a flagrei pegando alguns papéis do escritório de Madeleine.

— E ela conseguiu sair com aquilo?

— É propriedade roubada, Jack. Você conhece bem a lei. Mas meu palpite é que o material não terá qualquer utilidade na corte. Imagine se ela fosse apanhada. Holly me pediu para ajudá-la. E nem ponderou que estava fazendo com que eu me arriscasse.

— Ao menos não lhe contou o motivo. E o que ela levou?

— Algo capaz de incriminar Madeleine. Caso contrário, por que se importaria?

— Eu queria tanto abraçar você. Mas preciso de um banho bem refrescante primeiro. Entre e me dê apenas um minuto.

Ao voltar, com os cabelos úmidos do banho e a camisa desabotoada, imediatamente a tomou nos braços para um longo beijo.

Até aquele dia fora apenas terno e cuidadoso com ela, provavelmente em virtude dos ferimentos. Mas no momento mostrava-se muito mais afoito.

— Estive pensando no que você falou — ele disse. — Gostaria que eu conversasse com Holly?

— Você poderia?

— Tem o endereço dela?

— Está na lista telefônica. Procure H. G. Kirkland. E, Jack, obrigada. Sei que pareço paranóica, mas tenho um pressentimento muito ruim. Posso ir com você?

— Não. Fique aqui. Não vou demorar mais do que uma hora e acho que você gostaria de dar mais uma lida nos arquivos que separei.

Isso Bay não poderia negar. Estivera tão entretida com a história sobre a Missão da Bondade que ainda não tivera oportunidade de ler o próprio processo.

— Não se preocupe. Levarei tudo para seu quarto.

— Se você quiser ficar mais confortável, use o que houver em meu guarda-roupa. Só de pensar nisso eu já fico ansioso para voltar para casa.

CAPÍTULO XXXII

Jack dirigiu para o sul da Broadway e tomou rumo leste, chegando a uma região com casas aninhadas sob enormes carvalhos, magnólias e pinheiros.

Bay lhe contara que Holly recebera a casa como presente dos pais, que haviam se aposentado e alugado um local mais próximo do restante da família na Geórgia.

Não teve problemas em encontrar a casa. Era em estilo campestre, um pouco mais colorida do que as demais. Havia muitas flores e ornamentos que fariam Jack imaginar seu morador como uma pessoa que apreciava a vida e olhava tudo de maneira positiva. Não era assim que Bay e ele enxergavam Holly, entretanto.

De qualquer maneira, tudo o que sabia a respeito daquela mulher era uma contradição: uma figura trágica que continuava a acalantar o amor perdido e, ao mesmo tempo, uma mulher vibrante que buscava vingança por não ter sido aceita no seio de uma família influente.

Jack acreditava que teria oportunidade de aclarar algumas questões que o aborreciam e tirar conclusões melhores.

Havia música no interior da casa, mas Holly demorou a atender a campainha. Usava robe branco e curto, os cabelos presos no alto da cabeça, aparecendo um tanto desalinhada e convidativa.

Não se podia adivinhar o que estaria usando sob o robe, por isso Jack imediatamente decidiu que conversariam bem ali à porta, mesmo que a moça o convidasse a entrar.

A taça de vinho branco em sua mão reforçou sua intenção. Ele e Bay já tinham problemas suficientes. Não precisavam que Holly acrescentasse alguns.

— Bem, bem — a moça murmurou sorrindo.

— Boa tarde, Holly. Uma amiga mútua pediu que eu viesse.

— Quem poderia ser? Nenhum dos Ridgeway, posso apostar.

— Está preocupada com você e com o que ocorreu horas atrás.

Após uma expressão de surpresa, ela perguntou:

— Então você ainda tem contato com Bay? Claro, soube que você a ajudou.

— Milagres acontecem.

— Acho que sim. Mas com quem estou falando? Sua amiga tem um grande coração, bem maior do que o meu, detetive. Mas agradeça-lhe pela preocupação e diga que estou apenas cansada e prestes a tomar um banho de imersão. É só isso que você queria?

— Uma boa conversa seria ótimo.

— A respeito de quê?

— Do que você levou da casa dos Ridgeway hoje. Caso pretenda utilizar como uma espécie de evidência, saiba que acabou de destruir a prova. Nenhum juiz deixará que você apresente à corte algo roubado.

Holly parecia estar se divertindo muito. Apoiou-se ao batente da porta.

— Você acha que eu quero falar diante de uma corte? Ao menos os Ridgeway ficariam bem expostos e talvez tanta hipocrisia viesse à tona. Mas se eu tiver muita sorte, a verdade simplesmente aparecerá. De qualquer maneira, tenho feito o que posso e estou tocando minha vida.

— É estranho você estar tão ansiosa por morder a mão que generosamente a apoiou em tempos difíceis.

A expressão de Holly endureceu.

— Generosamente? Você não faz idéia do que ocorreu, detetive. Paguei um preço muito alto pelo privilégio de ver aqueles monstros com ar de santidade dia após dia, ano após ano.

— Sua informação parece muito explosiva. Posso ver o que pegou?

— Lamento. Mas já não está mais comigo. E não se importe em me ameaçar com um mandado de busca. Você não precisa de mais humilhação em sua carreira.

A pulsação de Jack se acelerou.

— Você deu o material a outra pessoa? Holly, está em um jogo perigoso. Sabe que os Ridgeway são poderosos e têm muitos conhecidos importantes.

— E eles têm muitos intermediários também — respondeu com amargura. — É por isto que estou ansiosa para terminar tudo. Amanhã telefonarei para uma imobiliária.

Venderei este lugar. Estarei partindo antes que as pessoas erradas saibam.

— Espero que dê tudo certo. Mas o que fará se for necessário que testemunhe?

— Não me pressione, detetive. Saberá tudo o que precisa saber em breve. E quanto a meu testemunho, esqueça. Tudo o que as pessoas precisarão saber é que as informações são anônimas.

Jack concluiu que apenas conseguiria mais problemas conversando com aquela jovem.

— Não acha que sua partida súbita seria uma pista quanto à identidade desta pessoa anônima?

— Não há outra maneira. Por isto estarei me colocando fora de alcance. Pretendo tirar umas férias muito longas... fora do país.

— E quanto a Bay? Já lhe passou pela cabeça que, ao ajudar você, ela se tornou vulnerável? Poderão culpá-la por tudo.

— Impossível. Ela nunca teve acesso. E você está certo a respeito de Bay estar em perigo. Como eu, ela confiou nas pessoas erradas. A diferença é que eu não conversei com estas pessoas erradas dizendo que tinha intenção de limpar o nome de Glenn. Lamento muito pelos problemas que ela enfrentou. Todos temos nossa missão a cumprir, entretanto. Sei que você cuidará dela.

— Pode apostar. Holly assentiu vagarosamente.

— Por acaso nossa garota sabe que está apaixonado por ela?

— Acho que isto não é de sua conta, considerando o que está fazendo com ela.

— Eu me enganei em relação a Bay, admito. Mas logo você descobrirá que procurei corrigir isto. E há mais um dado. Mantenha-a longe de Duncan até que tudo esteja esclarecido. Ele a roubará de você e não pense que não pode. Não estou falando de ciúme. Sim, fui enganada por uns tempos e me envolvi. Mas felizmente acordei. Mas Bay não tem a visão que tenho e já que a maldita "rainha" pensa que a fisgou, logo fará com que soem os sinos para o casamento. E com tanta rapidez que Bay achará que sua prisão e condenação ocorreram lentamente. Agora vá, detetive. Ainda preciso arrumar minhas coisas.

— Espere um minuto. Ei!

A porta se fechava diante do rosto de Jack e ele sentiu vontade de esmurrá-la. Praguejou, girou nos calcanhares e bateu a mão com força contra a mureta da varanda.

Talvez a atitude de Holly acabasse ajudando Bay de alguma maneira. Entretanto, obviamente Holly não agia para se redimir diante dela conforme alegara. Estava sim determinada a solucionar problemas pessoais e qualquer pessoa que estivesse em seu caminho pagaria por isso.

Furioso, o coração aos saltos, entrou na caminhonete. Ansiava pelo dia em que Holly estaria fora de suas vidas. Permanentemente. Mas por enquanto, o mais importante era manter Bay em segurança.

CAPÍTULO XXXIII

Segunda-feira, 18 de junho de 2001 - 9:15 da manhã

— Bay... querida, tenho más notícias. Holly está morta. Bay precisou de vários segundos para reconhecer a voz de Duncan. A notícia terrível deixou-a imóvel. Estava no escritório de Mike onde discutiam um projeto. Sabia que devia dizer alguma coisa, mas não conseguia conectar as palavras.

— Bay, você está aí? Lamento ter de lhe contar desta forma.

— Quando? — sussurrou. — Como?

— Parece que se afogou. Eu acabei de chegar. Elvin telefonou logo após chamar a emergência.

— Elvin? O que ele fazia ali?

— Mamãe o mandou para lá. Holly não apareceu no trabalho esta manhã. E tínhamos um compromisso às sete horas. Como não apareceu... considerando-se seu comportamento no dia anterior... Droga, você sabe que nós consideramos tarefa nossa ficar de olho nela. A família de Holly é da Geórgia e ela sempre afastou as pessoas que tentaram se tornar suas amigas.

— Estava em uma piscina?

— Na banheira. Olhe, preciso ir. Não há ninguém para tomar as providências até que a família seja notificada e...

— Eu irei também. Ouviu-o suspirar de alívio.

— Tem certeza de que está preparada? Você me ajudaria muito, querida. A imprensa já está chegando. Mas detestaria submeter você a isto.

— Acha que olhariam para mim com preconceito? Olhe, eu o verei em... quinze minutos.

— Pedirei que a polícia deixe você passar pelo cerco. Obrigado, Bay. Não sei se eu conseguiria fazer tudo sozinho.

— Estou a caminho.

Bay não conseguia acreditar. A linda e vibrante Holly. Afogada na banheira quando estava prestes a partir? Ridículo.

— Notícias ruins? — Mike indagou quando ela vagorosamente recolocou o fone no gancho.

— Uma pessoa que eu conhecia morreu. Lamento, mas terei de ir.

— Claro. O que eu posso fazer para ajudar?

Ela nada respondeu. Discava para o escritório de Jack. Tocou diversas vezes mas ninguém atendeu. Deixou recado em seu *pager*. Ele retornou quando Bay já estava perto do Loop.

— Acabei de saber — Jack falou assim que ouviu a voz de Bay. — Quem lhe telefonou?

— Duncan.

— Por que não estou surpreso?

Bay nada comentou. Embora ele tivesse encarado a advertência de Holly feita no dia anterior com mais seriedade do que Bay, não era hora de se preocupar com as intenções de Duncan.

— Jack, é impossível... Você disse que ela estava bebendo, mas parecia tão mal a ponto de desmaiar?

— Naquela hora, não. Pessoalmente, não acredito que ela tenha ficado tão bêbada a ponto de se arriscar a perder o voo.

— Jack, foi Elvin quem a encontrou.

Contou tudo que Duncan lhe falara. Sentiu um arrepio na espinha e segurou o volante com mais força. No dia anterior, haviam conversado sobre as diversas ramificações dos dados fornecidos por Holly. Reconheceu que havia perigo, mas não a esse ponto. Qual teria sido a razão verdadeira do envio de Elvin à casa dela?

— Eu lhe contarei tudo o que puder descobrir, querida.

— Não será preciso. Também estou a caminho da casa de Holly.

— O diabo que você irá. Bay, não faça isto.

— Já disse a Duncan que irei. Ele pediu minha ajuda.

— Tenho certeza. Ele nem se importa que o lugar estará coalhado de policiais e de repórteres.

— Ficarei bem, Jack. Meu Deus, ela está morta e você quer que eu me preocupe comigo mesma?

— Holly com certeza não se preocupou.

— Eu o verei lá — murmurou e desligou o telefone celular.

Percorreu o restante do trajeto envolta em uma névoa. Ao se aproximar do local, viu que seria impossível avançar muito. A polícia e a imprensa praticamente bloqueavam o quarteirão anterior à casa.

Jack aparentemente ainda não chegara e Bay não viu ninguém conhecido. Mas diversos repórteres a reconheceram.

— Bay Butler? Poderíamos ter um comentário seu? Por que está aqui? Quem lhe telefonou?

Ela experimentou um momento de pânico e quase perdeu a compostura. O que a salvou foi a imagem mental das câmeras captando sua imagem. Seria um fiasco e tanto. Por isso engoliu em seco e buscou uma boa resposta.

— Estou aqui como amiga. Com licença, por favor.

— Holly Kirkland testemunhou contra você. Como pode chamá-la de amiga?

— Foi um mal-entendido e tudo foi aclarado.

— Quando foi a última vez em que a viu?

— Ontem. Almoçamos juntas.

— Aqui?

— Não. Na casa dos Ridgeway.

Bay sentiu-se grata por avistar a faixa policial que cercava o local do crime. Passou por debaixo mas foi detida por um policial uniformizado.

— Duncan Ridgeway ainda está lá dentro? Ele me telefonou e pediu para eu vir...

— Você pode aguardar ao lado do carro dele, senhora.

— Eu gostaria de ficar longe daquelas câmeras — Bay murmurou, na esperança de ganhar sua simpatia.

Era um jovem que não estivera presente durante seu julgamento.

— Lamento, senhora. Não querem interferências na cena do crime.

Cena do crime! Era estranho ouvir aquelas palavras. Começou a tremer enquanto caminhava para o local que o rapaz lhe indicara.

O carro luxuoso de Duncan estava estacionado ao lado do veículo de Madeleine, no qual Elvin se apoiava enquanto fumava um cigarro.

Não queria conversar com ele e chegou ao pensar em uma alternativa para adentrar a casa. Mas logo decidiu que não seria adequado.

— Não sabia que fumava — Bay comentou, aproximando-se devagar.

— Parei dez anos atrás, mas se você tivesse visto o que eu vi, desejaria um cigarro também.

— A banheira.

— Conforme eu disse aos policiais, toquei a campainha e como ninguém atendeu, espiei e vi que o carro dela estava na garagem. Por isto dei a volta e pulei a cerca para ver se Holly estava na cozinha. Foi quando ouvi o barulho da banheira de hidromassagem funcionando. Deu mais um trago e fez um meneio com a cabeça.

— Aqueles cabelos. Eu sempre lhe dizia lhe trariam problemas algum dia. Na verdade, eu falava assim porque ela vivia jogando os cabelos para trás para flertar.

Jogou o restante do cigarro no chão e apagou com o sapato.

— Os cabelos devem ter se enroscado na engrenagem da hidromassagem.

— Madeleine já sabe?

— Sim. Sr. Ridgeway lhe contou. Eu precisava ir até lá, mas pastor Davis e o médico dela já estão lhe fazendo companhia,

— Você já testemunhou, então por que não pode ir?

— Não deixarei o sr. Ridgeway.

— Faz quanto tempo que Duncan está aqui?

— Quinze ou vinte minutos. Desde que lhe telefonou. Duncan saiu da casa antes que Bay pudesse fazer mais perguntas. Surpreendeu-a com sua palidez e expressão de choque. Provavelmente nunca vira uma pessoa morta antes ou o relacionamento que teve com Holly significara mais do que admitia.

Aproximou-se e abraçou Bay com força. Estava trêmulo e ela passou as mãos em suas costas para lhe transmitir segurança. Enquanto isso, pensamentos conflitantes a tomavam: "Qual é a verdade? Qual é a mentira?"

— Obrigado por ter vindo.

— Lamento tanto, Duncan. Já consegui entrar em contato com a família dela?

— Sim. Foi horrível. Era tão jovem para tudo isto. Que desperdício...

— Podemos ir? — Elvin indagou.

O tom de voz continha um quê estranho. Bay tentava imaginar o que dizer quando Duncan conduziu Elvin para perto da garagem, escondendo-os de uma parte da imprensa.

— Estão mudando o perfil do caso.

— Não deixe que o influenciem — Elvin respondeu. — Tratam tudo o que não está totalmente claro como uma cena de crime.

— Certo, sr. Esperto, então digamos que eles definitivamente não achem que foi um ataque cardíaco... ou afogamento devido ao consumo de álcool.

Era evidente a tensão entre os homens. Bay desejou que Jack estivesse ali. Sabereria como lidar com a situação.

— Eu lhe disse — Elvin argumentou. — Eu sentia um cheiro como se ela estivesse flutuando em uma destilaria.

— Um teste durante a autópsia confirmará o consumo de álcool.

— Mas aquela mulher não se desgrudava de uma garrafa... Todo mundo sabe disso.

— Neste caso, para onde foi a garrafa? — Duncan indagou. — Não havia nenhuma na banheira.

Elvin enrubesceu profundamente.

— Talvez ela tenha colocado no lixo. Exatamente o que está sugerindo, senhor?

Antes que Duncan pudesse responder, Bay ouviu um grito atrás de si.

— É ele! Policial, detenha aquele homem!

Todos se viraram, incluindo Jack, que se aproximava dos três. Bay olhou para o outro lado da rua onde uma vizinha de Holly gritava. Não podia acreditar no que via. A mulher definitivamente apontava... para Jack!

Elvin acendeu outro cigarro e Bay captou a expressão de seu olhar antes que ele se virasse totalmente. O maldito estava se divertindo!

— Senhor... detetive!

Jack fez uma pausa aguardando que o policial uniformizado se aproximasse.

— Sim?

— Pergunte a ele, oficial — a mulher idosa gritou. — Ele estava aqui ontem e muito bravo quando partiu. Até deu um tapa na mureta da varanda, eu vi. Aposto que suas digitais ainda estão ali.

Bay sentiu-se zozza e notou que Duncan ficava mais alerta.

— O que é isto? Esteve aqui ontem, Burke?

— E se eu estive?

O policial se aproximou da vizinha de Holly. Duncan aproveitou e fez um sinal para o outro policial que estava à porta.

— Você poderia dizer ao detetive Stevens que ele precisa conversar com detetive Burke para pegar seu depoimento também?

— O que está tentando sugerir? — Jack exigiu saber.

— Não finja que não sabe. Estou lhe dizendo que Holly não morreu afogada. Ela foi assassinada.

CAPÍTULO XXXIV

— Não! Bay só percebeu que gritara quando Jack a fitou com olhos arregalados, como a sugerir que tivesse mais cautela.

— Não compreendo — emendou ela. — Duncan, todos nós vimos Holly em sua

casa. Não estou afirmando que estava bêbada, mas todos dizem que a combinação de álcool com água quente pode ser perigosa.

— Eu vi o corpo que retiraram da banheira — Duncan alegou. — Se você simplesmente se afogasse ali não haveria ferimentos. Até mesmo as unhas estavam quebradas devido à luta pela vida.

Bay aguardou que Elvin fizesse algum comentário mas o homem parecia convenientemente mudo.

— Elvin falou que o cabelo dela se enroscou na hidromassagem. Pode ter lutado para perceber o que acontecia, tentando se livrar.

— Talvez. Mas isto não explica os arranhões na testa, nada diferentes dos seus, Bay. Acha que ela fez aquilo sozinha? — Duncan acrescentou e se virou para Jack. — Por que fez isto, Burke? Ela tinha seus problemas, claro, mas era uma mulher decente com uma vida toda pela frente. O que você fez com Bay já não foi ruim o bastante?

Bay percebeu que Jack estava prestes a reagir à acusação ultrajante e se postou entre os dois homens.

— Duncan, pare com isso. Jack não teve nada a ver com meus ferimentos e você sabe disso.

— Mas ele procurou garantir que você fosse para a prisão.

— Fique de lado, Bay — Jack falou. — Eu já ouvi o bastante deste rapazinho. E saia daqui! — acrescentou subitamente para ela. — Não quero que envolvam você nesta história também.

— Mas eu não posso.

Jack praguejou baixinho. Detetive Lyon Stevens fez um gesto para que o acompanhasse para dentro da casa. Bay soube que seria a última vez em que o veria por uns bons tempos.

Os chamados da imprensa tornaram-se mais altos e Bay se limitou a cruzar os braços e dar-lhes as costas.

— Isto é loucura — murmurou para si.

— Querida, vá para minha casa — Duncan falou, tentando pousar o braço em seus ombros. — Sei que mamãe adoraria sua companhia. Você sempre parece alegrá-la.

Bay percebeu que Duncan sabia exatamente como seu consolo pareceria diante das câmeras e se afastou.

— Lamento. Está muito calor. Não sei como você agüenta ficar com camisa de mangas compridas.

— Mais um motivo para você ir para nossa casa.

— Ficarei aqui.

— Por que está fazendo isto com você mesma?

— Você me telefonou, lembra-se? Duncan fechou os olhos e assentiu.

A porta voltou a ser aberta, desta vez para a saída do corpo. Bay procurou suportar aquele momento observando a reação das outras pessoas em vez de olhar para o vulto coberto.

Elvin permanecia apoiado na limusine, fitando o nada. Duncan parecia estar revivendo o instante em que a viu na banheira, então abruptamente deu as costas à cena.

A multidão ficou assanhada e, além dos sons do trânsito da Broadway, tudo o que Bay conseguia escutar eram os cliques das máquinas fotográficas.

Passaram-se diversos minutos até Jack sair da casa. Dessa vez dois policiais uniformizados escoltavam-no. Não estava algemado, mas a expressão de seu rosto dizia que bem poderia estar.

Por breves instantes encontrou o olhar ansioso de Bay e não arriscou um comentário. O que apenas mostrava o quanto estava preocupado.

Detetive Stevens saiu da casa e indagou a Bay:

— Srta. Butler? Um instante de seu tempo, por favor?

Nunca vira aquele homem antes. Fitava-a como se a conhecesse interna e externamente. E lhe estendeu a mão esquerda, a outra segurando a porta aberta para lhe dar passagem.

Como uma criança tentando se proteger, Bay abraçou o próprio corpo e entrou.

As paredes alvas tinham uma textura especial. As luzes intensas da cozinha à outra extremidade não bastavam para alegrar a atmosfera pesada. E as cerca de seis pessoas que restavam no interior da residência permaneciam em silêncio.

Bay sabia o que estavam fazendo. Observara-os tirando amostras de sua antiga loja e provavelmente se sentiam tão indiferentes quanto ela perturbada com sua presença. Deu-lhes as costas e foi quando pela primeira vez olhou ao redor pensando no lar de Holly. O sofá antigo em tons de dourado e preto era em estilo espanhol. A poltrona reclinável verde juntamente com a pequena mesa lateral de fórmica geravam uma mistura de estilos um tanto desagradável. Seu gosto definitivamente não combinava com o de Holly.

— Algum problema?

— Não. Eu estava apenas... acho que ela herdou a mobília dos pais.

— É a primeira vez que entra nesta casa?

— Sim.

— Sou Lyon Stevens. Estou certo ao dizer que você viu srta. Kirkland ontem?

— Sim.

— A que horas?

— Após a cerimônia dominical à qual não fui, até mais ou menos uma e meia da tarde. Holly saiu mais cedo do almoço.

— Por quê?

— Ela se sentiu desconfortável após ter derramado comida no vestido.

— Eu me referi ao motivo de você não ter ido ao serviço dominical com as outras pessoas.

Bay franziu a testa, pressentindo que aquele homem não tornaria a situação mais fácil ou ágil para ela. Seria em virtude de seu passado ou do envolvimento com Jack?

— Não foi por causa de Holly. Simplesmente não quis ir.

— Não é uma pessoa religiosa?

— Não acho que minha religião ou crenças espirituais sejam assuntos de seu interesse, detetive. E não concordo em fazer algo simplesmente porque outra pessoa acha que é adequado.

— Gosta então de agir de maneira oposta à atitude de outras pessoas?

Detetive Stevens permanecia apoiado ao batente da porta de entrada durante toda a conversa, bloqueando completamente sua visão do lado externo. Não conseguia saber se Jack ou até mesmo Duncan ainda estavam ali.

— Faço o que eu acho correto para mim.

— Poderia se considerar amiga de srta. Kirkland?

— Você sabe que nós não éramos amigas. Holly testemunhou contra mim em meu julgamento.

— E você a odeia por isto?

— Nunca lhe fiz ameaças.

— Você a odeia?

Bay suspirou, cansada de falar sobre assuntos que não mais importavam. E que não importaram durante anos.

— Não sei se eu não teria sentido as mesmas coisas se estivesse no lugar dela.

— Então você não é religiosa e mesmo assim sentiu compaixão a ponto de perdoá-la?

— Se pretende responder as perguntas por mim, detetive, acho que partirei agora.

Ele mordeu o lábio e Bay decidiu que poderia ser um esboço de um sorriso.

— Nós duas ficamos muito feridas com a morte de Glenn. E acabamos compreendendo a situação uma da outra.

— Ela lhe disse isto?

Bay fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Quando?

— Há cerca de uma semana.

— Isto é muito perturbador, não acha? Na semana em que a mulher faz as pazes com sua inimiga, morre afogada em circunstâncias altamente suspeitas. Muito estranho. E bastante adequado para você, que me parece um tanto anti-social.

— Não. Sou reservada.

Stevens permaneceu imóvel, fitando-a por longos segundos. Finalmente falou:

— Eu também sou. Mas vamos recapitular suas últimas observações a respeito de srta. Kirkland. Como estava o humor dela? Parecia mais ou menos estressada que o normal?

— Holly era um pouco mimada e estava profundamente magoada. E também muito brava.

— Em virtude do incidente durante o almoço?

— Acho que para ela era conveniente que as pessoa pensassem isto. Também acho que Holly bebia bastante.

— E mesmo assim você a ajudou a ir até o carro.

"Obrigada, Elvin", Bay pensou. Sem dúvida não se surpreendeu por tê-la envolvido na situação apenas para desviar o foco de si mesmo.

— Eu já lhe disse que desenvolvemos uma certa confiança uma na outra. Eu me senti na obrigação de adverti-la de que estava arriscando o próprio emprego.

— Você falou que ela continuava muito brava por causa do assassinato de Glenn. Por que ela estaria descontando esta ira nas pessoas que lhe deram emprego e ajudaram-na?

— Você não lê jornais?

— Refresque minha memória.

— Chegaram à conclusão de que Glenn estava envolvido em jogos e trapagens. Para Holly isto foi o equivalente a dizer que ele foi responsável pelo próprio assassinato.

— E o que você acha disso?

— Semanas atrás uma pessoa me atacou, provavelmente devido a minhas opiniões divergentes quanto ao rumo que o processo tomou. Acho que, comparado com o que aconteceu com Holly, posso me considerar uma pessoa de sorte.

— Lamento sua experiência. Acredite em mim, estarei investigando este caso. Mas também acho que você sabe mais do que está me contando. Qual é seu relacionamento com Jack?

— Ele tem sido um bom amigo.

— Você é muito concisa ao comentar sobre seus amigos... mesmo quando fala dos improváveis. São realmente apenas amigos?

— Você o prendeu. Pergunte diretamente a ele.

— Jack não está preso. Mas viu a srta. Kirkland depois de você. E tiveram uma discussão acalorada.

Bay reconheceu a armadilha na palavra "acalorada" e ficou em silêncio. Quando achou que conseguia controlar o tremor de voz, murmurou:

— Se não há mais nada, detetive...

— Obrigado por sua cooperação.

Bay não estava convencida de que a deixaria em paz. Passou ao lado do detetive e, já do lado de fora, viu que a multidão apenas aumentara, mas a ambulância e a limusine haviam partido.

Não havia também sinal de Jack, mas Duncan estava ao volante do carro. Ao avistá-la, fez um sinal para que ocupasse o banco de passageiro.

Isso significaria uma passagem segura pela multidão de repórteres. Este fato deixou-a disposta a lidar com as perguntas que Duncan pudesse fazer.

— Obrigada — murmurou sentando-se a seu lado. — Pensei que você já tivesse ido embora.

— Stevens é durão. Fiquei com receio de que ele a coagisse a ir até a delegacia também.

— Teria sido um desafio e tanto para ele. Alguém teria de colher minhas digitais para um exame de DNA que justificasse a ida à delegacia.

— Caso concorde, quando deixá-la ao lado de seu carro, gostaria que me seguisse até minha casa. Ninguém irá assediá-la ali e sei que mamãe se sentirá confortada com sua companhia.

— Não poderei, Duncan. Preciso voltar. E mesmo que não voltasse, esconder-me em sua casa não diminuiria as fofocas. Diga a sua mãe que entrarei em contato com

ela amanhã. Talvez todos nós saibamos de mais detalhes até lá.

— Provavelmente está certa — murmurou, emparelhando com a caminhonete dela. — Ainda nem são onze horas da manhã e já estou pronto para um drinque.

Bay percebeu exatamente o que ele queria dizer, mas apenas murmurou:

— Cuide-se.

Saiu do carro esportivo e ouviu os repórteres se aproximando. Mal fechou a porta da caminhonete quando a alcançaram, recusando-se a sair do caminho. Precisou invadir o jardim de um vizinho para evitar um acidente. E Duncan já desaparecera rua abaixo.

Notou que a caminhonete de Jack não estava mais ali. Esperava que fosse um sinal de que tudo acabara bem. Ou Stevens dera instruções para que seu veículo fosse removido?

— Pare — queixou-se baixinho.

Decidiu lutar contra o pensamento negativo, concentrando a preocupação nos repórteres que porventura decidissem segui-la.

Dirigia com a atenção dividida entre os espelho retrovisor e a pista, por isso foi lenta em avistar um adolescente que romperia o sinal vermelho com uma picape. Freou bruscamente e tudo na cabine voou: a prancheta de anotações, lápis, sua garrafa de água... e então algo bateu em seu calcanhar.

Como não se machucou e o farol ainda estava verde, acelerou, inclinando-se um pouco para colocar o objeto que a incomodava sobre o assento. Percebeu que era uma espécie de pacote. Passou a acelerar menos. De onde viera aquilo?

Então se apurou ao perceber que estava atrapalhando o trânsito. Os carros ao redor buzonavam para desviar do veículo lento. Bay sabia que não teria tranquilidade até descobrir o que era aquilo, por isso virou à direita e adentrou o estacionamento de um shopping center, antes certificando-se de que ninguém da imprensa a seguia.

Pegou novamente o embrulho. Era um envelope marrom. Na área destinada ao endereço estava escrito: "Bay".

Abriu rapidamente o envelope e espiou dentro. Viu alguns papéis dobrados que lembraram-na dos que Holly colocara na bolsa no dia anterior. Havia também mais alguns documentos. Tudo aquilo preso por um elástico e um bilhete aparentemente escrito à mão.

Deduziu então qual fora o real motivo de Holly ter insistido para que ela comparecesse ao almoço, bem como seu pedido para que afastasse Elvin da parte frontal da casa.

Seria perigoso ler aquele material em público. Com o coração aos saltos, recolocou o envelope no assento ao lado e retornou para a Broadway.

O que deveria fazer? Para onde iria? Teria de decidir durante o percurso dos próximos dois quarteirões. Se retornasse à loja, teria pouca privacidade até o período da tarde e diversas pessoas poderiam vê-la com o envelope. Também poderia deixá-lo na caminhonete, mas sentiu que essa opção seria inaceitável.

Telefonou a Mike pedindo desculpas pelo atraso no retorno à loja. Disse-lhe brevemente e de maneira vaga qual a seriedade da situação e pediu permissão para ficar

com a caminhonete durante o restante do dia. Para seu alívio, ele lhe garantiu que não havia problema algum e lhe desejou boa sorte.

Sorte... Holly estava morta, Jack detido e ela podia apenas imaginar a espécie de bomba que estava no assento a seu lado. Não se sentia com sorte. Mas sabia onde se sentiria protegida.

Foi para a fazenda de Jack. O bom senso lhe dizia que ele teria lhe telefonado se estivesse em liberdade. Mesmo assim, teve esperança de vê-lo quando estacionou diante da casa.

Simon e Bud representaram um consolo quando saíram do *trailer*. Ela olhou para o relógio de pulso e percebeu que era meio-dia.

— Chegou cedo hoje, senhorita.

— Lamento interromper seu horário de almoço, Simon. Tenho más notícias.

Bay estendeu a mão para fazer um carinho em Bud da maneira como Jack lhe ensinara.

— Por acaso Jack entrou em contato com você?

— Não. Eu só esperava falar com ele à noite. O que aconteceu?

— Sabe a jovem que ele foi ver ontem? Está morta e a polícia o levou para interrogatório.

Explicou o motivo e acrescentou:

— Acho improvável que o mantenham detido, mas... Simon imediatamente assumiu o controle da situação.

Pediu que Bay aguardasse, desapareceu nos fundos da casa e logo o portão da garagem era erguido.

— Estacione ali e permaneça dentro da casa — instruiu-a. — Eu ficarei no *trailer* até recebermos notícias de Jack. Tranque a porta dos fundos. Eu tenho uma chave para o caso de uma emergência.

— Tente não me assustar, Simon.

— Ordem de Jack, senhorita. Se você me vir aqui fora com uma arma, não se preocupe. E conte-me tudo o que ouvir.

Bay agradeceu, seguiu as instruções e se trancou na I casa. Era bom estar ali, rodeada da presença de Jack. Mas sabia que só recobriria a paz com seu retorno.

Procurou se manter ocupada e decidiu ler o conteúdo do envelope.

O bilhete de Holly fora escrito com caneta vermelha, conforme as pessoas que a conheciam esperariam que fizesse. Como uma criatura tão adorável podia ter partido? Glenn e Holly, ambos mortos. Com os olhos rasos d'água, Bay começou a ler:

Bay, quando estiver lendo esta carta, estarei fora de alcance. O restante caberá a você e a Jack Burke, se ele realmente for quem você diz.

Sem dúvida alguma, aqui você encontrará todas as evidências necessárias. As mentiras que são a Missão da Bondade, Martin Davis e, mais especificamente, os Ridgeway. Tudo remete à morte de Glenn, estou convencida disto. Mas embora há muito eu esteja desconfiada de que algo está errado, pois as receitas crescem em valores não suportados pelos membros da igreja, somente dois anos atrás consegui provas.

Se você obtiver ajuda jurídica confiável, peça apropriação do computador portátil de Madeleine o mais rapidamente possível. Lá descobrirá todos os arquivos e códigos. Tais códigos explicarão de onde vieram de fato os valores exorbitantes e como são gastos. Os códigos também são usados para identificar nomes de correntistas fantasmas, na verdade um disfarce para que as receitas pareçam legítimas. Além disto, há uma lista de pagamentos para diversas pessoas.

Madeleine não consegue se esquecer nem superar a culpa que sente em relação a você. E a queda dela, ao final, virá de sua insistência em saber quais os limites de seu poder.

Se o computador portátil desaparecer, procure por disquetes guardados em algum lugar seguro. E quanto àquelas pessoas, você notará que as listas de nomes estão incompletas. Este processo foi muito perigoso para mim e ainda estou me arriscando ao escrever isto.

Sem dúvida alguma você ficará chocada com os nomes de pessoas proeminentes que constam desta lista. Mas mesmo eu não poderei prepará-la para o susto que terá ao ver três outros nomes.

Escolha as pessoas em quem confiar com muito cuidado. As lideranças da cidade estão contaminadas e não sei lhe dizer o quão profundamente. Por segurança, busque o auxílio de pessoas de fora.

Por fim, talvez fique imaginando por que não fiz mais e antes. A resposta é ao mesmo tempo simples e complexa.

Eu estava com medo, fiquei confusa, permaneci por muito tempo na segurança de negar a realidade.

O mistério por trás da morte de Glenn permanece, apesar de tudo. Um mistério... mas eu sei que ele deve, de alguma forma, inadvertidamente, ter tido consciência de uma pequena porção disto.

Um dos três nomes citados em seu processo é, com certeza, o assassino dele. Note que o assassino de Glenn ainda está livre. Tenha consciência disto.

Por fim, esta é uma pequena compensação pela injustiça que lhe foi infringida. Cuide bem disto, Bay. Tome cuidado com as pessoas que fingem ser seus melhores amigos.

E perdoe-me por todos os anos que desperdiçou. E por minha dúvida. H.K.

Bay tremia incontrolavelmente ao colocar a carta sobre a mesa. Começou a ordenar as páginas impressas. Perdeu a conta dos valores em dólares após a terceira página, mas isso em nada se comparava aos nomes constantes da lista final de documentos.

Levou a mão à boca. Ali estavam... Basque, Tarpley e Martel. Comprados e pagos por Madeleine.

Bay então percebeu que não fora libertada através de recursos éticos.

Continuou a ler os nomes: Lyle Gessler... Elvin Capps... tenente Ed Gage... diversos políticos, chefes de polícia e até um juiz distrital.

Sim, o mesmo juiz que presidira seu caso e posteriormente revertera a sentença. O celular tocou, assustando-a.

— Sim?

— Onde está? — Jack falou.

— Em sua casa.

— Estarei aí em dez minutos.

Chegou em menos de sete. Bay abriu a porta da garagem e fez um sinal para Simon. Quando avistaram Jack, Simon simplesmente disse a Bay:

— Diga a Jack que poderá me contar o que aconteceu quando estiver mais descansado.

E deixou-os em privacidade.

Bud perambulou em torno do dono para obter alguma atenção. Estava ansioso por correr e se aventurar, entretanto, por isso logo correu atrás de Simon.

O portão da garagem ainda não estava automaticamente fechado quando Jack desceu e segurou Bay com firmeza.

— Nunca mais me assuste daquele jeito — murmurou próximo ao ouvido dela.

— O que eu fiz?

— Você se colocou entre eu e Ridgeway.

— Se não tivesse feito isto, a situação teria se tornado ainda pior. O que aconteceu na delegacia?

— Mais insinuações. Mas ele sabia que não tinha nada seguro em que se apoiar. Infelizmente, Gage soube do ocorrido e me deu outro sermão. Se ele achasse que poderia se livrar de mim, teria ido em frente. Mas decidi me suspender até o restante da semana.

Bay ficou feliz por ter informações capazes de encorajá-lo um pouco.

— Pois ele não continuará agindo assim por muito tempo.

Jack pousou o braço na cintura dela, com delicadeza conduzindo-a para dentro da casa.

— Por quê? Ele estará se mudando para o norte, para perto de Martel?

— Não é este o cenário. Ele faz parte da "patota". Jack estacou.

— O que você descobriu?

— O motivo de Holly ter pedido a minha ajuda no domingo. Não foi apenas para encobri-la enquanto coletava mais algumas provas. Ela precisava de tempo para esconder tudo em minha caminhonete.

A expressão de Jack transformou-se de eufórica para apreensiva.

— Isto deve ser incriminador.

— Pois venha ver. Conduziu-o à mesa onde já organizara tudo. Jack se sentou.

— Era por isto que ela tinha de partir. Eles sabiam que Holly descobrira algo. Criança inocente. Se ao menos tivesse confiado em você antes.

— Provavelmente temia que eu fizesse parte do grupo dos Ridgeway e não posso culpá-la. No começo eu realmente confiava em Madeleine.

— Quem não confiaria diante de tanto poder e dinheiro? Então Martel e "Catfish" Tarpley foram pagos para mentir. Droga... Tarpley ainda é pago.

Bay compreendeu o que ele acabara de dizer.

— Dinheiro vivo ou chantagem para mais um trabalho sujo?

— De qualquer maneira é sujo. E Gage? Agora entendo o que quis dizer. Eu devia ter percebido. O chefe de polícia e o seu juiz. E então você foi libertada.

— Acha que sabem que realmente sou inocente?

— Eles não prestam. A opinião deles não vale.

— Mas eu quero que admitam. Quando tudo vier a público, as pessoas ficarão imaginando coisas. A imprensa vai revirar toda a confusão. E as pessoas passarão a apontar para mim na rua.

— Não mais do que já apontam.

— Tudo isto tem de terminar, Jack. Depois dos últimos anos, a confiança e a fé das pessoas já foram desprezadas demais.

Ele a puxou para o colo e passou a niná-la. No fundo, Bay sabia que tentava acalmar a si mesmo também.

— Tem razão. Vamos nos concentrar em colocar esta papelada nas mãos certas, conforme Holly falou.

— Alguma sugestão?

— Acho que poderemos começar pelo FBI.

CAPÍTULO XXXV

Quinta-feira, 21 de junho de 2001

— Somos pó e ao pó retornaremos. Perdemos nossa irmã, mas a veremos novamente e a abraçaremos felizes.

Bay estava sentada no fundo da igreja e ouvia Martin Davis concluindo seu sermão. Fora convidada a se sentar na primeira fileira com os Ridgeway e pais de Holly, mas sabia que não seria capaz.

Ao lado do altar havia uma mesa com a caixa contendo as cinzas de Holly e um porta-retratos com uma fotografia dela emoldurada por flores de um vermelho vibrante. Defronte seus pais haviam colocado duas rosas brancas nascidas onde ela passara a infância.

Duncan lhe dissera que Madeleine não ficara feliz com a simplicidade da cerimônia. Parecendo inusitadamente amargurado, revelara seu alívio por ao menos a equipe de filmagem não ter sido convocada para transformar o evento em um drama.

O único violinista começou a tocar e os pais de Holly se levantaram e saíram pela porta lateral, seguidos por Madeleine, Duncan e os Davis. Então os demais fizeram o mesmo.

Bay se manteve em seu assento aguardando que o grupo se dissipasse. Não tinha pressa alguma em vivenciar o que, suspeitava, seria a parte mais constrangedora da cerimônia.

Poderia ter ido embora antes do serviço religioso também, porque uma parte do diálogo que escutou foi igualmente embaraçadora.

— Ei, não vejo você faz anos. Parece ótima!

— Perdi dois quilos. E vou lhe emprestar o livro.

— Podemos ir agora, mamãe? Estou morrendo de fome!

— Papai precisa que façamos isto por ele. Iremos ao restaurante mexicano logo em seguida.

— Que Deus a abençoe. Foi uma maneira terrível de partir, mas não foi surpresa alguma. Eu posso pensar em três ou quatro pessoas que poderiam ter feito isto. E pode apostar: em breve estarão anunciando um novo prédio com o nome dela.

Na verdade não foi um prédio e sim um parque a noroeste da propriedade. No pátio onde era servido o almoço, Madeleine providenciou um pequeno *atelier* artístico, flores e enormes cestas com ursinhos a serem dados às crianças.

A intenção era que a área toda fosse cercada e monitorada para que os pais ficassem tranquilos quanto à segurança das crianças. Um ambiente amigável, com um pequeno parque de diversões, área para piquenique e para jogos em torno de um lago com patos.

— Será chamado Paraíso de Holly — anunciou Madeleine, solene.

Duas mães ergueram as crianças para que pegassem ursinhos oferecidos pela mãe de Holly. Martin deu um passo adiante para agradecer a Madeleine e Odessa se encarregou dos pais de Holly, acompanhando-os ao carro de Madeleine estacionado ao lado do pátio.

Bay estava prestes a sair quando Duncan a conteve.

— Você tem se comportado como uma estranha. Tenho sentido sua falta.

— Está sendo difícil. E agora que a investigação está correndo, acho que você não precisará mais de companhia.

O laudo oficial chegara na terça-feira dizendo que Holly fora afogada à força. O caso ganhara prioridade junto imprensa e havia repórteres postados regularmente diante da igreja e também da casa de Holly.

Novamente Madeleine conseguira de alguma forma manter a imprensa distante de sua residência, mas talvez não por muito tempo.

Pela primeira vez desde que Bay se recordava, a pressão parecia pesar nos ombros dela e de Duncan. E a despeito da aparência entristecida, modos impecáveis e sorrisos graciosos, ambos pareciam não ter dormido nada durante a semana. Na verdade, ela e Jack não estavam se dando muito melhor.

Uma investigação oficial estava sendo conduzida. Jack com relutância pediu para Bay se afastar da fazenda. Mantinham contato por telefone e até mesmo assim Jack impunha algumas restrições. Não comentava nada relevante ao caso se um dos dois estivesse usando telefone celular, temendo pela falta de privacidade. Isso significava que a única maneira de realmente conversarem era bem tarde da noite quando ela usava o telefone da loja.

— Não encaro você como uma mera companhia, Bay — Duncan comentou, afagando-a no braço. — Venha até nossa casa agora. Teremos um almoço com os Kirkland antes de levá-los ao aeroporto.

— Como eles poderão partir? Quero dizer, certamente a polícia quer que fiquem para passarem mais informações. E também precisam cuidar da questão da casa.

Bay esperava que os pais ficassem ali para testemunhar a bravura de Holly citada pelas autoridades.

— Bem, o ideal seria que ficassem, mas não têm muita escolha. Procuramos manter sigilo, querida, mas sra. Kirkland tem uma cirurgia para a retirada de um câncer marcada para a próxima segunda-feira.

— Que terrível! — Bay exclamou, lamentando a má sorte da família. — Quantas dificuldades! Não, Duncan, eu não poderei ir. Não já sabendo deste fato. Eles não precisam de mais um motivo de estresse. E também nem sei se aceitaram bem minha libertação.

— Não se preocupe, mamãe já lhes explicou tudo. Era tudo o que Bay não queria ouvir.

— Pois não lhe ocorreu que ao fazer isto, ela transformou Glenn, o homem que teria sido o futuro genro deles, em uma pessoa não merecedora do amor de sua filha?

— Glenn falhou e pagou com a vida. Os pais de Holly são cristãos, Bay. Conseguirão perdoá-lo.

Era insuportável ouvir um comentário daqueles.

— Pois eu gostaria que ela os tivesse poupado disto.

Ficou imaginando se Madeleine não encarava a oportunidade como mais uma maneira de atingir Holly. Quanto mais sabia a respeito dela, mais se evidenciava a capacidade daquela mulher em manipular os fatos para fortalecer sua aura de benevolência.

— Bem, já é tarde demais para conversarmos sobre isto. Ouça, se realmente não irá, acho melhor eu lhe perguntar algo que mamãe teria falado se tivesse conseguido um momento a sós com você. Um dos detalhes do portão está com defeito. Achemos que na última terça-feira algum repórter se alterou com Elvin e forçou o portão. Conhece mamãe e sabe como é detalhista. Você poderia aparecer o quanto antes para consertá-lo?

— Irei amanhã cedo. Tenho um pouco de material extra justamente para isto.

— Obrigado. Será uma coisa a menos para minha mãe perfeccionista comentar.

— Percebo que ela parece mais impaciente do que o normal. O detetive Stevens não está incomodando vocês e Elvin demais, não é mesmo?

— Ele não tem ajudado mamãe a se acalmar. Já estive duas vezes em nossa casa. Elvin tem até uma testemunha, a mesma mulher barulhenta que acusou Jack Burke. Ela confirmou que viu e ouviu Elvin na segunda-feira de manhã tentando chamar a atenção para que Holly atendesse à porta, tocando a campainha, batendo nas janelas. E quando eu cheguei lá já havia uma viatura estacionada.

— Suponha que Stevens esteja mais interessado em álibis especificamente em torno do horário da morte dela. Nos jornais, estava escrito que o médico legista calculou que a morte aconteceu entre as nove e as dez horas da noite do domingo.

— Ouvi mamãe falando de seu itinerário da semana com Elvin no escritório enquanto eu ia para meu quarto, Lulu descia as escadas depois de fazer a cama de mamãe e acendia algumas luzes porque mamãe detesta entrar em ambientes escuros.

Uma rara expressão de raiva nublou as feições bem feitas de Duncan.

— Droga, sei que Jack Burke não tem nenhum álibi. Ele alega que estava dormindo.

Duncan tinha razão, não era essa a verdade, embora Jack insistisse em afirmar que seria essa a história que sempre contaria. Não estivera dormindo e sim fazendo amor com ela. Fora sua primeira noite juntos em diversos dias e a combinação de abstinência, euforia por conta das novas evidências que obtiveram e a agitação dele por Holly envolver Bay em perigo deixaram-no profundamente apaixonado e afoito.

— Devo admitir, Bay, eu me preocupo com você também, sabendo que aquele homem está livre por aí. Tem certeza de que está segura no estabelecimento de Martel?

Bay ficou satisfeita em trazer os pensamentos de volta ao presente. Não era apenas o sol causticante que ameaçava matá-la de calor.

— Claro. Estou bem, Duncan.

— Stevens procurou você?

— Ele passou por lá ontem, basicamente para fazer algumas perguntas. As mesmas que fez na segunda-feira.

Não lhe contaria que o policial conversara com Mike a respeito de Nick e depois novamente com ela sobre o ataque que sofrerà.

— E Burke? Eu gostaria muito que você não o odiasse, mas espero que esteja sendo prudente e lhe pedido para manter distância.

— Não tenho visto Jack — falou com sinceridade. — E ele é muito prudente.

Bay esboçou um sorriso e tocou de leve no braço de Duncan. A textura do tecido preto bem cortado era tão impecável que ele parecia um príncipe.

— Preciso ir. Mike me emprestou seu carro e em retribuição terei de terminar um projeto para ele esta tarde.

Até mais.

— Até amanhã. Deverei estar em casa durante a maior parte da manhã.

Bay procurou se apressar, andando o mais rapidamente que seus sapatos pretos de salto alto permitiam. Temia que ele sugerisse um almoço ou algo mais.

A maior parte do grupo presente à cerimônia já fora embora, o que representava um grande alívio. Infelizmente a imprensa continuava por perto. A polícia conseguira afastá-los da propriedade da igreja, mas estavam de plantão à porta.

Preocupava-a também que verificassem quem era o proprietário do carro que dirigia e passassem a incomodar Mike. Se isso acontecesse, deixaria a loja para não expô-lo e a sua família a qualquer problema.

As janelas do carro eram de um tom um pouco mais escuro de vidro, mas mesmo assim Bay colocou óculos escuros ao agradecer ao policial uniformizado e deixar os limites da propriedade da igreja. Então foi para a loja usando um trajeto não convencional para certificar-se de que não seria fácil demais segui-la.

Alguns assobios de apreciação saudaram-na ao entrar no ambiente barulhento. Acenou para os rapazes mais velhos e fez uma careta aos mais jovens. Eram pessoas decentes que aceitaram-na como parte do grupo sem muita hesitação.

Pretendia trocar de roupa antes de devolver as chaves para Mike, mas foi detida por seu tom de voz de barítono.

— Butler!

Retrocedeu e entrou no escritório. Foi acometida pela onda de ar quente que vinha do ventilador com pedestal atrás da escrivaninha. Ele estava ao telefone, mas se inclinou adiante e lhe estendeu um pequeno envelope marrom.

Cobriu o fone com a mão e disse:

— Acabou de chegar para você. Correio.

Bay sentiu um descompasso no coração. Reconheceu a cor vermelha da caneta bem como a caligrafia. E tanto no remetente quanto destinatário havia seu nome com o endereço da loja de Martel. O envelope viera de Holly.

Mas como? Era quinta-feira e... Olhou para verificar quando a carta fora processada pelo correio. Segunda-feira.

Como uma correspondência levava quatro dias para ser entregue em uma mesma cidade?

Então ela viu. O código de endereçamento postal estava errado por causa de um dígito. Certamente isso causara problemas, a correspondência fora entregue na estação errada e daí viera o atraso de alguns dias.

Martin desligou.

— Ei, você enviou uma carta de amor a si mesma? Estou brincando. Passou por momentos difíceis, não é mesmo?

— Está tudo bem. Eu só havia me esquecido disto.

— Como foi a cerimônia?

— Terrível. Não sei se muitas pessoas optariam pela cremação.

— Para mim parece perfeito. Eu estava conversando com nosso cliente da padaria agora. Já está tudo pronto para o trabalho?

— Oh! — Bay falou, retrocedendo para a porta. — Estarei pronta em apenas um minuto. Pedirei para Mackie colocar tudo na caminhonete enquanto isto.

— Está bem.

"Que correria", Bay pensou, disparando pela loja. Não teria tempo de inspecionar o conteúdo do envelope naquele instante. Mas como gostaria!

As horas seguintes teriam deixado Bay maluca se o trabalho complexo não ocupasse totalmente seus pensamentos. Mackie era tão intuitivo quanto talentoso e ajudou-a muito ao separar todas as ferramentas necessárias para o trabalho. Mesmo assim, já passava das sete horas da noite quando retornaram à loja.

— Pode ir — Bay lhe disse assim que pararam o carro ao lado da grande caminhonete usada que Mike comprara em um leilão. — Pode ir mesmo. Você carregou a caminhonete sozinho e o mínimo que poderei fazer será retirar nossas ferramentas.

— Tem certeza de que não se importa? — o jovem recém-casado indagou, parecendo esperançoso. — Eu ficaria, mas se me apressar, terei tempo de um banho rápido para levar Rhnea a nossa segunda aula a respeito de partos.

— Por que você não me contou? Vá logo, garoto. Ele lhe estendeu as chaves e saltou da caminhonete. Bay gritou atrás dele:

— Não se esqueça de respirar também!

Havia pouco a descarregar, embora o item principal fosse uma caixa imensa que

amassaria o pé de uma pessoa se caísse no chão. Mas ela usou macaco hidráulico para erguê-la e depois a empurrou até o local adequado. Em dez minutos já trancara novamente a loja e ligara os alarmes. Então pegou dois refrigerantes da máquina e foi para seus aposentos.

Deu-se o direito de tomar metade de uma lata para recompor a fraqueza. Estava muito quente e na padaria a umidade estivera intensa. Ingerira muita água durante o dia, mas sentia-se desidratada e precisando de nutrientes. Não teria tempo de trocar de roupas. Abriu a geladeira, inspecionou a gaveta de legumes e suspirou aliviada ao encontrar uma embalagem de alumínio ao lado de um pé de alface e uma sacola com cenouras.

Retirou a embalagem e se sentou no banco de couro à mesa de jantar. Finalmente abriu o envelope. Fora seguramente lacrado, para impedir que algum intruso o abrisse. Bay sacudiu o envelope e dele caiu uma pequena agenda de couro juntamente com outra folha amarela de papel. O livro se parecia com um diário. Resolveu ler o bilhete primeiro.

Bay, já faz uma hora que Jack me visitou e tenho pensado no que conversamos desde então. Ele fez com que eu percebesse que um pedido de desculpas não basta depois de eu ter tornado sua vida um inferno. Sob circunstâncias diferentes, poderíamos ter sido amigas... Se Glenn tivesse sobrevivido, se eu não tivesse sido tão ciumenta do sentimento dele por você e da admiração que nutria por seu talento.

Talvez o que lhe mando agora possa reparar parte disto. Percebo que se eu deixei tudo para trás, já não preciso mais do que estou lhe enviando. Algo que poderia ajudá-la e às autoridades a reconstruir seu caso. Ao menos vai aclarar alguns pequenos mistérios referentes a ligações anônimas que recebeu e minha tentativa maliciosa de assustá-la.

Minha única desculpa é que eu achei que você tivesse um acordo com os Ridgeway para prejudicar Glenn.

Bay ficou ofegante. Não fora Elvin e sim Holly quem tentara assustá-la. Pudera tudo ter ficado silencioso tão rapidamente quando Holly começara a duvidar das próprias conclusões. Se não estivesse preocupada com tantas outras coisas, teria descoberto muito antes.

É melhor eu trocar de roupa e levar isto para a caixa de correios defronte a minha casa agora mesmo. Se eu aguardar até amanhã de manhã, poderei perder a coragem e queimar esta carta. Agora que estou envergonhada por ter invadido tanto sua privacidade, espero que esta informação possa reparar meus erros. Adeus,

H.K.

O som estridente do telefone celular rompeu o silêncio mortal. Assustada, Bay levou a mão ao coração, praguejou baixinho e empurrou o telefone para a beirada da mesa. Confusa e assustada, ouviu mais quatro chamadas antes de finalmente conseguir atender.

— Sim?

— Por que está tão ofegante?

Bay procurou respirar com mais calma.

— Meu telefone... eu não o estava encontrando. E o que você está fazendo ligando para esta linha? Deveria me ligar no telefone da loja.

— Pois eu tenho feito isto durante os últimos minutos — Jack respondeu.

— Desculpe, desculpe. Eu não ouvi. Mas vamos desligar. Liguei para você do telefone fixo.

— Não. Diga-me, o que há de errado?

— Nada além de eu ter ido à cerimônia de Holly esta manhã e de não conseguir acreditar que aquela mulher estonteante se transformou em cinzas. Então passei o restante do dia me sentindo assada. E ao chegar aqui recebi a visita de um fantasma.

Após uma leve pausa, Jack falou:

— Querida, eu sei que tem sido difícil, mas você não pode se tornar tão emotiva agora.

— Quem está sendo emotiva? Holly me enviou o diário dela.

— O quê? Você tem trinta segundos para me ligar do telefone fixo.

CAPÍTULO XXXVI

No isolamento de seu quarto, Jack relembrava a agonia experimentada durante a última hora e meia. Estivera pensando em fazer um acordo com Deus. O mesmo Deus no qual, até cerca de um mês atrás, estivera prestes a perder a fé.

Tentara telefonar para Bay desde poucos minutos após as cinco horas, experimentando a desoladora sensação de quantos segundos eram necessários para formar um minuto e então quantos minutos para fazer uma hora.

Lembrara-se de que ela tinha um projeto na padaria e que o advertira de que poderia ser longo, chegando a comentar que uma tarefa de seis horas poderia facilmente se transformar em dezesseis ou vinte. Ela lhe pedira para se lembrar das histórias a respeito da produção de filmes e do quanto a programação podia se arrastar.

Mas nada disso o consolara. Quisera apenas ouvir sua voz e saber que estava bem.

Atualmente sabia.

Mas assim que desligou pegou novamente o fone e discou para ela mais uma vez.

— Você não sabe contar.

Adorava aquela voz ao mesmo tempo suave e firme. Amava seu jeito de levar às ultimas conseqüências as emoções. Gostaria que suas vidas estivessem tranqüilas para que naquele instante pudessem falar de sexo ao telefone em uma brincadeira marota.

— Você não é nada camarada com o coração de um homem. Tem mesmo o diário de Holly?

— Ainda não abri, embora esteja muito impaciente desde que reconheci a caligrafia. Jack, ela colocou meu endereço no remetente também. É loucura. Sei que achava que rapidamente se livraria da casa e sumiria para algum lugar exótico onde tomaria champanhe o tempo todo. Mas isto tudo me deixa arrepiada.

— O que há no diário?

— Ei, eu falei sério. Tinha acabado de entrar aqui e lido o bilhete de Holly quando você telefonou.

Contou-lhe então o conteúdo do bilhete em detalhes.

Jack sentiu o coração disparar. Pensou com um quê de divertimento em como seria o dia em que o advogado de defesa dos Ridgeway — ou os advogados — estariam tensos tentando livrar seus clientes de uma sentença.

Felizmente Jack e Bay tinham os documentos impressos provenientes do computador de Madeleine. Seria muito melhor que conseguissem o computador também.

— Mais um mistério que se resolve — murmurou para ela.

— Diga exatamente o que acha.

— Mas eu não sei. É melhor que este diário tenha algo útil para nós ou pedirei que venha até aqui e acidentalmente vou queimá-lo.

— Está querendo alguma leitura de cabeceira?

— Sim, mas não uma leitura deste tipo. E estou com saudade de você, Bay.

— Jack. Por acaso você está me escondendo outras notícias ruins?

Ele coçou com força o queixo, quase se ferindo. Precisava tanto que Bay dissesse que sentia sua falta também. Queria as palavras exatas, justamente as que dissesse para ela.

As mesmas que não merecia ouvir, mas cuja esperança tanto acalentava.

— Nada de novidades por aqui. Tenho mantido contato com o escritório do FBI em Golden e até que façam testes de legitimação em todas as pessoas por aqui, não contarei nada a ninguém. Nem a respeito das ameaças de Gage. Amanhã irei ao escritório do Bureau de Dallas e pedirei ajuda por lá. Mas ignore meus relatos. Apenas leia.

— Parece cansado e terá de repousar para amanhã. Começarei pelo final... A última vez em que ela escreveu foi no último sábado: "Tudo vai passar. Se ela não estiver lá amanhã, já decidi enviar pelo correio. Não é o ideal, mas preciso partir. Sinto que eles estão no meu encalço e pressionando. Pode ser que decidam que haverá menos riscos silenciando-me permanentemente. Eu não sei se Bay é a pessoa certa para levar isto adiante."

— Bem, somos duas a pensar assim — Bay murmurou.

— Você está se saindo muito bem.

— Ela não escrevia todos os dias. Nossa, Jack... Holly tinha um caso com o diretor de um dos coros da igreja. Ele nem tem minha idade e já é pai de seis filhos!

— Acho que a esposa dele provavelmente lhe dava surras diárias com fraldas molhadas.

— Comporte-se. Isto é muito doloroso. A mãe de Holly não compreendia o motivo de ela não ter se casado ainda. Foi o pai quem lhe contou a respeito do câncer da mãe. Estava preocupado porque tinham pouco dinheiro.

— Como se ela já não sofresse pressão suficiente.

— Sim — Bay suspirou. — Isto é terrível. E ela reuniu diversos endereços por

aqui.

— De quem?

— Espere um pouquinho — respondeu vagarosamente, como que tentando decifrar algo. — Não há nomes. Espere... nossa, acho que as iniciais ao final são de Estados, mas ouça: "33 Mamou Lane, Effie, Louisiana". E também há um "G.T." ao final. Deve se referir a George Tapley, o Catfish. Onde fica Effie?

— Esqueça. Fica em algum lugar que sequer tem pavimentação nas ruas, tenho certeza. Tão na zona rural que o carteiro nem deve chegar até lá.

— Não pode ser tão longe assim... nem tão ruim. Lembre-se da frequência com que ela listou repasses de dinheiro naqueles documentos que nos deu. Ele deve vir pegar o dinheiro de tempos em tempos.

— É mais provável que Elvin jogue uma sacola de compras no meio do parque estadual. Acredite em mim, ele e Catfish provavelmente estão mancomunados. Por que você acha que Madeleine precisou de Martel para ajudar a libertar você? Quem mais ela listou por aí?

— Há alguns endereços de Houston... E algumas pessoas que poderão ser contatadas na recepção do Hotel Corpus Christi.

— Ótimo, é isto. Feche o livro.

— O que eu falei?

— Amanhã quero que você me entregue este diário.

— Mas você irá para Dallas.

— Bem, mas não quero que você saiba mais do que precisa a respeito de algo que não é tão importante. Ouça-me, queime aquele envelope que contém seu endereço e a carta. Eu destruirei a carta de Holly que você me deu.

— Não ouse. Precisamos dela para limpar a memória de Holly.

— Mas a carta identifica você como a pessoa a quem ela confiou todas as informações.

— Então o que há de novo?

— A compreensão de quem são as pessoas com as quais Madeleine e Davis estão lidando. Você pensa que tudo isto é simples. Dinheiro de colarinho branco lavado. Pois está enganada. Aqueles tolos estão envolvidos até o pescoço em um cartel de drogas.

CAPÍTULO XXXVII

Sexta-feira, 22 de junho de 2001 - 10:12 da manhã

Os reparos a serem feitos no portão dos Ridgeway tomaram a manhã de Bay e adentraram a parte da tarde.

Não era nada agradável estar exposta ao sol causticante, mas sentia-se feliz por ter advertido Mike de que o trabalho poderia demorar mais. E a solidão lhe faria bem: quanto menos pessoas conversassem com ela naquele dia, melhor.

Seu coração estava apertado e a cabeça doía. E tudo devido a Jack. Ele não parava de lhe dar ordens e se recusava a escutar, tratando-a como se estivesse se comportando de maneira mais errática do que Holly.

Não poderia culpá-lo se jamais a perdoasse por ter desligado o telefone sem se despedir. Um gesto grosseiro. Fora muito difícil ouvir o telefone tocando e dessa vez o retorno a seus aposentos não bloqueou o som.

Elvin apareceu enxugando o suor com a costa da mão.

— A sra. Ridgeway falou que está quente demais para você trabalhar. Acha que deveria retornar à noite quando está mais fresco.

Se fosse outro dia, talvez Bay acatasse a sugestão, reunisse as ferramentas e voltasse depois. Mas já não achava que as atitudes de Madeleine consideravam apenas seu bem-estar.

— Bem, diga a Madeleine que eu estou aqui agora. Posso não estar disponível mais tarde e respeito sua opinião.

Então pensou melhor e falou:

— Deixe para lá, Elvin. Se ela estivesse tão preocupada assim, teria pedido que você ficasse segurando um guarda-chuva para me proteger do sol.

Ela achou ter ouvido uma exclamação nada lisonjeira da parte de Elvin enquanto entrava na casa.

Não vira Duncan naquele dia. O que era uma boa notícia. A leitura do diário de Holly até altas horas da manhã revelou informações pouco elogiosas a seu respeito. Houve época em que Duncan dera à moça a esperança de um novo amor. Fora Madeleine quem não aprovara e o mantivera sempre distante em novas missões. Esta distância não fizera bem a Holly: perdera o respeito por si mesma e por Duncan. E Bay percebeu que ele não experimentara nenhuma grande emoção, positiva ou negativa.

A remoção da parte defeituosa do portão foi rápida. Ajudava ser em uma altura em que ela não precisava de uma escada. Entretanto, enquanto tomava uma garrafa de água fresca, percebeu que seria muito difícil continuar trabalhando naquele calor, especialmente porque não poderia usar luvas.

O bom senso lhe ordenava que aceitasse seu engano e retornasse à noite conforme a sugestão de Madeleine. Mas Elvin não teria o prazer de saber disso.

Começou a caminhar no intuito de lhe dizer que uma ferramenta se quebrara quando um luxuoso carro branco com capota conversível passou em alta velocidade, obrigando-a a saltar para o lado para não ser atropelada.

Afagou os joelhos machucados e vagarosamente olhou para cima. Contemplou diretamente a placa do automóvel. Louisiana.

— Feliz Natal! — murmurou ela.

Em vez de conversar com Elvin, apoiou-se na caminhonete e usou uma das garrafas d'água contra o joelho machucado. Na verdade não precisava, mas isso lhe permitiria permanecer sentada ao lado da porta de passageiro observando o que acontecia.

O homem negro que desceu era alto e esguio. Trajava-se com elegância casual. Passou por Elvin vagarosamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Os dois

trocaram algumas palavras que Bay não conseguiu escutar e Elvin fez sinal para que entrasse na casa.

Catfish? Duvidava.

Bay ponderou a possibilidade de entrar na residência também quando o homem reapareceu, carregando uma maleta.

Ela sentiu um arrepio de terror e uma sensação de *déjà vu* lhe trouxe um gosto amargo. Soube que aquele fora o pecado de Glenn.

Então se lembrou da crescente irritabilidade de Glenn em relação aos Ridgeway, de sua conversa a respeito de um trabalho diferente para Holly assim que se casassem.

"Meu Deus", pensou ela, "Glenn estava tentando descobrir uma maneira de me contar sem colocar nós três em apuros".

Percebeu que nenhum dos homens lhe prestava muita atenção. Entrou na caminhonete. Sua mente disparava como se tomada por uma outra força enquanto ela deixava a propriedade pela entrada de serviço e adentrava a rua Broadway. Lá, hesitou.

Que caminho o homem do conversível seguiria?

Seu palpite apontava para a rodovia interestadual 20. Tomou a direita, aproximou-se da intersecção com o Loop, adentrou um estacionamento e manobrou para ficar preparada para uma saída rápida.

Aguardou, a esperança impedindo-a de partir. Sabia da grande probabilidade de não localizar mais o carro branco, por isso anotou a placa. Ao menos teria algo a acrescentar às anotações de Holly; ninguém poderia alegar que era uma bêbada dada a alucinações.

Já estava quase desistindo quando avistou o conversível. Chamava tanto a atenção que seria muito fácil segui-lo.

Agradeceu silenciosamente pelo impulso que a fizera completar o tanque de gasolina naquela manhã em vez de esperar pelo dia seguinte.

Seu desafio seria não ficar muito distante daquele carro. A caminhonete era muito usada e o veículo luxuoso parecia recém-saído de uma loja. Seria difícil competir com a potência daquele motor. Se o homem estivesse com pressa, Bay estaria desperdiçando tempo. Mas seu palpite lhe dizia para ao menos tentar.

Permaneceu cerca de três carros atrás conforme observara Jack fazendo e não tentou nenhuma ligação do telefone celular até estar fora da cidade e tendo a interestadual 20 à vista. Primeiramente ligou para Mike.

— Não me peça explicações, mas não estou na propriedade dos Ridgeway e talvez só retorne bem tarde da noite. Se alguém de lá telefonar me procurando, diga que estou deitada com uma bolsa de gelo sobre o joelho.

— Está machucada? — Mike indagou.

— Não, mas é preciso que achem que estou.

— Devo me preocupar com você, querida?

— Talvez apenas me deseje boa sorte. Tem sido maravilhoso, Mike. Até mais.

Desligou embora ele tentasse fazer outra pergunta e com rapidez discou para a propriedade dos Ridgeway.

— Madeleine... é Bay.

— Querida, Elvin falou que você partiu sem dizer uma palavra.

— Eu devia ter aceitado o conselho dele e ido embora quando estava me sentindo bem. Seu convidado naquele carro lindo quase me atropelou e eu torci o joelho.

— Isto é horrível! Está indo para o médico? Posso fazer algo para ajudá-la? Por favor envie-me a conta, claro.

— É muita gentileza sua, mas acho que é mais um desconforto do que algo sério. Você seria paciente comigo? Eu já tenho todo o material para substituir os defeituosos. O problema é que não conseguirei fazer o trabalho hoje. Estará bem para você se eu arrumar amanhã?

— Nem precisava perguntar. Espere... amanhã é sábado. Não poderei, em sã consciência, lhe pedir para abrir mão de seu final de semana.

— Por que não? Não estou pensando em sair para dançar. Madeleine riu.

— Gostaria que algumas pessoas tivessem seu senso de humor e sua ética profissional. Como sinto falta de nossas conversas. Se estiver se sentindo melhor, o que acha de almoçar aqui no domingo? Duncan provavelmente ficará muito bravo, mas você se sentará a meu lado. Precisamos conversar sobre sua parte no projeto Paraíso de Holly.

Não podia acreditar como a mulher conseguia referir-se a Holly sem ficar com a voz embargada.

— Você mudou de idéia a respeito da peça de entrada?

— Absolutamente não. Tenho planos grandiosos para você. Ora, meu massagista já chegou. É melhor eu desligar. Ligue para mim amanhã, querida.

— Planos maravilhosos — Bay murmurou ao desligar. — Estou acreditando nisto...

Precisou de um minuto para alcançar a rampa de entrada até a estrada interestadual e recobrar terreno atrás do carro que seguia. Naquele momento precisava lidar com motoristas de dezoito anos de idade e não gostaria que muitos ficassem entre a caminhonete e o conversível.

Assim que ficou confortável com sua posição, fez a ligação mais difícil. Em vez de enviar sinal para o *pager*, discou para a casa de Jack.

Ao final da mensagem da secretária eletrônica e ao som do sinal, falou:

— Jack, sou eu. Não gostaria de aborrecê-lo, mas estou a caminho da Louisiana. Sei que é loucura, mas uma pessoa esteve na propriedade Ridgeway momentos atrás e seu carro tem placa da Louisiana. É um conversível de luxo branco com rodas douradas.

Recitou o número da placa e descreveu a pessoa.

— Não acho que seja Tarpley, mas ouça isto. Ele entrou de mãos vazias na casa e saiu com uma maleta. Acho que é importante saber para onde levará isso.

A estática começou a comprometer o sinal.

— Estou quase perdendo a conexão. Tentarei telefonar mais tarde.

O visor mostrava que a conexão fora interrompida e ela não sabia o quanto de sua mensagem fora registrada. Passou adiante de mais um carro e acelerou. Segundos mais tarde avistava seu alvo sendo detido por uma patrulha rodoviária.

CAPÍTULO XXXVIII

Interestadual 20 — limite leste 14:33

Alguns quilômetros adiante e Jack estaria em Tyler através da saída 69. Aprumou os ombros, sentindo os efeitos do dia estressante.

Queria um banho quente e uma dose de uísque tanto quanto desejava ouvir a voz de Bay. Não conseguira entrar em contato com ela através do telefone celular. Não fazia sentido, já devia haver um sinal constante àquele ponto do trajeto.

Detestara o modo como se trataram na noite anterior. Mas nunca negaria seu desejo de que ela ficasse fora daquilo.

Sua recepção em Dallas deixou-o resoluto. Até que obtivessem algum comprometimento do Bureau com novidades precisas, trabalharia sozinho. E isso significava que Bay teria de sair da linha de fogo.

Ocorreu-lhe que ela poderia estar tendo o mesmo problema com o telefone, por isso discou para sua casa a fim de resgatar as mensagens da secretária eletrônica. Após ouvir o recado de duas ligações para venda por telefone e um recado de Stevens, ouviu a voz de Bay.

— Jack, sou eu...

O sorriso que começou a curvar seus lábios rapidamente esmoreceu enquanto ouvia, descrente e horrorizado, o relato. Ela estava indo para onde e atrás de quem? Como podia fazer algo tão insensato?

O sujeito que descrevera provavelmente tinha um pequeno arsenal naquele veículo. E Bay não levava sequer uma metralhadora de brinquedo!

— Meu Deus!

Deu um tapa no volante.

A secretária eletrônica acusava que a ligação de Bay fora feita cerca de noventa minutos atrás. Tudo ia de mal a pior. Uma hora e meia em uma rodovia onde pessoas podiam tomar rumos variados e onde o desconhecido estaria forçando-a a rodar em alta velocidade.

Bay não estava disputando uma corrida. Estava se lançando como míssil em direção a uma tragédia.

Bateu novamente contra o volante.

E então começou a rezar.

CAPÍTULO XXXIX

Sul de Alexandria, Louisiana 16:37

Comporte-se, droga! Bay prendeu a respiração e suspirou aliviada quando o

conversível branco passou pela intersecção sem atrair a atenção de uma viatura policial estacionada. Já não estavam mais na interestadual 20. Haviām virado para o sul em Shreveport para pegar a 49 e já se encontravam nos arredores de Alexandria. Mas o homem não demonstrava qualquer interesse em reduzir a velocidade.

— Parece um maluco na direção — queixou-se. — Não aprendeu nada ao receber aquela multa?

A conversa consigo mesma se tornara seu modo de lidar com a fome e o estresse. Chegara a pensar que o jogo estaria terminado no Texas, convencida de que o patrulheiro rodoviário revistaria o carro, analisaria a carteira de motorista e começaria a solicitar esforços para prender aquele homem.

Os policiais daquela rodovia eram durões e até mesmo Mike dissera que nunca deixavam de verificar um carro ou uma caminhonete parada.

Quando Bay chegara a Longview, tivera certeza de que tinha perdido a trilha do conversível e poderia fazer o retorno para Tyler. Mas para seu espanto, um minuto mais tarde encontrava-se a seu encalço novamente.

Massageou o pescoço. A técnica do rapaz ao volante aliada à ausência de notícias de Jack deixavam-na com os nervos à flor da pele. Mas não podia se preocupar. Tentou novamente usar o telefone, mas o painel mostrava um sinal muito tênue. E não vira nenhuma torre de transmissão nos arredores.

— Se não chegarmos a Effie ou qualquer lugar em breve, serei forçada a desistir desta corrida por necessidade. O botão vermelho que indicava a quantidade de combustível no painel se aproximava da reserva. Naturalmente os postos de gasolina seriam poucos e distantes um do outro naquela região.

— O que você coloca neste leopardo branco que dirige? — indagou ao homem que seguia tão adiante. — Tem um tanque extra de combustível?

Colocou o telefone no assento a seu lado e quase não viu a placa.

— Sim! Effie está próxima!

Tudo o que precisava era que Effie estivesse situada à beira da pista e não diversos quilômetros campo adentro. Algo lhe dizia que aquele homem era Catfish ou ao menos conhecia quem era.

Logo descobriu que Effie não ficava ao lado da rodovia conforme sua esperança. Era uma pequena comunidade não muito distante da rodovia principal, entretanto.

E quando o conversível foi estacionado diante de uma loja perto do segundo farol, Bay quase atropelou um cidadão ao entrar em um posto de gasolina.

O local onde as bombas de gasolina se situavam recebia destaque em relação às outras construções da cidade, tornando-a um alvo fácil. Deu alguns passos e se aproximou de um edifício abandonado para ver o que o homem negro estava planejando.

Foi quando notou o endereço já puído mas ainda legível pintado na parede arranhada da loja: 33 Mamou Lane.

Seria a residência de "Catfish" Tarpley? Na esperança de ter um ou dois minutos para descobrir, entrou na loja de conveniência do posto de gasolina e estendeu uma nota de vinte dólares a uma adolescente que estava atrás do balcão e mascava chiclete,

— Fique à vontade — a moça falou, sem desviar o olhar do pequeno aparelho de televisão situado do lado oposto ao da caixa registradora.

Bay saiu rapidamente, acionou a bomba de gasolina automática e deu mais uma olhada rua abaixo. O homem do conversível saía do prédio com outros dois sujeitos. Pareciam se conhecer muito bem. Ao menos os rapazes usando camisetas da mesma cor estavam rindo.

O rapaz negro usou controle remoto para abrir o porta-malas e fez um gesto de cabeça convidando os outros dois a espiar. Bay não conseguia imaginar o que estariam admirando no escuro do porta-malas.

Cada um tirou o chapéu e colocou algo dentro. Bay suspeitava de que fossem armas, mas o trio criou sua própria rede de proteção, embora não houvesse qualquer outra pessoa na rua para prestar atenção. Até o momento apenas três veículos tinham passado.

O que ocorreu em seguida deixou Bay boquiaberto. O motorista do conversível tirou do bolso um maço de notas, estendendo-o a um dos homens. Este então se sentou no banco de passageiros da caminhonete estacionada ao lado enquanto o parceiro ocupava o banco de motorista. Bay desejou anotar a placa, mas o homem negro se movia novamente.

Certamente pararia no posto de gasolina para encher o tanque também, por isso Bay se apressou para a caminhonete e desconectou-a da bomba. Nem mesmo teve tempo para recolocar a tampa no tanque de combustível. Jogou-a na carroceria, entrou na cabine e foi para a rua lateral.

O motor protestou quando ela arrancou abruptamente e pegou a rua seguinte à esquerda.

Na próxima intersecção virou novamente à esquerda e à distância viu a caminhonete vermelha e branca se afastando pela pista empoeirada. O conversível estava fora de vista. Mas quando freou no farol, viu-o no posto de gasolina. Mordeu o lábio e assobiou baixinho.

O que ocorreria em seguida? A tarefa do homem aparentemente fora cumprida. Quem seriam os outros dois? Um deles seria Catfish? Detestava admitir, mas a transação que testemunhara aparentava ser o pagamento por um golpe bem dado.

Passou a língua nos lábios ressecados e acelerou atrás da caminhonete. Não precisou se preocupar muito em manter distância pois a estrada não pavimentada camuflava-a. Havia poeira suficiente sendo levantada pelo carro adiante, tornando-a invisível.

Logo alcançaram a área campestre novamente e a poeira permanecia. Um pouco mais adiante a estrada relativamente reta começou a curvar para a direita. Bay freou e notou que a caminhonete entrara em uma passagem estreita. Aproximou-se e leu na caixa de correio: Tarpley. Aquela caixa de correio era a única que avistava em muito tempo e certamente se passariam alguns quilômetros antes de chegar à próxima. O único local para virar era ou aquele caminho ou o que parecia ser um depósito de lixo na mata do outro lado da estrada.

Bay ficou feliz por não estar chovendo e escolheu a segunda opção. Desligou o

ar condicionado e desceu as janelas para verificar o piso a sua frente e se certificar de que não passaria sobre algo que furaria os pneus. Rodava muito devagar e quase completava a volta em torno de alguns acessórios enferrujados quando ouviu gritos e tiros.

Freou bruscamente. Não fora sua imaginação, mas ela nem queria acreditar no que ouvira. Ficou imóvel, debatendo sobre o que fazer quando vagarosamente viu, através da vegetação, a caminhonete saindo da propriedade de Tarpley.

Será que a veriam? Esperava que não, pensou ao mergulhar para o chão do carro e prender a respiração.

A caminhonete vermelha e branca subiu a rua deixando uma nova tempestade de poeira.

Trêmula, Bay se sentou e procurou recuperar a respiração. Suas mãos tremiam incontrolavelmente. Eles o tinham assassinado, pensou. Primeiro Glenn, depois Holly e então Tarpley. Quem mais teria de ser silenciado para manter o segredo?

De modo algum se arriscaria a pegar a estrada novamente. O sol se punha com rapidez e em mais uma hora ou duas estaria escuro. Seria mais difícil notar, na escuridão, se o homem do conversível ainda estava por perto.

Entretanto, a idéia de permanecer ali, perto do corpo de uma pessoa, lembrava-a dos minutos terríveis que passara ao lado de Glenn enquanto aguardava que a polícia chegasse.

Pegou o telefone celular.

— Funcione — ordenou. — Funcione!

Mas o visor apenas lhe mostrava que não havia qualquer sinal e que a bateria estava muito fraca.

— Jack, oh! Jack...

Fechou os olhos novamente para tentar conter o pânico. Era preciso descansar. Teria de estar alerta para o trajeto de volta para casa. Precisava conservar sua energia e permanecer calma.

Aprumou-se e subiu a janela. Não queria ficar asfixiada, mas tampouco dividir a cabine com cobras e roedores.

Então reclinou o assento o máximo possível, fechou os olhos e suspirou. Assim não teria de ver o caminho que conduzia à residência de Tarpley do outro lado da pista.

A lua brilhava no céu. Bay imediatamente ergueu a mão para proteger os olhos e então percebeu que não era a lua e sim a luz de uma lanterna.

Abriu a boca para gritar, mas então ouviu:

— Bay! "Jack?"

— Jack!

Freneticamente desceu o vidro da janela. Teria imaginado? Como ele a encontrara? Mas se inclinava em sua direção...

— Está ferida?

— Não, mas eu acho que Tarpley está...

— Morto. Precisamos sair daqui. Tem bastante gasolina no tanque?

— Cerca de dois terços de um tanque.

— Será suficiente. Siga-me. Vou parar em Alexandria para telefonar para o escritório do xerife. Você permaneça na caminhonete. Então vamos dirigir no mínimo até chegar a Shreveport onde as placas de nossos carros não chamarão muita atenção.

Falava como se ela fosse uma estranha, uma pessoa de quem não gostava muito. Sabia que merecia um bom sermão, mas poderia ser depois de um forte abraço?

Mas em vez disso Jack retornou à própria caminhonete e tomou a estrada. Bay tinha muitas perguntas pairando em sua mente confusa.

Temeu passar diante da loja na esquina mas viu que estava às escuras, trancada para a noite e sem ninguém por perto. Toda a cidade estava vazia exceto pelos carros na loja de conveniência. Era aparentemente o local para encontro de adolescentes e a música e risos encheram a noite quando ela e Jack passaram sem parar.

Cruzaram mais alguns veículos antes de chegarem a Alexandria. Ali, Bay aguardou que Jack fizesse o telefonema e enquanto permanecia obedientemente na caminhonete, observava-o e notou como ele era cuidadoso e discreto.

Fitava-o com olhos famintos de desejo. Entretanto, uma dor intensa tomava-lhe o peito e lhe causava um nó na garganta ao notar a expressão férrea de seu rosto.

A parte seguinte da viagem tomou muito mais tempo e já eram quase duas horas da manhã quando Jack conduziu-a para fora da estrada interestadual e estacionou diante de um pequeno hotel no lado oeste de Shreveport. Bay chegou a pensar em acelerar o carro e seguir viagem; não queria um confronto e ansiava pela familiaridade da própria cama, embora emprestada. Mas desistiu da idéia.

— Reservarei um quarto — ele falou, pegando a carteira e afastando-se.

Ainda muito sério, indicou o restaurante vinte e quatro horas do outro lado do estacionamento.

— Vá comprar alguma coisa para comer e beber. Não como nada desde ontem e acho que você também gostaria de se alimentar.

Bay recusou o dinheiro que Jack lhe estendia.

— Tenho algum comigo.

— Pegue o maldito dinheiro.

Já era ruim que estivesse carrancudo, mas notar que mal conseguia se controlar era quase insuportável. Sua visão ficou turva pelas lágrimas quando ela estendeu a mão, aceitou o dinheiro e se afastou.

Jack dissera quarto. No singular. Como conseguiria passar o restante da noite ao lado dele lutando contra tanto ressentimento?

Faria o pedido e iria ao banheiro enquanto aguardava pela comida. Além de se refrescar um pouco, poderia buscar um analgésico para facilitar seu sono.

Não sabia bem o que pedir para Jack e escolheu hambúrgueres, batatas fritas e dois copos grandes de chá gelado sem açúcar.

Havia muitas pessoas no restaurante, o que era compreensível considerando-se a localização à beira da pista e todos os clubes e cassinos da região. Bay ignorou a todos e a tudo e foi para o banheiro enquanto aguardava.

Ao deixar o restaurante, encontrou Jack em pé do lado de fora do quarto mais distante situado no piso térreo. Sem uma palavra, ele abriu a porta e, igualmente muda,

Bay entrou. A porta foi trancada.

Podia sentir que a explosão de ira se aproximava e esperava que as paredes fossem fortes o bastante para contê-la. Jurou que não seria responsável pelo começo, entretanto. O mínimo que poderia fazer para reparar todo esforço de Jack em vir atrás dela seria aceitar a crítica sem rebatê-la.

— Você poderia ao menos me dizer o motivo? — Jack murmurou por fim. — Foi uma forma de fazer com que eu pagasse pelo que fiz?

Confusa, Bay se virou para fitá-lo. Viu-o com as palmas apoiadas na escrivaninha próxima ao aparelho de televisão. De costas para ela e com a cabeça baixa, era a própria imagem da frustração.

— Acho que não consigo fazer você se importar com nada: comigo, em querer viver. Mas você acha que eu conseguiria ir adiante se algo lhe tivesse acontecido? Se ele tivesse matado você, eu também partiria desta vida no dia seguinte.

— Não!

Bay cruzou o espaço que os separava e enlaçou Jack pela cintura.

— Está enganado. Quero que você viva, Jack. Eu amo você. Sei que eu não queria este amor e lutei contra isto, mas eu o amo.

Jack livrou-se do abraço, mas apenas para conseguir se virar. Então emoldurou o rosto de Bay com as mãos.

— De novo. Diga mais uma vez.

— Eu amo você.

No instante seguinte ele a cobria de beijos. Da cicatriz no queixo até cada sobrancelha, cílios e cantos da boca, abençoando cada traço do rosto adorável com os lábios, algumas vezes sussurrando seu nome, outras afirmando o próprio amor.

Era doce e inebriante, mas em nada comparável ao pousar de seus lábios sobre os de Bay para que ela sentisse a intensidade de seu desejo.

Ela se apoiou no corpo forte, inclinando-se para sorver mais daquele beijo e seus pés quase deixaram o chão quando Jack tentou puxá-la para mais perto.

No instante seguinte sentia a firmeza do colchão contra as costas. E imediatamente passou a desabotoar a camisa dele, enquanto Jack puxava-lhe a camiseta para fora da calça jeans. Algumas vezes suas mãos se roçavam na ansiedade do toque. E momentos mais tarde, abraçavam-se para tentar saciar o desejo que explodia.

Afastaram-se brevemente para que Jack puxasse a colcha da cama e jogasse tudo no chão. Bay tirou os tênis com os pés e alcançou a cintura da calça jeans, mas foi o mais longe que pôde ir.

Jack tomou o controle e esgueirou as mãos para dentro da calça e da calcinha. Puxou tudo para baixo, seguindo o trajeto com a boca, cobrindo-a de beijos pela cintura e coxas, até conseguir despi-la. Então fez com que Bay o abraçasse com as pernas e deitou-se sobre ela para acariciar-lhe os seios. Com agilidade retirou a própria calça e a cueca. E fitando-a com profundidade, sussurrou:

— Preciso muito de você.

Bay puxou-o para si, sentindo um delicioso arrepio de prazer.

— Eu ainda não consigo acreditar no quanto você me aceita.

— Apenas me ame, Jack.

— Para sempre.

Então não foram necessárias mais palavras. Conduzidos por suas almas solitárias, seus corpos se uniram completamente vezes e vezes em uma dança doce, frenética e delirante.

Uma dança que os levou à exaustão após abafados gritos de prazer.

E a paz que se seguiu era a mais pura tradução da felicidade.

CAPÍTULO XL

— Sei que parece clichê, mas nunca pensei em experimentar uma sensação tão maravilhosa, Jack.

A admissão levou um sorriso aos lábios dele. Bay acariciou-lhe as costas enquanto era puxada para cima do corpo forte.

— Acha que terá queixas a meu respeito? Pois quero ouvir tudo: as confissões, a perplexidade e aceitarei todos seus suspiros de gratidão. Não sou orgulhoso.

Em vez de rir, Bay ficou séria.

— Você me encontrou. Não apenas foi atrás de mim como fez algo que nenhuma outra pessoa poderia ter feito. Como?

Jack não estava disposto a retroceder àqueles momentos terríveis. Apertou-a com mais firmeza.

— O maldito telefone celular não funcionava. Na esperança de que você tivesse de alguma forma conseguido entrar em contato comigo em casa, verifiquei os recados em minha secretária eletrônica. Nem queira saber o que senti naquela hora.

Bay beijou-o no peito.

— Eu realmente sinto muito. Não sei como pude me arriscar tanto.

— Pois eu sei. É corajosa demais para sua própria segurança.

— Não. Foi por causa da profundidade de meus sentimentos por você. Vi que ficava cada vez mais frustrado e desesperado para conseguir provas capazes de incriminar as pessoas certas. Achei que se eu conseguisse rastrear esta prova, poderíamos dizer: "Pronto, agora de uma vez por todas, fizemos algo!" Eu nunca quis ser prisioneira de meus próprios temores como fiquei diante da casa de Tarpley.

— Você agiu da maneira mais inteligente, dadas as circunstâncias. Simplesmente ficou quieta. Quando falou "Tarpley", eu demorei algum tempo mas finalmente me lembrei o bastante do endereço para pedir orientação para chegar a Effie no centro de informações situado na rodovia. Assim que cheguei ali, rapidamente localizei o endereço da rua Mamou. Mas estava trancado e não havia sinal algum do conversível branco, muito menos de você.

Ele respirou fundo antes de prosseguir.

— Eu precisava abastecer o carro e parei na loja de conveniência. A vendedora estava se gabando de ter conseguido uma gorjeta de dez dólares quando uma mulher maluca deixou a loja correndo sem pegar o troco. Eu descrevi você e sua caminhonete e

quando a moça confirmou, eu lhe perguntei qual caminho você havia tomado. E a única razão da garota saber me contar foi ela ter tentado alcançar você do lado de fora para lhe dar o troco.

— Meu Deus, mas o dono do conversível já estava ali na ocasião. Ela inadvertidamente poderia ter falado a meu respeito para o homem.

Bay lhe explicou como evitara a presença do moço dando volta no quarteirão e por fim seguindo os dois assassinos. Jack abraçou-a com força.

— Quando encontrei Tarpley, quase enlouqueci. Achava que o assassino estava com você também. Quando eu saía da casa os faróis iluminaram sua caminhonete. Uma parte de mim não queria se aproximar nem acreditar.

Caminhonetes daquele modelo são comuns em áreas rurais como esta. Consegui finalmente me aproximar e então desejei não ter feito isto. O modo como você estava deitada ali...

Fechou os olhos e sabia que precisaria de bastante tempo até se esquecer do medo que sentiu.

Bay o beijou.

— Eu adormeci dizendo o seu nome. Jack esboçou um sorriso.

— Talvez eu tenha escutado você.

— Sim... Mas... conte-me sobre Dallas. Teve alguma sorte por lá?

— Oh, ficaram bastante interessados. Mas apenas cautelosos e nada animados com o fato de eu ser um policial, pois isto poderá lhes criar problemas políticos.

— Mas você estava justamente lhes dando informações sobre corrupção.

Essa mesma corrupção era a maior preocupação de Jack juntamente com a necessidade de antecipar os próximos movimentos de Madeleine.

— Sabe que não poderemos aguardar até que o Bureau agilize suas ações, não é? Tenho o palpite de que Stevens está sendo pressionado por Gage para conseguir um mandado de busca contra mim. Tenho certeza de que está imaginando uma maneira de criar evidências contra mim, isto se já não conseguiu algo. Deste ponto a arranjar para que um policial humilhado e orgulhoso se suicide na prisão, será muito fácil.

— Não! Bay sentou-se, os olhos arregalados.

— Minha pequena lutadora.

Gostaria de cessar a discussão, coagindo-a a ficar aninhada em seu peito.

— Você precisa saber do que nos espera em Tyler, querida — murmurou com tristeza.

— Então precisamos tomar a iniciativa baseados no que sabemos. Você não disse, mas eu sei que se desejam matar você, logo perceberão que eu terei de ir também.

— Não se você permitir que Duncan a seduza.

— Não posso acreditar que você ainda repita isto. Não, Jack. Jamais. Deve haver outra maneira.

Bay se inclinou adiante, toda sua atenção focada no que conversavam.

— Li mais um pouco do diário de Holly na noite passada. Ela escreveu que Lyle Gessler teve mais de uma discussão acalorada com Madeleine. Sublinhou palavras como "riqueza excessiva" e "rendimentos injustificáveis". O advogado uma vez gritou

dizendo que Madeleine poderia parar em uma prisão federal se quisesse, mas que não se juntaria a ela. Supostamente, Madeleine teve grande prazer em lembrá-lo do bebê ilegítimo e da mãe que Lyle sustentava às escondidas.

Jack sabia, de seus longos anos em investigação, que a pobreza social era abundante. Mas sempre se fascinava com as histórias.

— Então ele é nosso homem. Pela manhã voltaremos à cidade para convencê-lo a se encontrar conosco. Assim que notar sua culpabilidade nesta confusão, nós o levaremos a Dallas o mais rapidamente possível, tão logo consigamos sua concordância em cooperar.

— Jack, amanhã é sábado. Ele não estará no escritório.

— Não sei. Tenho o palpite de que, quando você trabalha para Madeleine Ridgeway, fica na ativa vinte e quatro horas por dia. De qualquer maneira, um telefonema para a casa dele anunciando que está saindo fumaça de seu escritório deverá funcionar.

Bay o fitou com renovado respeito.

— Você tem escondido seu lado diabólico de mim. O que mais eu não sei?

Jack puxou-a para si.

— Você não sabe que quando estou apaixonado, não preciso dormir muito.

Bay roçou os seios no peito dele.

— Exatamente quantas vezes já se apaixonou?

— Esta é a primeira... e a última vez.

CAPÍTULO XLI

Sábado, 23 de junho de 2001 Tyler, Texas - 9:11 da manhã

— Prontos ou não, aqui vamos nós... Ao aviso de Jack, Bay olhou por sobre o ombro para ver o carro de Lyle Gessler entrando no estacionamento do prédio de três andares da Old Bullard Road.

Quando o homem viu que não havia fumaça, chamuscas saindo do edifício nem carros de bombeiros, freou bruscamente diante da porta frontal.

— O que diabos... — indagou, saindo do carro.

No instante em que avistou Jack caminhando em sua direção com o distintivo na mão, deu alguns passos na direção do próprio carro.

— Eu não faria isto se fosse você — o Jack advertiu.

— O que é isto? Extorsão?

— Um presente de Natal adiantado. Mantenha as mãos para o alto, onde eu consiga vê-las, por favor.

Jack se aproximou de Gessler e com cautela o revistou em busca de uma arma escondida.

— Este é o acordo. Você coopera e, como recompensa, não ficará enterrado em uma cadeia federal conforme a sra. Ridgeway, seu filho e o restante de seus colegas

ficarão.

— Você está maluco — Gessler respondeu.

Mas seu pomo-de-adão subia e descia diversas vezes.

— Não acredita em mim, não é? O que você diria se eu lhe contasse que na noite passada Catfish foi assassinado por ordem de sua chefe?

Lyle permaneceu em silêncio. Mas a expressão de seu rosto não era mais de bravata.

— Chocado? Não vai desabar em lágrimas? Nós também não choramos... mas isto sugere que uma certa limpeza está ocorrendo. Pense no que isto significa. Oh, você é dado a desdenhar de pessoas que causam problemas como srta. Kirkland, Catfish... e não se esqueça de srta. Butler, que desconfiou de você desde o começo. Mas Catfish era um soldado muito útil, assim como srta. Butler seria caso passasse a fazer parte da família. O fato da sra. Ridgeway mudar de idéia e sacrificar pessoas nas quais investiu um dinheiro considerável indica que talvez você seja o próximo da lista. Quer provas? Bay, meu amor, venha até aqui e mostre a sr. Gessler o que mais nós temos.

Bay saiu das sombras com o diário com capa de couro vermelha.

— Olá, Lyle. Está passando bem esta manhã? — indagou, notando seu traje informal. — Aqui está uma leitura de cabeceira na qual poderia estar interessado. É uma espécie de diário que fala bastante de um certo advogado que tem queda por meninas muito novas.

Gessler abaixou a cabeça, as mãos pendendo ao lado do corpo.

— O que vocês querem?

— Acompanhe-nos até Dallas.

— Mas por que Dallas?

— Porque lá fica o escritório central do FBI.

— Por que não podemos ir à delegacia daqui? Eu me entregarei.

— Para que Ed Gage e alguns outros possam ajudá-lo? Lamento, companheiro, realmente acabou. Agora vamos lhe dar apenas um incentivo para que se comporte — Jack acrescentou, pegando as algemas.

Assim que as fechou uma limusine entrou no estacionamento em alta velocidade.

— Bay — Jack gritou. — Deite-se atrás do carro.

Ao mesmo tempo em que falava jogou Gessler no chão e pulou sobre ele.

O carro imenso foi freado e o vidro escuro da janela abaixado. Bay viu então Elvin apontando uma arma automática para Jack.

— Eu bem esperava por isto. Gessler, como você é tolo. Sra. Ridgeway ficou desconfiada e telefonou para um amigo do corpo de bombeiros. Você podia ter pensado nisto também.

Aproximou-se dos dois homens.

— Entrem no carro. Querida Bay, venha, meu amor. Vamos até a mansão para que você diga a sra. Ridgeway por que queria tratá-la tão mal após tudo o que fez por você.

— Fique aí, Bay — Jack ordenou.

Mas ela não se afastaria de Jack. E apareceu.

— Boa garota — Elvin falou. — Agora tire estas algemas de Gessler e as coloque em seu namorado.

Bay sabia que Jack não deixaria que isso acontecesse. Limitou-se a retirar as algemas do advogado. Elvin não pareceu satisfeito.

— Gessler, você acha que consegue pegar aquela arma e dirigir enquanto eu me certifico de que estes dois não tentarão mais nenhuma trapaça?

Se fosse outro dia, aquela rua estaria cheia de pessoas. Mesmo em outro horário Old Bullard ficava polvilhada de lojistas e de vendedores de final de semana. Mas naquele instante estava deserta.

Bay e Jack trocaram olhares sabendo que teriam de lutar por uma oportunidade de alterar sua sorte em algum outro local.

Lyle trancou o próprio carro e postou-se atrás do volante do veículo de Madeleine. Enquanto dirigia, Elvin fez uma ligação.

— Tem razão, era uma cilada. Estou levando Burke e Butler até sua casa.

CAPÍTULO XLII

Bay não se importou com o olhar gélido de Madeleine quando entraram em seu escritório. Preocupava-se apenas com a arma automática que Elvin apontava para as costas de Jack.

— Bay, querida, estou terrivelmente decepcionada.

— Eu também. Está tudo acabado, Madeleine. O FBI está investigando você. E Catfish não será devorado pelos vermes em sua própria casa.

A mulher usava roupa de praticar esportes e parecia bronzada e em forma. Analisava com cuidado o grupo diante de si.

— Tarpley não me interessa. Tem noção do que estamos fazendo aqui, Bay? Detetive Burke? Temos um centro de reciclagem muito bem-sucedido. Não, não façam uma careta. Pensem bem. A *Bíblia* diz: "os pobres sempre estarão perto de Deus". Bem, então também estarão os fracos, preguiçosos, predadores. Pobres almas. Acha que eu gosto da idéia de drogas? Bay, você sabe que além de tomar uma taça de vinho às vezes, nem mesmo chego perto de analgésicos.

— Você matou Glenn. Por quê? — Bay exigiu uma resposta.

— Holly lhe contou mentiras a nosso respeito e ele tentou nos chantagear.

— Tente outra resposta.

— Não fale comigo neste tom de voz. Você não sabe de toda a história.

— Pessoas não são peças de xadrez, Madeleine — Bay rebateu. — Não são mercadorias que podem ser trocadas. Elas sonham, se machucam, sangram. Que direito você tem de manipular isto?

Madeleine entrelaçou os dedos e suspirou.

— No ano passado salvamos dezenas de crianças da fome na América do Sul e um par de gêmeos de serem vendidos para uma rede de pornografia infantil. No México, nossas escolas ensinam diversas profissões. Na Nicarágua uma garotinha que foi

seriamente machucada em um acidente na fazenda recebeu tratamento dentário. Por que devo me importar se a escória do mundo quer queimar seus cérebros tomando narcóticos? São apenas uma porcentagem já perdida, de qualquer maneira.

— Pois alguém poderia usar o mesmo argumento para sua garotinha da fazenda ou para crianças nascidas em lares sem amor a ponto de seus pais desejarem vendê-las. Onde estão estas crianças hoje, Madeleine? — Bay argumentou. — E se seus pais ficarem sem dinheiro novamente? E quanto aos vícios que transformam pessoas inocentes em presas? Você já pensou se alguém de sua congregação for assassinado porque um viciado precisava de dinheiro para comprar drogas?

— Muitos são os chamados mas poucos são os que têm tempo — respondeu.

A porta do escritório foi aberta e Duncan estacou. Fitou Elvin, a arma e depois Bay. Engoliu em seco e encarou a mãe.

— Você me prometeu.

— Querido — Madeleine respondeu com sorriso maternal. — Por favor, deixe que eu lide com isto. Tudo ficará bem. Por que não leva Bay até o jardim? Logo eu me juntarei a você. Assim que detetive Burke e eu chegarmos a um acordo amigável.

— A única solução é você se entregar — Jack respondeu. — Acha que se livrando de mim e tentando fazer uma lavagem cerebral em Bay conseguirá se dar bem? Holly entrou em seu computador, Madeleine. E tudo já está com o FBI. Sua lista de pagamentos para a polícia, juizes, a lavagem de dinheiro. Eles têm tudo.

— Ele está blefando — Elvin comentou, erguendo mais a arma.

Bay percebeu que Jack estava prestes a se lançar sobre o homem, mas ela estava mais perto. Entretanto, apesar de ter jogado o peso de seu corpo para a frente, foi puxada para trás com força. Duncan movimentara-se antes deles.

— Já chega! — Duncan gritou para Elvin enquanto esticava o braço para pegar a arma.

No instante seguinte a sala explodiu. Houve gritos e um corpo desabando. Jack pegou um cinzeiro de cristal e jogou em Elvin, que já estava desequilibrado porque Duncan caíra sobre ele. Atingiu-o na têmpora, dando a Bay a oportunidade de direcionar a arma para o teto até que Jack pudesse dar repetidos socos em Elvin e ganhar todo o controle da situação.

Com a rapidez com que a confusão começara a sala ficou silenciosa.

Lyle Gessler abaixara-se ao lado de uma das poltronas, as pernas cruzadas e a testa apoiada em uma mão.

E quanto a Madeleine, permanecia estática. Bay correu para junto de Duncan.

— Oh, Jack — ela sussurrou.

— Pegue o telefone — Jack falou com gentileza. — Chame a polícia.

EPÍLOGO

Quarta-feira, 4 de julho de 2001 - Fazenda de Jack Burke

A chegada das viaturas de polícia sem identificação acirrou os ânimos. Simon imediatamente se desculpou e disse que precisava cuidar do gado. Até mesmo Bud, que estivera tentando impressionar Bay e Jack com sua habilidade de esconder e trazer de volta o osso favorito tornou-se tímido e mergulhou para baixo das espreguiçadeiras dos dois.

Lyon Stevens emergiu de um carro preto vestindo terno, a gravata frouxa.

Bay olhou para Jack e murmurou:

— Isto é um bom sinal, não é?

— Será melhor ainda quando virmos os faróis de seu carro se afastando — Jack ponderou.

Mas sorria ao se levantar.

— Não quero incomodá-los. Serei breve. Espero conseguir salvar uma parte de meu feriado também. Apenas gostaria que soubessem que acabei de vir do hospital. Os médicos não têm esperança de que Odessa se recupere do coma. Já temos um mandado de busca para capturar Davis, mas o sujeito tem uma boa quantia em dinheiro consigo. Já pode até ter saído do país.

— Mas voltará a aparecer — Jack ponderou com confiança. — Talvez sofra novamente de amnésia e surja com uma nova esposa a seu lado.

Para Bay era mais uma tragédia. Apenas alguns dias após o funeral de Duncan, Odessa sofrerá uma terrível queda na escadaria de sua casa. Ou fora assim que Martin explicara à polícia e aos congregados da Missão da Bondade que permaneceram fiéis... um número bem reduzido.

Mas assim que as autoridades anunciaram que investigariam a situação, Davis obviamente decidiu que seria um desafio muito grande mesmo para um milagreiro como ele. E fugiu.

Restaram Madeleine, Elvin e Lyle Gessler, cujos pedidos de pagamento de fiança para julgamento em liberdade haviam sido negados. Estavam presos.

Madeleine aguardava notícias e através de seu advogado solicitara a presença de Bay, que se recusara a ir. Não conseguia se esquecer da imagem de Madeleine em pé ao lado do corpo do filho. A mulher parecera alheia à perda.

— Ele não tinha sangue meu suficiente — dissera com a frieza de uma pessoa que discutia o resultado de um jogo. — Doce demais, como seu pai.

Então fitara Bay e seu sorriso se aquecera.

— Você e eu teríamos formado uma dupla especial. Sempre quis ter uma filha, você sabe. Mulheres compreendem melhor a sobrevivência. E filhas são um conforto na velhice.

Bay sabia que teria de testemunhar no julgamento de Madeleine, assim como no de Elvin e Gessler. Mas ao ouvir tanta insanidade ficou aliviada em saber que não seria naquele mês.

— Quais as novidades em relação aos outros membros da gangue? — Jack indagou a Stevens.

Bay sabia que ele se referia ao antigo chefe. Porque após saberem que o homem do conversível branco desaparecera, Jack pedira uma licença do trabalho para passar

alguns dias na fazenda com Bay. Stevens deu de ombros.

— O Bureau age em silêncio como sempre. Prometeram novidades para breve.

— Talvez, como nada fizemos com o pessoal deles, não se importem conosco nem com Tyler.

— Eu não ficaria nada surpreso.

Era um desperdício, entretanto, Bay considerou. E o impacto de tudo aquilo seria muito profundo e longo. A polícia local estava sendo investigada e a vida de diversos policiais devassada pela imprensa.

— Eu gostaria que vocês soubessem disto em primeira mão. Ofereceram-me a posição de Gage.

Jack se levantou. Dissera a Bay que, embora Stevens tivesse sido duro com eles, fora justo. Ela observou os homens se cumprimentando e percebeu que ali se iniciava uma amizade.

— Preciso de uma segunda pessoa no comando, alguém em quem eu possa confiar. Estaria interessado? Preciso dar a resposta a Horne com urgência.

Tenente Alan Horne fora designado a assumir a posição de chefe de polícia. Seria um departamento diferente, Jack dissera a Bay quando conversaram a respeito de seu futuro.

— Conversarei com Bay e lhe darei a resposta amanhã — Jack respondeu.

— Está bem — Stevens disse e olhou para o relógio de pulso. — É melhor eu ir embora antes que minha esposa comece o churrasco sem mim. Você não imagina o perigo que ela representa com fluido para acender churrasqueira e fósforos na mão.

Assim que partiu, Bud se levantou e começou a brincar como se tivesse sido trancafiado em um canil durante uma semana. Bay concluiu que seria uma boa idéia brincar com o animal, ajudando-o a queimar um pouco daquela energia.

— Acha que fui muito presunçoso? Ela se virou para Jack e sorriu.

— Acho que não. Obrigada por ter dito aquilo, mas a resposta seria a mesma de qualquer modo. Quero que você faça o que o deixar feliz.

Jack então a puxou para seu colo.

— Estar a seu lado me faz muito feliz. O que acha de eu me aposentar e de você sustentar a nós dois?

— Ficaria entediado em poucas semanas.

Bay também estivera pensando em seu futuro profissional e nas decisões que tomara. Mike lhe oferecera sociedade, mas Jack adoraria abrir uma pequena loja na fazenda. Também a aconselhou a ser mais seletiva e artística na escolha de seus clientes.

Bay ficaria uns tempos com Mike, como forma de lhe pagar por sua ajuda durante todo aquele período e dar a ela e Jack tempo de se habituarem à vida juntos.

E quem sabia do futuro? Até poderia aceitar a sociedade um dia. Mike se provara um bom amigo e um homem honrado. Ficara muito triste em saber do envolvimento de Nick com Madeleine Ridgeway e muito embaraçado e furioso porque um parente seu poderia ir para a cadeia e manchar o nome da família.

— Volte para mim, Bay — Jack falou com suavidade. Ela pousou a cabeça em seu ombro.

— Estou aqui. Mas sinto-me triste por Glenn e Holly. Elvin confessara que Basque não fora o responsável pelo assassinato de Glenn. Ele era o assassino. E Basque abandonara o acordo porque Elvin exigira que também matasse Bay e sem o conhecimento de Madeleine.

Elvin explicou que reconhecera o que sua chefe nunca admitiu: que Bay era forte, confiável e jamais aceitaria a morte de Glenn sem descobrir todos os segredos envolvidos nela.

E a despeito das desconfianças e desprezo que sentia por Elvin, Bay ficara devastada com a revelação.

O pobre Duncan nunca tivera chance, capturado entre os desmandos de sua mãe e de seu comparsa. Talvez tivera sua boa dose de culpa por nada revelar a respeito dos procedimentos condenáveis da mãe, mas jamais se esqueceria de sua coragem para salvar a vida dela e a de Jack.

— Tudo o que podemos fazer é ir em frente — Jack prosseguiu, levando a mão de Bay aos lábios. — E você sabe que não conseguirei fazer isto sem você. Preciso de seu amor tanto quanto de seu perdão.

Bay seguiu então seu coração. Tomou nas suas a mão de Jack e disse para seu amado:

— Pois você tem o meu amor e também o meu perdão. Para sempre.

◆ * * *

HELEN R. MYERS é autora de *best sellers*, vencedora de diversos prêmios. Já escreveu mais de trinta e quatro romances. Mora em Piney Woods, leste do Texas, um local ainda conhecido por alguns nativos como "país renegado", na casa que ela e seu marido construíram juntos.